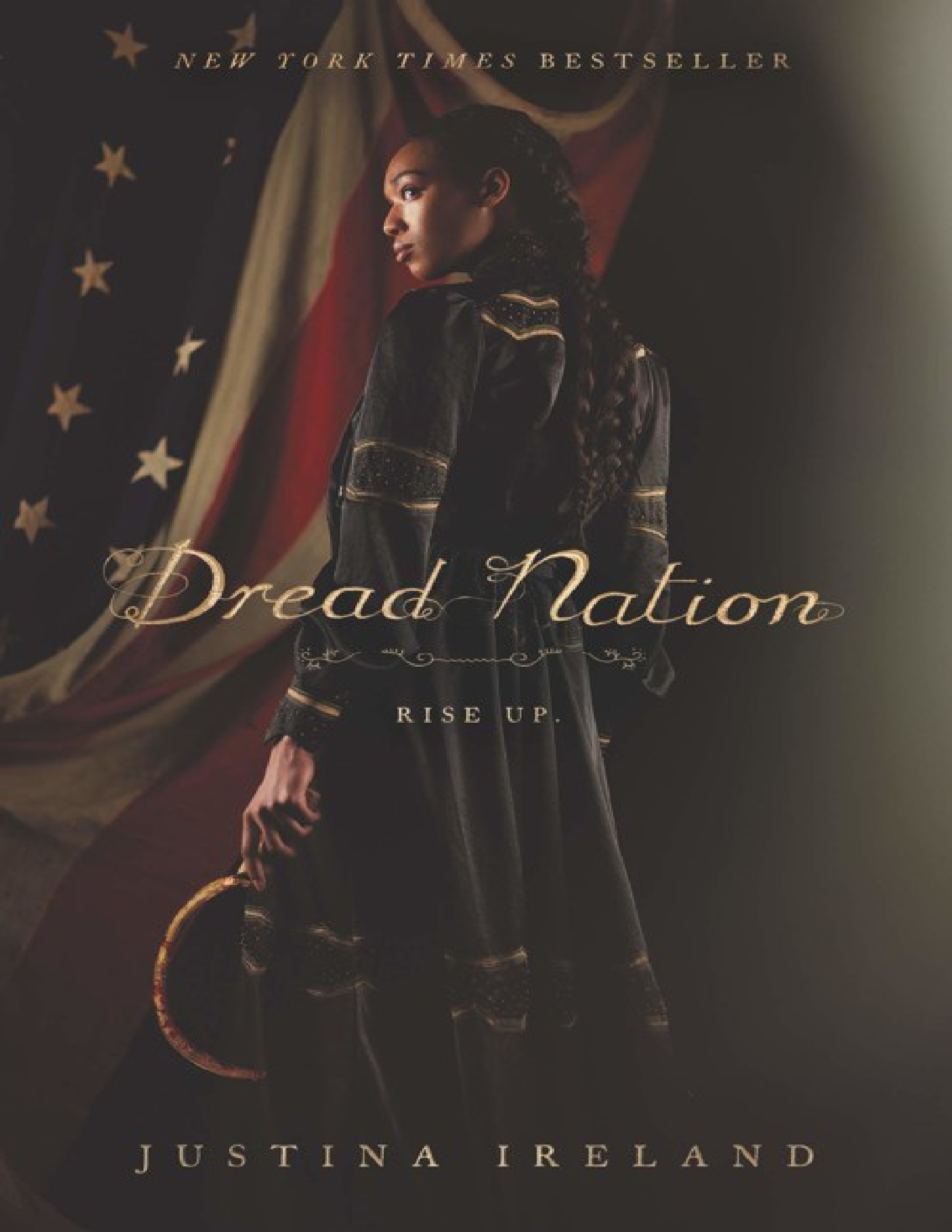

NEW YORK TIMES BESTSELLER
Dread Nation
RISE UP.
JUSTINA IRELAND



ESTE LIVRO FOI TRADUZIDO PELA:

Queerteca

Este é um grupo de traduções sem fins lucrátivos que tem como objetivo apenas tornar a representatividade na literatura mais acessível. Seja ela étnica, racial, LGBTQIAP+ ou Pessoa com Deficiência.

REGRAS:

- Não compartilhe (ex: drive) e nem fale abertamente sobre nossas traduções em redes sociais.
- Não fale sobre nossas traduções para autores nem editores. Muito menos para pessoas anti-pirataria.
- Não queira lucrar com nosso trabalho se nós não cobramos você também não deve.

Quando você segue essas regras evita que nós sejamos denunciades e assim podemos trazer mais histórias para vocês.

Abraços, e aproveite a leitura.



AVISOS DE GATILHO

- Escravidão;
- Violência;
- Morte;
- Menção a abuso sexual;
- Zumbis;
- Gore;
- Racismo;
- Sexismo.

DEDICATÓRIA

Para todas as garotas negras. Eu vejo vocês. <3

UM PRÓLOGO

No Qual Eu Nasço e Alguém Tenta Me Matar

No dia em que eu vim esperneando e aos prantos ao mundo foi a primeira vez que alguém tentou me matar. Acho que deveria ter sido óbvio para todo mundo naquela época que eu não teria uma vida normal.

Foi a parteira que tentou me despachar. Para ser sincera, realmente não foi culpa dela. O que mais uma boa mulher cristã faria se *uma Negra*[1] estivesse tentando sair pelo meio das pernas de uma das mulheres brancas mais ricas do Condado de Haller em Kentucky?

— É uma menina ou um menino, Aggie? — Quando minha mãe conta a história, esse foi o momento em que ela se apoiou nos cotovelos, lançando um poderoso olhar maligno para a parteira com seu rosto pálido e suado. E então, dependendo do tipo de humor em que ela está quando conta, mainha[2] ou exigiu me segurar, sua bebê chorona, ou ela desmaiou e a parteira malvada me entregou para Tia Aggie, que me limpou e me colocou em um berço de marfim até que uma das amas de leite pudesse me amamentar.

Mas se você perguntar à Tia Aggie, a mulher que praticamente me criou, ela diria que minha mãe estava se contorcendo na cama, ainda com um pouco de dor por causa da coisa toda do parto. Tia Aggie diria que mainha não fazia ideia do que a parteira tinha tentado fazer e que a percepção da minha quase morte veio muito depois. Foi ela quem, ao ver como a parteira ia colocar um cobertor sobre meu rosto e me declarar natimorta, deu um passo à frente e estendeu as mãos.

— Não foi culpa daquela senhora — disse Tia Aggie enquanto me contava a história. — Nenhuma mulher branca aceitaria uma Negra bastarda e tenho certeza que não foi a primeira vez que a parteira viu aquilo. — Tia Aggie balançou a cabeça tristemente, como se estivesse pensando em todos os pobres bebês que não sobreviveram só porque nasceram com a cor errada.

— O que aconteceu depois? — perguntei, porque não há nada melhor do que as memórias dos outros quando você é pequena e não tem suas próprias histórias.

— Bem, virei para a parteira e disse: "Vou levar a menina e limpá-la". — Foi isso que Tia Aggie contou que disse e eu acredito nela. Se eu fechar meus olhos, consigo imaginar o grande quarto de mainha no lado leste da casa principal: as janelas abertas para deixar entrar a brisa da noite e os sons de grilos e dos trabalhadores nos campos, o odor pesado acobreado de sangue no ar úmido do verão. A roupa de cama, não mais imaculada e branca, um crime punível com chicotadas se a bagunça tivesse sido causada por alguém que não fosse mainha. Ela nunca toleraria uma mancha em qualquer lugar, especialmente nos lençóis da sua grande cama de dossel. Consigo ver a Tia Aggie ali, sua voz calma, suas mãos escuras estendidas, a coluna reta, o olhar firme e severo, uma ilha de calma em meio ao caos de garotas correndo de um lado para outro, levando água quente para a parteira limpar e toalhas para absorver o suor e um copo de chá gelado porque está mais calor do que o próprio inferno.

Sim, consigo imaginar a Tia Aggie me salvando das garras daquela parteira bem-intencionada. Tia Aggie foi quem me criou, ao contrário do que mainha diz quando tem um de seus ataques. Tia Aggie foi mais minha mãe do que minha própria mãe, no final das

contas.

E suponho que poderia ter crescido melhor, poderia ter me tornado uma dona de casa adequada ou até mesmo assumido o lugar de Tia Aggie como negra-de-casa[3]. Eu poderia ter sido uma boa garota se isso estivesse nas minhas cartas[4]. Mas tudo isso foi por ladeira abaixo dois dias depois que eu nasci, quando os mortos se levantaram e começaram a andar em um campo de batalha, numa pequena cidade na Pensilvânia chamada Gettysburg.

PARTE UM

O LESTE CIVILIZADO

Querida mainha,

Espero que esta carta te encontre em boa saúde. O meu terceiro aniversário aqui na casa da Srta. Preston está chegando, e embora eu não receba uma carta sua há algum tempo, achei que seria negligente da minha parte deixar um aniversário tão importante passar batido. Só espero que as fortunas e o futuro de Rose Hill sejam tão brilhantes quanto o meu. Ora, eu acho que é mais do que justo dizer que as professoras nos tratam tão calorosamente como tratariam seus próprios filhos, se elas tivessem algum. Não acho que haja uma única professora aqui na Srta. Preston que não seja totalmente dedicada às nossas perspectivas de progresso…

CAPÍTULO 1

No Qual Eu Sou Considerada Insuficiente

— Certo, senhoritas. Vamos tentar novamente. Gadanhas para cima, e na minha contagem. Um, dois, três... CORTEM! Um, dois, três, CORTEM!

Levantamos as armas para a posição, ajustamos nossos punhos, respiramos e cortamos através do espaço diante de nós de acordo com a contagem da Srta. Duncan. Levante, ajuste, respire, corte um pedaço imaginário do morto-vivo.

O suor escorre por entre meus seios e meus braços doem com o peso da gadanha. Em todos os meus dezessete anos, nunca me senti tão cansada. Quando a Srta. Duncan disse que faríamos um treinamento de combate corpo-a-corpo, eu esperava fazer alguns exercícios com a foice curta[5], a qual todos na *Escola de Combate para Meninas Negras da Srta. Preston* sabem que é minha melhor arma. Mas, em vez disso, trabalhamos com uma maldita gadanha[6] que é uma arma de duas mãos e nada boa para o combate corpo a corpo, na minha opinião.

— Jane, seu aperto está enfraquecendo — diz a Srta. Duncan, aqueles olhos de águia fixos em mim. — Levante… mais alto… — Sua voz aumenta de tom, como se ela pudesse usá-la para dar força aos meus braços sobrecarregados.

Eu engulo um gemido e levanto a gadanha alguns centímetros mais alto. Não é como se minha arma estivesse mais baixa do que a das outras pessoas. A Srta. Duncan deve ter ouvido meus pensamentos sombrios. Ela está me punindo.

Meus braços tremem enquanto seguro a gadanha na posição pronta: a cruel lâmina curva apontando para baixo, o cabo do comprimento do meu corpo em um ângulo pelo meu peito. A Srta. Duncan espera até que eu esteja prestes a gritar para me dar um pequeno aceno de cabeça e se virar para a classe.

— Eeeee... relaxem.

As gadanhas caem e nós soltamos altos suspiros de alívio. Eu sacudo meus braços, um após o outro, desejando que o ardor fosse embora. Ao meu lado, Grande Sue chama minha atenção.

— Ela não é humana — ela murmura, se referindo a Srta. Duncan. Eu concordo com a cabeça. Não, a Srta. Duncan não é humana. Porque não é possível uma mulher normal, e ainda por cima uma mulher branca como ela, sobreviver dez anos no Exército caçando errantes. Consigo imaginar como tenha sido, os outros soldados caindo um em cima do outro para colocar as jaquetas no chão toda vez que a Srta. Duncan precisava passar por cima de uma poça. Não, não consigo acreditar que uma mulher consiga manter sua virtude e servir com honra nas tropas do oeste. Portanto, embora eu acredite que a Srta. Duncan seja uma excelente instrutora, não acredito que ela seja humana. Talvez ela seja uma *retornada*[7], como a criatura da última série semanal do Alexander Westing, "O Fantasma Bate Três Vezes". A Srta. Duncan é bonita o suficiente. Tenho a tendência de pensar que ela seria uma ótima *retornada*, possuindo corpos de mulheres jovens e usando-os para vingar crimes passionais. Claro, isso levantaria a questão: por que a Srta. Duncan está aqui na Srta. Preston, em vez de buscar sua vingança? Talvez até *retornados* precisem de um emprego estável.

— Tudo bem, de novo. Gadanhas para cima.

Levanto minha arma, focando na Srta. Duncan e tentando decidir se ela é de fato uma *retornada* em vez de pensar na dor profunda em meus pobres braços esqueléticos.

— E na minha contagem. Um, dois, três, CORTEM!

Enquanto executamos os movimentos pelo que deve ser a centésima vez — pela verdade honesta de Deus — eu observo a Srta. Duncan caminhando com cuidado ao nosso redor, apenas um pouco fora do alcance dos nossos golpes. Hoje, seu cabelo castanho está preso no que mainha chamaria de um "nó bagunçado na nuca". Ela está usando um vestido elegante verde-musgo de gola alta feito de algodão, perfeito para o clima quente que estamos tendo. Suas saias são um pouco mais altas do que uma dama de verdade usaria, no meio da panturrilha como o resto de nós e polainas modestas por baixo. O comprimento mais curto das saias nos permite chutar os errantes facilmente e não nos fazem tropeçar se precisarmos correr. Acho que teríamos que ser escandalosas como as garotas trabalhadoras da cidade, as bainhas mal roçando nossos joelhos e com nada além das pernas nuas por baixo, se quiséssemos realmente ser capazes de correr confortavelmente. Mas isso é outra conversa.

Eu corto o ar com a gadanha até meus braços parecerem feijões verdes que foram cozidos demais, moles e vacilantes. Um olhar em direção ao pavilhão de observação na borda do campo de prática revela por que estamos trabalhando como meninas de aluguel.

Mulheres brancas em vestidos da moda estão sob a marquise do pavilhão, uma estrutura de madeira branca coberta por glicínias erguida especificamente para o conforto das belas damas que às vezes visitam a Srta. Preston procurando contratar uma Atendente. O trabalho de uma Atendente é simples: impedir que sua protegida seja

morta pelos mortos e que sua virtude seja comprometida por potenciais pretendentes. É uma tarefa mais fácil de falar do que fazer.

— Sue — eu sussurro.

— Sim?

— Quem são aquelas senhoras brancas?

Ela olha para o pavilhão e resmunga.

— Não sei. Mas aqueles vestidos são desta estação, então elas devem ser importantes.

— Bem, pelo menos agora eu sei porque a Srta. Duncan está determinada a fazer nossos braços caírem. Faz um bom tempo que não vemos roupas elegantes como aquelas por aqui.

Sue grunhe de novo, o que desta vez entendo como um sim.

Finalmente o sino da tarde toca e a Srta. Duncan se vira em direção ao prédio principal.

— Isso é tudo por hoje, senhoritas. Antes de irem, eu tenho uma surpresa! A Sra. Spencer trouxe limonada para vocês, com gelo.

No limite do gramado está a Sra. Spencer, uma mulher branca cuja fazenda faz fronteira com a escola. Ela acena para nós e todas começam a tagarelar animadamente por causa da limonada. Mas a Srta. Duncan ainda não terminou:

— Verei a maioria de vocês mais tarde esta noite para a palestra na universidade. Por favor, certifiquem-se de usar sua melhor roupa de domingo para este belo evento. — A Srta. Duncan nos observa enquanto levantamos nossas gadanhas e nos dirigimos para a mesa que a Sra. Spencer montou.

— Olá, meninas, olá. Trouxe biscoitos também! — A Sra. Spencer sorri para nós. Os Spencers são os brancos mais legais que já conheci e, pelo menos uma vez por semana, a Sra. Spencer nos traz uma

guloseima para desfrutar depois de terminarmos nosso treinamento. Ao lado dela está uma menina menor com pele clara e um punhado de sardas, seu cabelo em rabo de cavalo. Eu sorrio para ela.

— Olá, Lily, — eu digo enquanto ela me entrega um copo de limonada.

Ela me dá um sorriso tenso, mas não diz uma palavra. Eu costumava ficar de olho em Lily para seu irmão, mas esse é o nosso segredo.

Eu bebo a limonada muito rápido, doce, picante e fria, e vejo quando a Srta. Duncan convida algumas garotas para conversar com as belas damas. Não estou com vontade de brincar de pônei de exibição, então entro no prédio com as outras garotas, voltando para o arsenal para guardar nossas armas. Grande Sue dá um passo ao meu lado.

— Você vai naquela palestra? — Sua voz é profunda e ela canta uma bela barítona na igreja. Ela é a mais alta de nós aqui, grande, negra e imponente, com braços como os de John Henry. Mas ela também é craque em trançar e minhas tranças perfeitamente retas foram feitas graças a seus dedos ágeis. Ela é a coisa mais próxima de uma amiga que eu tenho aqui, apenas uma pessoa legal, e isso é algo que a Tia Aggie me ensinou que não se encontra com muita frequência neste mundo. Portanto, embora Grande Sue possa ser um pouco ignorante às vezes, ela é minha amiga e pronto.

— Eu? Ir naquela palestra da universidade? — Eu bufo e balanço minha cabeça. — Eu não. Por que o que algum homem branco rico esnobe pensa sobre como os mortos ressuscitam importaria para mim? Ele provavelmente nem deve ter visto eles por aí, cambaleando. Você sabe como isso funciona. Ele vive sua vida escondido atrás dos

muros da cidade enquanto nós, *pobres Negros*, saímos e matamos os mortos.

— Jane McKeene!

Katherine (*nunca* Kate) Deveraux está diante de nós, bloqueando o caminho para o arsenal, os braços cruzados sobre o peito generoso. Ela é uma daquelas meninas que faz você questionar os critérios de admissão da escola. Com sua pele clara, cachos dourados e olhos azuis, me pergunto como ela foi parar em uma escola para Negros em primeiro lugar. Katherine consegue se passar por branca; uma pessoa provavelmente nem saberia que ela não era branca a menos que alguém lhe contasse. Ela é a garota mais bonita da Srta. Preston, e eu acho que essa é uma razão tão boa quanto qualquer outra para odiá-la.

Não que ela não seja boa com uma arma. Ela é uma excelente atiradora de rifle, inestimável em sua capacidade de longo alcance. Mas ela também é da Virgínia e não tenho muitos motivos para gostar das pessoas de lá. Em parte porque a maioria deles são batistas e mainha não gosta muito de batistas, sendo uma presbiteriana convicta e tudo mais. Mas, principalmente, porque eles são muito presunçosos, como se tivessem impedido sozinhos os mortos na Linha Mason-Dixon ou alguma bobagem do tipo. É absolutamente ridículo.

Katherine e eu não nos damos muito bem desde que apareci na Escola de Combate da Srta. Preston, e não apenas por ela ser tão ofensivamente bonita. Ela é uma daquelas garotas que não sabe quando cuidar da própria vida e é uma sabe-tudo que testaria a paciência do próprio Jesus Cristo. Não sou uma cristã muito boa, então você sabe onde quero chegar.

— Como ousa caluniar o professor Ghering! — Katherine continua, agora que ela tem minha atenção. — Ele é um especialista

em todos os assuntos científicos relativos aos imortais. Ora, o homem até viajou à Europa e Ásia para pesquisar sobre os mortos-vivos. O que você sabe sobre o mundo acadêmico?

— Em primeiro lugar, eles não são imortais, eles estão mortos. Apenas isso. Eles correrem por aí aterrorizando a região não os torna nada além dos cadáveres ambulantes que são. Qualquer um que disser o contrário é um tolo e não reconheceria um errante nem se ele o prendesse e o mordesse, incluindo esse seu professor. Em segundo lugar, eu ficaria muito grata se você tirasse meu nome da sua boca. A última coisa que quero é que você o suje com sua tolice. — Eu faço força para passar por ela, minha gadanha ainda sendo um peso estranho em minhas mãos, mas ela bloqueia minha passagem mais uma vez.

Grande Sue franze a testa para mim e Katherine, suas sobrancelhas escuras se unindo.

— Qual é o problema? Se ele está errado, ele está errado. Toda essa discussão é uma perda de tempo, principalmente porque vocês vão me atrasar para o jantar. — Ela passa por Katherine, que coloca as mãos nos quadris e bufa um pouco.

— O Professor Ghering é um homem brilhante. A Srta. Anderson falou que os jornais dizem que ele vai curar a praga dos mortos-vivos! Vocês duas deveriam assistir à palestra dele. O conhecimento básico não vai levar vocês para lugar algum.

Eu bufo. Desde que Baltimore e um punhado de outras cidades importantes foram certificadas como livres de errantes, há mais de um ano, o governo voltou sua atenção para encontrar uma cura. Se quer saber, isso é um luxo que ainda não ganhamos. Eu já me envolvi com errantes suficientes para saber que não existe tal coisa de "livre de

errantes" enquanto ainda existir pelo menos um cadáver babão andando por aí.

Mas, de acordo com os "especialistas", não houve nenhum grande ataque dentro dos limites da cidade — ou mesmo no condado em geral — desde antes do último Dia da Insurreição e já ouvi discursos políticos suficientes para saber que permitir que os brancos ricos da cidade pensem que tornamos pelo menos uma pequena parte da América segura é um discurso melhor do que dizer a eles que ainda estamos em apuros cinco anos depois que o Exército parou de lutar contra os mortos. Principalmente quando o partido político atual esteve no comando o tempo todo.

Mas eu não digo mais nada para Katherine, apenas passo por ela para o arsenal. Todas as meninas da Srta. Preston têm seu próprio armário de armas e eu não sou exceção. Coloco minha gadanha no suporte da parede feito especificamente para ela. Ao lado estão minhas foices, as lâminas tão curvas e afiadas quanto a língua da Srta. Anderson. Ao lado delas estão meus bastões, porretes curtos de madeira com uma ponta de metal na ponta e uma tira de couro na parte inferior, um último recurso no caso de um corpo a corpo. A jóia da coroa da minha coleção é a bem oleada Remington de ação única, a arma de curto alcance escolhida para as meninas da Srta. Preston. Eu amo essa arma. De acordo com os jornais, a Remington de ação única é a pistola preferida dos pistoleiros, o que a torna ainda melhor.

Há também um rifle perto do fundo que já viu dias melhores, uma relíquia da Guerra da Agressão do Norte e basicamente inútil. Eu odeio aquele rifle com todas as minhas forças, tudo porque é sem dúvida minha pior arma.

Quando eu saio do arsenal, Grande Sue e Katherine se foram,

mas uma das garotas da Srta. Preston, Ruthie, está esperando por mim.

— Jane! A Srta. Preston disse que você precisa vê-la imediatamente.

Eu respiro fundo e expiro, orando a Jesus por paciência. Ruthie é apenas uma coisinha, com olhos grandes, pele escura e aveludada e tranças que são mais fofas do que tranças propriamente ditas. Eu não quero descontar minha frustração nela. Não é culpa dela que é noite de costeleta de porco e eu perdi o almoço porque estava fazendo um treinamento corretivo de etiqueta com a Srta. Anderson. E o treinamento corretivo é provavelmente o motivo pelo qual a Srta. Preston quer me ver, de qualquer maneira, então não é como se eu estivesse com pressa para chegar à linha de fogo.

— Diga à Srta. Preston que irei vê-la depois do jantar, ok? Estou com tanta fome que poderia comer um porco inteiro.

Ruthie balança a cabeça e estica sua mãozinha para minha saia, me puxando na direção do escritório da Srta. Preston.

— Ela disse que você precisa vê-la agora, Jane. Então vamos lá. Ela já está estressada. Você não vai querer deixá-la brava.

Eu relutantemente assinto e deixo Ruthie me puxar pelo corredor para o escritório principal. A escola já foi uma universidade chique, mas depois que os mortos ressuscitaram, a maioria dos alunos fugiu. O prédio ainda parece uma escola: papel de parede fino, mapas de lugares distantes, lousas na maioria das salas. O chão é de uma madeira clara polida altamente brilhante e tem alguns tapetes para que você não note as manchas de sangue aqui e ali.

Durante a Grande Discórdia, logo depois que os mortos começaram a se levantar e antes que o Exército finalmente conseguisse

controlar a praga dos errantes, o prédio estava vazio. Naquela época, as pessoas não estavam tão preocupadas com a educação, pois seus rostos estavam sendo comidos pelos mortos-vivos. Mas então, quando as cidades foram esvaziadas e reocupadas, as pessoas se civilizaram novamente. Pouco tempo depois, o Congresso financiou o Ato de Reeducação de Negros e Nativos e dezenas de escolas como a da Srta. Preston foram criadas em cidades grandes como Baltimore e até pequenas como Trenton.

O partido da minoria no Congresso foi contra as escolas de combate desde o início, dizendo que os Negros não deveriam ser os únicos a lutar contra os mortos — ou porque somos muito estúpidos ou porque é desumano. Mas quando a lei foi aprovada e as escolas foram criadas, não houve nada que eles pudessem fazer, nem mesmo se quisessem. O governo federal é a lei do país, mas não tem muita fala em como as coisas realmente funcionam dentro dos muros — a maioria das cidades são pequenas nações individuais, com os prefeitos e seus conselhos no controle. E de qualquer maneira, não me importo muito com a escolaridade. Esses congressistas provavelmente não ficam de cara com errantes cambaleando pelos campos há anos, indo atrás das pessoas, tentando comê-las. Mas eu fico. Se eu posso receber treinamento para manter todo mundo lá de casa seguros na Plantação de Rose Hill, então por que não?

Ruthie me puxa pelo saguão principal e desce para a ala esquerda do prédio, até o grande escritório no fim. Sinto o cheiro de carne sendo frita, o cheiro provavelmente entrando pelas poucas janelas abertas. A grande cozinha de verão fica atrás da ala esquerda da casa, e eu consigo imaginar a crocância deliciosa das costeletas de porco fritas da Chef, meu estômago roncando ruidosamente em

aprovação.

Estou pensando em escapar das garras de Ruthie e voltar para a sala de jantar, mas ela já está batendo na porta da Srta. Preston. Uma voz rangente nos pede para entrar e Ruthie solta minha saia para abrir a porta.

— Eu trouxe Jane McKeene, senhora.

— Obrigada, Ruth. Você pode ir jantar agora.

— Sim, senhora. — Ruthie me lança um olhar de pena antes de voltar para o corredor, voltar para uma refeição que estou achando que talvez eu não chegue a desfrutar.

— Jane McKeene, não fique aí parada na porta feito uma estátua e entre.

Eu me endireito e entro na sala, fechando a porta atrás de mim. O escritório da Srta. Preston parece com o escritório principal em Rose Hill. Uma mesa enorme — coberta com documentos, um tinteiro e uma caneta cuidadosamente colocada em um canto — ocupa a maior parte da sala. Estantes de livros encadernados em couro preenchem as paredes, com exceção daquela diretamente ao lado da porta. Essa parede é coberta com o mesmo conjunto de armas do meu armário: duas foices gêmeas, um revólver Remington de ação única, um rifle, um par de bastões com pontas de ferro. Em vez da gadanha, ela tem um par de Mollies. Elas foram nomeadas em homenagem à Molly Hartraft, a mulher que liderou a defesa da Filadélfia após a primeira aparição dos mortos-vivos. Apenas a elite das garotas da Srta. Preston pode treinar com espadas curtas, que não são maiores do que o antebraço de uma mulher, e minhas mãos coçam para pegá-las e testar seu peso. Eu pude usar as espadas duas vezes, e sou relativamente boa com elas, embora precise de muito mais prática.

Em uma mesa atrás da Srta. Preston tem uma bolsa feita de pele de veado que ela diz ter sido um presente de um chefe Sioux para sua família. Pelo que sei sobre as pessoas, acho mais provável que um de seus ancestrais tenha roubado. O boato é que a família da Srta. Preston foi para o oeste, para o Território de Minnesota antes da guerra, mas voltaram quando os mortos-vivos venceram. Há rumores de que a Srta. Preston teve um amante Sioux enquanto estava no oeste e que ela guardou uma única pena de águia para se lembrar dele, mas eu não acredito em nada disso. Parece um pouco com as histórias "Contos Verdadeiros do Oeste" publicadas todas as semanas no jornal. Além disso, não há nenhuma pena em qualquer lugar da mesa dela. Eu saberia, passo muito tempo no escritório da diretora.

A Srta. Preston está ocupando a cadeira atrás da mesa enquanto a Srta. Anderson está sentada na cadeira em frente à mesa. Minha instrutora está com cara de quem chupou limão, então eu sei que esta não será uma conversa agradável.

Eu inalo profundamente e faço uma reverência.

— Srta. Anderson, Srta. Preston, boa noite.

— Poupe as boas maneiras, Jane McKeene. Você sabe por que está aqui. — A Srta. Anderson é viúva e, embora seu marido tenha morrido na Guerra entre os Estados — lutando pela Confederação, sem dúvida — ela ainda usa suas roupas de viúva. Pessoalmente, acho que só usar roupas pretas combina com ela. Com sua pele pálida, nariz afilado como um machado e sua boca constantemente voltada para baixo, não consigo imaginá-la em outra cor.

— Srta. Anderson, receio que não saiba o motivo desta visita. Juro por Deus. — Acrescento quando ela abre a boca para me chamar de mentirosa. Mainha costumava me dizer: "Negue até que se prove o

contrário, querida. Se não conseguirem provar, nunca aconteceu." É um bom conselho e me serviu bem.

Srta. Preston limpa a garganta, distraindo Srta. Anderson de tudo o que ela estava prestes a dizer.

— Você está aqui porque seu progresso no treinamento de etiqueta não é adequado. Além disso, a Srta. Anderson me disse que você continua trazendo jornais escondido. Como você está em observação por infrações anteriores, essas últimas travessuras não são um bom sinal para sua permanência aqui.

Eu assinto e aperto minha saia. Eu deveria saber que a Srta. Anderson iria correndo para a Srta. Preston assim que encontrasse o jornal debaixo da minha cama. A maioria das meninas aqui não sabe ler, então às vezes eu leio em voz alta para elas. Mas ler não é algo que uma Atendente precisa aprender, portanto não é aprovado. Jornais e romances são considerados distrações desnecessárias. Pela maneira como a Srta. Anderson age em relação à nossa leitura, dá até para pensar que é algo perigoso.

Mas o contrabando não é nada em comparação ao meu teste. Não fiquei tão surpresa por ter reprovado no meu teste de etiqueta mais recente. É uma grande tolice para mim. Quem se importa com qual colher é usada para quê ou a maneira adequada para se dirigir a um europeu nobre? Ainda assim, achei que teria um pouco de tempo antes de ser levada ao escritório da Srta. Preston. Eu já estava em observação acadêmica por não me importar o suficiente com a importância de molheiras. Agora parece que estou prestes a levar um pé na bunda.

E para onde eu iria então? Nem sei se Rose Hill ainda está de pé. Não recebo uma carta de mainha há quase um ano, embora eu ainda

escreva fielmente. E Rose Hill e Srta. Preston são as duas únicas casas que já conheci.

Eu respiro fundo e expiro.

— Srta. Preston, eu estou tentando. Você tem que acreditar em mim quando digo que estou me esforçando bastante para tentar melhorar no desenho de arranjo de talheres. Ora, eu acabei com uma caixa inteira de giz semana passada. — Eu realmente acabei com o giz porque algumas de nós estávamos fazendo desenhos nada lisonjeiros da Srta. Anderson em nossas ardósias, mas esse não é o ponto. — Me atrevo a dizer que meus esforços foram prejudicados não por causa de minhas dificuldades com etiqueta, mas por causa da trapaça da Srta. Anderson.

O sorriso estampado no rosto da Srta. Anderson enquanto Srta. Preston me repreendia sumiu rapidamente, voltando a sua expressão azeda normal.

— Trapaça? Que trapaça?

Eu bufo, indignada.

— Ora, aquele último teste não foi nada justo. Perguntas sobre a maneira adequada de se dirigir a um europeu nobre? E arranjos de talheres estilo europeu? Nós nem chegamos a falar sobre essas coisas nas aulas.

A Srta. Anderson ficou de pé em um pulo, seu rosto mais vermelho do que beterraba cozida.

— Injustiça? Trapaça? Essas são etiquetas importantes, sua pirralha ingrata! Estou preparando você para o nobre ato de servir como Atendente para uma sociedade educada, mas é como tentar ensinar boas maneiras a um animal. Você acha que eu não sei o que você diz sobre mim pelas minhas costas? Aquela sua mãe…

— Sarah, já chega! — A Srta. Preston fica de pé, uma montanha de algodão e rendas. — Você pode ir embora. Agora. — Eu nunca tinha ouvido a Srta. Preston gritar antes, nunca realmente a vi brava. É inspirador, uma mulher com uma circunferência considerável como a da diretora movendo-se tão rapidamente.

A Srta. Anderson se levanta, junta as saias (não é pouca coisa, ela deve estar vestindo pelo menos quatro anáguas) e sai, batendo a porta atrás de si. Assim que ela sai, a Srta. Preston respira fundo e solta o ar com um suspiro.

— Sente-se. — Ela ordena, e eu caio sem graça na cadeira que a Srta. Anderson acabou de desocupar. Srta. Preston senta novamente em sua própria cadeira, seus lábios apertados com consternação.

— Sua natureza sarcástica superou a tolerância da Srta. Anderson, Jane. Falei com algumas das outras meninas sobre seu teste mais recente e temo que você esteja correta em sua acusação sobre a má fé da Srta. Anderson. As perguntas que ela fez para você foram muito mais difíceis do que as de suas colegas.

Eu mantenho meu rosto vazio, mas, por dentro, minhas emoções estão furiosas como se fossem um riacho após uma tempestade de primavera. A verdade e eu não somos muito próximas — meras conhecidas na melhor das hipóteses — então imagine meu choque ao descobrir que a Srta. Anderson realmente estava dificultando mais para mim que para as outras. Quando falei toda aquela bobagem sobre trapaça, eu estava contando uma história, esperando poder distrair todas das minhas maneiras questionáveis. Mas saber que a Srta. Anderson estava me sabotando intencionalmente…

Bem, não é uma sensação muito boa.

— Jane, eu sei que etiqueta não é o seu forte. Muitas de vocês

têm problemas com isso, é por isso que esperamos até o último ano aqui para apresentá-la. Mas fornecer meninas bem treinadas e bem educadas às senhoras das melhores famílias é o nosso objetivo fundamental aqui. Você é uma garota brilhante, então vou ser franca com você. Não há a mesma demanda por Atendentes que costumava haver. Com as cidades sendo declaradas livres de mortos-vivos, as pessoas estão começando a sentir que não há mais uma exigência prática. Uma Atendente está se tornando um luxo, uma marca de posição social. Um ornamento. Algo para demonstrar a riqueza de uma pessoa, em bailes e jantares. Não é uma necessidade de vida ou morte. E, neste contexto, etiqueta e moda são mais importantes do que nunca. — Ela se inclina para trás e respira fundo. — Eu me importo profundamente com todas vocês. De verdade, eu me importo. Quero que todas vocês encontrem bons lares, para começarem da maneira certa nesta admirável nova América. E isso significa treiná-las adequadamente para fazer parte dela. Portanto, embora você possa achar que participar das aulas é uma perda de tempo, garanto-lhe que sua falta de proficiência a coloca em grande perigo de ser expulsa desta academia.

Um caroço bloqueia minha garganta e eu engulo com força. Eu não vou chorar, mas estou perto. Porque ser reprovada na Srta. Preston significa ir para uma das outras escolas de combate para Negros e nenhuma delas é tão boa quanto a da Srta. Preston. Não só isso, mas provavelmente não ficarei lá muito antes de ser enviada para fazer patrulhas. Apenas escolas chiques como a da Srta. Preston ensinam por mais de um ano e ouvi falar de escolas que não ensinam mais de seis meses. Seis meses! Isso não é tempo suficiente para aprender a matar os mortos de maneira adequada. Metade dos

Negros desses programas acabam virando errantes no primeiro mês de trabalho.

Não tenho interesse em trabalhar como pônei de exibição para uma senhora branca mimada, mas um Certificado de Atendente da Srta. Preston significa que posso ir aonde eu quiser. Significa que posso abrir meu próprio caminho pelo mundo. E embora eu não queira nada mais do que voltar para Rose Hill e para a vida que deixei para trás, preciso ter opções caso Rose Hill não exista mais. Por mais que eu gostaria de sair da Srta. Preston e voltar para casa, sou uma garota esperta e correr pelo país apenas meio preparada definitivamente não faz meu estilo.

Eu preciso desse diploma.

A diretora continuou.

— Apesar disso tudo, você tem algumas das maiores pontuações nas modalidades de combate. Então, vou redesignar suas instruções de etiqueta à Srta. Duncan, já que ela tem algum tempo livre. Quanto a sua falha mais recente… Acho que seria bom para você assistir à palestra na universidade hoje à noite com o grupo da Srta. Duncan. Receba uma experiência do mundo real sobre como uma garota da Srta. Preston se comporta.

Eu me contorço um pouco na cadeira, porque não há possibilidade de ouvir algum velho branco falando monótonamente durante a maior parte da noite estar nos meus planos.

— Srta. Preston, por "ser bom" você quer dizer…

— Eu quero dizer que é melhor você ir jantar e se lavar. As carruagens partem depois do jantar. E se você não estiver em uma delas, pode considerar sua matrícula encerrada.

Dou um sorriso tenso para a Srta. Preston e me levanto.

— Sim, senhora. Foi o que pensei que você quis dizer. — Faço uma rápida reverência antes de sair.

Eu desço para a sala de jantar, embora meu apetite tenha ido embora. Nem mesmo a pilha dourada de costeletas de porco no meu prato consegue apagar a sensação de mal estar no meu estômago.

Preciso começar a levar meus estudos a sério ou estarei na rua, uma vagante de verdade.

Isso simplesmente não pode acontecer.

Um dos princípios da nossa instrução aqui na Srta. Preston é alcançar o enriquecimento além das paredes da escola, algo que muitas vezes nos leva à cidade vizinha Baltimore. Ouso dizer que aprendi quase tanto nas ruas da cidade quanto na sala de aula e no campo de prática.

CAPÍTULO 2

No Qual Eu Pareço Uma Tola

Quando deu cinco e meia, lá estou eu correndo pelo corredor principal, amarrando meu chapéu apressadamente. Depois de um jantar apressado e uma rápida lavada no rosto, tive tempo suficiente para colocar o único vestido bonito que tenho antes de a carruagem chegar. Pelo menos foi o que pensei, até que Grande Sue me viu no dormitório.

— Você não vai naquela palestra?

— Eu vou — falei. Eu estava tentando deixar meu cabelo ficar frisado na frente da forma que vi em uma revista de moda que apanhei da Srta. Anderson. Mas meus cachos teimosos continuavam subindo em vez de descer e eu estava xingando Deus por ter me dado um cabelo que teria sido mais adequado para ovelhas.

— Você não deveria estar esperando na carruagem? Ela vai sair às cinco e meia.

Parei de mexer no cabelo e me virei para Grande Sue.

— A Srta. Preston me disse que a palestra será depois do jantar.

— A palestra é às seis horas, mas a carruagem sai às cinco e meia. Você não prestou atenção? A Srta. Anderson e a Srta. Duncan falaram sobre isso a semana toda.

Então é assim que acabo correndo a toda velocidade pela escola, escorregando até parar no jardim da frente no momento em que a Srta. Duncan está fechando a porta da carruagem blindada.

— Jane, que bom que se juntou a nós. Venha, você pode ir na outra carruagem com Katherine e eu. Vou entrar e ver se temos alguma outra atrasada. — Srta. Duncan está vestindo um conjunto de

montaria da moda, seu cabelo encaracolado e suas repartições afiadas como uma lâmina, mesmo na umidade. Agora estou mais consciente do meu cabelo desastroso e do meu feio vestido azul florido.

Eu entro na carruagem enquanto a Srta. Duncan volta para a escola. Katherine está sentada, mexendo no par das luvas mais brancas que eu já vi. Ela não diz nada quando me sento no assento em frente e por mim tudo bem. Eu não tenho nada a dizer a ela, de qualquer maneira.

O pônei é o modelo mais novo. É como um trem, mas sem trilhos, e o motorista se senta em seu próprio vagão protegido na frente com o fogão que aquece a máquina a vapor. O compartimento dos passageiros é feito de aço, com grades sobre o que seriam as janelas de vidro para o inverno. O vidro foi retirado por conta do calor e, embora ainda esteja quente para caramba do lado de fora, o sopro de uma brisa entra preguiçosamente pelo compartimento, proporcionando um certo alívio.

Eu me inclino para trás no assento de madeira e tento relaxar. Não ligo muito para os pôneis; o barulho que eles fazem, todo aquele ruído e chiado, tende a atrair os mortos. Mas é um longo caminho pelas colinas arborizadas para chegar a Baltimore e retornaremos após o pôr do sol. Tentar viajar a pé de noite é uma sentença de morte. É incrível a rapidez com que os mortos conseguem se aproximar de você no escuro.

Antigamente, as carruagens eram puxadas por cavalos e é por isso que agora as chamamos de pôneis. Os cavalos eram grandes bestas fedorentas que exalavam vapor e tinham olhos de fogo. Pelo menos, é isso que Lloyd, o garoto mais velho que remendava sapatos em Rose Hill, me disse que se pareciam. Eu nunca vi um cavalo. Os

mortos têm fome e a única coisa que eles querem comer é carne. A maioria dos cavalos teve um triste destino nas mãos dos errantes no passado, comidos pelas mesmas pessoas que um dia cuidaram deles. Mainha disse que é por isso que temos que ser cautelosos.

— Janie, lembre-se do que vou dizer. Tenha cuidado em quem confia. Nunca se sabe quando o homem com quem você se casou vai virar e tentar dar uma mordida em seu pescoço.

Isso realmente aconteceu com mainha quando seu marido, o Major McKeene, voltou da Guerra entre os Estados, algo que inevitavelmente se transformou em uma guerra contra os mortos. Claro, eu planejo nunca me casar, muito menos com um herói de guerra que se transformará em um daqueles mortos inquietos, mas nunca se sabe o que acontecerá no futuro. Tenho certeza que ninguém esperava que os mortos iriam se levantar no meio de uma batalha civil e começar a comer pessoas, que foi o que fizeram na Batalha de Little Round Top. E ninguém esperava que aqueles garotos mortos morderiam seus comparsas e os transformariam também. Mas é assim que a vida funciona na maioria das vezes: o que você menos espera acontece e estraga tudo que você planejou. Acho que é muito melhor estar preparada para tudo, já que a melhor defesa é um bom ataque.

É por isso que estou escondendo meu revólver sob minhas saias. Não devemos carregar armas de fogo quando viajamos para a cidade, mas estou sempre pronta caso alguém tente me morder. Principalmente na universidade. Todo mundo sabe que os acadêmicos são os assassinos mais implacáveis que existem.

O que não estou preparada é para o olhar que Katherine lança para mim do outro lado da carruagem. Meu vestido não é bonito em comparação com o dela. Ela está usando um lindo vestido azul com

um grande babado nas costas. Não é um saiote, porque a Srta. Preston os acha horríveis e os baniu da escola, mas o corte do vestido faz com que pareça que ela está usando um. É um vestido lindo, especialmente pela maneira como o espartilho aperta sua cintura até parecer que ela não tem quase nada ali.

Eu mexo na massa encaracolada que é a minha franja e me inclino para baixo, me sentindo como a garota mais simples de todos os tempos ao lado da estilosa Katherine Deveraux. Se eu não a odiava antes, tenho certeza absoluta de que a odeio agora.

— O que houve com seu cabelo? — Katherine pergunta, quebrando o silêncio não tão amigável. Meu rosto esquenta quando ela olha para ele, seus olhos claros observando cada falha e gafe. Tento me sentar um pouco mais ereta, mas isso só faz com que o corpete do meu vestido se estique contra minhas costelas. Os olhos de Katherine se estreitam. — E por que você não está usando seu espartilho?

Eu respiro fundo e reúno toda a minha bravata. Não vou deixar que a mimada Katherine Deveraux me faça perder a cabeça.

— Como assim, Kate, você não sabe? É assim que as mulheres estão estilizando os cabelos hoje em dia. Chama-se Queda Fritzi. Muito popular na cidade de Nova York e ninguém é visto sem um pouco de frizz em Paris.

Katherine range os dentes.

— Katherine. Não Kate. Agradeceria se você usasse meu nome de batismo.

Eu disfarço um sorriso e me movo, me acomodando contra o assento.

— Quanto ao espartilho, bem, toda mulher sabe que usar uma dessas coisas é quase suicídio se você quiser ser capaz de lutar com

eficácia. Se algo der errado, podemos perfurar um pulmão, perdemos flexibilidade… Quero dizer, como você vai conseguir dar um chute invertido no torso do errante se não consegue nem respirar?

Não é uma completa mentira. Eu não fazia ideia do que a maioria das mulheres fazia fora da Srta. Preston. Não usávamos espartilhos de verdade. Em vez disso, amarrávamos nossos seios com um pedaço de pano justo chamado espartilho modesto. Foi feito para imitar o suporte de um espartilho sem ceder muito em termos de flexibilidade. Mas usar essas coisas é quente como o inferno no verão, então eu passo a maior parte dos meus dias esquecendo o meu. Eu posso fazer melhor nossos exercícios diários sem isso, sendo impróprio ou não. Não é como se o Senhor tivesse me dado seios tão grandes como fez com Katherine. Além de eu gostar de ser capaz de respirar quando eu quero.

— Jane McKeene, só você pensaria que vamos encontrar algum errante no coração de Baltimore. — Katherine para e me estuda com os olhos estreitos, seus olhos pousando na minha cabeça. — Esse é o meu chapéu? Aquele que perdi mês passado?

— Kate, o dia que eu sair por aí roubando a porcaria dos seus chapéus vai ser o dia em que vou dançar nua na sala de jantar. Não, esse não é seu chapéu.

Essa é uma mentira descarada. Com certeza o chapéu é dela. Roubei durante nosso piquenique da escola no mês passado simplesmente porque eu quis. Mas não vou devolver para ela agora, não com meu cabelo agindo do jeito que está. Este chapéu é a única coisa que me impede de parecer uma galinha assustada.

Katherine franze os lábios em uma imitação perfeita do rosto de quem chupou limão da Srta. Anderson, mas não diz mais nada, e é

quando a Srta. Duncan entra com um sorriso.

— Bem, parece que estamos prontas. — Ela toca a campainha da carruagem e a coisa cambaleia para frente como se estivesse completamente bêbada. Nos acomodamos em nossos assentos e começamos a lenta caminhada para a universidade.

Embora a Srta. Preston tenha sido construída em uma antiga universidade, não é como a universidade para onde estamos indo. Não sei quantas universidades existiam antes dos mortos-vivos, mas deve ter havido algumas. Essa para qual estamos indo é onde os médicos aprendem a abrir as pessoas. Acho que no passado, quando os mortos voltaram pela primeira vez, todos aqueles futuros cirurgiões foram muito rápidos em descobrir que cortar a cabeça de um errante era a maneira de evitar que eles voltassem novamente. De qualquer forma, a maioria dos alunos daquela universidade sobreviveu, enquanto os alunos daquela onde estudamos se tornaram uma espécie de matadouro. A maioria daquelas pessoas sofisticadas estavam estudando filosofia e coisas do gênero, e pelo que eu soube viraram uma bela refeição.

Sorte nossa, eu acho. Poucas meninas estudam em um prédio tão bom. Muitas das escolas de combate para meninas Negras foram construídas em antigas casas de fazenda, enquanto as escolas de combate para meninos são em quartéis militares abandonados. Ouvi dizer que no Território Indígena tentaram enviar Nativos das Cinco Tribos Civilizadas para escolas de combate, mas rapidamente descobriram o que era aquilo e todos fugiram. O Exército estava muito ocupado lutando contra os mortos para persegui-los, então o governo desistiu e se concentrou apenas em nós, Negros.

Acho que essa é outra coisa que a Srta. Preston tem a seu favor.

Ninguém foge, porque não temos para onde ir e temos acomodações muito boas, apesar das manchas de sangue.

Enquanto viajamos, Katherine e a Srta. Duncan conversam sobre as teorias do professor sobre o porquê de os mortos ressuscitarem e etc. Eu as ignoro e olho para fora através das barras, observando a floresta passar. As árvores foram cortadas ao longo da estrada, derrubadas e queimadas. Isso é para dar aos viajantes uma chance de lutar aqui nas estradas. Os mortos não são bandidos. Não vão pular do mato. Em vez disso, sairão cambaleantes da floresta como fazendeiros bêbados. Esses três ou seis metros de terreno bem definidos em cada lado da estrada dão visibilidade suficiente para os viajantes meterem o pé ou se prepararem para a briga. Aqui no grande estado de Maryland, isso geralmente significa se preparar para a briga já que subir e descer as colinas não é mamão com açúcar.

A taxa de sobrevivência quando uma multidão de mortos se instala em um lugar não é boa, de acordo com a manchete que vi no jornal. Mas Maryland foi declarado um dos estados mais seguros, por causa das nossas patrulhas e da milícia muito ativa graças à proximidade com Washington, DC. Eu ouvi que em lugares como a Pensilvânia é muito mais difícil de contornar, exceto no inverno, quando os mortos se deitam e hibernam. É por isso que grandes cidades antigas em estados como a Geórgia são praticamente cidades fantasmas nos dias de hoje. É sempre temporada dos errantes em Dixie. A marcha do general Sherman para o mar, onde ele e seus homens marcharam pelo sul, queimando e matando os mortos, não foi muito mais do que uma perda temporária para os errantes. As ondas dos mortos são como dentes-de-leão. Quando você pensa que derrotou a erva, ela surge em algum lugar novo. Os Estados Perdidos

do Sul são chamados assim por esse motivo.

Seguimos pela estrada, o motor roncando e chiando pelas colinas, a carruagem balançando para frente e para trás. Do lado de fora, perto da linha da madeira, há um movimento.

— Errante — eu digo, interrompendo a conversa de Katherine e Srta. Duncan.

— Onde? — Katherine se inclina para frente para olhar pela janela.

Aponto para o lado de fora, para onde uma garotinha branca com rabo-de-cavalo loiro está parada à beira da estrada. Ela usa um vestido florido com um avental e sua boca se abre, um buraco negro sem dentes. Os pôneis são barulhentos demais para ouvirmos seus gemidos roucos, mas, quando passamos, ela corre um pouco atrás de nós, seus olhos amarelos fixos nos meus.

Passamos rapidamente pela errante e Katherine se recosta na cadeira e Srta. Duncan franze a testa.

— Vou avisar os patrulheiros quando chegarmos à cidade. É raro ver errantes tão perto da cidade. Espero que as Edgars tenham voltado para casa em segurança.

— As Edgars? — eu pergunto.

— As mulheres que observaram o treinamento de vocês hoje cedo. Grace e Patience Edgar e a mãe delas, Wilhelmina Edgar. Elas chegaram recentemente do Complexo de Charleston e estavam interessadas em adquirir algumas Atendentes.

— Sim, a Sra. Edgar disse que elas andam vendo alguns mortos-vivos ao redor de sua propriedade ultimamente. — Interrompe Katherine. — Imagino que elas provavelmente estão se assustando com algumas sombras, mas se elas quiserem procurar algumas

garotas da Srta. Preston, eu certamente não vou dizer o contrário.

Eu reviro meus olhos. Ela está obviamente se exibindo para a Srta. Duncan. É claro que a Pequena Senhorita Perfeita ficou para conversar com as belas damas. Ela é praticamente a imagem das Atendentes que estão sempre anunciando no jornal, uma Negra segurando espadas curtas e sorrindo lindamente: SENHORAS! NÃO FIQUEM SOZINHAS! FIQUEM SEGURAS COM UMA GAROTA DA SENHORITA PRESTON!

— Sra. Edgar me disse a mesma coisa. — Srta. Duncan olhou de volta para a estrada, seus lábios franzidos em pensamento.

— Mas ela não pode estar certa, pode? — Katherine pergunta. — O prefeito Carr declarou o condado de Baltimore seguro há meses.

Eu viro minha cabeça.

— Os Sobreviventes vão tentar fazer você acreditar que eles salvaram Baltimore, Filadélfia e Boston sozinhos, se você os ouvir por tempo suficiente. É toda aquela bobagem de "A América será segura novamente"...

— Por favor, Jane, quantas vezes tenho que lhe dizer, nada de política. — A Srta. Duncan adverte suavemente. — Esse é um assunto muito grosseiro para as moças discutirem, até mesmo para mulheres de cor.

Sento-me e cruzo os braços, mordendo minha língua para impedir as centenas de coisas que quero dizer em resposta. Enquanto a Srta. Duncan e Katherine retomam a conversa, alcanço minha camisa e toco minha moeda. É um amuleto da sorte que a Tia Aggie me deu antes de eu deixar Rose Hill e está pendurado em um cordão entre meus seios. Está quente no momento, como geralmente é; mas há um pouco de magia nele e, quando esfria, sei que estou em perigo. Pego a

moeda e olho as outras duas mulheres na carruagem antes de voltar a olhar pela janela.

Eu sei que você provavelmente se preocupa com o número de mortos-vivos aqui no Leste, mas o condado de Baltimore é o mais seguro de todo o país. Dizem isso no jornal e você sabe que o jornal nunca mentiria.

Capítulo 3

No Qual Eu Relato Meu Primeiro Encontro com um Errante

Quando eu era pequena, em Rose Hill, costumava sair furtivamente da cozinha, longe da Tia Aggie, enquanto ela e as outras tias trabalhavam para alimentar todas as bocas famintas da plantação. Quando elas estavam distraídas, eu passava na ponta dos pés pelos fornos e fugia para a liberdade dos campos.

Rose Hill cultivava principalmente tabaco, que mainha e alguns dos maiores lavradores cavalgavam até a cidade para trocar por tecidos e outros artigos essenciais. No início, bem antes do que consigo me lembrar, mainha tentou cultivar tomates e outros vegetais; quando ficou óbvio que seu pequeno pacote de tabaco valia mais do que toda a comida junta, ela mudou. Mainha é esperta assim. Os mortos podem ter ressuscitado e podíamos estar vivendo no fim do mundo, mas as pessoas ainda queriam seu fumo.

As plantas de tabaco cresciam altas e as folhas eram largas e verdes. No verão, eu conseguia me abaixar e correr pelas fileiras sem ser vista e foi o que fiz naquele dia específico. Meu objetivo sempre foi o mesmo: encontrar as outras crianças, aquelas que podiam correr pelos campos porque suas mães não eram donas da plantação. As crianças que eu mais gostava ficavam perto da cerca no outro lado dos campos de tabaco, então fui direto para aquela parte.

Uma cerca é a linha de segurança entre os errantes e o resto de nós, e Rose Hill tinha três dessas: trilhos de cerca pintados de branco que eram o perímetro da nossa propriedade original e nada além do que uma decoração bonita, uma densa floresta de postes de madeira com pontas afiadas fincados no solo em um ângulo que funcionava

como estacas para empalar qualquer errante corajoso o suficiente para alcançá-la e, na borda externa, uma parede de arame que era nossa principal defesa contra os mortos.

Uma ou duas vezes por dia, os homens mais fortes iam até a cerca de arame e acabavam com todos os errantes que estavam emaranhados nela. Mainha mandava que trouxessem os cadáveres e queimassem para a pilha de compostagem. Se houvesse objetos de valor nos corpos, mainha e alguns dos homens os venderiam na cidade, trazendo algo bom. Uma vez, havia uma errante que devia ter sido uma senhora rica, já que estava cheia de ouro e joias. Mainha vendeu as bugigangas para comprar vários porcos e foi assim que Rose Hill passou a servir costeletas de porco todos os domingos após a leitura das Escrituras.

Mas eu não me importava muito com essas coisas. Eu estava mais interessada nas crianças que brincavam entre as cercas. Eu pulei a cerca branca de madeira e cuidadosamente abri meu caminho passando pelas estacas afiadas da cerca interna. E lá, entre a segurança de Rose Hill e o perigo do mundo exterior, ficavam as crianças da plantação.

Todos na plantação, exceto mainha, eram Negros, e exceto o Sr. Isaac. Houve uma época em que havia outros homens brancos, mas depois que os mortos se levantaram, eles fugiram ou viraram errantes. O Sr. Isaac era diferente; ele veio para Rose Hill depois da guerra. Morava na fazenda porque era casado com a Tia Evelyn e o relacionamento entre Negros e brancos eram malvistos. Mainha não ligava muito para o que ela chamava de “inclinações rancorosas de velhas que não tem mais nada o que fazer” e recebia bem as pessoas para fazerem parte da equipe da casa, desde que não causassem

muitos problemas e estivessem felizes em trabalhar duro. Então o Sr. Isaac e a Tia Evelyn moravam em Rose Hill com um bando de meninos e os gêmeos eram os piores.

Tia Aggie dizia que gêmeos eram um mau presságio e qualquer pessoa que conhecesse os gêmeos Isaac concordaria. Os meninos tinham pele clara, mais clara do que eu, cor de areia com olhos irritantemente azuis. Eles sempre estavam aprontando algo, como a vez em que roubaram uma melancia do jardim e escalaram uma árvore para comê-la, ou a vez em que soltaram todos os cachorros como distração para que pudessem ir pescar no riacho ao lado norte de Rose Hill.

Os gêmeos Isaac estavam sempre tramando alguma coisa.

Eles eram minhas pessoas favoritas do mundo inteiro.

— Olá, Jane! — Ezekiel disse. Ou como chamávamos ele, Zeke.

— Aww, Jane está aqui, agora com certeza seremos pegos — disse seu irmão Joseph, que era mais mal humorado que a esposa de Lot.

— Eu saí de fininho — falei assim que as outras crianças começaram a me olhar feio. — Ninguém sabe que eu fui embora. O que estão fazendo?

Cada uma das crianças segurava um pedaço de madeira com a ponta afiada e estavam com um olhar de quem tinha um segredo.

— Não é da sua conta. Volte para as cozinhas — disse Joe, pegando uma pedra do chão empoeirado e jogando-a em mim.

A pedra errou feio, mas a que peguei e joguei na direção de Joe, não. Atingiu-o bem no meio da testa e, quando ele gritou, peguei outra pedra.

— A próxima pessoa que atirar uma pedra em mim vai levar

uma bem no olho — eu disse, tremendo de raiva.

— Ninguém vai atirar pedras, Jane. Você deveria vir com a gente. Vamos matar os mortos. — Zeke sorriu abertamente e me entregou um graveto afiado. Enquanto Joseph era maldoso e hostil, Zeke era todo sorridente e cordial, o tipo de pessoa que os outros gostavam de ficar ao redor. E ele tinha as melhores ideias. Não era de admirar que Joe fosse tão irritado. Quem gostaria de compartilhar um irmão tão maravilhoso com todos?

Eu peguei o graveto.

— O que você quer dizer com matar os mortos?

— Tem um errante preso no arame farpado. Nós vamos matá-lo.

— Isso não é uma boa ideia. — Assim que as palavras saíram da minha boca, eu percebi que era a coisa errada a dizer. Mas não consegui evitar. Eu gostava de encrenca tanto quanto qualquer outra criança, mas aquilo parecia diferente. Perigoso.

— Vamos matá-lo para podermos sair em patrulha com o resto dos adultos — disse Zeke com um sorriso. — Chega de tarefas para nós!

— Você pode ficar aqui, Jane. Ninguém quer que você vá junto, de qualquer maneira — disse Joe.

Eu cerrei minha mandíbula. Quando Joe dizia alguma coisa, eu fazia o oposto apenas para irritá-lo.

— Eu vou junto. Vocês provavelmente não acharam um errante.

— Oh, é um errante com certeza — disse Zeke. — Você vai ver.

Caminhamos em silêncio ao lado da cerca. Algumas das crianças começaram a sussurrar animadamente, mas um único olhar de Joe para trás os calou bem rápido. Meu estômago se agitava e gorgolejava de pavor. Eu tinha ouvido mainha e os outros trabalhadores da

fazenda falarem sobre como os mortos agiam, como saíam do mato, atacando os distraídos e até mesmo os cautelosos. Era isso que tornava os errantes tão assustadores: mesmo sendo previsíveis, ainda conseguiam nos surpreender.

Quando viramos a esquina, um gemido alto cortou o ar. Ali, enrolada no arame farpado, tinha uma errante.

Paramos e toda a comemoração e gritaria morreram bem rápido. Eu sempre imaginei os mortos como uma espécie de monstro: a boca totalmente aberta quando vinham para comer você. Mas a errante presa no arame farpado parecia quase normal: uma mulher branca com longos cabelos castanhos presos, usando um vestido de linho verde. A saia estava rasgada e suas anáguas estavam à mostra. Seus olhos eram amarelos como abóboras e as unhas de suas mãos estavam quebradas, os dedos cobertos de sujeira. Mesmo assim, eu a reconheci.

— Essa é a Srta. Farmer. A família dela é proprietária da Plantação Apple Hill — eu disse.

A Srta. Farmer não se importava comigo — ela achava que Negros não deveriam ser permitidos dentro de casa, já que éramos sujos —, mas ela amava a geleia de amora de mainha o suficiente para pedir de vez em quando, quando era seguro viajar.

— Ela não é mais ninguém — disse Joe, cutucando-a com um pedaço de pau.

A errante rosnou e estendeu a mão para ele. Joe se esquivou para o deleite de todos.

Até mesmo para mim.

Não sei por que achamos que cutucar a errante com nossos gravetos com as pontas afiadas era uma boa ideia, mas todos começaram a fazer isso, se aproximando o suficiente para perfurar a

criatura e, em seguida, se afastando antes que suas mãos pudessem nos alcançar. A brincadeira poderia ter durado mais tempo se a falecida Srta. Farmer não tivesse conseguido se libertar.

O arame farpado não é uma solução de longo prazo para impedir um errante que quer entrar na plantação. Já que eles não têm nenhum tipo de instinto de sobrevivência, não é grande coisa para eles, eventualmente, se libertar arrancando grandes pedaços de si mesmos para fazer isso. E isso foi exatamente o que a Srta. Farmer morta-viva fez. Em um momento ela estava presa no arame farpado, no próximo ela estava cambaleando em nossa direção, metade do vestido e uma boa parte da pele do braço deixada para trás na cerca, que agora tombava para um lado.

A maioria das crianças, inclusive eu, gritou e correu. Eu corri para o campo de estacas, sabendo que isso atrasaria a mulher morta-viva. Mas quando olhei por cima do ombro, percebi que nem todo mundo estava conosco.

Joe ficou parado exatamente onde estava, sem se mover, congelado no caminho da mulher morta e sua grande boca aberta. O menino sempre foi um valentão e o problema dos valentões é que eles nunca aprendem a correr como todos nós. Então Joe se manteve parado, com graveto afiado pronto, convencido de que mataria aquela errante.

Em algum momento do ataque da mulher em direção a Joe, ele percebeu que um pedaço de pau não era uma boa arma contra os mortos, mas era tarde demais. Joe estava prestes a virar rango de errante.

Se não fosse por Zeke.

Foi Zeke quem pulou em Joe, empurrando-o para fora do

caminho da mulher. Foi Zeke quem foi mordido pela mulher, seus dentes cravando profundamente sua garganta. Foi Zeke quem gritou como um animal ferido, tentando por alguns momentos preciosos empurrar a mulher muito mais pesada de cima dele enquanto ela arrancava um grande pedaço de carne. E foi Zeke quem soltou um grito suave e angustiado enquanto sangrava até a morte na terra de Rose Hill, um som quase inaudível perto do barulho que a Srta. Farmer fazia enquanto se alimentava.

— Joe! — eu gritei e o menino olhou para mim com uma expressão distante e presa em algum lugar entre a tristeza e o horror. Corri de volta para onde ele estava, coloquei-o de pé e arrastei-o pela mão através do campo de estacas, para a segurança de Rose Hill.

Enquanto corríamos de volta, passamos pela patrulha que vinha para matar os mortos. Eu não fiquei para assistir; já tinha visto carnificina suficiente para um dia. Dizem que, quando chegaram lá, a Srta. Farmer estava devorando o rosto de Zeke e que dois dos homens vomitaram antes de chegarem a matá-la e atirarem na cabeça de Zeke para que ele não voltasse.

Mainha cremou Zeke adequadamente e deu ao Sr. Isaac e à Tia Evelyn suas cinzas. Joe fugiu alguns anos depois, presumivelmente para uma das escolas de combate e então a tristeza deles estava completa com Tia Aggie estalando a língua e dizendo.

— Eu avisei que gêmeos eram um mau presságio.

Demorei bastante tempo para deixar a segurança da casa principal depois daquilo e nunca mais me aventurei nas fronteiras de Rose Hill novamente, não até me mudar para Srta. Preston anos depois. Aprendi duas lições valiosas naquele dia.

Uma: os mortos levarão tudo que você ama. Você tem que acabar

com eles antes que eles acabem com você. Isso é exatamente o que pretendo fazer.

E duas: a pessoa que cutuca os mortos nem sempre é quem paga por isso. Na verdade, na maioria das vezes, quem sofre é quem está quietinho em seu canto.

Esse é um problema para o qual ainda não tenho uma resposta.

Uma das melhores coisas em morar na Srta. Preston é todas as amizades que fiz. Mainha, você não acreditaria na camaradagem e no espírito de equipe que há nesses corredores sagrados.

Capítulo 4

No Qual Evito Avanços Indesejados e Participo em um Pouco de Chantagem

Estou observando a paisagem do lado de fora da carruagem, meu cérebro vagando por memórias sangrentas e alguns arrependimentos, quando a Srta. Duncan me pergunta:

— Então, Jane, o que você acha?

Eu pisco e endireito a coluna, repentinamente consciente demais dos dois pares de olhos em mim.

— Perdão, Srta. Duncan, não estava ouvindo. O que eu acho sobre o quê exatamente?

A Srta. Duncan me mostra um sorriso educado.

— Sobre a razão dos mortos estarem voltando. É claro que todos já ouvimos pregadores insistindo que são os nossos pecados, de um jeito ou de outro, que causaram esta praga no nosso solo. Mas as melhores mentes do país têm tentado determinar uma base científica, e estão bastante divididas sobre a causa e o raciocínio por trás dela. Quero saber o que você acha.

Limpo a garganta e assinto. Pergunto-me como é que ciência é um tema de discussão melhor do que política, mas não digo nada porque isso seria muito atrevido. A Srta. Duncan é estranha, sempre conversando com os Negros como se ela se importasse com o que eles têm a dizer. Mas gosto dela o suficiente, então aceito a pergunta dela.

— Bem, eu tenho lido… ouvido algumas pessoas falarem sobre esse assunto, e acho que é uma criaturinha que causa a infecção. Sabe, como aquela que faz o leite azedar.

Se a Srta. Duncan notou a minha quase confirmação de ter posto

as mãos num jornal médico, ela não demonstra. Entretanto, Katherine olha para mim com a boca levemente aberta.

— Uma criaturinha, dentro dos mortos. Como um rato?

Balanço a cabeça, sentindo-me agitada e frustrada.

— Não, não um rato. Menor. Tipo, pequeno demais para ser vistos pelo olho. Microscópico. Li um artigo na publicação da noite algumas semanas atrás sobre um homem chamado Joseph Lister lá na Inglaterra. Veja, ele tinha vários pacientes morrendo de infecções, então ele começou a esterilizar o equipamento cirúrgico com álcool...

Katherine faz uma careta.

— E agora você está dizendo que nós devíamos nos embebedar para evitar que viremos um dos mortos-vivos?

— Não, não desse jeito. O álcool mata as criaturinhas, como quando você limpa sujeira com sabão.

Ambas a Srta. Duncan e Katherine estão me encarando como se eu estivesse falando em outra língua. Eu suspiro e caio de volta no assento duro.

— Esquece, — murmuro.

Isso sempre acontece quando começo a falar de coisas complicadas com as pessoas. Na minha cabeça as ideias são tão claras e fazem todo o sentido, mas quando as palavras saem da minha boca elas ficam confusas. Podem estar me olhando como se fosse louca, mas o que estou dizendo é verdade. É assim que eu sou. Uma vez que leio algo, vou lembrar para sempre. Quer seja algo que eu devia estar lendo ou não.

A Srta. Duncan me dá outro sorriso pequeno, piedoso.

— Bem, Jane, essa certamente é uma teoria interessante.

Nós continuamos em um silêncio definitivamente

desconfortável. Quase consigo sentir o ego de Katherine crescendo e enchendo a carruagem. Aposto que ela mal pode esperar para voltar para os amigos sabichões e contar a eles que a Jane McKeene é uma louca que acredita em criaturas invisíveis nadando no nosso sangue. O resto da viagem passa em um silêncio inquietante. Não há mais errantes do lado de fora da janela da carruagem para quebrar a monotonia da terra, árvores e eventuais fazendas.

Finalmente nos aproximamos das paredes de pedra de Baltimore. Deste lado, elas são cobertas por andaimes, e os homens no topo parecem estar adicionando mais pedras e arame farpado. Essa coisa já é alta o suficiente, se quer saber, mas acho que todo o cuidado é pouco. Nós aguardamos enquanto os enormes portões principais da entrada oeste são abertos para nós, e então passando pela cidade, a carruagem nos deixa em uma parada central. O chão de pedra é uma mudança agradável das estradas de terra do interior. Há estradas de terra em outras partes de Baltimore, mas esta parte da cidade mais próxima à prefeitura tem ruas mais bonitas.

Eu desço e, enquanto as outras garotas desembarcam, analiso os portões. Eles são monstruosamente enormes; ouvi dizer que cada um precisa de três homens fortes para abrir e fechar. O ferro forjado é pintado de preto. Fitas vermelhas, brancas e azuis foram tecidas através das barras. Perto delas uma placa proclama:

Venha celebrar o aniversário de cinco anos da construção do Portão Central no Dia da Ascensão, 2 de julho de 1880
Um projeto financiado pelo prefeito Abraham Carr e o Partido dos Sobreviventes
Dança, comida e fogos de artifício!

Seria bom ir dançar, mas essa celebração não é para mim. De

jeito nenhum as pessoas de cor poderiam ir a uma festa dos Sobreviventes. A não ser que estejamos servindo o ponche, claro.

Antes de descer da carruagem, Katherine cutuca o meu lado.

— Quero o meu chapéu de volta logo após a palestra, sua ladrazinha mentirosa. — ela diz, baixo o suficiente para que a Srta. Duncan não ouça. Ela sai para se juntar à suas amigas, um par de meninas mais jovens vestidas tão bem quanto ela.

Coço a bagunça que é o meu cabelo frisado e observo ela se afastando. Estou me sentindo completamente desajeitada, e tenho certeza que esse dia não pode piorar.

— Olá, Janey-Jane. O que está fazendo na cidade?

Eu me viro e andando pelo caminho até mim está Jackson Keats. Estava errada. Acabou de piorar.

Jackson anda com arrogância, o chapéu-coco cobrindo seus olhos. Sua pele marrom clara é mais avermelhada do que bronzeada, e foi assim que ele conseguiu seu apelido, Red Jack. Jack é um verdadeiro mestiço[8], é justo que saiba que pelo menos alguns da família dele vêm da Europa, não da África. Seus cachos curtos tinham até uma pitada de ruivo. Um dia, eu conheci um irlândes com o cabelo da mesma cor. Ele não ficou muito mais tempo nesse mundo, visto que foi pego por um errante, mas penso naquele pobre idiota toda vez que vejo Jackson.

— Não pude deixar de notar que você não aparece aqui há algum tempo, — ele diz. Jackson lida com a área entre a Srta. Preston e a cidade, e não há muito no condado de Baltimore que aconteça sem a interferência de Red Jack, seja legal ou não. Os seus olhos azuis esverdeados brilham. — Sentimos sua falta no sábado passado, Janey-Jane.

Dou de ombros e olho em volta. A Srta. Duncan ainda está ocupada com os condutores, provavelmente discutindo o pagamento. Os condutores sempre tentam aumentar o preço da viagem depois de chegarem. Todos sabem que eles são tão corruptos quanto podem ser. É bem provável que Jackson esteja aqui para pegar a parte dele.

— Bem, eu não senti sua falta ou dos seus amigos pilantras. E já disse para você parar de me chamar assim. Meu nome é Jane, não Janey.

Ele sorriu para mim, revelando um brilho de um dente de ouro.

— Ah, isso não é jeito de se falar com seu namorado. Se continuar com essa boca atrevida, vou começar a questionar os seus modos.

Cruzo os braços.

— Você. Não. É. Meu. Namorado. — E ele não é. O que temos juntos são negócios, não é pessoal. Pelo menos, não mais.

Dou uma olhada rápida na Senhora Duncan, que ainda está negociando com o condutor da carruagem.

— Suma antes que você me arranje problema.

Jackson coloca as mãos nos bolsos, balançando-se para frente e para trás nos seus calcanhares. A corrente do relógio de ouro dele reflete a luz na cintura do novo colete verde estampado que ele está usando. É chique e chama atenção. Seda, talvez, e mais bonito do que qualquer roupa que eu tenha.

Ele repara em mim olhando e abre um sorriso largo.

— Você gostou? Lembro de você dizer que verde era sua cor favorita.

É a minha cor favorita, e fica mesmo muito elegante nele. Sem dúvidas, ele é um homem muito bonito. Mas ele também é um monte

de problemas, e há muitos outros rapazes bonitos que não andam por aí no lado errado da lei.

— Você não vestiu isso por mim, não tente me conquistar. Eu te conheço, Jackson. Provavelmente estava à caminho de alguma pobre garota de fazenda que você fez acreditar que você é o vice-prefeito de Baltimore. Não tente me arrastar para suas falcatruas.

Jackson me mostra aquele sorriso malicioso antes de redirecionar seus olhos para algo além dos meus ombros. Viro a cabeça para seguir o olhar dele. Katherine está nos observando com os olhos estreitos. Uma das garotas diz algo a ela, trazendo sua atenção de volta para a conversa do grupo, e eu xingo baixinho.

— Veja só. Agora a Senhorita Boca Grande vai me dedurar com certeza. Tenho que voltar.

Ele segura meu braço, aquele sorriso diabólico brincando em seus lábios.

— Venha para a bodega depois de voltar para a escola. Tenho uma surpresa para você.

— Não quero nenhuma surpresa de você, Jackson.

Isso é mentira. É ele quem me contrabandeia novas histórias, até mesmo livros de vez em quando, em troca de ajudá-lo com um trabalho sujo ou outro. O que significa que eu quero o que quer que ele tenha. Mas não vou contar isso a ele.

Ele inclina a cabeça, o sorriso sendo substituído com um olhar sério.

— Oh, essa você quer. Confie em mim.

Eu pisco, porque não estou acostumada com tanta seriedade vinda de Jackson. Uma vez, assisti ele espancar um homem quase até a morte, sorrindo o tempo inteiro.

Vejo de canto a Srta. Duncan vindo em nossa direção e assinto.

— Não hoje. Amanhã.

O sorriso reaparece, e ele me dá uma breve reverência.

— Contarei os minutos.

Eu rio.

— Duvido que consiga contar tão alto.

Ele pisca para mim, e tão rápido quanto ele surgiu, ele desaparece na multidão de pessoas respeitáveis andando pelas calçadas, ansiosas para terminarem seus negócios e entrarem antes que escureça.

Eu volto para o amontoado de garotas bem quando a Srta. Duncan retorna para o nosso grupo. As bochechas dela estão coradas e ela está com uma expressão que diz que tudo o que ela quer é bater em alguém. É o que tentar lidar com um daqueles condutores de carruagem faz com você. São tão frustrantes quanto Jackson, mas sem o charme.

— Muito bem, meninas, vamos seguindo para a Universidade. Não queremos chegar atrasadas à palestra.

A Srta. Duncan anda à frente e todas a seguimos. Correr pode não ser digno para mulheres bem-educadas, mas para um grupo de garotas Negras destinadas ao trabalho de limpeza, tudo bem.

Katherine fica para trás perto de mim, o rosto dela ficando vermelho depois de apenas alguns passos. Dou uma olhada para ela de soslaio e não posso evitar a balançar a cabeça. Ela me vê e a expressão já amargurada torna-se tempestuosa.

— O quê, Jane?

— Não devia ter colocado esse espartilho. Essa coisa vai te matar.

— Essa coisa, por acaso, é a última moda. Mas não estou surpresa que você não saiba disso.

— Kate, eu gosto de coisas bonitas tanto quanto qualquer garota, mas não vou deixar essas coisas me matarem.

Ela funga e arruma as luvas.

— É Katherine, Jane McKeene, e você sabe disso. Deixe de se preocupar comigo, quem era aquele delinquente com quem você estava falando?

— Delinquente? Que delinquente? Receio não saber de quem você está falando.

Ela tropeça numa pedra e eu a alcanço para segurá-la, dando a ela equilíbrio com um toque leve no cotovelo. Ela espanta a minha mão e acelera o passo.

— Aquele rapaz. Com aquele... colete... elegante. — Katherine já está sem fôlego, e nós andamos apenas um caminho curto. Se continuar assim, ela vai desmaiar e acabar jogada na estrada como um cadáver bem vestido.

Eu salto, me afastando do grupo.

— Srta. Duncan, — chamo, dando os meus pulinhos e mancando. — Acho que estou com uma pedra no sapato!

A Srta. Duncan vira-se um pouco mas não diminui o passo.

— Katherine, espere por Jane. Vocês duas, nos encontrem na universidade.

Aceno para a Srta. Duncan em confirmação e pulo até uma escadaria próxima. Katherine está ofegante a esse ponto, parte do cabelo dela caiu depois do nosso trote improvisado.

— Endireite-se, — digo a ela. — Curvando-se assim daqui a pouco você vai beijar o chão.

Ela faz o que eu disse, ainda lutando para respirar, e gesticula para o meu sapato.

— Bem, pegue a sua pedra.

Eu rio.

— Não tem pedra nenhuma no meu sapato, fiz aquilo para você poder retomar o fôlego. Se descobrirem que está usando esse espartilho, você vai ficar com o serviço de cozinha por um mês.

Katherine pega num lenço e seca o suor do lábio, os olhos dela encontram-se com os meus com um sorriso.

— E por que isso importa a você?

Eu sorrio.

— Por nada. Só estou sendo uma boa cristã. — Dou de ombros quando ela me olha com descrença. — Devemos voltar a andar?

Katherine me observa por um bom tempo antes de assentir. Coloco-me de pé e nós seguimos o caminho pelos poucos quarteirões restantes até a universidade em silêncio.

Fora da imponente entrada com colunas da escola, os degraus já estão vazios. Sigo o meu caminho para dentro, mas Katherine me segura com uma mão firme.

— Nunca me disse com quem estava conversando, Jane. Aquele rapaz grosseiro. Você sabe que cortejar não é permitido.

Eu sorrio, mostrando todos os dentes, e inclino a cabeça para o lado. As coisas que Jackson e eu costumávamos fazer não podem ser chamadas de "cortejos", mas Katherine não precisa saber disso. E agora nossa conexão é puramente de negócios, não importa o que o meu coração diga de vez em quando.

— Oras, não era ninguém, Katherine. Assim como você não está vestindo um espartilho. Certo?

Katherine abre e fecha a boca algumas vezes, mas foi pega numa armadilha. Então, ela não diz nada e decide por subir os degraus em passos pesados. Eu a sigo mais preguiçosamente. Chantagem não é bem o meu forte, prefiro meios mais direitos de golpes, como mentir e roubar. Mas não posso deixar que a Srta. Duncan ou qualquer outra instrutora descubra o que eu e Jackson fazemos escondidos, então não tenho outra escolha.

Vivemos num mundo terrivelmente cruel.

Adoraria te contar quão fascinantes e estimulantes são as lições que aprendemos aqui na Srta. Preston, mas temo que minhas descrições não farão justiça...

Capítulo 5

No qual Participo de Uma Palestra Muito Educativa

A Universidade de Baltimore de Cirurgia, Medicina e Tanatologia está localizada em um belo edifício, restaurado meticulosamente desde a reaquisição de Baltimore. As portas de entrada são feitas de ferro forjado e vidro, e logo depois delas, colunas de mármore e pinturas a óleo impressionantes de homens brancos barbudos alinham os corredores. Como a Srta. Preston, o edifício dá a sensação de que aprendizados importantes estão acontecendo em algum lugar, de alguma forma, neste momento. Ao contrário da Srta. Preston, não há conversas animadas ou o cheiro tentador de jantar. Ao invés disso, um cheiro químico podre e um vazio fresco e úmido saem das portas principais do edifício. O ar contaminado é similar ao de um túmulo. Não é nada agradável.

Talvez seja por isso que só os homens frequentam a universidade. Que mulher iria querer passar seu tempo num lugar tão horrível, úmido e fedido? Nenhum aprendizado vale a pena tanta melancolia.

Katherine está parada na grande entrada, seu caminho sendo bloqueado por um par de garotos brancos de aparência grotesca. Eles estão encostados na porta com uma expressão marota. À medida que me aproximo, vejo que usam chapéus de feltro e casacos compridos da polícia da cidade. Os bigodes deles estão desiguais, e apesar de parecerem sério são provavelmente apenas alguns anos mais velhos do que Katherine e eu.

— Senhorita, receio que não podemos deixá-la passar antes de verificarmos que não carrega armas — diz o mais baixo. Ele tem um

olhar astuto, como uma raposa que promete ser boa perto das galinhas. — O prefeito está lá dentro, e o nosso trabalho é mantê-lo a salvo. Então, vai nos deixar te revistar ou não?

Por mais educados que estejam sendo eles não devem ter percebido que a Katherine é Negra. Não é surpresa. Ela é arrogante e bem vestida o suficiente para passar por filha de um homem de sucesso político mediano.

Katherine deve ter chegado à mesma conclusão, porque cruza os braços e dá ao guarda aquele olhar com os olhos estreitos.

— Já lhe disse que não tenho armas, e definitivamente não vou deixar que toquem em mim. Agora, pode me deixar passar, por favor? O resto da minha turma já está lá dentro, e não quero perder um segundo da estimada palestra do professor.

O baixinho sorri, revelando um buraco onde o dente da frente deveria estar.

— Ah, veja só. A menina bonita aqui não quer perder a palestra do professor. — Ele dá ao outro policial, que tem um grande espaço entre os dentes da frente, um olhar rápido de canto antes de avaliá-la de cima a baixo como se ela fosse um doce numa vitrine. — Querida, qual o real motivo de ter vindo aqui? É uma garota trabalhadora? Se está procurando algum dinheiro, não vai encontrar nada além de decepção lá dentro com aqueles velhotes.

Os dois riem alto e Katherine cora.

Um sentimento feio surge em mim. Posso ser uma mentirosa e uma trapaceira, mas odeio valentões.

— Ah, você aí! Irra, deve ser uma bela duma palestra pra tirar esse almofadinha da prefeitura. Não tão servindo comida aí, tão? — Eu dou uma risadinha, então remexo os pés como em uma dança, e os

homens param de rir. Deixam a Katherine de lado e empurram-se para longe da porta para virem até mim.

— O que está fazendo aqui, menina? Aqui não é lugar para gente do seu tipo.

— Isso mesmo. — O policial mais alto e mais magro aproxima-se de mim, e eu escondo a cabeça numa pose falsa de humildade. Atrás deles, Katherine ajeita-se, um olhar irritado tomando conta dela, e eu balanço um pouco a cabeça.

— Oras, tava procurando a minha senhora. Ela veio aqui pra essa palestra e é claro que eu fui e me perdi dela. — Eu balanço a cabeça como se fosse a Negra mais burra que já andou na terra. Por um momento, receio que tenha exagerado. Mas não há perigo disso com estes dois.

— Ah é, e quem é essa senhora que você está procurando? — O Dente A Menos se aproxima o suficiente para eu conseguir sentir o cheiro do seu bafo podre e eu penso que gostaria de ter um bolso cheio de menta para oferecer a ele.

— Ora, a senhora do prefeito, é claro. Trouxe o broche dela, 'que ela não gosta de sair sem ele. Ela ganhou ele da própria Bela de Baltimore! Aquela idiota da Atendente dela esqueceu, e as garotas da casa me mandaram aqui com ele. — Mexo nas minhas saias, como se estivesse procurando alguma coisa. — Agora onde foi que eu coloquei essa coisa idiota?

Continuo me apalpando como se estivesse procurando por algo pequeno. Noto um movimento pelo canto do olho e olho para cima e grito, dando tudo de mim. Os policiais tropeçam um pouco para trás, alcançando por seus cassetetes.

— São os mortos! Acabei de ver um, ai, Jesus, ai meu Deus, ai

meu Deus, por favor me ajudem. Onde está a patrulha quando se precisa deles? Por isso que a cidade não é segura, não importa o que esses políticos dizem. Não é seguro! — Caio de joelhos nos degraus da entrada e começo a rezar, como se estivesse absolutamente aterrorizada. Alguns transeuntes na rua olham para mim e depois apressam-se na direção oposta de onde estou apontando. Eu soluço e até consigo soltar algumas lágrimas. É um exagero, mas não vale a pena fazer alguma coisa se não for para tomar o risco. — Errantes na cidade! Onde vai parar esse mundo se nem a cidade é segura? Apenas mortos andando por aí em Baltimore, e nós todos vamos nos juntar a eles.

Balanço a cabeça em negação, como se isso fosse a pior coisa que já aconteceu comigo.

Um fato sobre mim é que sempre considerei seguir uma vida no palco se essa coisa toda de matar-os-mortos não desse certo.

Os policiais não sabem o que fazer, olhando entre mim e a rua para onde eu apontei, a confusão clara em seus rostos. Eu me levanto da minha oração e dou a eles um olhar de puro terror, alargando os olhos até eles começarem a lacrimejar pelo esforço.

— O quê– o quê ainda estão fazendo aqui? Vocês não vão pegar aquele errante?

Eles se entreolham e saem correndo pela avenida na direção que apontei. Eu salto para os meus pés e aproximo-me da Katherine, que me observa com um ar carrancudo.

— O que foi aquilo?

— Não venha olhar pra mim assim. Foi só um pouco de atuação. A mainha sempre disse que a melhor maneira de conseguir o que *você* quer das pessoas é dar-lhes o que *elas* pensam que querem. Eles

esperavam que eu fosse estúpida, então usei isso a nosso favor.

Eu sigo a caminho da universidade, mas Katherine não se move

— Você acabou de mentir para agentes da lei — ela diz. — E por que estava falando daquele jeito? Você nunca fala assim.

Dou de ombros.

— Às vezes é preciso corresponder às expectativas das pessoas, Kate. Se você conseguir fazer isso, vai ir muito mais longe na sua vida. Agora pare de perder tempo e entre antes que eles voltem.

Empurro Katherine para frente através das belas portas duplas, ansiosa para escapar antes que aqueles homens da lei retornem.

A sala de conferências está lá dentro e à direita da entrada principal e nós facilmente encontramos nossas colegas. Elas estão sentadas nas duas últimas fileiras da sala, o espaço reservado aos Negros. Se o salão tivesse um mezanino, estaríamos lá em cima, mas esse não tem. Bem na nossa frente estão alguns dos homens de cor cultos de Baltimore, que dão aulas na universidade da cidade para Negros. Reconheço alguns deles de suas visitas à Srta. Preston. A maioria deles é Sobrevivente e eu não ligo muito para a mensagem deles de saber o seu lugar e seguir a *ordem natural*.

— Cresça onde foi plantado, — eles dizem, enquanto nos contam sobre o futuro maravilhoso que teremos fazendo reverências para nossos melhores brancos. Parece-me que os "homens iluminados" se preocupam mais em manter o presidente feliz do que a situação das pessoas de cor.

É surpreendente que a nossa turma tenha conseguido lugares. A sala de conferências está cheia até às vigas. Mais ao centro da audiência está um grupo de moças bem vestidas, suas peles pálidas brilhando no calor. As suas Atendentes de pele escura estão

estacionadas ao longo da parede, parecendo entediadas. Katherine lança um olhar sobre as moças brancas, com suas roupas finas e leques decorativos. Há um desejo em seus olhos, antes de sua expressão normal de desdém voltar ao seu rosto. Eu entendo aquele olhar, no entanto. Aquelas moças são o crème de la crème da sociedade de Baltimore, e seus vestidos de cores claras são o auge da moda. Quem não gostaria de ser uma delas?

Mas esse não é o nosso futuro. O nosso é nos encontrarmos à parede, prontas para dar nossas vidas por algumas moedas, se for necessário.

Em frente às senhoras, mais perto do pódio, estão os homens. A maioria deles são grandes, sua largura é uma indicação de sua riqueza, e o prefeito Carr é o maior de todos. Ele é grande como um touro, dominando toda a segunda fileira, com seu lenço listrado vermelho e branco do Partido dos Sobreviventes. Os Sobreviventes acreditam que a continuação da existência humana depende em garantir a segurança dos homens e mulheres cristãos brancos — sendo os brancos superiores e mais próximos de Deus — para que eles possam "começar a reconstruir o país à imagem de sua glória anterior", como era antes da Guerra Contra os Mortos. Eu, particularmente, não compactuo com essa noção, visto que ser uma Negra já me coloca na coluna inferior. Mas as pessoas parecem realmente atraídas pelo prefeito, especialmente aquelas tão pálidas quanto ele.

A única razão pela qual sequer reconheço o prefeito Carr é porque sua foto está no jornal quase todas as semanas, as manchetes proclamando essa vitória ou aquela realização, geralmente relacionadas com conter a ameaça dos errantes e garantir a segurança

dos limites da cidade de Baltimore. São os Sobreviventes que pressionaram para retomar as cidades há quase uma década, a ideia é que se as cidades forem seguras elas podem servir como um ponto seguro para poderem recuperar o continente. Mas não sei nada sobre isso. Mainha costumava dizer que um político era um homem que tinha aperfeiçoado a arte de mentir, então eu sempre li esses artigos com um ceticismo antes de passar para os seriados. Os seriados são a melhor parte do jornal mesmo. Ler sobre aventuras no oeste ou a tragédia de boas senhoras com maridos lascivos sempre melhora o meu dia.

Não reconheço nenhum dos outros homens próximos ao prefeito Carr. Parecem-se muito com ele, com suas barbas no queixo, pele pálida e lenços ousados. Há alguns membros do Partido Igualitário nas fileiras também, com suas gravatas listradas em amarelo e azul, mas eles estão em menor número que os Sobreviventes.

Eu me acomodo em uma cadeira, mantendo-me na beirada, tendo cuidado para não bater em algo com a arma presa à minha coxa. Na frente, o professor, um homem branco careca com óculos pequenos e uma cara corada, já começou a fazer as suas observações. Ele está próximo a um átrio na frente da sala, vestindo um terno que já está há vários anos fora de moda, divagando sobre organismos e leite estragado. Quando ele começa a falar de coisas como patógenos e transmissão de doenças, eu dou um olhar ríspido a Katherine, que está olhando para mim como se eu tivesse crescido mais uma cabeça. Dou a ela um sorriso orgulhoso. O santíssimo professor dela está falando dos mesmos fatos científicos que eu comentei na carruagem.

Isso me faz prestar atenção.

— Então esses patógenos, ou criaturas muito pequenas, são

transmitidos de uma vítima para outra através da mordida de um cadáver infectado. Ao longo dos anos estes patógenos evoluíram, o que explica a mudança da estirpe de Gettysburg, que transformaria a vítima apenas após a morte, para a estirpe dominante de hoje, que inicia a transformação na vítima apenas um curto período de tempo depois de terem sido mordidos. Chamamos isto de a estirpe de Custer. — Ele dá uma risadinha com a própria piada, mas quando ninguém na plateia o acompanha, ele limpa a garganta e continua. — O nome foi dado por conta da grande derrota de Custer em Cleveland pelas mãos dos próprios homens infectados, é claro. Agora, além do oceano, na Escócia, a pedido de um médico, o Sr. Joseph Lister, eles tiveram grande sucesso em queimar os seus mortos, o que impede o cadáver de levantar-se após o enterro. Além disso, alguns dos nossos próprios acadêmicos locais, incluindo o Sr. Irvington, acabaram de regressar de uma estadia na Índia Britânica. Lá, o raj ordenou a decapitação dos seus mortos, independentemente de terem sido mordidos. Isto manteve as taxas de infecção tanto da estirpe de Gettysburg quanto da estirpe de Custer muito, muito baixas.

— Além disso, e mais relevante para a nossa discussão de hoje, há comparativamente menos casos da infecção a oeste do Rio Mississippi, especialmente entre os índios. É semelhante ao que vimos no sul com os Negros, onde a praga muitas vezes não se espalha amplamente dentro de populações de cor.

Há um murmúrio considerável após essa informação, e o professor Ghering sorri, seu rosto redondo brilhando. Inclino-me para a frente e franzo a testa. Menos casos da peste dos errantes entre os Negros? É a mentira mais descarada que já ouvi.

O professor limpa a testa com um lenço de bolso antes de

continuar.

— Eu, pessoalmente, acredito que a baixa taxa de infecção entre o homem vermelho e o Negro é uma consequência direta do fato de que nem os índios, nem os Negros, são tão altamente desenvolvidos quanto seus primos europeus, e, assim, mostram uma certa resistência ao patógeno que vemos em animais. Muitos argumentam que esta é uma indicação de que, como os defensores da poligênese têm especulado em séculos passados, o Negro é descendente de uma espécie inteiramente separada do *Homo sapiens* europeu, uma mais intimamente relacionada com os macacos selvagens da selva africana.

A multidão agita-se novamente, enquanto algumas das meninas da minha escola entreolham-se em choque. Aprendi um pouco sobre evolução graças aos livros e jornais que o Jackson me contrabandeia, e a comparação não me desce bem. Cruzo os braços, quando ao meu lado Katherine murmura:

— Ele não acabou de comparar Negros com macacos.

Eu faço uma careta.

— Ah, sim, ele comparou. Eu disse que esse homem era um maluco.

Na frente do salão, o professor Ghering levanta as mãos para chamar a atenção, com um sorriso benevolente no rosto. Os olhos dele vasculham a sala, nem se dando ao trabalho de passar pelo nosso grupo ao fundo. Acho que ele já imagina a nossa posição em relação a todo este disparate, sendo Negras bestiais e tudo mais.

— Agora, eu acredito que essa ancestralidade divergente realmente dá ao Negro e ao índio uma resistência natural à praga dos mortos-vivos. Não só isso, mas vou provar que uma simples vacinação pode aumentar essa resistência, da mesma forma que Louis

Pasteur vacinou o gado contra várias doenças na França.

Katherine funga.

— Gado.

Sei o que ela quer dizer. Quanto mais este homem fala, menos gosto dele.

O professor entra no seu ritmo agora, e atravessa o palco com confiança.

— E para validar esta teoria, preparei uma demonstração que tenho certeza que todos acharão fascinante.

E com isso ele gesticula para o lado, para fora do palco. Há um som rangente, e depois um coro de gemidos ecoam através do auditório.

São os mortos.

Ouvi dizer que quando ouvimos o chamado dos errantes, nunca esquecemos o som, e não sei quem disse isso, mas tem razão. Não é bem um gemido, e não é um grunhido; é um som entre os dois, misturado com o choramingo de um animal faminto. Sempre ouvi aquele barulho à distância, através das paredes de Rose Hill, mas a primeira vez que o ouvi de perto foi no dia em que o Zeke foi devorado. A segunda foi quando eu era uma menininha dormindo com minha mainha em sua cama com dossel, o major acima de nós com um olhar em seus olhos amarelos brilhantes que dizia que ele estava prestes a desfrutar de uma panela inteira de torta. Nenhuma dessas memórias é uma que eu gostaria de reviver, por isso, quando esse mesmo som enche a sala de conferências, preciso me segurar com todas as minhas forças para não pular para fora da cadeira, tirar o revólver e começar a atirar em qualquer um que não pareça bem. Mas não faço isso. Ao invés disso, enfio os dedos nas minhas coxas,

esperando para ver que tipo de baboseira esse professor está planejando.

O resto da sala não é tão paciente, e vários dos homens da frente já estão sacando as armas e apontando para o palco, sem sequer esperarem para identificar de onde vem o som. Mas o professor levanta as mãos num gesto tranquilizador.

— Cavalheiros, por favor. A situação está completamente controlada. Podem retomar aos seus lugares e guardar as armas.

O som de *grunhidos* cessa após um homem de cor empurrar uma engenhoca coberta por um lençol. Consigo identificar pelo tamanho e formato que é uma gaiola de errantes. Elas são usadas durante os recolhimentos, geralmente na primavera após o gelo começar a derreter. Os mortos ressuscitados costumam dormir durante o inverno, já que, como a maioria das pessoas, não gostam muito do frio. Nos primeiros dias quentes do ano, as patrulhas posicionam jaulas e amarram um frango ou peru ou porco às barras de metal do lado de dentro. Como os errantes não resistem à carne viva quando acordam, saem da floresta, e acabam abarrotados na jaula. Uma vez cheia, as patrulhas fecham a porta de aço e incendeiam toda aquela bagunça. Não é chique, mas impede os mortos-vivos de atacarem assentamentos e multiplicarem-se como coelhos com a chegada da primavera.

Esta gaiola é um tanto menor, como o tipo que um agricultor usaria no seu campo, e, uma vez que o homem a empurra para o meio do palco, o professor tira o lençol com um floreio. Lá dentro há três errantes: dois homens e uma mulher, todos brancos. Não consigo evitar de sentir uma mínima simpatia por eles, há muito tempo que não via uma coisa destas. Não estão muito deteriorados, devem ter se

transformado recentemente, e isso me faz sentir um pouco sentimental ao pensar que, há apenas algumas semanas, eles provavelmente tinham vidas, famílias que os amavam, empregos que não gostavam, queixas mesquinhas que alimentavam seus rancores. Agora não passam de criaturas de olhos amarelos saídos de um pesadelo.

— Senhoras e senhores, aqui temos três espécimes, todos recentemente infectados. Gostaria de agradecer ao nosso bom prefeito Carr por me permitir utilizar estas pobres almas, reunidas nos arredores do condado de Baltimore, para a nossa demonstração antes de serem eliminados. — Um estrondo de aplausos incertos surge à nossa volta, e um sentimento doentio cai pesado na minha barriga, como se eu tivesse comido um pedaço de maçã verde demais. Mas o professor ainda não acabou. — Também gostaria de apresentá-los ao meu assistente, Othello, que vai me ajudar com a demonstração.

O homem de cor ao lado do professor acena para a multidão de forma incerta. Um murmúrio intensifica-se, a sala zumbe como uma colmeia espetada com um pau. Por baixo disso tudo, os clamores continuam vindo da jaula, e a sensação doentia toma conta de mim. Katherine agarra o meu braço, o horror dilatando seus olhos.

— Ele não está prestes a fazer o que estou pensando. Não é?

Nada do que está prestes a acontecer naquele palco vai ser bom. Posso sentir no meu âmago. Eu alcanço pela minha moeda embaixo da minha blusa. Está gelada ao toque, apesar de estar guardada encostada à minha pele, e sei que o perigo está perto.

A Atendente de uma senhora deve ter sempre uma expressão agradável, mas não consigo mudar minha expressão de uma careta. Eu me movo no assento, arrumando as saias para poder alcançar mais

facilmente a minha arma.

— Você tem que se preparar para levar as mais novas daqui. Tenho certeza de que isso não vai acabar bem para o pobre Othello, e dessa vez Iago não terá nada a ver com isso.

Katherine me dá um olhar confuso antes de assentir quando compreende o que quero dizer, mesmo que não entenda a referência. Agora que a maior parte da conversa parou, o professor moveu-se para a jaula.

— Agora, Othello aqui vai se submeter voluntariamente a uma mordida de um errante, a fim de demonstrar a maior resistência de um negro vacinado. No início desta semana, Othello recebeu uma série de doses, que foram indolores.

O professor pega seu lenço e enxuga a testa mais uma vez antes de o meter no bolso. Tenho certeza que ele não disse a verdade o tempo todo que esteve lá em cima, visto que está suando como um assassino na Igreja. O que é que esse homem está planejando?

Ele continua.

— Esta experiência pretende ratificar a prudência das patrulhas Negras do nosso prefeito, que, sob a estrita orientação dos nossos excelentes guardiões da paz, cumprem o papel que Deus pretendia para eles, mantendo a nossa cidade segura. Assim como a praga dos mortos-vivos nasce da vontade de Deus, também assim é a resistência dos Negros. Esquadrões de Negros vacinados fazem sentido de um ponto de vista moral e científico. Estou confiante que esta experiência também demonstrará que o Ato de Reeducação de Negros e Nativos é totalmente desnecessário. As cidades são seguras, os territórios controlados são em grande parte seguros... Por que é que os nossos cidadãos deveriam pagar para educar rapazes e garotas de cor para

fazerem um trabalho para o qual já estão biologicamente equipados? E quando o nosso estimado prefeito estiver no Distrito, depois de ser eleito senador... — o professor faz uma pausa para aplausos do Sobreviventes à frente — … eu tenho certeza que ele vai fazer todos os cidadãos de Baltimore orgulhosos por ajudar na revogação da ARNN.

O professor sorri um pouco e inclina a cabeça na direção do prefeito e do homem sentado ao seu lado. O Velho Blunderbuss, como os jornais chamam o prefeito Carr, foi quem estabeleceu os esquadrões Negros de Baltimore alguns anos atrás, logo depois de eu ter chegado à Srta. Preston. Antes de ele ser eleito, os esquadrões tinham sido mistos, mas agora poucos brancos servem em qualquer coisa além de papéis de comando. Suponho que teria sido uma jogada controversa se não tivesse sido tão bem sucedida. Como a mainha disse uma vez: "manter a paz neste país não é assim tão difícil, desde que ninguém importante morra."

Não vou muito com a cara deste professor fanfarrão. Tenho a sensação de que a pesquisa dele é menos sobre ciência e mais sobre a próxima candidatura do prefeito ao Senado.

O homem gesticula para o pobre e burro Othello que não deixou o seu lugar perto da jaula, e eu não consigo mais segurar a minha língua. Os estudantes Negros à nossa frente não parecem interessados em dizer algo, e eu não posso deixar um homem cometer suicídio, mesmo que seja em nome da ciência.

Eu pulo para os meus pés e limpo a garganta.

— Com licença, professor Ghering?

Todos viram-se nos seus assentos, e algumas das senhoras mais perto da frente arquejam, embora eu não saiba dizer se foi por causa do meu terrível penteado ou porque me atrevi a interromper. Seja

como for, tenho a atenção de todos.

Uma coisa sobre mim é que não sou muito boa em saber quando manter a minha tola boca fechada. O professor vira-se para mim, ajustando os óculos.

— Sim, hm, senhorita?

Aceno e sorrio largamente.

— Olá, professor. Meu nome é Jane McKeene, e sou estudante da Escola de Combate da Srta. Preston. Antes de começarmos com as mordidas, só queria agradecer ao senhor por nos ter convidado para a sua prezada palestra. É uma honra.

A expressão cautelosa do professor desaparece, e ele me dá um sorriso bondoso.

— Bem, sim, é claro. Vocês moças de cor fazem parte do futuro da nossa grande nação, e é vital para todos os Negros compreenderem como são importantes na luta para salvar a humanidade. É também por isso que convidamos os seus acadêmicos e líderes Negros para testemunharem uma experiência tão monumental.

— Ah, claro, professor. Definitivamente. — Quase me engasgo com as palavras, porque os homens da fila à minha frente parecem muito desconfortáveis. Eles sabem que esta palestra é uma farsa tanto quanto eu, mas nenhum deles está disposto a levantar-se e perder a mínima posição que têm frente ao prefeito. Líderes eles não são.

Engulo em seco, o meu coração batendo na minha garganta.

— Agora, eu só tenho uma pergunta, e eu estava esperando que você respondesse antes de chegar à sua demonstração.

Ao meu lado, Katherine agarra o meu braço e tenta me puxar para baixo, sibilando baixinho para mim. Os acadêmicos Negros à minha frente também estão murmurando, dizendo coisas não muito

simpáticas sobre mim. Eu os ignoro.

O professor ri.

— Pois vá em frente.

— Bem, veja, no caso, por mais improvável que seja, de a sua vacina não ter o efeito desejado, e o Othello ali se transformar, eu estava pensando qual é o seu plano de contingência. O senhor tomou a vacina?

— Ah, certamente que não, — diz o professor, a sua cara já mal-humorada passando para um tom carmesim.

— Ah. Bem, senhor, isso é um problema. Veja, os errantes são muito fortes quando se transformam, e não consigo deixar de reparar que não há ninguém pronto para abater o grandalhão. Sabe que ele irá atrás de você primeiro, não sabe?

A multidão se move desconfortavelmente, e o professor força um riso seco. Ao meu lado, Katherine sussurra:

— Sente-se, Jane! — enquanto algumas das senhoras na galeria exclamam sobre a grosseria desta nova seleção de Negros.

Isto foi uma péssima ideia. Esta é a pior ideia da longa e histórica história de ideias terríveis, bem no topo, ao lado de Júlio César marchar até o Senado romano, quando sabia que todos o queriam morto. Por que fui abrir a boca? Por que é que eu não aprendo a tomar conta do meu lugar apenas, como a Srta. Anderson está sempre explicando? Por um momento a minha bravura vacila. Talvez deva me sentar e deixar Othello ao seu destino.

Mas, ao longo da parede, uma das garotas me chama a atenção e assente levemente. Eu a conheço. O nome dela é Maisie Carpenter. Ela estava no último ano da Srta. Preston quando eu estava no meu primeiro. A sua aprovação silenciosa me aquece.

— Srta. McKeene... — o professor começa, mas é interrompido pelo próprio prefeito Carr colocando-se de pé.

— Menina, — ele começa, na sua voz de político condescendente, — a sua preocupação com os seus superiores é um ponto para o bom treino que recebeu da Srta. Preston. Mas pode ter certeza de que esta demonstração vai correr como esperado. Ou seja, aqui o nosso bom homem Othello só vai sentir um pouco de desconforto por causa da mordida do errante. Não há nada que eu valorize mais do que a segurança dos bons cidadãos desta bela cidade, e o trabalho do professor Ghering é um testemunho da visão do partido Sobrevivente e do futuro destes estados americanos. São homens da ciência como ele, e bravos patriotas como Othello, que restaurarão esta nação à sua antiga glória. — O prefeito abre um sorriso largo, e há um estrondo de aplausos em resposta ao seu discurso. Então ele faz um movimento com a mão para dispersar o assunto. — Agora, por que não se senta? Com todo o respeito pela Srta. Preston, este não é o seu lugar.

Suas palavras são brandas; seu tom, não. E o que ele diz liberta uma memória enterrada há muito tempo. Sem mais nem menos, já não estou na sala de conferências, mas na Plantação Rose Hill, observando o major retirar lentamente o chicote de cavalo do seu gancho.

Este não é o seu lugar, garota. Corra para dentro antes que seja a próxima.

Eu pisco. É aqui que eu guardo minhas fichas. Nunca que eu conseguiria debater com o Velho Bundão, especialmente agora que o meu momento passou. Afinal, ele é um mentiroso profissional. Posso ser boa, mas não sou política.

— Bem, senhor prefeito, isso é um alívio. — Forço um sorriso trêmulo e faço uma reverência antes de voltar para a minha cadeira.

— Você é tão indecente às vezes, — Katherine sussura ao meu lado. — Honestamente, Jane, não sei porque sequer tenta com a Srta. Preston. Qualquer um pode ver que você nunca conseguirá ser uma Atendente de uma senhora. Pode imaginar...

— Aquele grande idiota ali em cima está prestes a ser transformado num errante, e toda essa gente vai deixar isso acontecer, — sussurro brevemente. — Acha mesmo que posso ficar sentada e não dizer nada?

— Se o Professor Ghering diz...

— O professor Ghering acabou de dizer que você não passa de gado. Vai mesmo confiar nas palavras daquele homem?

Isso a cala e eu volto a minha atenção para o palco.

O professor marcha até onde Othello está ao lado da jaula, um grande sorriso no rosto do acadêmico. Othello não está sorrindo. Ele parece aterrorizado. Reconsiderações e coisas assim.

— Agora, vá em frente e coloque sua mão na jaula, — diz o professor. Alguém na plateia tosse, e a multidão está tão quieta que ecoa como um tiro.

Othello fica ali parado, passando o peso de um pé para o outro. Ele olha para os errantes, e de volta para o professor, que limpa a garganta e gesticula em direção à jaula. Os errantes estão alcançando através das barras, seus rostos pressionados nos espaços entre elas, suas bocas abertas.

— Vá em frente, Othello. Não há nada a temer. — Sua voz é gentil e confiante. Othello vira-se para a multidão, e por um momento acho que ele vai finalmente pôr um fim a isto, andar para longe e

viver o tempo que lhe resta neste mundo.

É então que os ombros dele caem e ele estica o braço.

Eles estão em cima dele antes que ele possa colocar mais do que os dedos dentro da jaula. Um deles agarra a mão dele e puxa-o para mais perto, mordendo-lhe o braço como se fosse uma baqueta. O grito de dor de Othello ecoa através do auditório, e nas fileiras à nossa frente algumas das senhoras começam a ofegar. As garotas vão para elas imediatamente, passando sais olfativos debaixo dos narizes delas e escoltando-as para fora, praticamente carregadas. Fico triste de ver que Maisie Carpenter está entre elas. Ela era uma boa atiradora. Seria bom tê-la aqui quando tudo der errado.

No palco, o professor e outro homem estão puxando Othello de volta da jaula e colocando-o na cadeira solitária do palco. Os errantes estão frenéticos agora que sentiram o gosto de carne fresca. Eles farejam o ar, os seus olhos amarelos escaneando a multidão à procura da sua próxima refeição. Alguém devia subir ao palco e abatê-los, mas ninguém está prestando atenção aos mortos enjaulados. Ao invés disso, a atenção de todos está em Othello, inclinado para trás na cadeira, ofegando como um homem que acaba de correr uma maratona.

— Kate... — eu começo.

— Jane, não sei porque insiste em chamar-me por esse apelido ridículo, mas se já lhe disse um milhão de vezes eu já lhe disse um milhão...

— Olhe para o palco, Kate. Olhe para o Othello. — O olhar dela encontra-se com o meu.

— Ele vai se transformar.

O professor Ghering dirige-se à multidão. Seu sorriso bondoso é

menos seguro agora, e as pessoas na platéia estão começando a falar entre si, com preocupação crescente como a maré.

— Por favor, acalmem-se. Othello não está afetado, mas mesmo que algo corra mal, a pesquisa mostrou que uma pessoa viva mordida por um errante levará no mínimo meia hora para se transformar. Se todos verificarmos os nossos relógios de bolso...

— Receio que essa estimativa esteja incorreta, professor. — A Srta. Duncan levanta-se, a voz dela ecoando em alto e bom tom para o resto da audiência. É a mesma voz que nos guiou em inúmeros exercícios, e todos param de falar. — Eu sei que provavelmente já passou algum tempo desde que vocês da cidade testemunharam uma transformação, mas aqueles que foram mordidos podem e irão mudar imediatamente. A regra dos trinta minutos está ultrapassada e foi sumariamente refutada pelo Sr. Pasteur na França. Recomendo que evacuemos agora, antes que tenhamos uma catástrofe nas nossas mãos.

O professor abre a boca, mas antes de poder falar, um rugido baixo vem da parte de trás do palco. Othello está atrás do bom professor. Os olhos dele são amarelos. Saliva escorre da boca dele e os lábios estão erguidos num rosnar feroz.

Ele salta.

Gritos de alarme ecoam por todo o auditório. Na jaula, os outros errantes estão enlouquecendo, atirando-se contra as grades numa tentativa de obter uma mordida também. As pessoas entram em pânico como uma manada de gado assustado, homens e mulheres a empurrarem-se uns contra os outros para saírem da sala de conferências. Ninguém nunca mantém a cabeça fria quando os errantes estão por perto.

— Moças. — Colocamo-nos de pé com o gentil chamado da Srta. Duncan. — Katherine, vá para fora e veja se consegue um rifle de um dos homens que deviam estar guardando a porta. Jane, pegue a arma debaixo das suas saias e abata esses errantes.

Abro a boca para negar a posse, mas a Srta. Duncan me dá um olhar severo.

— Agora não, Jane. Discutiremos a sua arma escondida mais tarde, além do seu acesso altamente impróprio. Garotas, — diz ela, voltando-se para as mais jovens, algumas das quais estão chorando. Elas provavelmente nunca nem viram um errante ir atrás de um homem como Othello vai atrás do professor. Ou se já viram, o acontecimento deve estar despertando algumas memórias muito desagradáveis. — Precisamos manter a calma e escoltar estas boas pessoas para fora do edifício antes que pisem umas às outras. Jane, pode chamar a atenção deles?

Assinto, alcançando debaixo das saias e puxando de lá o revólver. Disparo um tiro no ar, e o som é suficiente para assustar as pessoas por um momento.

— Senhoras e senhores, — eu digo. — Peço que sigam as garotas da Srta. Preston para fora do salão, temos a situação sob controle.

Essa última parte é uma mentira, mas a mentira mais fácil de contar é aquela em que as pessoas querem acreditar. Apesar de um homem estar sendo devorado no palco, elas ainda estão mais preocupadas com as suas próprias vidas. Elas começam a enfileirar-se rapidamente, mas muito mais calmamente, o professor, agora, esquecido.

É um mundo terrivelmente cruel. E as pessoas são a pior parte.

E eu ouso dizer que você ficaria incrivelmente impressionada com as minhas habilidades de tiro ao alvo. Eu sou ótima atirando, bem mais que as outras garotas, e isso não é presunção minha. Eu frequentemente me pergunto se isso não pode ser em parte devido a sua tutelagem em Rose Hill.

Capítulo 6

No Qual Abre-se o Inferno na Terra

Empurro a multidão para abrir caminho até a frente do salão, onde Othello está quase se satisfazendo do professor. Ghering ainda está vivo, de certa forma, mas antes de acabar com o sofrimento dele, tenho de acabar com Othello.

Na *Srta. Preston* já matei mortos o suficiente para me garantir uma vida inteira de pesadelos. O truque é não pensar neles como pessoas normais. Quando você faz isso, suas emoções ficam confusas. Você começa a se perguntar se é certo ou errado e que tipo de pessoa tira vidas, seja qual for o tipo de existência que eles têm. Seu cérebro começa a criar dúvidas, e essas dúvidas podem acabar com você morrendo.

Mas quando você pensa nos errantes como coisas, como criaturas irracionais que precisam ser abatidas para que possamos viver, matá-los torna-se muito mais fácil. O fazendeiro não chora por matar um porco.

Então é nisso que eu penso quando mato os errantes. Não em quem eles poderiam ter sido em vida ou em que tipo de vida existe depois da morte, mas em como eles não estarem aqui deixa as pessoas com quem me importo mais seguras, e em como cada corpo me deixa mais perto de voltar para casa, para mainha e à Rose Hill Plantation.

Para Othello, o fim dele me coloca a um passo do meu começo. Nem sequer hesito quando ponho a bala em sua cabeça. A esta distância do palco, é um tiro fácil.

Resumindo, o resultado é uma bagunça.

Subo as escadas até ao palco e olho para o professor Ghering. Ele

está uma desgraça. Sua garganta já se foi e o colete está encharcado de sangue. Ele não está respirando, e a maioria das pessoas normalmente presumiria que isso significa que ele não se levantará outra vez. Mas eu sei a realidade. O meu tempo na Srta. Preston ensinou-me algumas coisas. Em toda a minha matança de mortos, esta é a primeira vez que fico por cima de um homem que achei que merecia.

— Não lamento que isso lhe tenha acontecido. Com o orgulho de um tolo vem a desgraça. Ou algo assim. — Não sei de que serve dizer "eu avisei" a um homem morto, mas me sinto um pouco melhor, especialmente depois de ter sido humilhada por ousar falar. Atiro no professor Ghering entre os olhos, assim como fiz com Othello, e, então, mais uma vez, porque ver um homem tão casualmente voltado para a causa de um fanfarrão me deixou irritada. Estou prestes a guardar o revólver quando ouço um rosnado baixo atrás de mim.

O problema das jaulas de errantes é que elas não foram feitas para prender nada a longo prazo. Quando monta essas armadilhas, é preciso se esconder por perto, para poder abater os mortos na hora. Infelizmente, o professor Ghering e os seus amigos Sobreviventes se achavam mais espertos do que a patrulha.

Não me surpreende quando a fechadura de ferro finalmente se quebra, libertando três errantes loucos por sangue.

O que resta da multidão em saída fica frenética. As pessoas mais próximas do palco gritam com alarme e começam a se empurrar. O pavor delas chama a atenção dos errantes, e um deles pula da plataforma alta, caindo bem em cima de um dos assentos.

Eu sou ainda mais rápida para sacar a arma, e, uma vez que determino a posição do errante, eu o abato com um tiro na cabeça. Mas a multidão já está assustada. Não tenho tempo para me

preocupar com um bando de almofadinhas correndo por suas vidas.

Os errantes não são como as pessoas normais, mas têm uma estranha capacidade de reconhecer uma ameaça quando a veem. Matar o companheiro de caça deles fez de mim um alvo, e, quando os dois restantes se viram para mim, suas bocas abertas num rosnado esfomeado, eu sei que estou em apuros.

Eles me perseguem através do palco. Por dentro, o meu coração está batendo com força, o meu sangue ecoando nos meus ouvidos, enquanto a resposta ao medo me manda *correr correr correr*. Mas não sou nenhuma covarde. Ainda tenho dois tiros. Só preciso fazer valerem a pena.

Alinho a mira no maior errante e aperto o gatilho. O revólver recua, fumaça enche o ar. Ele cai e eu miro na última. Ela abre a boca bem grande, rosnando baixo pela garganta. Ela morreu recentemente, por isso não tem a saliva escurecida que tantos dos mais velhos têm. Mesmo assim, baba escorre pelo seu queixo e pela frente do vestido calico. Tenho pena dela. Ela não era rica em vida, suas roupas dão uma falsa impressão de sua real pobreza, e até sua morte tem sido degradante. Transformada em uma errante, trancada em uma jaula, exposta em um palco. Não é final digno de ninguém.

Penso em tudo isto nos poucos batimentos cardíacos entre alinhar o meu tiro e puxar o gatilho.

Click. Vazio.

Rapidamente conto os meus tiros. Um em Othello. Dois no professor. Um no que pulou, e outro no outro homem. São só cinco.

E um no ar para chamar a atenção de todos, Jane, sua idiota.

A errante não espera eu descobrir o que aconteceu minha última bala. Ela salta na minha direção, um borrão assassino em rota de

colisão com um desastre. Eu xingo, mas apenas baixinho, porque a Atendente de uma senhora nunca pragueja em voz alta, e me preparo para o impacto.

Um tiro reverbera, e eu viro-me para ver uma Atendente no meio do corredor, com as mãos trêmulas. Atrás dela está uma montanha de crinolina e renda. A senhora da Atendente desmaiou, e a servente da mulher está tentando arrastá-la ou acordá-la com os sais olfativos enquanto a Atendente provoca uma distração.

Infelizmente a Atendente está fornecendo o tipo errado do espetáculo, porque a errante se espreita para fora do palco e vai atrás do trio no corredor. Eu me lanço atrás dela.

A errante corre caminho acima em direção à mulher caída, que eu vejo agora que é a mulher do prefeito. A servente olha para cima, com os olhos redondos como pires, enquanto a errante se atira em cima dela.

— Dispare! — eu grito para a Atendente no corredor, mas ela deixa cair a arma e foge, a garota com os sais olfativos logo atrás. Desnecessário dizer que nenhuma das duas era uma garota da Srta. Preston.

— Mas que inferno, — eu grito, dessa vez não conseguindo controlar a minha língua. A errante está perto o suficiente da Sra. Carr para lhe arrancar uma boa dentada, e eu decido fazer a coisa mais estúpida de todas.

Minha mãe mandou eu escolher você, errante.

Atiro-me à mulher morta, agarrando-a com uma mão pelo tornozelo. Ela cai, de barriga para baixo, a poucos centímetros da mulher inconsciente. A errante chuta, o salto dela pegando na minha boca e cortando o meu lábio. Eu resmungo e o meu punho escorrega.

Ela tenta se arrastar para a Sra. Carr, e eu agarro o tornozelo da errante novamente com as duas mãos e puxo-a para trás, gemendo enquanto coloco-me de pé.

A mulher morta solta um som entre a frustração e a fúria. Ela se vira, atirando-se para cima de mim. A mulher é mais rápida do que eu esperava e dou um passo cambaleante para trás. Os meus pés enrolam-se nas minhas saias e eu caio, a errante me seguindo.

Eu levanto as mãos, usando os antebraços para bloquear o peso do tronco dela antes que ela possa arrancar uma dentada do meu rosto. Ela tenta me arranhar enquanto eu a seguro, as minhas mãos firmes à volta da garganta dela. Eu a empurro para longe, firmando os cotovelos e escondendo a cara no ombro, tentando evitar as mãos dela. Ela puxa a aba do chapéu de Katherine, mais interessada em puxar o meu rosto aos seus dentes do que em libertar a si mesma. Ainda estou tentando descobrir como tirá-la de cima de mim quando há um estrondo alto e algo frio e molhado cai na minha cara.

A errante fica imóvel e eu a empurro para o lado, levantando-me enquanto limpo o sangue e miolos de errante da minha bochecha. Olho à minha volta para ver quem salvou a minha pele, e encontro os olhos do homem mais excepcional que já vi.

Ele está no fundo do salão, com uma espingarda na mão. O cabelo escuro e liso vai até o queixo, o maxilar quadrado, a pele marrom escura como a minha. Ele usa uma roupa estranha, um tipo de calças de lona que nunca vi antes com uma camisa xadrez. O meu queixo cai, parte em choque e parte por pura má educação. Não tenho orgulho em admitir que estou o encarando enquanto ele me observa. Mas a culpa não é toda minha. Nunca vi um índio antes.

Claro que eu li histórias sobre eles nos jornais semanais: "O Filho

do Chefe", "Esposa da Planície", e o meu favorito, "Dois Bravos de Yellow Rock", que é uma história sobre dois irmãos Cherokee, um que escolhe o caminho do homem branco e o outro que se torna o chefe de sua tribo. Mainha adorava essas histórias, e quando o jornal chegava nós líamos juntas, maravilhadas pelas histórias de uma fronteira intocada pela praga dos mortos inquietos.

Mainha costumava dizer que o Índio estava ainda pior do que o Negro, porque em vez de ser tirado da sua terra, ele teve sua terra tirada dele. O homem olha para mim através da audiência, assim como eu estou encarando o rapaz que salvou a minha vida. Mas depois o índio faz uma careta para mim, como se eu fosse a coisa mais repugnante que ele já viu, vira-se e sai da sala de conferências.

Bem.

Katherine aparece correndo, com um revólver na mão, ofegando e bufando enquanto tenta respirar.

Eu olho para ela.

— Onde você estava?

— Tive que correr até o fim da rua para encontrar aqueles idiotas. Ainda estavam atrás do errante que você os mandou seguir. — Katherine olha para mim e franze as sobrancelhas. — O que aconteceu com o meu chapéu?

Eu não respondo. Simplesmente o tiro da cabeça, entrego-o a ela, e vou procurar a Srta. Duncan.

Já tive educação superior suficiente para uma vida inteira.

Algumas das garotas daqui parecem encontrar todo o tipo de travessuras, sempre levando sermões da diretora.

Ficará feliz de saber que não sou uma delas.

Capítulo 7

No Qual Recebo Tanto Convites Esperados Quanto Inesperados.

Alguém me sacode para me acordar. Abro um olho, reparo na luz cinzenta pálida que filtra através das barras das janelas, e resmungo.

— É bom que esteja me acordando por um motivo.

— Vamos — uma voz diz na escuridão. É a Katherine. Ela se afasta, e eu me levanto relutantemente para o nosso quarto dia consecutivo de serviço de casa.

Depois de abatermos todos os errantes, o prefeito Carr teve a gentileza de nos deixar usar a sua carruagem pessoal para voltar para a escola. Suponho que esta generosidade veio por eu ter salvo a mulher dele. O motor ressoou pelo crepúsculo, movendo-se pela estrada muito mais rapidamente do que as carruagens alugadas que nos levaram para Baltimore. A máquina a vapor era silenciosa como um sussuro, o assobio baixo o suficiente para não atrair um único errante da floresta ao redor. Os assentos também eram mais confortáveis, e o interior grande o suficiente para caber todos nós em um banco. Não acho que os contribuintes ficariam muito felizes em ouvir que o homem que elegeram viaja em um luxo incomparável enquanto eles são forçados a andar em barris empurrados por motores velhos e barulhentos.

Quando chegamos, a Srta. Duncan nos levou direto ao escritório da Srta. Preston. De início, pensei que íamos receber uma faixa ou algo desse tipo pela nossa conduta valente. O que recebemos foi outro sermão.

— Estou surpresa com vocês, meninas. — A Srta. Preston bocejou, provavelmente pela hora tardia. — Sabem bem que não é certo andar por aí usando espartilhos e carregando armas de fogo. Estão no seu último ano! Espero melhor de alunas tão perto da graduação.

— Srta. Preston — eu disse, levantando a mão. — Posso ao menos dizer como estou verdadeiramente arrependida da minha conduta? Compreendo que é desapontador saber que uma garota possa ter o costume de prender um revólver à coxa antes de participar de um evento educativo. No entanto, sem o meu revólver, aqueles errantes poderiam ter transformado facilmente metade das pessoas naquele salão. Usar um espartilho é uma transgressão muito mais deplorável. Afinal de contas, as amarras do espartilho limitam o movimento, e não ser capaz de respirar adequadamente pode ser a diferença entre a vida e a morte para quem o veste.

Conseguia sentir o olhar penetrante de Katherine para mim enquanto a oferecia no meu lugar na esperança de salvar a minha própria pele, e tenho certeza de que ao final ela tinha fumaça saindo pelos ouvidos. Um pequeno preço a se pagar para evitar a chibata. Mas a Srta. Preston não caiu no meu jogo.

— Jane, compreendo o seu ponto de vista, mas heroísmo significa pouco quando depende da ilegalidade. E não pense que a Srta. Duncan não me informou do seu escândalo durante a palestra. Existem regras nesse mundo, e elas são a única coisa que nos separa dos morto-vivos. Estes não são mais os dias selvagens dos Anos de Discórdia, quando a anarquia reinava. Esperamos que se mantenham a um nível mais elevado na sociedade civilizada. Não, as suas escolhas foram tão infelizes quanto as de Katherine. Vocês duas podem se

preparar para apanhar de correia amanhã depois do café da manhã.

A Srta. Duncan limpou a garganta e a Srta. Preston deu um suspiro.

— Sim, Amelia.

— Diretora, se não é pedir muito, talvez as meninas possam receber serviços de casa em vez da correia? Sei que o comportamento delas foi espantoso, mas detestaria que perdessem os exercícios desta semana porque estão de cama. As garotas do primeiro ano estão aprendendo a usar a foice esta semana, e preciso que Katherine e Jane ajudem a instruí-las. Além disso, penso que se deve reconhecer que, sem elas, esta noite poderia certamente ter acabado em tragédia. Sei que o prefeito Carr é um amigo seu, e até ele insistiu que as garotas fizeram um trabalho notável.

A última parte foi uma pequena invenção por parte da Srta. Duncan. O que o prefeito realmente disse foi: "É bom saber que podemos depender dos Negros para fazerem a sua parte." O tom dele era quase de um insulto.

Na minha opinião, nem o prefeito nem nenhuma destas pessoas levavam a situação a sério como deveriam. Até onde o prefeito sabe, pode haver outro professor trazendo mortos para os limites da cidade para fazer experiências com eles. Quem sabe quanto tempo vai demorar até voltarmos aos dias sombrios da Guerra Contra os Mortos?

Independente de tudo isso, no final a Katherine e eu fomos salvas do castigo corporal e, ao invés disso, fomos colocadas no serviço de casa por duas semanas. O trabalho doméstico não é assim tão ruim, e não tenho vergonha de dizer que não é a primeira vez que faço isso. Era um castigo padrão sempre que uma garota fazia algo de

errado. Notas ruins, preguiça, uma má atitude geral? A Srta. Preston era convicta de que a melhor maneira de corrigir uma mínima má conduta era um pouco de trabalho pesado, e o trabalho doméstico era o mais duro.

Então, Katherine e eu passamos o nosso tempo livre polindo prata, limpando corrimões, batendo tapetes, e uma dúzia de outras tarefas atribuídas aleatoriamente. Nós levantamos cedo e nos arrastamos para a cozinha, para comer o mingau frio que a cozinheira nos dava com um ar carrancudo. Depois começamos as nossas tarefas duas horas antes da aula, voltando depois do jantar para ajudar a Cozinheira esfregar as panelas e frigideiras do dia, antes de irmos para a cama.

Durante três dias seguidos, Katherine recusou-se a falar um pio. No quarto dia, no entanto, ela fala.

— Seu amigo está aqui.

Nem sequer olho para cima. Estamos de joelhos, esfregando o chão de mármore na parte de trás do edifício principal. É uma das tarefas preferidas da Srta. Preston. Algum tempo antes da escola ser apropriada pela Srta. Preston, alguma pobre alma foi morta aqui, o seu sangue infiltrando-se na pedra. Teria sido mais fácil remover os azulejos manchados, mas o mármore é caro e difícil de encontrar. Então, em vez disso, esfregamos, tentando apagar os últimos sinais de vida de um pobre coitado.

Esta é a quinquagésima vez que tive que esfregar este mesmo chão durante os três anos que estive na Srta. Preston, então já estou bem familiarizada com ele. A mancha cor de ferrugem não vai sair, mas esfregar não é a pior maneira de se passar uma tarde. O hall de entrada é fresco graças ao mármore e os sons das meninas lá fora

treinando chegam através das janelas abertas.

— Jane!

— Hum?

Katherine aponta o queixo para uma das janelas grandes.

— Seu amigo, o delinquente, está aqui. E você sabe que isso é contra as regras.

Olho na direção que ela apontou e, entrando por uma das janelas abertas, está Red Jack, em perfeito estado com seu colete amarelo. Seu chapéu coco também é novo, e ele apresenta uma imagem elegante.

Endireito-me, mas não fico de pé, ajoelhada com as mãos nos quadris.

— O que está fazendo aqui?

— Você não apareceu na bodega no domingo. Disse que me daria um pouco do seu docinho. — Ele diz isso com um piscar de olho que deixa bem claro que ele está sendo impróprio.

— Eu esqueci, Jackson. E não ia te dar nada além de uma facada.

— Enfim, ouvi falar da sua façanha, então imaginei que, como de costume, a Jane McKeene estaria em maus lençóis com a diretora. Olá, — diz o Jackson, tirando o chapéu para Katherine.

Ela franze o cenho e coloca-se de pé.

— Vou buscar a Srta. Anderson. — Eu a seguro pela saia.

— Não se quiser manter esse seu cabelo bonito, não vai. — Katherine estreita os olhos.

— Está me ameaçando, Jane?

— Nunca. Eu não faço ameaças.

Ela olha de mim para Jackson uma última vez antes de ir a passos pesados para o corredor.

Deixo cair a escova do esfregão no meu balde e subo aos meus

pés.

— Não é uma boa hora, Jackson. Me dê seja lá o que for que você mencionou em Baltimore e vá embora.

Ele levanta os ombros.

— Não quero saber. E não estou aqui por isso. Você me deve uma e estou aqui para cobrar.

— Devo a você? Desde quando eu te devo qualquer coisa?

— River Bend. Dois meses atrás. Salvei a sua vida.

— Você quase me matou! — grito.

O eco das vozes no corredor chega até nós. Pelo menos duas mulheres, provavelmente Katherine e a Srta. Anderson. Claro que aquela Jezebel amarela foi me dedurar. A garota entregaria Jesus aos romanos.

Suspiro, agarrando Red Jack pelo braço e arrastando-o de volta para a janela.

— Escute aqui, mestiço, e preste atenção. Essa não é uma boa hora. Não sei o que você acha que te devo, ou por quê, mas resolveremos isso mais tarde. Você tem que ir embora. Se me meter em problema mais uma vez, terei de lidar com a correia ou ser expulsa. Já estou em liberdade condicional, e ser pega contigo não vai ajudar o meu caso.

Red Jack solta o braço da minha mão e ajusta o chapéu.

— Lily está desaparecida — diz ele, sua voz baixa e sufocada.

Isso pausa a minha raiva. Lily é a irmã mais nova de Jackson, doce como açúcar e tão bonita como um dia de verão. Não há ninguém com quem ele se importe mais do que ela.

— Bem, ela não pode ter ido muito longe. Eu a vi no mesmo dia em que nos encontramos em Baltimore. Ela e a Sra. Spencer nos

trouxeram limonada.

— Sim, ainda estão deixando ela ficar com eles, Deus os abençoe. Mas todos eles desapareceram.

— Talvez tenham viajado? A família da Sra. Spencer é de Delaware. Quem sabe não foram visitar?

— Não pode ser isso. A Laverne teve um bebé há dois meses.

As pessoas raramente desaparecem assim. A não ser…

— Errantes? — pergunto, tentando ser tão delicada quando posso ser.

Ele balança a cabeça.

— Não. Há meses que não se reportam ataques. E não reparei em sangue quando passei por lá. Teria encontrado algum sinal deles se fossem os mortos. Não há... nada.

Respiro fundo e deixo o ar sair lentamente.

— Então, você quer que eu dê uma olhada e veja se encontro algo que deixou passar?

— Você é a pessoa mais inteligente que conheço, Jane, e não estou dizendo isso só para te convencer a me ajudar. Se me escapou alguma coisa, algum sinal do que aconteceu com eles, sei que é a pessoa certa para encontrá-lo.

Um ano atrás, eu teria assumido que foi trabalho dos errantes e deixado isso para lá. Mas se o que Red Jack diz é verdade, parece um mistério. Estico a mão debaixo da camisa e passo o polegar por cima da moeda da sorte. Não há frio nem brilho, então o meu amuleto da sorte não ajuda em nada desta vez.

Red Jack me observa, mas não diz nada, a cara dele tem um meio sorriso agradável que pode facilmente significar que ele está sonhando com uma bela história ou planejando roubar o relógio de

alguém. Essa é a expressão preocupada dele, o que me deixa ainda mais aflita.

— Está bem, vou te ajudar.

Ele abre um sorriso largo.

— Boa garota. Tem alguma carta para eu enviar?

Eu tiro o envelope do bolso escondido que costurei na bainha do meu vestido da manhã. Não devemos mandar cartas para casa, porque a Srta. Preston diz que é uma distração dos nossos estudos. Mas posso sempre contar com Jackson para contrabandear algo para o correio por mim.

— Tem alguma carta para mim?

Jackson balança a cabeça.

— Não. Mas não se preocupe. Tenho certeza que sua mãe só está ocupada. — Por um ano inteiro? Pouco provável. Eu entrego a carta para ele e ele a guarda no bolso do peito. A expressão do Jackson suaviza.

— Obrigado por aceitar me ajudar.

Assinto.

— Só para com essa bobagem de "eu te devo". Ou nós somos amigos ou não somos, Jackson. E amigos não contam pontos.

— Ah, Jane. Claramente você não tem muitos amigos.

Antes que eu possa rosnar uma resposta, Red Jack tira o chapéu, joga algo para eu apanhar no ar, e desliza para fora da janela, assim como ele entrou.

Abaixo os olhos para o que ele jogou para mim. É um livro novo: *Tom Sawyer*, por um cara chamado Mark Twain. Enfio-o no meu bolso escondido e depois abotoo a coisa por segurança.

— Vou com você.

Eu me viro. As mãos da Katherine estão nos quadris dela e ela parece estar pronta para brigar. Surpreendentemente, a Srta. Anderson não está em lugar nenhum. Talvez ela não tenha me dedurado.

Não significa que vou levá-la comigo nas minhas aventuras noturnas.

— Não estou indo a lugar nenhum, Kate. Já acabou com este piso? Vou ver se a Srta. Preston tem mais alguma coisa para nós antes de ir me lavar.

— Pare de me chamar de Kate. Detesto esse apelido. E não minta para mim. Vai sair escondida essa noite com aquele rapaz para visitar a fazenda dos Spencers, e eu irei com você.

Que bisbilhoteira mais sorrateira

— Por quê?

— Os meus motivos são apenas da minha conta. — Ela funga, tão arrogante como sempre.

— Vai ter que fazer melhor do que isso.

— Tudo bem, — ela bufa. — Os Spencers são boas pessoas. Se algo aconteceu a eles, quero descobrir. Além disso, minha ajuda pode ser útil se tiver algum problema. Aquele tal de Jackson não parece ser muito confiável numa luta.

Abro a boca para protestar, mas ela ainda não acabou.

— Enfim, é o mínimo que pode fazer depois de ter destruído o meu chapéu.

Nesse exato instante uma sensação forte começa atrás do meu olho.

— Não destruí o seu chapéu. Como eu já te disse, foi aquele índio com a maldita espingarda.

Aquele homem intrigante com uma espingarda que me olhou com desdém. Ainda estou me perguntando como é que ele chegou lá, pronto para matar um errante quando eu mais precisava dele.

— Sério, Jane. Não devia praguejar. De qualquer forma, você ainda me deve. Pelo chapéu, e por manchar a minha reputação com a Srta. Preston. Além disso, não contei à Srta. Anderson sobre o seu namorado. Ou o livro que ele te trouxe. E ainda posso fazer isso.

Ela está certa. Tentar entregar a Katherine para salvar a minha própria pele não foi o meu melhor momento, e pensando bem nisso, sinto-me um pouco culpada. Além disso, agora ela tem um monte de podres meus. É do meu interesse me manter no lado bom dela. Se ela quer ir junto, aí é com ela.

— Está bem, mas me ouça e ouça bem. Se formos pegas, a punição será muito pior que trabalho doméstico. Vamos ter de lidar com a correia. Ou pior, seremos expulsas. Então tenha certeza que sabe pelo que está pedindo. Saíremos duas horas depois das luzes apagarem. Agora, podemos por favor jogar fora essa água suja e seguir com nossas vidas?

Katherine assente, e ambas seguramos um balde, enfiando-os de volta na cozinha. Estamos na metade do corredor quando a Katherine murmura:

— Então, sobre o seu namorado...

— Ele não é meu namorado.

— Mesmo? Porque ele parece o seu namorado, trazendo presentes para você e tudo o mais.

Eu me viro para olhar para ela, mas ela está séria. Ela realmente acha que isso que é um cortejo? Red Jack inspira apenas sentimos de assassinato em mim, não de amor. Não foi sempre assim, mas

Katherine não está perguntando de história antiga.

— Não, ele é um erro que não tenho intenção nenhuma de repetir.

— Ah. Estava só perguntando.

Eu a observo enquanto nós levamos nossos baldes pelo corredor. Katherine gosta do Jackson? Ela é bonita o suficiente, e o tipo do Jackson é qualquer uma com quem ele ache que tem uma chance. Ainda assim, o pensamento deles juntos é o bastante para me trazer imagens de violência. O ciúme é uma coisa terrível, e eu engulo a emoção o máximo que posso.

Considero avisá-la que dar uma chance ao Jackson é muito além de uma ideia horrível, mas decido economizar o meu tempo. Se alguém tivesse tentado me dizer há um ano que o Jack dos olhos azuis esverdeados quebraria o meu coração, eu não teria acreditado. É assim que é quando se gosta de alguém. O seu coração começa a pensar e o seu cérebro? Bem, ele é deixado de lado até que seja tarde demais.

Seja como for, Katherine pode descobrir que tipo de patife é o Jackson sozinha.

O meu único arrependimento de ter deixado Rose Hill com tanta pressa, há tantos anos, é que sinto que nunca cheguei a despedir direito de você, mainha. Sei como às vezes a senhora acha melhor guardar rancor. Espero que a sua falta de cartas não esteja ligada à sua irritação. É difícil pedir desculpas quando os quilômetros roubam todo o afeto.

Capítulo 8

No Qual Relato as Circunstâncias Envolvidas com a Minha Partida de Rose Hill Plantation

No dia em que os oficiais vieram buscar as crianças de Rose Hill Plantation, escondi-me na cozinha de verão com a Tia Aggie. Não foi a primeira vez que os homens brancos com as suas longas barbas e olhos estreitos chegaram a Rose Hill, levando todos os Negros e Negras para longe para serem educados. Mas foi a primeira vez em que era óbvio ao olho nu que eu estava na idade de ser jogada fora junto com o resto.

Então a mainha me agarrou pelo braço e arrastou-me pelos fundos da casa quando ouviu o barulho dos pôneis do governo adentrando o pátio da frente, o selo federal pintado ao lado das carruagens de metal movidas a vapor.

— Mantenha-a longe daqueles bastardos burocráticos. Mantenha-a segura — ela disse à Tia Aggie antes de sair para cumprimentar os oficiais que nos levariam à escola. Ela era, afinal de contas, a senhora da propriedade, e cabia a ela pagar por uma das melhores escolas de combate para suas cargas, se ela assim quisesse.

O governo chamava isso de investimento. Mainha chamava de extorsão.

Seja como for, mainha confiou à Tia Aggie para me esconder, para me manter na plantação de Rose Hill. Escondia-me todos os anos desde os 11, e agora aos 14 anos tinha mais do que idade suficiente para ser levada para uma das escolas do governo. A mainha não ia deixar isso acontecer.

A Tia Aggie tinha outras ideias.

— Jane, venha cá. — Eu fui, e ela me segurou próxima a ela, uma expressão tanto de tristeza quanto de aceitação atravessando suas características escuras. — Você tem de ir com os oficiais, menina.

— Mainha não quer que eu vá.

Eu também não queria muito ir. Havia um grande mundo assustador além dos limites de Rose Hill. Eu era ousada, mas não tão imprudente a ponto de pensar que havia algo que valia a pena do outro lado da cerca que mantinha os mortos de fora.

A Tia Aggie assentiu, como se tivesse ouvido os meus pensamentos.

— Sim, mas a sua mainha nem sempre faz o que é melhor para você. Às vezes, a sua mainha pode ser egoísta e esta é uma dessas vezes.

Eu sabia que o que a Tia Aggie dizia era a verdade. Testemunhei as crises de minha mãe em primeira mão.

— Mas se eu for, vou morrer — disse, minha voz meio chorona.

— Não, não vai, Jane. Não sabe que você é especial? Sua mainha não lhe disse isso?

Dei de ombros, porque a mainha realmente sempre me dizia que era uma menina especial. Mas eu não me sentia especial sempre. Na maior parte do tempo, só me sentia diferente. Afinal de contas, mais ninguém podia reivindicar a senhora da plantação como sua mãe e uma mão de campo desconhecida como seu pai.

— Venha cá, Jane. — Ela puxou-me para um abraço feroz. — Você é especial, menina.

— Como você sabe? — perguntei, minhas palavras abafadas pelos peitos abundantes dela.

A Tia Aggie riu, a voz rouca.

— Porque eu sei coisas. Sei que você tem um grande destino pela frente, tal como a sua mãe, e que Rose Hill já não é mais o seu lugar. Você tem que ir para o grande mundo e encontrar-se. E o grande mundo precisa de encontrar você. Há um monte de gente lá fora tentando descobrir que praga é essa, e ninguém conseguiu ainda. Na minha opinião, eles podem querer ideias novas.

Afastei-me do abraço e franzi a testa para Tia Aggie.

— Estar no mundo não me servirá de muito se eu for devorada pelos errantes.

Ela assentiu e pegou algo no bolso da saia.

— Foi por isso que te trouxe isto. A senhorita Fi-Fi fez para você.

Tia Aggie segurava um colar. Era bem simples, uma moeda com um buraco para poder ser pendurada num fio. Mas sabia muito bem que se a senhorita Fi-Fi estava envolvida, o colar era mais do que podia ser visto. A senhorita Fi-Fi era a mulher a quem você ia quando queria chamar a atenção de um moço bonito, ou quando suas regras estavam atrasadas, mas não queria ter um filho. Algumas pessoas chamavam a senhorita Fi-Fi de curandeira. A maioria não era tão gentil.

— A mainha não gosta de voodoo, — disse, mas ainda assim estendi a mão para pegar o colar. Nunca fui de recusar um presente, mesmo que pudesse ser amaldiçoado.

— Sua mainha não tem que saber. A senhorita Fi-Fi disse que você deveria usar isso o tempo todo, que ele vai te avisar quando houver perigo por perto. Agora apresse-se, coloque-o antes que os oficiais venham te buscar.

Peguei o colar e passei-o pela cabeça. A moeda assentou-se no espaço vazio do meu peito, o seu peso quente e reconfortante.

— Agora — disse a tia Aggie, beijando-me em cada bochecha —, vá lá fora e diga aquele homem que está pronta para ir para a escola.

A única desvantagem de estar na Srta. Preston *é o silêncio. É sempre tão calmo e seguro aqui, com a maioria de nós dando atenção a nada no mundo a não ser nossos estudos...*

Capítulo 9

No Qual Eu Tenho uma Cúmplice e Nós nos Escondemos nas Sombras

Já escapuli da Srta. Preston várias vezes. No começo era porque eu tinha saudades de casa, e era um conforto poder me deitar no gramado extenso e saber que estava sob a mesma grande lua que mainha e Tia Aggie lá em Kentucky. Eu me deitava na grama na minha camisola branca de segunda mão e encarava o céu, os rosnados e gemidos ocasionais dos errantes na cerca de barreira quase inaudíveis sobre o som do meu choro.

Mas isso não durou muito, e eu acabei saindo menos por ter saudades de casa e mais apenas por gostar da liberdade. Há algo sobre se esgueirar enquanto todo mundo está dormindo que você simplesmente não consegue descrever. Eventualmente, depois de alguns meses, fiquei entediada o bastante com as escapulidas para pular a cerca. Afinal, Tia Aggie tinha me mandado embora de Rose Hill para que eu pudesse ver o mundo inteiro, e isso significava algo além do mato da Srta. Preston.

Isso foi quando o Condado de Baltimore estava infestado de errantes, e às vezes eu os caçava no escuro, apenas outro monstro se esgueirando pelas sombras profundas. Outras vezes eu escalava uma árvore e observava as pessoas burras o suficiente para viajar de noite, seus sussurros muito altos, lerdas demais para reagir. Eu tentava ajudar, pulando da onde estava empoleirada e indo auxiliá-los como um anjo da guarda. Foi assim que conheci Red Jack, maldita sorte horrorosa. Na maioria dos dias eu penso que deveria ter deixado ele ser devorado.

Mas algumas vezes eu não conseguia ajudar as pessoas na estrada quando os errantes vinham. Eu não arriscava levar uma arma nessas excursões noturnas, e minhas foices curtas não eram tão rápidas. Haviam muitas noites em que pular pra emprestar meu aço levaria apenas à minha própria morte.

Essas noites eram as piores.

Minhas andanças noturnas na maioria das vezes terminavam bem, e eu aprendi muito com os errantes que eu observava. Eu percebi que eles preferem caçar em grupo, e que os mais velhos eram lentos enquanto os mais novos eram tão rápidos quanto uma pessoa normal. Eu descobri que eles não conseguiam alcançar um veado mas conseguiam derrubar um cachorro se tivessem tempo suficiente. Eu percebi que a visão deles não é tão boa quanto parece, mas que a audição é muito, muito melhor. Eu aprendi que eles não conseguem evitar se reunir numa horda, e que os mortos nunca estão solitários, que sua inclinação natural é ter vários amigos. E eu descobri que errantes não estão nunca, jamais satisfeitos. Estão sempre famintos. E logo quando você acha que está seguro, quando abaixa sua guarda... é quando eles te pegam.

Eu também aprendi a notar o olhar de um homem que foi mordido e o momento que a mudança toma conta, a forma como ele treme como se tivesse um resfriado e a forma como seus olhos começam a amarelar. Eu aprendi que posso ser cruel quando preciso ser, e que posso ser misericordiosa quando sou capaz. Eu aprendi que não há nada para se temer no escuro se for inteligente. E eu não tinha dúvidas de que era bastante esperta.

Mas independentemente do quanto minhas viagens noturnas possam ter me ensinado, ainda sou burra o suficiente para deixar

Katherine me acompanhar.

Uma garota esperta teria arranjado uma forma de manter Katherine na escola, a assustado com contos das matanças noturnas nas estradas, de errantes e bandidos e homens que espreitam nas sombras da noite, prontos para roubar a virtude de uma moça.

Uma garota inteligente teria a deixado para trás e sofrido a punição esperada quando Katherine contasse para a Srta. Preston sobre visitantes desautorizados e subsequentes escapadas de madrugada.

Mas sou uma garota estúpida, então meia-noite me encontro conduzindo Katherine pela porta lateral raramente usada da cozinha externa atrás do colégio. A porta não faz nenhum som quando a abro. É minha rota habitual, e as dobradiças estão bem lubrificadas. Isso, porém, não impede Katherine de soltar um gritinho.

— O que foi? — eu sussurro, irritada por não termos nem saído ainda e ela já estar trabalhando para nos fazer ser pegas.

— Algo passou pelo meu pé.

— Provavelmente só um rato. Agora se acalme antes que você acorde alguém.

Eu sigo direto em direção a uma construção abandonada na extremidade da propriedade. Costumava ser usada como casa para os escravos que os homens universitários possuíam, mas está vazia agora que a escravidão — do tipo que terminou com a Guerra entre os Estados, pelo menos — não existe mais. O edifício é longo e baixo, com uma porta de cada lado. Eu uso a porta do lado oposto ao do colégio, no caso de alguém acabar dando uma espiada pela janela. A lua está alta esta noite e lança um brilho pálido prateado sobre a paisagem, a pintando em sombras e luz. É uma boa noite para

investigações.

Também é uma boa noite para ser pega por uma professora fazendo suas rondas na cerca do perímetro. Eu tento não pensar sobre isso.

Dentro da velha cabine de escravos, vou para um gabinete antigo e tiro minhas foices curtas pessoais, um conjunto que Red Jack me deu muito tempo atrás como um presente, e um par extra, já que Katherine não trouxe nenhum dos dela. Os dois conjuntos são bem feitos, balanceados e afiados, e eu cuido para que continuem assim. Os coloco numa mesa frágil e tiro um par de calças, jogando-as para Katherine.

— Coloque isso.

Ela as segura na sua frente, seu horror visível na luz do luar entrando pela vidraça vazia.

— Você quer que eu use um par de calças de homem? — Sua voz é quase histérica.

— Sim.

Ela balança a cabeça.

— Isso é o cúmulo da indecência. Eu não vou usar isso.

— Nós vamos andar pela floresta, subir e descer colinas e passar por arbustos. Saias ficam presas em galhos e outras coisas. Além disso, se nós tivermos que lutar com um errante, saias são um risco. Temos menos chances de sermos mortas se pudermos correr. Ou você as usa ou fica aqui. — Eu tiro outro par de calças para mim antes de pausar. — É melhor que você não esteja usando um espartilho.

Ela funga.

— Não estou. Aprendi minha lição, muito obrigada. — Ela olha feio para as calças mais uma vez antes de suspirar. — Se contar para

alguém sobre isso, Jane McKeene, vou garantir que você passe o resto do seu tempo na Srta. Preston com trabalho doméstico.

Eu bufo, porque é uma ameaça vazia e nós duas sabemos. Mas não digo mais nada. Às vezes sou uma boa vencedora.

Visto meu par de calças, enfiando minha blusa de pijama na cintura. Katherine copia meus movimentos. Eu mostro os laços perto da cintura para as armas e como assegurar que a cintura esteja amarrada e os nós extras perto dos tornozelos. E então, depois de lhe entregar meu conjunto extra de foices, ajeitamos nossas armas e saímos pela noite.

Nos leva quase duas horas para percorrer a pouca distância até a fazenda dos Spencer porque temos que ser mais lentas que uma tartaruga cega. Katherine fica nervosa conforme avançamos, e tenho que repetidamente me lembrar de que ela não está acostumada a se esgueirar na escuridão como eu. A floresta é densa, com moitas e retalhos de hera venenosa que temos que circundar. Além disso, nossa parte de Maryland é cheia de relevos. Eu não acho que haja um único pedaço plano de terra, e arfar e ofegar acima e abaixo nas colinas leva um tempo. Quando finalmente chegamos na fazenda dos Spencers, está mais perto do amanhecer do que eu gostaria.

Os Spencers são uma das famílias mais proeminentes da área, e muito generosos com nós, as garotas da Preston, então já estive em sua propriedade algumas vezes. A última vez foi no começo da primavera, quando a senhorita Preston mandou as meninas mais velhas para as fazendas da região para ajudar a limpar os campos quando o degelo começou e os mortos decidiram voltar a andar. A Sra. Spencer era sempre gentil, trazendo leite quente e biscoitos com geleia uma vez que a matança terminava. Ela também faz uma torta

de morango com ruibarbo incrível que ganhou o primeiro lugar na competição na feira do condado alguns anos atrás. O pensamento de algo ter acontecido com ela me deixa um pouco triste, mas eu enfio a emoção bem no fundo. Eu preciso continuar atenta.

Red Jack nos encontra um pouco antes do portão da propriedade. Ele usa uma camisa grossa e calças para variar, dispensando seus trajes chamativos por algo um pouco mais razoável. No luar pálido eu vejo os olhos de Katherine arregalarem enquanto ela o observa. Eu entendo o motivo. Jackson é tão bonito vestindo algodão quanto em seda fina. E também suas mangas estão enroladas, revelando seus antebraços bem torneados. Ele costumava trabalhar nas docas, antes de perceber que poderia fazer mais dinheiro aceitando "serviços avulsos", como ele os chamava, nas estradas entre Baltimore e os assentamentos exteriores. Não é de se estranhar que a pobre Katherine tenha se enamorado por ele.

— Vocês duas tiveram algum problema? — Red Jack pergunta, sua voz baixa.

— Não. Não vimos nem um errante, — Katherine diz, sua voz alta e desapontada.

— Não por falta de tentativa, — eu murmuro, lhe dando um olhar sombrio. Ambos ela e Jackson me ignoram.

Red Jack gesticula em direção a casa principal.

— Eu andei por toda propriedade. Não tem ninguém lá. Todas as janelas ainda estão intactas, e a porta da frente está trancada. É como se tivessem saído para fazer alguma tarefa e nunca voltaram.

Tem um leve tremor na sua voz, mal notável. Eu não digo nada, porque entendo o motivo dele estar nervoso. As pessoas — especialmente as bem de vida — costumam se mudar, tentar a sorte

em uma cidade ou assentamento diferente. Os Spencers poderiam ter feito exatamente isso e levado Lily com eles e de alguma forma esqueceram de contar para alguém o que estavam fazendo. Mas eu aprendi que a explicação mais simples era geralmente a certa. E isso significava errantes. Não me importo com o quão "segura" essas terras deveriam ser.

Jack disse que não haviam evidências de uma invasão, mas ele não pode ter dado uma boa olhada lá dentro ainda. Os mortos costumam deixar muitas evidências. Evidências bastante caóticas. Se os Spencers foram atacados, por menor que seja a possibilidade, saberemos logo logo.

Eu suspiro alto, temendo a tarefa em mãos. Estou cansada de ver as pessoas com quem me importo morrerem.

— Vamos lá, vou checar o perímetro, então entramos para ver o que está acontecendo.

Caminhamos até a casa como gatunos, quietos exceto pelo som das nossas respirações. Até Katherine, que pisoteou pela floresta como se fosse um coelho assustado, está silenciosa, seus passos são um sussurro suave. Errantes são atraídos pelo som, então se formos discretos o suficiente, qualquer morto na área não deve nem saber que estamos aqui.

A casa dos Spencers é bem modesta. É nova, construída nos anos depois dos mortos começarem a andar. Sempre se consegue dizer pelas janelas quadradas, que são largas o suficiente para permitir que alguma luz passe mas muito pequenas para passar um corpo. Fios de disparo com alarmes de alerta estão espalhados pelo quintal, mas estes estão marcados claramente por estacas no chão e os evitamos com facilidade. Na pequena varanda, tem duas cadeiras de balanço e

ganchos para foices curtas, uma gadanha, e espadas muito bem afiadas perto do alcance, no caso de errantes passarem pela barreira. Esses tipos de proteção modesta e alarmes são adequadas para assentamentos no condado nos últimos anos.

Jackson puxa um conjunto de peças de metal finas — material de arrombamento. As sobrancelhas de Katherine se unem numa careta, e seus lábios franzem em desgosto. Ela abre a boca pra dizer algo, mas eu encontro seu olhar e balanço a cabeça. Tem algumas coisas que é melhor ela não saber, e os detalhes sórdidos envolvendo aquele conjunto de arrombamento é uma delas.

Red Jack destranca a porta facilmente, e ela se abre silenciosamente. Eu agarro minhas foices, pronta para atacar qualquer coisa que saia, mas nada sai. Eu olho para Jackson e Katherine, e os dois estão me olhando.

— Ah, acho que vou primeiro?

Katherine funga.

— Você tem as notas mais altas em combate corpo a corpo.

Eu engulo uma risada. Ela não faz ideia.

Alongo os ombros algumas vezes, tentando relaxar os músculos subitamente tensos. Então entro na escuridão.

As janelas só deixam entrar um pouquinho do luar, então é difícil ver qualquer coisa. Eu reconheço uma mesa, um fogão longo e frio, algumas cadeiras ao redor de uma lareira próxima. Mas não tem ninguém na sala, morto ou não.

— Tem uma lamparina na mesa, — Jackson diz, sua voz próxima do meu ouvido. Preciso de tudo que tenho para não pular.

— Bem, acenda. Não consigo ver droga nenhuma nessa escuridão.

— Jane, olha a língua, — Katherine chama de algum lugar atrás de mim.

Jackson anda até a mesa e acende a lamparina a óleo. Depois de acesa é fácil ver que o interior da casa está completamente intacto. Não tem nem mesmo um prato sujo na pia. Se o desaparecimento foi trabalho dos errantes, eram os errantes mais cuidadosos de que já ouvi falar.

— Tem certeza de que Lily não mencionou nada sobre eles estarem indo para algum lugar? — eu pergunto, mesmo já sabendo a resposta.

Jackson balança a cabeça..

— O pônei de ferro deles ainda está no celeiro, cheio de carvão. E olhe. — Ele gesticula para a parede onde um retrato da família está pendurado, o Sr. e a Sra. Spencer e seus dois pequenos, seus rostos pálidos nos encarando. Se tivessem só ido embora, teriam definitivamente levado a foto em família.

Katherine passa um dedo pela borda de uma cristaleira.

— Eles estão fora já tem um tempo. É isso ou a Sra Spencer é uma governanta inadequada, — ela diz, levantando o dedo empoeirado. — Por que sua irmã estava ficando com eles, afinal?

Jackson cerra a mandíbula, e eu respondo por ele.

— Lily estava prestes a fazer doze.

O que Katherine sabe — o que todos nós sabemos — é que o Ato de Reeducação dos Negros e Nativos exige que aos doze anos todos os Negros, e qualquer índio vivendo sob protetorado, deve se matricular em uma escola de combate "para a melhoria de si e da sociedade." O argumento era de que nós nos beneficiamos da educação compulsória, já que fornece um sustento para ex-escravos, que não conseguiam

achar empregos remunerados depois da guerra. Os brancos, portanto, eram exclusos da lei, ainda que alguns frequentassem as escolas de combate por vontade própria, já que era bom saber como se proteger nesses tempos perigosos. Mesmo assim, há uma diferença entre um oficial de educação aparecer com um grupo de homens armados e levar alguém embora, e eles se inscreverem numa escola por si mesmos.

— Lily tem pele clara, — Jackson diz. — Ela pode se passar por branca, como você, Katherine. Pensei que se ela vivesse com uma família branca, os oficiais de educação a deixariam em paz. Os Spencer são Igualitários, e não se metem com os Sobreviventes e suas baboseiras sobre Negros serem inferiores. — Jackson senta pesadamente em uma das cadeiras. — Só queria a manter segura. — Tem tanta dor em sua voz que eu quase vou até ele, quase ofereço o pouco de conforto que posso. Mas esse não é mais meu lugar, e eu engulo minha preocupação como um gole amargo.

É quando um coro de sinos toca atrás da casa, e eu rapidamente apago a lamparina.

Algo ativou um alarme.

Jackson está se movendo para a parte posterior da casa, e Katherine espia pela janela.

— Tem pessoas se aproximando. — Ela se vira, sua expressão indistinguível no escuro. — Não parecem mortos.

Me junto a ela na janela, e ela está certa. Uma lamparina balança pra frente e pra trás na noite, revelando pelo menos três pessoas.

— Não são errantes, mas aposto que vão ser problema de qualquer forma.

Jackson acena para nós do quarto.

— Os Spencers tem um buraco de errantes. Por aqui.

Nos apressamos pela casa. No quarto traseiro sem janelas ele vira o tapete, revelando uma porta pequena no chão. Ele a abre e nós descemos para a escuridão. Eu sinto as redondezas, me movendo para frente até minhas mãos roçarem uma parede de terra. Eu meio que esperava chutar algo macio e mole no escuro até que Red Jack sussurra:

— Eles não estão aqui embaixo. Foi o primeiro lugar que chequei quando não consegui encontrá-los.

Me pergunto por quê Jackson nos trouxe aqui no meio da noite se ele já revistou a casa toda. Mas não há tempo para lhe perguntar agora. Ele fecha o alçapão, e o lugar apertado está barulhento com o som das nossas respirações. Um buraco de errantes é um último recurso quando uma casa é invadida. Às vezes se esconder dos mortos por uma hora pode ser a diferença entre estar vivo e ser um morto-vivo.

O buraco dos Spencers foi construído para uma família, então tem espaço mais do que suficiente para nos mover. Eu respiro fundo e forço meu coração a desacelerar, Jackson e Katherine estão fazendo o mesmo. Menos de doze respirações depois sons de botas na varanda de madeira ecoam pela casa, junto com as vozes.

Por um momento, penso que talvez seja agora. Talvez esse seja meu momento final, o cenário que leva a minha morte. Mas a moeda na cavidade da minha garganta está quente ao toque, e sei que este não é o fim. Quando chegar a hora de eu morrer aquela moeda vai estar gelada, disso não tenho dúvidas.

A assimilação me acalma, e meu coração finalmente sossega. Alguém segura minha mão no escuro e aperta. Não tenho certeza de

quem é, mas aperto de volta mesmo assim. Não porque estou assustada, mas porque parece ser a coisa certa a se fazer.

As botas pausam por vários longos momentos antes de avançarem pela casa. Uma vez que entram, é muito mais fácil decifrar o que as vozes estão dizendo.

— Eu vi uma luz acesa aqui. Eu sei que sim. — As botas parecem mais próximas, andando em nossa direção. Eles param em cima das nossas cabeças.

— Eu não vi nada. Tem certeza de que não está imaginando coisas? Você está nervoso desde que saímos. Até tropeçou naquele alarme como um novato. — A voz é rouca e acompanhada por uma tosse seca. Eu reconheço a segunda pessoa.

Alguém agarra meu braço, com força. Eu engulo um ganido.

— É a Srta. Anderson, — Katherine sussurra, seu hálito quente na minha orelha.

Um sentimento, meio enjoo e meio raiva, floresce em mim. Se a Srta. Anderson está envolvida, então eu sei que aquele pessoal lá em cima não pode estar fazendo nada de bom.

— Rupert tem uma coisa com os errantes, — uma terceira voz diz, baixa e firme. — Muito tempo no oeste ao ar livre. Ele acha que está mais seguro atrás das paredes em Baltimore do que aqui fora. — Tem passos, e a voz soa de novo de outro lugar. — Vamos lá, precisamos tirar o que restou. O prefeito quer tudo que pertença aos Spencers empacotado e fora daqui pela manhã.

As vozes diminuem, e eu me apoio contra a parede de terra e me permito pensar. O que aquilo significava? Os Spencer foram embora por vontade própria? Ou algo aconteceu com eles, e essas pessoas estão tentando acobertar? Não há como dizer, e Jackson parece prestes

a explodir enquanto escutamos as pessoas lá em cima entrando e saindo da casa.

— É isso, — vem uma voz de cima depois de um tempinho. — Não precisamos empacotar os móveis maiores. O prefeito disse que apenas os itens pessoais devem ser coletados. Agora, o que vamos fazer com o resto dessas coisas? Vender?

Tem uma tosse, e a Srta. Anderson diz:

— Tenha respeito. Não estamos falando de alguns pickaninnies[9]. Os Spencers são uma família boa e honesta.

Eu aperto minhas mãos ao ouvir a injúria saindo dos lábios de uma das minhas instrutoras. Sabia que tinha um bom motivo para não gostar daquela mulher. Se pudesse acabar com ela eu o faria, mas estou presa num buraco no escuro, então tudo que posso fazer é continuar escutando enquanto ela continua falando.

— Você e alguns dos seus garotos podem voltar amanhã e pegar o resto, — ela continua. — Coloque no pônei no celeiro e mande junto com o próximo trem.

— Eu não vou voltar aqui! — diz Rupert. — Perdeu o juízo?

Rupert e a Srta. Anderson começam a discutir, e o outro homem finalmente interrompe.

— Quietos! Os dois. Rupert, pegue a carroça. Srta. Anderson, você faria a gentileza de me acompanhar em uma visita à propriedade Johnson? O prefeito acredita que o senhor Johnson esteve organizando manifestações em oposição à sua candidatura ao Senado, e acho que as visitas no meio da noite obtêm os resultados mais confiáveis.

— É claro, Sr. Redfern.

Seus passos ecoam conforme eles deixam a casa. Tem alguns

momentos de xingamentos e batidas enquanto Rupert sai com a carroça, e então o silêncio volta a se instalar na noite. O som das nossas respirações parece ecoar durante o tempo que esperamos para assegurar que o trio se foi.

Não tenho certeza de quanto tempo passamos no buraco de errantes, mas quando Jackson abre a porta eu estou grogue e precisando muito dormir. Ele sai e volta para dizer que a barra está limpa. Não consigo ver seu rosto no breu, mas consigo notar que ele está segurando alguns sentimentos pela falta de vida em seus passos. Quem pode culpá-lo?

Ficamos quietos até chegarmos no portão. Jackson tranca cuidadosamente, mesmo todos nós sabendo que os Spencer jamais voltarão. Katherine se abraça, segurando os cotovelos nas palmas das mãos. Uma vez que estamos sobre o abrigo da floresta eu limpo minha garganta. É provavelmente perigoso conversar na floresta, mas tem coisas que precisam ser ditas e ninguém parece disposto a quebrar o silêncio.

— Bem, eu sempre soube que a Srta. Anderson não tinha nada de bom.

A voz de Katherine atravessa o negrume.

— Então, você acha que os Spencers estão...? — Ela não consegue terminar o pensamento, e Jackson também não consegue falar.

— Mortos? — eu digo finalmente. — Sinceramente, não sei. É difícil dizer pelo o que eles estavam falando, mas…

Jackson levanta o olhar para mim.

— Eu acho que não. O jeito que a Srta. Anderson estava falando sobre cuidarem das coisas deles, parecia que ainda estavam vivos, em

algum lugar. O que nós sabemos é que pra onde quer que eles tenham ido, a Srta. Anderson e aqueles homens com quem ela estava foram ordenados pelo prefeito para encobrir.

— Talvez os Spencers foram atacados por um grande grupo de errantes mas não foram mordidos e mesmo tendo sobrevivido, o prefeito não quer que ninguém saiba, — Katherine sugere. — Ele não quer que as pessoas pensem que o Condado de Baltimore está perigoso de novo. Então juntou suas coisas e os mandou embora para algum lugar contra sua vontade.

Eu dou de ombros.

— Talvez. Ou talvez eles apenas pegaram suas coisas e se mudaram para outra cidade por conta própria, e o prefeito também não quer que ninguém saiba sobre isso, já que eles eram tão populares. Todos nós já ouvimos histórias do povo indo embora sem nem mesmo um como-vai, mesmo que não muitas recentemente. Ainda sim, eles poderiam ter achado algum lugar melhor que aqui. Talvez Filadélfia? Onde quer que seja, deve ser muito bom se não se importam em deixar suas coisas para trás.

— Eles não foram embora. — A voz de Jackson está quase baixa demais para se ouvir. — Não por escolha. Lily teria me avisado.

— Talvez ela não tenha tido a chance. Não é como se ela pudesse contar para um mensageiro que ela é sua…

— Você não a conhece como eu, Jane, — ele me corta. — Mesmo que você sempre ache que sim.

Não digo nada sobre isso, porque qual seria o ponto? Ele não vai escutar o bom senso. Jackson pode não gostar, mas se os Spencers se mudaram, pelo menos não deixaram sua irmã para trás como pratos indesejados.

— Bem, de qualquer forma, nós precisamos voltar, — eu digo depois de um longo momento. — O sol está nascendo.

Quando saio nas minhas escapadas noturnas geralmente estou de volta cedo o suficiente para dormir um pouco, mas não vai dar hoje. O sol espreita pelo horizonte, sombreando o mundo num tom cinzento conforme o amanhecer se aproxima. Se levar metade do tempo para voltar que levou para chegar aqui, vamos chegar muito mais tarde do que me sinto confortável. Eu começo a andar.

— Você não pode só ir embora, — Jackson começa atrás de mim. — Nós temos que… Jane?

Eu congelo. Minha moeda está fria como gelo.

— O que foi? — Jackson diz.

— Problemas.

Um gemido-rosnado inconfundível ecoa pelas árvores.

— Isso é…? — Katherine começa, sua voz falhando.

Eu giro, procurando pelo som. Jackson limpa a garganta.

— À sua esquerda, — ele diz, a voz baixa.

Eu viro, e certamente lá está um errante, lábios retorcidos num rosnar faminto. Parece com a garotinha branca que tinha visto na estrada alguns dias atrás. Acho que as patrulhas não cuidaram dela afinal. Perto assim é mais fácil de ver detalhes, como as fitas vermelhas esfarrapadas na ponta de suas tranças e seus olhos amarelos doentios. Ela não tem mais de nove ou dez anos de idade. Eu não a reconheço, e isso é uma misericórdia. É difícil ter que matar os mortos que você já conheceu.

Pego minhas foices, pronta para matá-la, quando Katherine solta um som engasgado.

— Espere o momento, — ela diz, um dos princípios de defesa

que aprendemos no colégio da Srta. Preston. Estou pronta para lhe responder algo rude quando percebo o movimento nas árvores. Atrás da menininha tem um grupo inteiro de errantes, suas roupas em farrapos, suas peles cinzentas penduradas. Tem algumas pessoas de cor misturadas no grupo, mas em sua maioria parecem brancos, assustadoramente indescritíveis e similares de um jeito que os errantes ficam quando estão não-mortos por algum tempo. Pelas roupas eles são originais, pessoas que foram transformadas durante os primeiros dias sombrios durante a guerra, antes dos exércitos perceberem que tinham uma ameaça maior para lutar do que entre eles.

Eu nem paro para me perguntar o que um bando tão grande está fazendo andando pela floresta tão perto de Baltimore. Apenas giro minhas foices curtas na mão, saboreando o peso confortável. À minha direita, Katherine tirou meu par extra de foices, e à minha esquerda, Red Jack tirou uma faca longa de Deus sabe onde.

Ao redor do meu pescoço, a moeda agora está fria contra minha pele, não mais gelada. A mudança pequena me permite saber que minha hora não chegou, pelo menos não hoje.

Damos um passo à frente, e os errantes atacam. São lentos e desajeitados, tropeçando nos próprios pés, se emaranhando na densa vegetação rasteira, arrastando-se pelo solo quando não conseguem manter o equilíbrio. Errantes velhos são os melhores. Perderam o bastante da humanidade para estarem burros como cachorros, atacando sem nenhum tipo de organização. Errantes mais novos são tão rápidos quanto pessoas normais, mas os que estão mortos há muito tempo são como vovós, se arrastando. O perigo deles vem das grandes hordas com quem viajam. Matar dez pessoas de uma vez

pode não ser difícil para três pessoas treinadas em combate, mas é difícil para alguém sozinho e inexperiente.

Eu acabo com a menininha primeiro. A foice assobia quando corta pelo ar, cantando no momento antes de separar sua cabeça do seu corpo. O sangue que jorra não é sangue, mas uma gosma preta e espessa. O cheiro, de coisas mortas e decompostas, é o pior. Mas essa não é minha primeira valsa, e eu continuo avançando pelo bando, deixando minhas lâminas trabalharem.

Minhas foices não são como as ferramentas normais que você usaria nos campos. Ao invés de uma lua crescente curvada são uma meia lua, as lâminas pesadas e afiadas em ambos os lados para cortar facilmente em qualquer direção. São projetadas para separar uma cabeça do corpo, já que essa é a forma mais rápida de acabar com um errante. Eu gosto de chamar de colheita, porque você não pode realmente matar os mortos, não é? Além disso, acalma minha alma pensar que estou fazendo algo de bom quando eu acabo com um errante, os mandando para seu merecido descanso imortal.

Corto através de uma mulher com um vestido antiquado, notando mais seu cabelo longo enlameado do que suas feições. Quando seu corpo cai no chão eu me viro para colher um homem grande se rastejando em minha direção, sua boca abrindo e fechando sem fazer um som, as roupas de um trabalhador rural. Sua cabeça escura se separa com facilidade do corpo. Eu giro e deixo minhas lâminas cortarem o pescoço de uma senhora branca velha avançando para minha garganta, seu cabelo grisalho pegajoso pendurado. Seus fios cinzentos se misturam com folhas e galhos conforme sua cabeça rola pra longe de mim pelo chão da floresta. É um detalhe tão estranho de se notar no calor da luta, mas é assim que funciona às

vezes.

E então, não tem mais nenhum movimento.

Respiro pesadamente, minhas foices e mãos cobertas pela sujeira pegajosa que é o sangue de errantes. Katherine remove a cabeça de um homem barbado, os ombros pesados enquanto ela procura por mais mortos. Jack está abaixado limpando sua faca longa no vestido de uma jovem. Todos parecem bem.

— Sem mordidas? — eu pergunto entre respirações pesadas enquanto limpo minhas mãos na calça. Ambos, Katherine e Jack balançam as cabeças. — Muito bem. — Eu dou uma olhada no céu e o horizonte cada vez mais rosa. O mundo já havia ficado em tons de cinza conforme o amanhecer se aproximava, mas agora as cores estão começando a florescer. Não nos levou muito tempo para acabar com o bando, mas era tempo que não tínhamos. — Eu e Kate vamos ter que correr de volta para chegarmos antes das aulas começarem. Nós precisamos nos encontrar de novo para descobrir como vamos lidar com isso.

— O que tem para descobrir? Os Spencers estão por aí em algum lugar, e minha irmã está com eles. — A mandíbula de Red Jack está travada, e há um brilho implacável em seus olhos que me faz pensar que ele está planejando um assassinato.

— Isso é ótimo e tudo, mas você ouviu alguma pista naquela conversa inteira que poderia nos dar certeza de que eles ainda estão vivos, e se sim, para onde foram? Ainda há muito campo entre aqui e a cidade protegida mais próxima. Se formos despreparados numa missão de resgate, vamos ser mortos por errantes antes de dar cinco passos para fora do limite do condado.

— Você diz "nós" como se estivesse envolvida nisso, Janey-Jane.

Como se você pudesse votar.

Meu temperamento inflama com seu tom de desdém.

— Ah, então agora você não precisa da minha ajuda? Depois que eu escapei e passei a maior parte da noite apertada num buraco de errantes, de repente você consegue lidar com tudo sozinho? Você é bom demais para minhas habilidades? — Eu gostaria de talhar minhas iniciais na sua cara idiota.

A voz de Jackson está firme.

— Isso é problema meu, e eu vou cuidar disso sozinho. Confio que as senhoritas conseguem encontrar o caminho de volta para sua escola.

E assim, Jackson, o menino que uma vez beijei ao luar, se foi, substituído por Red Jack o criminoso impiedoso. Não tem como discutir com ele quando ele se decide desse jeito.

— Vamos ficar bem, — retruco. — Não se preocupe nem um pouco conosco.

Ele me dá um breve aceno de cabeça e faz uma reverência para Katherine.

— Obrigado por nos acompanhar em nossa caminhada esta noite. É bom saber que uma rosa tão linda consegue usar seus espinhos tão bem.

Katherine acena com a cabeça e dá um sorriso educado ao elogio. Sem olhar para trás em minha direção, Jack começa a encontrar seu caminho pela floresta.

Katherine me encara, e eu aponto minha foice para trás dela.

— Estrada.

Ela acena, e andamos. Assim que nossos pés tocam a terra compacta, começamos a correr, estabelecendo um ritmo leve o

suficiente para falar.

— Essas… foices... são... ótimas. Onde você as conseguiu?

Faço uma careta. Katherine tinha que perguntar a única questão que não me sentia a fim de responder.

— O seu conjunto veio de Jackson. Fique com elas. Gosto mais dessas daqui.

Os dois pares vieram de Red Jack, é claro. O conjunto que Katherine segura foi um presente de aniversário. O que eu seguro? De despedida. Provavelmente há algo a ser dito sobre o fato de que o presente que ganhei quando ele me deixou era melhor.

Eu acelero o passo para que não haja mais fôlego para as perguntas estúpidas de Katherine.

Meu calendário social está sempre cheio no colégio da senhorita Preston, e o número de pessoas sofisticadas que conheci realmente é um benefício da educação que estou recebendo aqui. É verdade que ser Negra tem suas desvantagens, mas eu não consigo te dizer quais são — esse é o nível de felicidade que cheguei por estar aprendendo meu lugar aqui com a Srta. Preston. Talvez nunca consiga ser uma debutante, mas atender às mulheres brancas refinadas de Baltimore é uma responsabilidade muito mais digna.

Capítulo 10

No Qual Eu Recebo um Convite Indesejado e Sou Forçada a Aceitar

Katherine e eu conseguimos voltar para a escola, nos lavar, e nos vestir sem sermos descobertas. Perdemos o café da manhã, e quando a Srta. Duncan nos pergunta onde estávamos, Katherine timidamente diz que ambas dormimos demais e chegamos tarde às nossas tarefas. A desculpa funciona, principalmente porque todos sabem que Katherine e eu não nos damos muito bem. Ninguém esperaria que ela mentisse para me proteger.

Eu passo o dia como uma sonâmbula. Estou exausta, e meu corpo parece duplamente pesado enquanto praticamos com as gadanhas. Não tem nenhuma dama sofisticada para nos observar hoje, então os exercícios são toleráveis. Depois da refeição do meio-dia praticamos tiros, e mesmo que eu esteja acertando meu alvo, minha mira está ruim. A Srta. Folsom, professora de armas de fogo, faz uma careta para meus tiros.

— Jane, isso é trabalho desleixado. Cuidado ao apertar o gatilho, garota. Alguns centímetros não são tão importantes de perto, mas com um rifle esses centímetros tornam-se vários metros.

— Sim, senhora — eu digo, abafando um bocejo.

Meu único consolo é que Katherine está tão desmiolada quanto eu. Ela derruba as foices curtas durante nossa aula de corpo-a-corpo, e a Srta. Anderson bate com a régua nas juntas de Katherine quando ela cochila durante nossa aula de servir chá. Não é muito cristão se divertir com a miséria dos outros, mas eu gosto de fazer uma exceção para Katherine.

Depois da nossa última aula do dia eu guardo minhas armas no arsenal e me preparo para ir pra cama, usando meu tempo de estudo para cochilar antes do jantar. Se eu não dormir um pouco, vou desmaiar em cima da sopa.

Tinha acabado de deitar e começar a descansar quando alguém me balança para me acordar.

— É melhor que o prédio esteja pegando fogo — eu resmungo.

— A Srta. Preston quer nos ver. — Katherine parece tão cansada quanto eu me sinto, e eu gemo conforme saio da cama e a sigo pelo corredor.

Nos arrastamos até o escritório da diretora. Toda minha exaustão desaparece quando vejo a Srta. Anderson e o grande índio da palestra parados lá. A Srta. Preston não está em lugar nenhum. Me endireito, e o olhar do homem desliza sobre mim. Mesmo com os cantos de sua boca puxados para baixo em desgosto, ele é atraente. Eu tento imaginar ele com penas no seu cabelo escuro e vestindo couro camurça com franjas como nas séries de jornal. Simplesmente não consigo. As roupas que ele está usando, camisa e calças rústicas, combinam com ele.

Ele não parece muito mais velho que eu e Katherine, sua pele marrom sem rugas. Me pergunto se ele frequentou a escola indígena na Pensilvânia, e se sim, como se compara com a da Srta. Preston. Não sei muito bem como as escolas indígenas funcionam, mas ouvi dizer que são menos focadas em ensinar ao povo como matar os mortos e mais em civilizá-los, o quer que isso queira dizer. Me deixa curiosa sobre a vida daquele homem impassível. Ele veio para Baltimore em busca de fortuna? Ou está aqui contra sua vontade?

Uma tosse forte desvia minha atenção da minha análise do índio.

A Srta. Anderson ofega enquanto tosse, um lenço pressionado contra os lábios.

— Srta. Anderson, você está bem? Não me parece muito boa.

Ela tosse uma última vez e me lança um olhar cheio de veneno.

— Minha saúde não é da sua conta, Jane McKeene.

— Bem, só espero que não seja tuberculose. As noites têm sido frias esse ano, e não levaria muito para uma tosse se tornar algo mais se tivesse saído na friagem.

Consigo sentir Katherine me encarando e o homem levanta uma sobrancelha na minha direção, mas mantenho minha expressão amena. Tia Aggie costumava dizer que eu era do tipo que cutucava Satanás com uma vara apenas por diversão. Acho que não mudou muita coisa.

Estou pensando principalmente sobre a Srta. Anderson estar conspirando com o prefeito e seja lá o que ele tenha feito com Lily e os Spencers, assim como seu comentário sobre pickaninnies, e todas as coisas mesquinhas que ela fez contra mim. É preciso de todo meu autocontrole para não me lançar sobre ela e espancá-la até a inconsciência. Mas sou salva de fazer qualquer coisa desagrádavel pela Srta. Preston entrando na sala. Ela absorve a cena à sua frente e franze a testa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, senhora — Katherine diz, um sorriso surgindo em seu rosto, fazendo-a parecer com um anjo de uma pintura. Minha raiva e nojo crescem um pouco mais, alimentados por um fio mesquinho de inveja. Cerro meus dentes e não digo nada. Katherine não escolheu o rosto com o qual nasceu, e não é culpa dela que seu sorriso perfeito faz com que eu queira quebrar as coisas. Meu sentimentos sombrios

são problema meu, e planejo mantê-los assim.

A Srta. Preston senta pesadamente em sua cadeira com um suspiro.

— Bem, então, suponho que devemos tratar do motivo de vocês estarem aqui. — Ela remexe em uma pilha de papéis em sua mesa e tira um lindo envelope de velino de cor creme. — Em reconhecimento de seus... atos heróicos na palestra da Universidade de Baltimore, a esposa do prefeito convidou vocês garotas para um jantar formal. Algumas de suas amigas próximas perderam seus Atendentes recentemente, e ela gostaria que vocês trabalhassem com a sua equipe doméstica para garantir a segurança de seus convidados.

Katherine me dá um olhar arregalado, mas eu não sinto nada da emoção que vejo em seu rosto. A moeda debaixo da minha blusa está gelada.

A Srta. Preston continua.

— Essa é uma oportunidade excelente para se apresentar às damas mais refinadas de toda Maryland. A Srta. Anderson e o Sr. Redfern vão levar vocês para tirarem as medidas para suas vestimentas de Atendentes. Às custas do prefeito Carr, é claro. A Srta. Anderson também irá escoltá-las ao jantar como uma acompanhante para se certificar que representarão o colégio com dignidade e honra.

Minha moeda parece uma bola de neve na minha garganta, e não estou nem um pouco encorajada pela Srta. Preston ignorando o fato de que várias Atendentes de Baltimore foram mortas, presumivelmente dentro dos limites da cidade. Toda minha raiva por seja lá o que for que a Srta. Anderson e o prefeito fizeram com Lily e os Spencers desaparecem, substituída pelo medo.

Estou trêmula e meio avoada quando respiro fundo e solto o ar.

— Srta. Preston, estou honrada pelo convite, mas temo que devo recusar. — Minhas palavras saem rápido demais, minha língua tropeçando pelas sílabas. Eu vejo meu fim nesse lindo convite, e não sou um suíno que vai sorridente para o abate, não importa o quão bonito seja o machado.

A Srta. Preston abre a boca para falar e eu continuo, numa tentativa de encobrir minha falta de graça e decoro.

— O que eu quero dizer é que, seria terrível da nossa parte aceitar uma oferta tão generosa sem incluir a Srta. Duncan. Ela foi fundamental para abater os mortos inquietos, e eu simplesmente não me sinto bem em tirar vantagem de tal convite sem ela.

— Tenho certeza de que nosso honrável prefeito ficaria feliz em incluir sua professora também. — A voz do Sr. Redfern é baixa e forte, e quase não consigo evitar pular de surpresa. Eu tinha esquecido que ele estava parado ali no canto, tão focada em não ir parar no jantar do prefeito.

A Srta. Preston sorri.

— Bem, está decidido então. Vocês serão dispensadas das aulas amanhã para tirar suas medidas, e semana que vem vão comparecer ao jantar na residência do prefeito. — A Srta. Preston lança um olhar fulminante para mim. — Tentem se comportar de forma condizente com uma garota que estuda com a Srta. Preston. Afinal, um contrato com uma boa família é a diferença entre um futuro e, bem… — Ela para de falar, nos dando sorrisos cúmplices.

— Obrigada, Srta. Preston! Somos duplamente abençoadas e não iremos te decepcionar, — Katherine canta em resposta, quase pulando enquanto saímos.

Atrás de nós, a Srta Preston pergunta ao Sr. Redfern numa voz

baixa:

— Você ou o prefeito ouviram mais alguma coisa sobre o desaparecimento das Edgars?

Eu me viro, talvez rápido demais considerando que não deveria saber nada sobre famílias desaparecidas, mas encontro os olhos da Srta. Anderson. Sua expressão presunçosa me convence a continuar andando para fora da sala e desencadeia uma enxurrada de preocupação que perturba meu estômago.

Ela tem o olhar de um gato que acabou de pegar um rato. Não é de se espantar que eu sinta vontade de guinchar.

Mamãe, espero que *você compartilhe notícias de Rose Hill em sua próxima carta. Como estão todos? Os repolhos e okra cresceram bem este ano?*

~~*Você ainda me ama?*~~

~~*Você ainda se arrepende de ter me dado à luz?*~~

Você sente metade da falta que sinto de você?

Capítulo 11

No Qual Me Lembro de Rose Hill e A Inimiga Jurada de Mainha

Aquela noite, exausta e preocupada com o convite prévio do prefeito, eu faço o mesmo que sempre faço quando estou inquieta: sonho com Rose Hill, e com Rachel, a única pessoa que conheci que odiava minha mãe.

Minha mãe é uma mulher incomum. Ela não gostava muito de todo o conceito de escravidão não importa o quão honrável fosse, e havia rumores de que ela ficou dolorosamente desapontada com seu marido, o major, quando ele foi embora lutar pela Confederação. Mas a coisa mais estranha sobre a mainha, a coisa que fazia alguns dos vizinhos sorrirem com força e alienava todo o resto, era a suposta preferência de mainha pela mão de obra — quanto mais forte, mais escuro, melhor. Diziam que ela os levava para a cama como um tipo de Dalila da plantação, roubando sua força para se manter jovem e firme.

Não era verdade, mas isso não fazia as línguas pararem de fofocar. Eu descobri depois que, mesmo antes de eu nascer, mainha tinha a reputação de sair e comprar o pior dos piores nos leilões: os fugitivos; os idiotas; os pretos mais baratos e barulhentos que se poderia encontrar. Era como ela passava o tempo, comprando o máximo de gente que conseguia, e os boatos eram de que ela quase faliu a si e ao major o fazendo. Se houvesse uma mãe com filhos no bloco, ela comprava o bloco inteiro, fazendo um acordo com os leiloeiros antes mesmo da família ser ofertada. Os vizinhos brincavam:

— Vou te vender minha garota Bella, ela não vale nada, — e

antes que você percebesse Bella estaria na cozinha assando pães. Mainha nunca deixava as patrulhas de escravos entrarem na propriedade, mesmo que tivessem caçando um fugitivo dos vizinhos, e a única vez que os caras invadiram ela fez o mestre do canil soltar os cachorros para cima deles. Era uma forma inteiramente curiosa de se fazer negócios, mas mainha era rica o suficiente para que os vizinhos não reclamassem muito.

Não muito depois de eu nascer, todo mundo no condado suspeitava bastante de que mainha tinha me parido, o auge do escândalo em um lugar como o condado de Haller, em Kentucky. Durante o começo dos Anos de Discórdia, mainha sempre fazia questão de ajudar um vizinho necessitado, especialmente conforme Rose Hill florescia, então a maioria das pessoas achava suas mazelas menos importantes do que sua disposição de cavalgar com uma equipe para ajudar a limpar um campo de mortos.

E se o povo podia ignorar os rumores de uma mulher branca parir uma preta, bem, poderiam perdoar qualquer coisa, não é?

Era algo que eu não sabia ou não entendia muito bem até estar velha o suficiente para ler, e para a aprender a bisbilhotar propriamente. A primeira vez que percebi que uma mulher branca se envolver com um homem de cor era motivo para escândalo, eu tinha seis ou sete anos. E a única razão de eu saber das transgressões da minha mãe era por causa de Rachel, que odiava ela mais que qualquer um no mundo.

Rachel ficou furiosa no dia que começou a abrir a boca porque a Tia Aggie tinha posto ela para descascar batatas, uma tarefa que ela pensava estar abaixo dela. Na cabeça de Rachel, qualquer mal que a acometesse era culpa de outra pessoa. Nesse caso, mainha, que tinha

dito para Tia Aggie que queria um bom purê de batata com o jantar.

— Você sabe que a madame nera dama nenhuma antes de casar com o major, não sabe? Ela né nada além de ralé, num tem classe como a madame Hopper, minha primeira senhora, Deus tenha sua alma. — Rachel não tinha consideração nenhuma por mainha, e sua lealdade era do major. O major que tinha comprado Rachel de uma plantação logo abaixo antes de ir embora para a guerra, e ela sempre gostava de dizer que mainha não estava fazendo as coisas direito. Sem açoitamentos o suficiente, sem disciplina o suficiente, pretos demais esquecendo seu lugar. Rachel tinha se decidido de como as coisas deveriam ser em Rose Hill, e na mente de Rachel mainha era mole demais por não escolher favoritos e não dar surras o bastante.

Uma das outras tias, Tia Eliza, uma vez me disse que era porque Rachel era a favorita do major antes de ele ir pra guerra, e ela gostava da vida fácil que ele tinha lhe dado. Rachel tinha se ajustado a ser possuída, ser propriedade, e não gostava da nova situação, onde ela não era nada além de uma empregada doméstica com salário, uma empregada que tinha que trabalhar tão duro quanto o resto. Escravidão era ilegal desde a Grande Concessão, o famoso dia em que o presidente Jefferson Davis e os confederados que restaram se renderam para que o presidente Lincoln emitisse o Mandado de Concessão, mandando o general Ulysses Grant e as tropas da União para sua famosa marcha pelo sul, queimando cada errante e propriedades abandonadas que encontraram e salvando Dixie da devastação completa. A escravidão tinha tido um fim graças ao presidente Lincoln e a praga dos morto-vivos, mas ainda havia gente como a Rachel que não sabia muito bem o que fazer com a liberdade.

Naquela época, eu não fazia ideia do porquê Rachel estava com

tanta raiva, mas achei que fosse sobre como a mainha sempre se certificou que eu jantasse com ela e como ela me ensinou a ler durantes as tardes, enquanto as outras crianças saíam para brincar ou ajudar a arrumar as cercas de barreira que mantinham os errantes para fora. Rachel tinha sido especial quando o major estava por perto, e agora não era mais.

Mas a Tia Aggie disse que Rachel não podia evitar ser do jeito que era, que ela teve uma vida difícil antes de vir para Rose Hill, e a única maneira que sabia como agir era de forma cruel.

— Sobrevivência pode deixar as pessoas bem más, — Tia Aggie me disse. — Você fique longe daquela víbora. Ela não quer nada de bom para você e sua mainha.

Mas eu não conseguia evitar Rachel o tempo todo. As cozinhas eram onde eu passava a maior parte do dia, já que mainha não queria que eu saísse para fora da cerca interior, principalmente depois do que aconteceu com o pobre Zeke. Então pude ouvir mais das fofocas de Rachel do que gostaria.

— A madame não era nada além de lixo, cantando por dinheiro, antes do chefe fazê-la de algo. E olha como ela retribui, rodando com escurinhos do campo como a puta da Babilônia. Tem uma ordem para as coisas. — Rachel disse, dando um olhar feio para onde eu estava ajudando Tia Eliza a amassar pão. Rachel achava que havia uma hierarquia que devia ser seguida: trabalhadores do campo, escravos domésticos, a senhora, e o senhor. Não importava que fossemos todos livres, que mainha se certificava de pagar todo mundo um salário pequeno cada semana por seu trabalho duro. Os costumes ruins e antigos ainda estavam vivos na mente de Rachel, e qualquer coisa que fugisse dessa ordem era algo terrível.

Como eu.

— É o motivo dos mortos não continuarem deitados, você sabe. O mundo inteiro está de cabeça para baixo. Escurinhos estão tão livres quanto gente branca, não sabem mais seu lugar. Se soubessem, talvez as coisas voltassem ao normal.

— Se ela usar essa palavra mais uma vez vou estrangulá-la — Tia Eliza disse, dando a Rachel um olhar duro. O marido de Tia Eliza trabalhava nos campos, e ninguém falava mal de trabalhadores do campo perto dela.

— Você num é a única, — murmurou Tia Betsy, que estava depenando uma galinha.

Ninguém gostava muito de Rachel, mas ela não deixava isso a impedir de continuar.

— Marque minhas palavras, quando o major voltar, aquela mulher vai ter um choque de realidade. É tudo que digo. Haverá um acerto de contas quando o major voltar. — Ela continuou descascando as batatas e batendo o pé, como se não houvesse nada que ela gostaria mais do que sair correndo pela porta.

E talvez, se Rachel tivesse ido embora, as coisas não teriam sido tão ruins quando o major finalmente retornou, oito anos depois do fim da Guerra entre os Estados e bem no meio dos Anos de Discórdia, trazendo uma discórdia própria para a Plantação de Rose Hill.

Quando acordo de manhã sozinha no meu quarto na escola da Srta. Preston, grogue e com as memórias da traiçoeira Rachel arranhando meu cérebro, estou com o humor ainda pior.

Mas mais que isso, tenho certeza de que nada de bom pode vir desse jantar na casa do prefeito. Porquê mais teria sonhado com Rachel, a mulher que quase fez com que eu e minha mãe

morrêssemos?

O currículo da Srta. Preston enfatiza a lealdade, e devo dizer que minha dedicação às minhas colegas estudantes é incomparável. É claro, elas compartilham dos meus sentimentos. Ouso dizer que não existe nada que uma garota da Srta. Preston não faria pela outra.

Capítulo 12

No Qual Eu Me Torno uma Conspiradora Relutante

A medição ocorre sem incidentes. Fico inquieta no caminho de ida e volta da costureira, esperando que a qualquer momento o motorista fosse estacionar o pônei de ferro e a Srta. Anderson e o Sr. Redfern nos trucidassem pelo o que sabemos. Mas, apesar da tensão que senti no escritório da Srta. Preston, eles parecem completamente despreocupados com ambos, a festa de jantar por vir e comigo e Katherine. Isso, porém, não diminui minha preocupação. Poderiam estar apenas jogando um jogo longo, esperando o momento, aguardando para acabar comigo e Katherine depois que eu tiver abaixado minha guarda.

Nada disso faz sentido nenhum — se de alguma forma suspeitavam que estivemos na casa dos Spencers, certamente já saberíamos — mas é assim que o pânico funciona. Te pega pela garganta e não escuta muito a razão.

O dia se passa, e depois de repassar os eventos da semana anterior na minha cabeça, não consigo decidir como me sinto sobre o mistério de Lily e os Spencers. Quanto mais tempo passamos sem notícias deles, mais desconcertante é a falta; mas também, quantos mais dias se passavam sem outros sustos ou avistamentos de errantes, mais provável parece que os Spencers simplesmente foram mesmo embora para outra cidade, seja por escolha própria ou forçados. É uma incógnita perturbadora, e eu não gosto nenhum pouco. Certamente deixaria minha mente mais tranquila se Lily encontrasse uma forma de nos contar o que aconteceu.

Na tarde antes da festa de jantar do prefeito, a ansiedade de

Katherine parece ter recuado para o segundo plano também, e ela está fora de si de animação. Ela tagarela sobre a festa para as outras garotas, e quando elas se cansam de ouvi-la ela me encontra e enche meu ouvido.

— O que você acha que a Sra. Carr vai usar? Gostaria que pudéssemos usar um espartilho, ou até um saiote. — Ela folheia as páginas do seu catálogo e se senta ao meu lado na grama. Estou sentada debaixo de um grande carvalho, o que mainha costumava chamar de árvore pendurada, os galhos espalhados e grossos e crescendo paralelamente ao chão, uma árvore perfeita para escalar ou enforcar um homem. Quando cheguei na Srta. Preston pela primeira vez costumava correr e me esconder nos galhos dessa árvore, escalando o máximo que podia e me escondendo entre os ramos densos. Eventualmente a Srta. Anderson descobriu meu esconderijo. Esperou até que eu finalmente descesse, me batendo com a cinta tão forte que não consegui sentar por uma semana. Talvez esse seja o motivo de não haver nenhum amor perdido entre eu e aquela mulher. Até minhas primeiras memórias ruins da escola estão associadas a ela.

Katherine me cutuca.

— Vê, eles modificaram para que se feche e você consiga sentar. Isso não é maravilhoso? E olhe a silhueta. — Ela empurra o catálogo de moda para mim para que eu possa ver o saiote, que se projeta na parte de trás dos quadris da mulher e a faz parecer uma vespa demente[10].

Empurro o catálogo para longe.

— Onde conseguiu isso?

Katherine me lança um longo olhar antes de fungar indignada.

— Sério, Jane, como se você fosse a única que contrabandeia.

Todo mundo tem uma coisinha, você só é a única que é pega.

Cubro meu rosto com as mãos e oro ao Senhor acima por força.

— Kate, já te ocorreu o quão estranho é que o prefeito nos convide para um jantar formal, dessa forma? Se passaram duas semanas desde a palestra, e ele não parecia se importar muito com nossos atos heróicos até uma semana depois. Sem mencionar o fato de que ele está metido em algum escândalo envolvendo os Spencers.

Ela me lança um olhar estreito e suspira, puxando seu catálogo e folheando as páginas.

— Não acho nenhum pouco estranho. Ele é obviamente um homem ocupado. E sua esposa é conhecida pelo cuidado e dedicação que tem ao planejar os detalhes de seus eventos. De qualquer forma, como você sabe que o prefeito não ajudou os Spencers a começarem uma nova vida em algum lugar bom? Todo esse pânico é desnecessário. Além disso, estaremos lá como Atendentes, não convidadas reais. Não é nem de perto a mesma coisa. — Seu olhar fica todo sonhador e distante. — Me pergunto quantos pratos terão. Minha mãe foi em um jantar uma vez que serviram dezessete pratos. Dezessete! Ela disse que no final estava tão cheia que mal conseguia sentir a comida. Consegue imaginar?

Me animo com a menção da mãe de Katherine. Ela é um mistério entre as meninas da Srta. Preston quanto a minha própria mãe.

— É mesmo? Sua mãe vai em muitas festas de jantar?

A expressão de Katherine se fecha e ela volta a olhar para a revista.

— Algumas. E sua mãe, Jane? — Seu tom é neutro, mas é óbvio que está evitando minha pergunta.

— Ah, minha mainha já foi em algumas. — Nenhuma desde a

última realizada na Plantação de Rose Hill, porém. Foi logo depois do major retornar, cansado e sombrio pelas batalhas, falando sobre o fim do mundo e o julgamento de Deus. Mainha sentou ao meu lado durante o jantar como sempre fez, acariciando meu cabelo como um bichinho favorito. Os vizinhos estavam acostumados com esse comportamento, já que haviam estado em jantares em Rose Hill algumas vezes. Parecia normal para todos nós, mas a expressão do major ficava mais tempestuosa a cada prato. Quando mainha me pediu para pegar a Bíblia depois da sobremesa para ler algumas passagens para os vizinhos, o temperamento fervente do major explodiu.

— Você ensinou uma escurinha a ler? Perdeu seu maldito juízo, Ophelia? — Ele gritou enquanto os vizinhos assistiam, de olhos esbugalhados. Mainha me mandou ir com a Tia Aggie para ser colocada na cama antes de escoltar os vizinhos para a saída, criando desculpas pelo major, falando sobre o estresse da guerra e os horrores de assistir metade do seu regimento serem massacrados apenas para se levantarem e começarem a comer a outra metade.

Os vizinhos acenaram e cacarejaram educadamente enquanto seguiam para seus pôneis de ferro. Acreditavam na minha mainha, mas eles não sentiram a forma como ela ficou tensa quando o major gritou, ou o jeito que ela agarrou meu braço quando ele me chamou de escurinha. Tinha idade o suficiente para saber que as coisas estavam prestes a ficar ruins em Rose Hill. Mas não tinha medo do major.

Não, eu tinha visto o que acontecia quando mainha não conseguia o que queria. Nunca acabava bem.

Dois dias depois, o major era um errante com uma bala no crânio

e eu fiz minha primeira colheita com dez anos.

— Jane, está sequer ouvindo? — O suspiro de Katherine me tira do meu devaneio. Sinto uma dor no peito por pensar na mainha por muito tempo, e me amaldiçoo por ter me perdido no passado. Agora vou estar sentimental nos próximos dias, relembrando tempos que já se foram. Por isso é melhor nem pensar em Rose Hill. — Jane!

— O quê?

— Acredito que aquele seja Jackson acenando para você do limite da floresta.

Olho para cima, e certamente lá está Red Jack, saltitando do outro lado da cerca como se não tivesse um pingo de bom senso. Balanço a cabeça e aponto para a parte de trás da escola, pelas árvores para a antiga cabine de escravos. Costumávamos nos encontrar lá quando éramos mais que amigos problemáticos, e espero que ele se lembre do lugar. Se alguém da casa ver ele, vão se perguntar por quê tem um garoto andando pelo terreno da escola, e terei problemas.

Espero mais ou menos um minuto antes de me levantar e ir para trás do pátio. Katherine continua sentada, folheando as páginas e murmurando para si mesma sobre minha incapacidade de apreciar a boa moda. O som de luta vem da área de prática conforme me direciono para a parte posterior da propriedade. As primeiras avaliações das meninas mais novas estão chegando no fim do mês. Suas notas vão determinar sua classificação, e essas classificações um dia serão a diferença entre ganhar a vida com uma das equipes de limpeza do prefeito ou uma atribuição como Atendente de uma senhora, oferecendo proteção e companhia enquanto vive uma boa vida.

Consigo caminhar até a cerca sem ser descoberta, e Red Jack está

lá, apoiado contra o alto ferro forjado e parecendo não ter nenhuma preocupação no mundo. Sua indiferença é desmentida por seu lábio rasgado, olho inchado e o sangue manchando a frente de seu colete.

— Vish, Harvey Parker finalmente te pegou brincando com a esposa dele?

Jackson faz uma careta.

— Muito engraçado. Não, isso é o que acontece quando você tenta se esgueirar pela propriedade do prefeito Carr.

— Você foi invadir a casa do prefeito? Até onde eu sei, você tem sorte por ainda estar respirando.

— É a mesma coisa que os homens dele me disseram. Por sorte um deles é fã das corridas de cães, e me fez um favor em troca de eu me certificar que alguns dos filhotes mais conhecidos nunca mais voltassem para a pista e corressem de novo. — Red Jack estremece quando ele muda seu peso de um pé para o outro, a mão lhe dando apoio.

Katherine arfa, aparecendo atrás de nós como um errante na noite, eu quase pulando para fora da minha pele pela surpresa. Faço uma careta para ela, mas ela me ignora.

— Você não vai matar um cachorro vai? Isso é terrível.

Jackson levanta uma sobrancelha para ela.

— Claro que não, num sou um monstro. Tem várias crianças na cidade que gostariam de chamar um vira-lata de seu, é tudo. E você ficaria surpresa com o quão fácil é substituir um vencedor por um perdedor parecido.

— Você veio até aqui, meio quebrado, só para me contar que os homens do prefeito quase te esmurraram até virar geléia e que você está planejando mexer em algumas corridas no futuro? — Pergunto,

interrompendo. Não aprecio nenhum pouco o clima amigável entre Jackson e Katherine. É mesquinho, mas estou bem com isso.

Jackson se move um pouco e suspira.

— Você ouviu aquelas pessoas na casa dos Spencers. O prefeito Carr tem algo a ver com o desaparecimento de Lily. Eu preciso entrar na casa dele e descobrir o que é.

Abro minha boca para oferecer algumas banalidades vulgares, quando sou interrompida por Katherine dizendo:

— Talvez possamos ajudar. Estamos indo lá para jantar.

Lanço a Katherine meu melhor olhar de *Você é burra?*, mas Jackson já se animou.

— Indo jantar onde? No prefeito Carr?

Katherine acena, saltando na ponta dos pés e voltando para baixo novamente.

— Sim! Nós fomos convidadas para essa festa de jantar chique por ter salvo várias pessoas na palestra algumas semanas atrás.

Jackson me olha e balanço a cabeça.

— Estamos indo como Atendentes. Servas chiques com armas afiadas. Mas você não queria nossa ajuda antes, e não vamos ter tempo para ajudar agora com qualquer plano tolo que você esteja imaginando. Além disso, não tenho certeza de que esse convite todo seja lá muito seguro. Vamos estar bem ocupadas cuidando de nós mesmas.

Katherine suspira pesadamente.

— Você tem uma visão tão mórbida, Jane. Isso não faz sentido nenhum. Boas posições de Atendentes não estão ficando mais fáceis de conseguir. Essa é uma oportunidade real.

— Nada que esses Sobreviventes oferecem é uma

"oportunidade", — murmuro.

— Quando vocês devem ir? — Red Jack pergunta, um brilho familiar em seus olhos. Ele está planejando algo, e o que quer que seja não vai ser bom.

— Amanhã, — Katherine diz. — Nós até ganhamos roupas novas. Vai ser um baita evento.

Jackson acena, e bem assim sei que me meti em algum tipo de traquinagem. Olho para Katherine, na esperança de conseguir convencê-la de que isso é uma péssima ideia, mas ela está dando a Red Jack um sorriso largo e amigável e eu enterro meu rosto nas mãos. Apesar das minhas melhores intenções estou prestes a ser sugada para algum tipo de drama grande.

Estou cercada de nada além de patetas suicidas.

Mainha, eu acredito que as maneiras e etiquetas ensinadas na escola da Srta. Preston devem ser uma das melhores educações de todo o estado de Maryland, se não de todo Estados Unidos. Sinceramente, onde mais garotas pretas podem verdadeiramente aprender seu lugar: servir as pessoas brancas refinadas do mundo e mantê-las a salvo?

Capítulo 13

No Qual Eu Compareço a um Jantar Bastante Agitado

O pônei de ferro do prefeito nos busca às quatro e meia. O jantar vai começar às cinco e meia com os coquetéis, e a Srta. Anderson não quer se atrasar. Seu olhar está assassino quando ela fala sobre o quão grandioso o jantar do prefeito será. E o sorriso largo que ela dá a mim e Katherine quando subimos no compartimento de passageiros não ajuda a ansiedade arranhando seu caminho pelas minhas entranhas. Nem um pouco.

Katherine está tão falante quanto um papagaio no caminho para a casa do prefeito, e até a Srta. Duncan parece um pouco fatigada de tentar compartilhar de seu bom humor. Katherine, porém, está completamente radiante. Seus cachos dourados estão presos em um coque alto de Atendente na sua cabeça. Cachos soltos amenizam o estilo duro. Seu vestido formal de Atendente é de um rosa pastel que complementa sua pele dourada perfeitamente e cai até os joelhos; as calças inferiores são de um rosa mais escuro, e as meias e as botas são creme. Suas luvas brancas, que eu me recuso a usar porque deixam minhas mãos desajeitadas, são elegantes sem esforço. Uma pontada de inveja me atinge cada vez que olho para ela. Ela parece uma espécie de doce delicioso. Ninguém precisa ser tão bonito, principalmente em trajes bestas de Atendente.

Meus pensamentos sombrios são injustos, no entanto. É só por causa da ajuda de Katherine que eu também não estou tão mal. Meu traje de Atendente é de tons de verde. O vestido é esmeralda que deixa o bronze profundo da minha pele muito bonito, enquanto as calças inferiores são de um tom mais claro, minhas meias listradas em

verde e branco, e minhas botas são marrons. Nunca tive um vestido tão adorável, o acabamento justo o suficiente para me permitir lutar mas modesto o suficiente para não causar escândalo. Minhas foices — as chiques de Red Jack, não as desajeitadas de prática de escola — estão amarradas em um cinto de couro fino feito para transportar tais coisas, o coldre no cinto vazio, já que o prefeito Carr não gosta muito de armas em sua propriedade. Tem até mesmo bolsos costurados na saia, um pedido que a costureira ficou feliz em conceder, e eu escondi *Tom Sawyer* em um só no caso de eu encontrar um tempo para ler depois. Katherine me ajudou a dar um jeito nos meus cachos teimosos, usando uma pinça quente para fazer a bagunça se firmar no coque requerido de Atendente.

Quando ela me mostrou o que tinha feito no espelho, eu ri.

— Bem, olhe só para isso. Estou bem apropriada.

— Não se preocupe, Jane, você nunca passaria por apropriada, — Katherine tinha dito, com um tom brincalhão ao invés de duro. Para a maior das surpresas, acredito que estamos nos tornando amigas.

Nós chegamos a propriedade do prefeito sã e salvas, o que é uma surpresa, com toda a falação de Katherine e o que tenho certeza que é a desgraça iminente nos olhos traiçoeiros da Srta. Anderson. Saímos, e Katherine respira fundo.

— Jane, olhe só. É de tirar o fôlego.

A casa do prefeito Carr é bastante impressionante. A barreira que cerca o terreno é feita de ferro forjado com pelo menos três metros de altura, e me pergunto como Jackson foi capaz de escalar uma cerca tão alta. Cachorros patrulham a grama ao redor da propriedade, cheirando o chão. Já ouvi falar desses cães, são similares aos cachorros

que as patrulhas de escravos usavam para caçar antigamente. Esses cães são treinados para alertar a presença de errantes, latindo alto e ficando bem agressivos quando sentem os mortos-vivos. Mas neste momento? Só parecem cães normais de orelhas caídas.

Ainda sim, me certifico de não chegar muito perto.

A casa em si é monstruosamente enorme. É tão grande quanto nossa escola, mas campos de tabaco, não bosques, cercam a área posterior. A casa do prefeito é mais recente e feita de uma pedra branca que sobe quatro andares, o telhado coberto por uma infinidade de cúpulas e frontões, parecendo muito luxuoso e imponente. Mas tem outra coisa que noto, algo ainda mais impressionante que o tamanho da casa.

Luzes elétricas.

Já vi eletricidade antes, é claro — a notícia dos experimentos do Sr. Edison em Nova Jersey tinha chegado na Costa Leste e havia tido uma demonstração há mais ou menos um ano aqui em Baltimore. Nunca tinha ouvido falar de ser instalada em uma casa privada, no entanto, e ainda sim aqui estão, iluminando o caminho para a entrada. Não podia evitar encarar.

Essa é a casa de um homem acostumado a ser seguido e obedecido, um homem que tem gente o suficiente entre ele e a ameaça dos errantes para nunca sentir medo.

A Srta. Anderson e a Srta. Duncan lideram o caminho até a calçada da frente. Katherine e eu ficamos um pouco para trás, como ensinadas. Ela caminha com a graça e a postura de uma verdadeira dama; eu sigo desleixada, as mãos apoiadas nos cabos das minhas foices, pronta para puxá-las ao primeiro sinal de problema.

Ambas nossas instrutoras usam vestidos discretos cinza, mas até

o traje simples não é o suficiente para diminuir a beleza da Srta. Duncan; os olhos do Sr. Redfern se assentam nela assim que entramos na sala de estar onde a maioria dos convidados se reuniram para tomar bebidas. Vindo em nossa direção para nos cumprimentar, ele é a imagem cuspida e escarrada do selvagem civilizado que os jornais estão sempre discutindo: jaqueta bem ajustada, colete da moda, cabelo preso em uma trança, botas bem gastas e uma faca Bowie presa à cintura. A perfeita combinação de cavalheiro e assassino impiedoso, igualzinho um protagonista de alguma aventura do Velho Oeste. Ele usa como uma fantasia, e eu tenho a impressão de que o Sr. Redfern também gosta de usar as baixas expectativas das pessoas em seu favor. De qualquer forma, definitivamente é um estilo que funciona para ele, julgando pela forma que a Srta. Duncan se anima. Enquanto a Srta. Anderson e o Sr. Redfern trocam cortesias, noto que ele veste a faca do lado direito. O Sr. Redfern é canhoto, um fato interessante que arquivo para depois.

Os olhos do Sr. Redfern mal processam o resto de nós antes dele se curvar profundamente para a Srta. Duncan.

— É um prazer ter sua companhia para o jantar, senhoritas. Se puderem me seguir, ficarei feliz em introduzi-las

A Srta. Duncan, por sua vez, sorri abertamente.

— Obrigada, senhor. Temo que esteja perdida, pois não tive o privilégio de saber seu nome. — Os dois se encaram por um minuto, compartilhando um segredo.

O Sr. Redfern sorri.

— Minhas desculpas. Eu sou Daniel Redfern.

A Srta. Duncan faz uma rápida reverência.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Redfern. Amelia Duncan.

Eu não sei quem eles acham que estão enganando com essa atuação, mas estou totalmente convencida de que já estão muito bem familiarizados. A Srta. Duncan conhece o Sr. Redfern, mas como? Ela me pega fazendo uma careta para ela e levanta uma sobrancelha questionadora. Eu suavizo minha expressão e volto minha atenção para as apresentações.

A Srta. Duncan gesticula para mim e Katherine.

— Confio que já conheça as garotas.

— Sim, já nos conhecemos. — O Sr. Redfern acena educadamente para a Srta. Anderson e Katherine antes de seus olhos pousarem em mim, sua expressão agradável ficando dura. — Me sigam, — ele diz.

Fico parada, perplexa, enquanto eles saem em fila para encontrar a nata da elite de Baltimore. Pode ser minha imaginação, mas eu acredito que essa seja a terceira vez que o Sr. Redfern me olhou como se não houvesse nada que ele gostaria mais do que me usar de isca de errante.

Levo meu tempo seguindo para as introduções, dando uma olhada na casa antes de abrir caminho pela multidão. A sala de estar é grande, e ao lado está uma enorme sala de jantar com capacidade para quarenta pessoas. As salas aqui são iluminadas por lamparinas a gás comuns; suponho que o prefeito colocou as de eletricidade lá fora para impressionar os convidados e passantes. Assisto ao Sr. Redfern introduzir Katherine e as senhoritas Duncan e Anderson para um grupo de mulheres agrupadas como um grupo de galinhas tagarelas, seus peitos largos estufados em prepotência. Uma olhada em seus rostos me faz andar na direção oposta.

Mainha sempre disse que uma porção saudável de desprezo

antes do jantar mantém uma garota magra.

Eu permaneço parada perto da porta enquanto Katherine e os instrutores circulam pela multidão. Daqui, posso ver a sala de jantar e a maior parte da sala de estar ao passo que sou abençoadamente ignorada.

Na sala de jantar, os criados estão preparando talheres. Um homem de pele pálida grita ordens para os servos, a maioria deles mais escuros do que eu. São mais velhos, e eles tem o olhar deprimido que associo com as pessoas que cresceram escravizadas, que nunca experimentaram o gostinho da liberdade até que fosse tarde demais para aproveitá-la adequadamente. Mas um dos homens anda com a cabeça um pouco alta demais, como se soubesse o seu valor. É mais claro que o resto, seus ombros jogados para trás de uma forma orgulhosa, um brilho de malícia em seus olhos muito claros.

Red Jack.

Ele parece deslocado em uma camisa e jaqueta branca de servo, luvas nas mãos. Os hematomas em seu rosto quase imperceptíveis, sem dúvida cobertos por cosméticos de uma das meninas trabalhadoras que ele conhece. O que ele pensa que está fazendo, tentando se esconder bem à vista quando os homens do prefeito lhe deram uma surra não faz nem dois dias? Ele me vê entrar e para por um momento, levantando uma única sobrancelha de uma forma que diz, *Olhe para você, toda arrumada*. Eu lhe dou meu olhar mais penetrante, e ele apenas pisca de volta.

Assistir aos preparativos para o jantar me causa um nó na garganta. Uma onda de saudade de casa como nunca senti me lava, e coloco a mão na barriga. Lágrimas repentinas ameaçam cair, e eu pisco com força para afastá-las. Faz tanto tempo que estive em Rose

Hill que me pergunto se a memória toda não é um tipo de alucinação.

Minha mainha sequer sente minha falta? Todas as minhas lembranças de Rose Hill estão cheias dela — sua voz, sua beleza delicada. Mas aqui, tão distante de casa, tenho que me perguntar se aquele lugar sequer existe. Apesar de todas as cartas que mando para ela regularmente, mainha não me escreve há mais de dez meses.

Será que ainda vive? Poderia estar escrevendo para um fantasma. Ou pior, para um errante.

É uma pergunta que me recusei a me fazer. Não quero pensar em como ficaria meu mundo se mainha morresse. A única coisa que me manteve firme na Srta. Preston é a forma que mainha me olhou quando o oficial evasivo me puxou para o pônei estacionado.

— Seja a melhor. Aprenda o que precisa aprender e então volte para mim, — ela tinha dito. Então eu voltarei.

Agora, estou quase me formando na escola da Srta. Preston, mas nem sei se ao menos ainda existe alguma Rose Hill para qual retornar. Qual é o meu futuro? Isso aqui, ficar parada no canto de uma sala como um móvel?

O sino do jantar toca, tirando-me do meu devaneio. Eu deslizo para fora da sala de jantar e para a área de reunião, voltando para onde as mulheres se mexem, esperando por suas escoltas. Katherine me encara enquanto me aproximo, com seu rosto de quem chupou limão.

— Onde esteve? — Ela sussurra-grita para mim.

— Estava bem ali na porta, observando as entradas. Por que está tão agitada?

Katherine apenas balança a cabeça rapidamente e eu encolho os ombros. O que quer que esteja errado, ela não quer compartilhar.

— Bem, Jackson está na sala de jantar, aliás, todo enfeitado como um servo. — Dou uma olhada na direção das senhoras brancas, que conversam entre si por trás de leques e mãos enluvadas. Nos lançam olhares curiosos que não são nem um pouco amigáveis. Olho em volta e franzo a testa. — Onde estão as garotas delas?

Katherine também olha em volta.

— Esta é uma pergunta excelente, Jane. Talvez você ficasse sabendo como a maioria delas foi dispensada depois de seu comportamento covarde na palestra, se tivesse se juntado a nós na sala de estar.

— Dispensaram suas garotas? Desse jeito?

Katherine ajusta as luvas e abaixa a cabeça em um agradecimento respeitoso a um jovem que parece não conseguir parar de encará-la.

— Desse jeito. Mas veja só: aparentemente há algum tipo de escândalo com pessoas desaparecidas. As Edgars nunca voltaram para casa depois da escola da Srta. Preston duas semanas atrás. O pônei delas foi invadido e eles foram consumidos por errantes! Tudo coisas que você saberia se não estivesse se escondendo por aí.

— Eu estava observando as entradas…

Katherine me silencia com um único olhar.

— Tem algo acontecendo aqui. Entre as Edgars e os Spencers... Fique atenta, Jane. E enquanto isso, não estrague esta oportunidade para mim.

As pessoas fazem fila para entrar na sala de jantar, o prefeito e sua esposa na frente da fila. Katherine e eu ficamos ao longo da parede atentas, mas mesmo que estejamos fazendo exatamente o que devemos, posso sentir o olhar da Srta. Anderson se enterrando em

mim, e me endireito um pouco mais. Não vou dar nenhuma desculpa para essa mulher me perturbar. Mas principalmente, eu não quero estragar as coisas para Katherine. O prefeito e seus colegas Sobreviventes podem ser tão corruptos quanto a noite é longa, mas essa é a vida que ela quer, e embora não seja muito próxima dela, não farei nada para atrapalhar seu futuro.

Os jantares formais exigem uma procissão das salas de estar para a sala de jantar, um processo que considero o cúmulo da tolice. Todos os homens e mulheres formam pares e entram marchando para comer comida como se já não tivesse esfriado quando chegavam lá.

Um belo jovem presunçoso veio oferecer seu braço a Katherine, e ela cora.

— Ah, não, sinto muito, senhor. Sou uma Atendente. — O homem parece prestes a se opor à recusa educada dela, mas então percebe uma mulher mais velha o observando e sai para acompanhar uma garota simples em um vestido amarelo.

Depois que todos entraram na sala de jantar, Katherine e eu seguimos.

— Bem, isso foi bastante constrangedor, — eu digo.

— Eu não faço ideia do que está falando, — Katherine diz rigidamente, seus olhos correndo ao redor como se estivesse com medo de estar no menu do jantar.

Tomamos nossos lugares ao longo da parede oposta à mesa de servir, um espaço deixado vago para as servas e Atendentes. Alguém limpa a garganta ruidosamente perto de mim. Eu olho para a minha esquerda e quase resmungo.

— Sr. Redfern.

— De fato, Srta. McKeene.

— Está aqui para ficar de olho na gente? Seria difícil roubar a prata quando todos estão usando-a.

Seus lábios tremem.

— Você não é a única trabalhando esta noite.

Assinto.

— Bem, então, o que exatamente nós temos que fazer?

— Esperar e assistir nossos superiores comerem. — O homem cruza os braços, e tem uma amargura reconhecível em sua voz que não pede por respostas.

O primeiro prato é servido, uma sopa à base de creme que os criados servem com uma concha de uma terrina grande. Eu cheiro o ar. Bisque de caranguejo. Parece divino. O Sr. Redfern me observa atentamente e eu encolho os ombros.

— O quê? — Eu pergunto.

— Não está perdendo nada, — ele diz. — O que eles estão comendo passou um pouco do tempo, trazido dias atrás das docas. Vocês garotas comem melhor na escola.

Meu estômago ronca, e eu me mexo.

— Se *tivéssemos* comido.

O Sr. Redfern dá de ombros.

— Lição aprendida, suponho.

É a primeira vez que ele tem sido qualquer coisa além de desdenhoso comigo, e aproveito a oportunidade para ser enxerida.

— De que tribo você é, Sr. Redfern?

— Lenape. Dúvido que tenha ouvido de nós, meu povo não é do tipo de aparecer nas séries semanais.

— Redfern é um nome Lenape?

Seus lábios se contraem.

— Não, é o nome que me foi dado por um professor da escola para a qual fui enviado quando tinha seis anos.

Me animo e me agarro ao fato de que temos algo em comum.

— Você foi para uma escola de combate?

Ele não me olha enquanto responde.

— A chamavam de escola industrial, mas sim.

— Como era?

— Me tiraram da minha família, cortaram meu cabelo, me batiam sempre que queriam, e me mandaram para trabalhar para o prefeito quando eu tinha dezoito anos. — Sua expressão ainda está calma.

— Me parece familiar, — eu digo antes de considerar minhas palavras com muito cuidado.

Seus olhos se arregalam ligeiramente e ele olha para a frente mais uma vez.

— Deveria passar menos tempo conversando e mais tempo escutando.

— Você não gosta muito de mim, e eu não sei o por quê. Não fiz nada para merecer. — Suas palavras fazem surgir um sentimento feio em mim, parte raiva pela injustiça de tudo, parte angústia, e não sei o que fazer com isso além de jogar de volta para o Sr. Redfern.

— Já te vi se esgueirando nas estradas do condado na calada da noite, Srta. McKeene. Sabia que te chamam de Anjo das Encruzilhadas, as pessoas que você salva?

Tenho uma sensação desconfortável como se estivesse deslizando de costas descendo pela encosta de um buraco profundo que cavei sozinha. Se as pessoas estão sussurrando sobre mim, isso não é bom. Histórias tem poder, e quanto tempo até a Srta. Preston

ouvir sobre minhas explorações noturnas?

O Sr. Redfern continua.

— Eu não gosto de você porque você é arrogante e prepotente. Você poderia ser muito melhor do que é, mas é egoísta demais para ver.

Não há o que responder a isso. Suas palavras doem, e ele nem está me olhando para determinar o impacto. Ao meu lado, Katherine não disse uma palavra durante toda a nossa conversa, apenas se manteve vigilante sobre os brancos comendo suas refeições. Parece um plano tão bom quanto qualquer outro, então olho para frente e desejo que o tempo passe.

Os criados voltam para limpar os pratos e servir o próximo, uma compota de frutas com queijo derretido por cima. Depois, há um prato de peixe que cheira a algo morto, mas todos os cavalheiros e damas finos devoram-no. O tempo todo, há um vazio feroz roendo minhas entranhas e tento imaginar uma vida assim, assistir pessoas sofisticadas comendo enquanto estou quase morrendo de fome. É a primeira vez que considerei o que uma vida de Atendente realmente poderia ser. Não é um pensamento reconfortante.

Até agora estive focada em que arte o Jackson está se envolvendo, o olhar insondável do Sr. Redfern, e a comida que todos estão comendo. Estive tão preocupada que só agora notei o companheiro da senhora Anderson, um homem doentiamente pálido esvaziando sua terceira taça de vinho. O homem suava, enxugando a testa com um lenço de bolso, as mãos tremendo ao guardá-lo. Ao lado dele, a Srta. Anderson está falando, mas o homem está muito perdido para prestar a devida atenção. A saliva desce discretamente pelo canto da boca e ele estende as mãos desajeitadas para pegar o guardanapo.

Ele está se transformando. Bem ali, na mesa. A qualquer momento seus olhos começarão a amarelar, e quando isso acontecer a Srta. Anderson será seu primeiro prato.

Não tenho um momento para me perguntar como raios esse homem rico poderia ter se infectado. Olho em volta para ver se alguém mais nota o mesmo que eu, mas Katherine está com o olhar perdido na distância, o olhar disciplinado que serve para fazer nossos protegidos se sentirem observados e não observados ao mesmo tempo; e o Sr. Redfern está falando em voz baixa com uma das criadas, direcionando a garota a parar de servir vinho para este convidado ou aquele. Até a Srta. Anderson está ocupada demais com sua própria taça de vinho para ver que seu vizinho está ofegante, lutando com a mudança que está acontecendo com seu corpo.

Toco o ombro do meu companheiro.

— Sr. Redfern.

Ele me lança um olhar irritado antes de voltar para a conversa com a criada do seu outro lado.

Eu agarro seu braço, sacudindo-o.

— Sr. Redfern!

Sua cabeça gira.

— O que é? — Ele grunhe, todo fingimento de boas maneiras se esvaindo.

— Pode me emprestar sua faca por um momento? — Pergunto docemente, apontando o outro lado da mesa para o homem cambaleando, derrubando copos ao fazê-lo. Um rosnado baixo vem de sua garganta e um coro de gritos ecoam em resposta pela sala de jantar conforme todos percebem que há um errante em seu meio.

O Sr. Redfern parece tão chocado quanto o resto, então agarro

sua lâmina sem esperar por permissão. Levanto a faca na mão, demorando apenas o tempo suficiente para sentir o peso. Então, quando o homem se lança sobre a Srta. Anderson, eu lanço a faca no ar.

É um bom arremesso, e a lâmina passa de ponta a ponta entre as cabeças dos convidados do jantar antes de se alojar diretamente na têmpora do errante. Por um momento a criatura continua tentando agarrar a Srta. Anderson antes de cair no chão em um emaranhado de membros.

Minha instrutora se afasta aterrorizada, seu rosto inteiramente pálido enquanto me encara do outro lado da mesa. Os olhos de todos estão em mim agora, seus rostos distorcidos em desgosto, como se matar um convidado do jantar, errante ou não, fosse uma gafe terrível.

— Minha nossa, — a esposa do prefeito diz da outra extremidade da mesa. O olhar que ela me dá faz com que eu me sinta menos humana e mais como um urso que acabou tropeçando no meio do jantar.

— Sim, foi um arremesso incrível, não foi? — Katherine diz, sua voz um pouco animada demais. — Jane foi a melhor da turma em manuseio de facas. Você deveria ver o que ela pode fazer a dez metros!

Ninguém responde, mas ambas as senhoritas Duncan e Anderson me dão olhares que deixam claro que certamente cometi um erro.

Ora. Deveria ter deixado o errante comer a cara da Srta. Anderson.

Atrevo-me a dizer que minha educação aqui tem sido mais do que um pouco esclarecedora. Você não seria capaz de imaginar os benefícios que colhi aqui em Maryland. Às vezes, riquezas são concedidas a mim quer eu as queira ou não.

Capítulo 14

No Qual Eu Vou Bisbilhotar

— Mais uma vez, devemos nossa gratidão às belas jovens damas da Srta. Preston, — diz o prefeito Carr, uma vez que todos na mesa se acalmaram. — Embora eu desejasse que elas fossem talvez um pouco mais discretas em seu trabalho... Não posso negar que é a segunda vez este mês que elas nos salvaram de um acidente bastante raro e infeliz. — Ele puxa o guardanapo de onde estava enfiado no colarinho, dobra-o, e o coloca ao lado do prato. — Bem, acho que podemos considerar oficialmente a parte do jantar da nossa noite concluída, não é? — Com isso, ele sorri, e seus convidados dão uma risada hesitante. — Vamos permitir que meus funcionários da casa arrumem isso aqui. Cavalheiros, convido-os a se juntar a mim para charutos e conhaque; de antes da guerra, claro.

Apesar deste belo convite, nem todos permanecem; uma numerosa quantidade de pessoas discretamente se despedem e saem. Talvez seja devido à minha emocionante habilidade de atirar facas, mas tenho a sensação de que é mais sobre ter visto um dos seus amigos se tornar um errante diante dos seus olhos. Ele não poderia ter sido tão popular, no entanto. A maioria dos camaradas do prefeito e suas esposas permanecem, e Katherine e eu somos informadas pela Srta. Anderson que devemos nos juntar às mulheres no salão enquanto elas tomam xerez, frutas e queijo.

— Você está falando sério? — Eu sussurro, por uma questão de modos. — Um homem acabou de virar um errante no meio do condado de Baltimore e ninguém se importa com como que aconteceu?

— O que você está sugerindo, senhorita McKeene? — A Srta. Anderson sorri firmemente para um convidado da festa de passagem antes de voltar a sua atenção para mim. — Que há um bando de errantes aqui na cidade? O homem provavelmente foi mordido na estrada vindo para cá e não divulgou. Uma terrível quebra de decoro, mas nada mais. Um errante solitário passando pelas patrulhas na fronteira do condado e incomodando um pônei perto das muralhas da cidade não é novidade.

— Mas não é apenas um errante, Srta. Anderson, — atiro de volta. — As Edgars foram atacadas dentro da fronteira do condado, e os... — Eu me seguro antes de deixar escapar o nome dos Spencers. — Ouvi rumores de que outras famílias também desapareceram.

A Srta. Anderson se endireita e ajusta suas luvas. Quando ela fala, suas palavras são como navalhas.

— Não sei onde ouviu essas fofocas, mas posso garantir que estamos muito bem protegidas aqui. Agora, a não ser que vocês duas queiram ser expulsas da Escola da Srta. Preston nesta mesma noite, sugiro que vocês se renovem e vão para aquele salão.

Em vez de continuar a discutir, aceno e faço reverência. Enquanto a Srta. Anderson se afasta, pergunto a um servo onde é o lavabo e me apresso pelo corredor. Já ouvi o suficiente da alta sociedade de Baltimore, e pretendo encontrar minhas próprias respostas. Mas Katherine está logo atrás de mim.

— Onde está indo? — Ela sussurra.

— Para qualquer lugar que não seja lá, — eu digo.

— Jane, você jogou uma faca Bowie em um dos convidados do prefeito. Aquele homem, a propósito, era um editor do *Sun*. A morte dele vai aparecer na primeira página amanhã, e a mulher do prefeito

está transtornada.

— Katherine, consegue ouvir o quão ridículo isso soa? Poderíamos ter morrido. Quem se importa com o que o jornal pensa? Metade da cidade não consegue lê-lo, de qualquer forma.

Katherine para.

— Não estou dizendo que está errada, Jane Mckeene.

— O quê?

— Concordo com você. Algo está muito, muito podre aqui. Mas você não vai conseguir o que quer deles, especialmente depois de jogar uma faca na cara de um homem na mesa de jantar. Tudo com o que eles se preocupam é como vai parecer nos jornais. Agora pense por um momento. O homem poderia ter sido mordido nas estradas, mas isso é improvável, não acha?

Eu mudo o peso de um pé para o outro. O fato de Katherine estar do meu lado é uma surpresa tanto quanto seu raciocínio comedido. A mordida leva entre alguns minutos e uma hora mais ou menos para transformar uma pessoa. Nós estávamos na última refeição. Há quanto tempo o homem teria sido mordido? Ele poderia de alguma forma ter conseguido a mordida aqui, na propriedade do prefeito?

— Não sei, Kate, mas sei que preciso encontrar o lavabo depressa ou vou me envergonhar outra vez.

Katherine faz uma careta.

— Olha, nós precisamos chegar ao fundo de tudo isso. Se nenhuma de nós estiver naquele salão, eles vão vir à nossa procura. Eu te cubro o máximo que puder.

Eu aceno, e apresso-me a descer o corredor, o meu cérebro revirando as possibilidades de um errante estar na casa do prefeito

Carr. O prefeito não me parece um homem tolo, então não posso imaginar que toleraria o tipo de incompetência que permitiria os mortos-vivos em sua propriedade. Então isso significa que ele os tem aqui de propósito? Por que um homem como ele manteria os mortos por perto?

É uma linha de pensamento tão ridícula que abano a cabeça. Tem que haver uma explicação razoável, uma que não envolva o prefeito de Baltimore mantendo errantes como animais de estimação. Eu só tenho que descobrir qual é.

Apesar de estar com a cabeça cheia de perguntas e suposições, eu ainda consigo encontrar a latrina, mas antes que eu possa fazer uso da casa de banho muito chique do prefeito eu vejo Jackson, acenando para mim de uma porta no final do corredor. Uma rápida olhada em volta revela que ninguém está por perto para me ver, e eu corro pelo corredor e entro na sala.

— O que está fazendo? — Sussurro, meus olhos ajustando-se à luz fraca. Há lamparinas a gás nas paredes mas não estão acesas, e apesar de um pouco de luz passar pelas janelas, é muito escuro para ver qualquer outra coisa além do vago contorno de estantes e um enorme quadrado que eu acredito ser uma mesa.

— Eu preciso de sua ajuda, — Jackson diz, riscando um fósforo e acendendo uma lamparina de querosene. — Devia estar na adega trazendo umas garrafas de vinho do porto para os homens, mas te vi sair e pensei que estava procurando pistas de onde Lily está.

— Por favor. Eu estava tentando usar a casa de banho. Agora, se você me der licença. — Mesmo que eu esteja procurando por respostas, Red Jack só vai me fazer ser pega. Eu faço menção de sair, mas ele agarra meu braço. — Jackson…

— Jane, você sabe que eu não pediria se não precisasse. — Cruzo os braços e ele suspira. — Eu sei que as coisas acabaram mal entre nós, e você sempre foi mais acolhedora do que eu tinha qualquer direito de esperar, mas você sabe que não consigo ler uma maldita palavra dos arquivos que o prefeito tem aqui. Não sei o que é a contabilidade doméstica e o que pode ser incriminador. Então, estou te pedindo, com uma grande consideração que não mereço: pode por favor me ajudar?

A luz do lampião brinca pelos traços de Jackson, mas de alguma forma acho que ele não está fingindo. Se está desesperado o suficiente para mencionar o nosso desentendimento, então eu sei que ele está terrivelmente preocupado.

Mesmo assim, em nenhum momento nesse discurso ouvi um pedido de desculpas.

— Eu só quero que você saiba que eu estou fazendo isso pela Lily, não você. No que me diz respeito, você pode apodrecer no inferno — O alívio relaxa suas feições e ele assente. Contraio meus lábios, assimilando a escrivaninha e as gavetas que a acompanham. — Aqui, segure a luz para que eu possa ver.

A mesa do prefeito é bem organizada, e há folhas de despesas e pastas de arquivos suficientes para fazer minha cabeça girar. Abro as gavetas ao lado da mesa, mas não há nada incomum, só o caderno de contabilidade e faturas costumeiras que se espera de uma fazenda de tabaco.

Eu tento puxar a gaveta de baixo e ela se recusa a ceder. Aceno para Jackson e aponto para a gaveta.

— Consegue abri-la?

Ele coloca a lamparina na mesa.

— Tem um grampo de cabelo?

Mexo no cabelo e tiro um, agradecida que o peso e a massa do meu cabelo se mantenham firmes. Jackson começa a trabalhar na fechadura, olhando para mim, sua expressão quase ilegível no escuro.

— Está muito bonita esta noite.

Eu não digo nada, o meu coração batendo no meu peito. Jackson nunca, nenhuma vez me disse que eu era bonita antes das coisas darem errado. Acho que ele sempre me subestimou. Mesmo quando estava atirando garrafas na sua cabeça e lhe dizendo o carrapato que era, ele ainda parecia surpreendido, como se nunca pensasse que eu ficaria zangada o suficiente para lhe dizer que as coisas entre nós tinham acabado.

— Esses trajes realmente te complementam, Janey-Jane. Eu posso entender o motivo de você levar seu treinamento e tudo mais tão a sério. Você pertence a esta vida. Vai ser uma Atendente brilhante.

A gaveta abre, me salvando de ter que lhe responder. Jackson põe a mão lá dentro e puxa para fora um livro de contabilidade grosso.

— Olhe, — eu digo, tocando na frente. SUMMERLAND está escrito em letras douradas de alto relevo. — O que é Summerland?

— Não faço a mínima ideia.

Abro o livro, mas antes de chegar muito longe escuto o som inconfundível de uma arma engatilhando.

— Summerland é uma cidade no Kansas. Lugar agradável, meio que um trabalho em andamento, como a maioria das cidades do Velho Oeste. E eu tenho a sensação de que você vai poder vê-la em primeira mão.

A sala ilumina, a Srta. Anderson acendendo um candeeiro a gás

na parede, um sorriso macabro no rosto. A luz revela o Sr. Redfern na entrada, um belo par de revólveres apontados para mim e Jackson.

— Srta. Mckeene, Red Jack, — diz ele, com uma formalidade adequada para a sala de estar. — Acredito que o prefeito esteja esperando por vocês.

Devo me desculpar: esta carta ficou mais longa do que eu esperava que ficasse. Por favor, dê às tias o meu amor, e diga à Tia Eliza que estou esperando uma torta de pecã quando eu retornar! Eu te amo, mamãe, mais do que qualquer coisa na terra ou nos céus do Senhor acima. Por favor, fique segura. Eu devo estar em casa em breve.

Capítulo 15

No Qual Meu Destino é Decidido

A Srta. Anderson tira todas minhas armas antes de prender eu e Red Jack com correntes e nos guia por uma escada para uma parte mais baixa da casa. O rosto de Jackson está impassível, e tento imitar seu comportamento calmo. Temo que falho miseravelmente. Meu estômago está todo borboletas raivosas e nervosismo, e sinto que vou perder o pouco de controle que tenho a qualquer momento. Também preciso esvaziar minha bexiga, o que não está mesmo ajudando a situação.

Já fiquei encrencada antes, mas de alguma forma a arma apontada para minhas costas e as correntes pesadas nos meus pulsos me fazem pensar que isso é muito pior que roubar uma torta das cozinhas.

A escada é íngreme, e apenas quando me pergunto se vai algum dia acabar nós entramos em um corredor longo iluminado por lâmpadas de gás. As chamas tremulam, fazendo sombras grandes nas paredes de pedra dançarem como bêbadas. Do fim do corredor vem um uivo longo e grave. Os pelos ao longo de meus braços se arrepiam, e a Srta. Anderson me dá um sorriso grande.

— Você os escuta, não é? — Ela diz.

— O prefeito mantém errantes?

— Claro que não. Não seja ridícula. Esses são seus cachorros. Os canis estão no final deste corredor. Você é ainda mais estúpida do que eu pensava, — ela diz com escárnio.

Estou começando a achar que ela realmente não gosta de mim.

A Srta. Anderson para e bate em uma porta chique esculpida

para retratar Adão e Eva fugindo do Jardim. O anjo os expulsando parecendo um pouco com o prefeito.

Isso não acalma meu nervosismo nem um pouco.

Alguém chama:

— Entre!

A Srta. Anderson abre a porta e guia o caminho, sorrindo como uma criança no Natal.

— Nós o pegamos, senhor! — Ela gralha, fazendo tudo menos uma dancinha enquanto nos apresenta como a cabeça de um cervo. — Eles foram direto para o escritório como eu disse que fariam.

Atrás de uma grande escrivaninha senta o Prefeito Carr, fumando um cigarro, uma taça de vinho do porto na sua mão. Ele se inclina para trás em sua cadeira, um homem parecido com uma grande fera. De tão perto é fácil ver porque as pessoas ficam admiradas com ele. Ele irradia poder, seus olhos escuros astutos e inteligentes. O homem possui um ar bem imponente, um de violência quase não reprimida. Não há muitas pessoas que ficam no caminho do prefeito e saem vivas para contar sobre.

Ele traga seu cigarro, soprando anéis de fumaça preguiçosamente.

— Acredito que foi o Sr. Redfern quem disse que, dada a oportunidade de bisbilhotar, a Srta. McKeene e seu companheiro teriam dificuldade de se conter. Então os agradecimentos devem ser direcionados ao Sr. Redfern, não você, Srta. Anderson.

O rosto da Srta. Anderson fica tempestuoso, e eu sorrio para mim mesma apesar do perigo em que estamos. Parece que o prefeito não gosta muito dela, também.

— De qualquer forma, nós o pegamos, senhor. Quer que a gente

corte eles? Eles seriam ótimas iscas de errantes, e nós temos um grande problema com um bando vagando na direção da orla. Ou nós poderíamos adicioná-los no experimento do professor Grooten. A temporada de eleições está chegando e ninguém nunca sente falta de alguns escurinhos.

Fúria preenche meu coração, e minha compostura quebra.

— Sua mulher cruel — eu grito, incapaz de me conter. — Eu deveria ter deixado aquele errante comer seu couro no jantar!

— SILÊNCIO! — O prefeito se inclina para frente, colocando seu cigarro em um cinzeiro de cristal e deixando sua taça de vinho do porto na escrivaninha antes de se levantar da cadeira. Ele anda até mim e Red Jack, um olhar de consideração em seu rosto. — Esse é seu problema, Srta. Anderson. Você é cheia de paixão, sem nenhum senso. Suponho que não seja sua culpa, sendo uma mulher e tal.

O prefeito agarra meu queixo, virando meu rosto de um lado para o outro como se estivesse inspecionando um cavalo à venda. Me solto de seu toque grudento, e ele me dá um sorriso.

— De qualquer forma, você precisa pensar sobre o objetivo final maior. Ambos desses negros são inteligentes, mais inteligentes do que eles têm o direito a ser. Não podemos tê-los em Baltimore, eles já estão criando problemas demais. E usá-los como isca de errante é uma grande perda. Nós temos os criminosos nas prisões para isso. Mas acho que eles seriam úteis em Summerland. O pastor talvez consiga conter seus instintos mais básicos, e o xerife tem um jeito nele que é conducente a encurralar negros desobedientes. O que você acha, Abigail?

Há um movimento da cadeira à esquerda, e minha boca se abre em choque quando a Srta. Preston se aproxima para ficar ao lado do

prefeito. A expressão gentil que vim a conhecer desapareceu. No lugar, ela me dá um olhar duro, e inconscientemente me encolho.

— Não tenho informação alguma sobre este rapaz aqui, mas Jane é uma das minhas melhores garotas. Onde está sua companheira?

— Katherine ainda está lá em cima com a Srta. Duncan. Ela não tem nada a ver com isso, — a Srta. Anderson diz, respondendo rápido demais. Katherine tem sido sua favorita por muito tempo, e seja lá o que é essa Summerland, ela muito provavelmente não quer Katherine sendo mandada para lá.

— Concordo que Katherine provavelmente não faça parte disso. — Srta. Preston se vira para o prefeito. — Mas ela é bonita demais para qualquer mulher respeitável a empregar como uma companheira. Já tive vários contratos possíveis desfeitos uma vez que as famílias a viam. Ela talvez seja mais útil como um incentivo para os homens a oeste. Depois de tudo, ela veio até nós através de uma casa de má reputação. Estou certa que ela conhece alguns truques para manter os homens em ordem.

— Gostaria de designá-la como uma Atendente de Summerland, mantendo as mulheres felizes, — o prefeito diz. — As garotas que recebemos lá do sul não deram certo, e se Summerland for ter sucesso precisamos de investidores, isso significa uma melhor qualidade de pessoas. Caso isso falhe, *então* podemos colocá-la como uma das garotas da Duquesa. — Ele se vira para a Srta. Anderson. — Traga-a aqui embaixo. Diga-lhe que eu gostaria de dar a ela meus agradecimentos pessoalmente por sua bravura na palestra.

Os lábios da Srta. Anderson se comprimem, mas ela faz como é dita.

Penso em como as Atendentes nunca parecem sobreviver muito

além de alguns anos, como garotas parecem nunca voltar uma vez que se formam, nem mesmo as garotas que conseguem contratos com boas famílias.

— Por quanto tempo você tem dado garotas a ele para seja lá o que esse esquema estúpido for? — Eu pergunto, dirigindo minha pergunta para Srta. Preston.

Ela me dá um sorriso adorável e acaricia minha bochecha com afeição.

— Desde que há uma *Escola da Srta. Preston de Combate para Garotas Negras*, houve uma Summerland. O oeste é selvagem, com os índios, errantes e a fauna. Se um não te pegar, outro certamente irá. Mas minhas garotas me ajudaram a tornar Summerland uma cidade do futuro.

A expressão do Prefeito Carr fica sonhadora.

— Imagine isso, uma utopia nos campos a oeste, segura o suficiente para resistir a qualquer ataque de errantes. — Ele sorri. — América, como deve ser, mais uma vez. Que preço alguém pode colocar nisso?

— Você enlouqueceu, — Jackson diz. É a primeira vez que ele falou desde que a Srta. Anderson nos prendeu com as correntes, e a expressão em seu rosto é assassina, como se ele não fosse amar nada mais além de estripar o prefeito e a Srta. Preston. Reconheço que meu rosto está parecido.

O prefeito ri.

— Quanto fogo! Admiro a habilidade do negro de continuar a lutar mesmo na face de possibilidades avassaladoras.

Um músculo na mandíbula de Jackson tensiona, mas ele não diz nada. O prefeito continua:

— Summerland é uma cidade em uma colina, um lugar onde pessoas podem criar suas famílias sem se preocupar com nada desse negócio desagradável de errantes.

— Você quer dizer o que o condado de Baltimore deveria ser? — Replico a ele. — Já vi bandos de errantes nas florestas. Matei eles. Toda essa conversa sobre tornar o condado seguro, sobre ele ser livre de errantes… Era tudo uma mentira.

O prefeito balança sua cabeça para isso.

— Não era uma mentira. Nossos muros, nossas patrulhas, o Ato de Reeducação de Nativos e Negros, estava tudo funcionando. Por um tempo. Mas no último ano, percebemos que, não importa com quanta força empurramos, aqueles malditos errantes continuam a empurrar com ainda mais força. Essas cidades a leste estão perdidas, garota. Acabadas. Não podemos reconstruir a América em uma fundação apodrecida por guerra e praga. Precisamos começar de novo. Summerland é este começo.

— Você mandou os Spencers para lá, não mandou? — Jackson pergunta.

O Prefeito Carr ri.

— Os Spencers foram por vontade própria uma vez que ouviram minha oferta. Segurança é uma mercadoria preciosa nesses tempos turbulentos.

Os ombros de Jackson caem.

— Mas os Spencers são Igualitários. Eles estavam protestando contra sua campanha ao Senado.

O prefeito dá de ombros eloquentemente.

— É maravilhoso o que alguns meses lutando contra os não mortos e tendo dificuldade em sobreviver podem fazer para mudar a

perspectiva de um homem. Alguns de meus melhores aliados uma vez foram Igualitários. As pessoas se importam menos em fazer a coisa certa do que se importam em ficarem seguros, especialmente quando tem pequenos para tomar conta. Ah, e aqui está nossa terceira mosqueteira.

A porta se abre, e Katherine entra, seu sorriso desaparecendo rapidamente quando seus olhos caem sobre mim e Red Jack.

— Espere, o que é isto? — Ela pergunta, surpresa.

— Temo, Srta. Deveraux, que isso é tanto um olá como um adeus, — diz o prefeito. Ele assente, e a Srta. Anderson pega as armas de Katherine e coloca um par de ferros nela também, apesar de que julgando pelo rosto da Srta. Anderson, dói nela ter que fazer isso.

O prefeito estende as mãos e sorri como se pedisse desculpas.

— Que rostos tristes! Se animem, amigos. Muitos canalhas conseguiram fazer suas fortunas ao oeste. É claro, isso é tudo assumindo que vocês sobrevivam.

Há uma batida na porta atrás de nós, e um homem branco com cabelo ruivo coloca a cabeça no cômodo.

— Desculpe interromper, Prefeito Carr, mas temos outra brecha. Parece um bando de bom tamanho. George foi mordido, então Jasper disse que tínhamos que te avisar que o matamos e não tem ninguém para lidar com os cachorros agora.

O rosto do prefeito ruboriza, e ele aponta para o homem.

— Coloque Evan nos cachorros e certifique que aqueles malditos errantes não façam uma brecha na secundária de novo! Tenho convidados.

Katherine mantém sua cabeça erguida, apesar de seus olhos estarem cheios de lágrimas. Ela não é nada além de dano colateral

nessa confusão toda, e me faz sentir de um jeito. Especialmente quando ela olha para mim e me dá um sorriso triste.

— Bem, Jane, parece que você estava certa, afinal.

Estranho, ouvir ela dizer isso não me dá muita satisfação.

O homem se apressa para fora, e o prefeito volta para sua cadeira, pegando seu cigarro de novo.

— Como você pode ver, tenho outros assuntos mais urgentes para resolver. O trem parte de manhã. Vocês passaram esta noite no porão, que talvez esteja um pouco úmido mas está fresco e bem confortável. Insisto que vocês descansem o máximo que puderem. A vida no oeste é mais difícil do que qualquer coisa com que vocês estão acostumados, pelo menos para o seu tipo. — O prefeito traga preguiçosamente seu cigarro. — E se vocês provarem que são úteis, como o Sr. Redfern fez, bem, vocês talvez tenham um futuro, afinal.

— Mais uma coisa, Sr. Prefeito, se você não se importar — eu digo.

— Sim, Srta. McKeene?

— Eu poderia usar seu banheiro antes de sermos presos? Odiaria me envergonhar durante meu exílio.

O prefeito sorri e assente.

— É claro, Srta. McKeene. Sou um político, não um monstro.

A Srta. Anderson nos guia para fora, Sr. Redfern gesticulando com seu revólver para nós o seguirmos. Nós seguimos, nossos passos lentos e desanimados.

Nunca me senti tão sem esperanças em toda minha vida.

PARTE DOIS

O OESTE CRUEL

Minha mais querida Jane,

Ah minha querida, como é bom ter suas palavras, e ler uma caligrafia tão adorável. Não há felicidade maior para uma mãe do que saber que sua única filha está indo bem. Vejo que a Srta. Preston teve um grande impacto positivo em sua vida, apesar de eu arriscar dizer que a memória do dia que você foi embora ainda me causa grande dor.

Capítulo 16

No Qual Tenho uma Revelação

O trem sai pontualmente às seis, e somos arrastados pela escuridão do início da manhã para o encontrar. Katherine e eu usamos nossos uniformes de Atendentes, e Red Jack ainda está vestido com a camisa branca e avental de um criado da casa. O Sr. Redfern anda atrás de nós, a arma apontada para nossas costas apenas caso tenhamos quaisquer ideias engraçadinhas. Estou certa de que somos uma bela visão para qualquer um que testemunhe nossa parada.

No trem somos guiados não para um vagão de passageiros mas um de carga. A Srta. Anderson está de pé nos esperando, deslizando a porta e gesticulando para nós entrarmos. Jackson encontra meu olhar e pisca.

— Sempre te disse que te levaria para longe de tudo isso — ele murmura, baixo o suficiente que apenas eu posso ouvi-lo. Como ele pode ter uma atitude tão jovial quando a situação é a mais difícil é algo que não consigo explicar.

A Srta. Anderson prende nossas correntes à argolas de aço no chão, jogando as chaves para o Sr. Redfern, que pega elas com uma mão. A Srta. Anderson sorri para mim.

— Tenho esperado por este dia desde que você entrou na Srta. Preston. Espero que o Sheriff Snyder acabe com você.

— E espero que uma horda de errantes coma seu rosto, sua miserável — eu digo. A Srta. Anderson leva sua mão para trás e me dá um tapa no rosto, minha cabeça rodando pela força do golpe. O gosto acobreado de sangue enche minha boca, e eu cuspo, mirando nas botas da Srta. Anderson. Infelizmente, não chego nem perto.

Tanto trabalho pela instrução de etiqueta.

A Srta. Anderson se vira para ir, mas depois hesita.

— Uma última coisa — diz. Ela coloca a mão no bolso da saia e tira um pacote grosso de cartas, envelopes de um bom pergaminho de lavanda. — Essas são de sua mãe, Jane. O chefe do correio é um amigo meu e ficou feliz em me ajudar a certificar que você não continuasse a violar as regras da escola. E acredito que a essa altura sua mãe provavelmente assume que você está morta, já que ela não recebeu nenhuma das suas cartas há tanto tempo, também. — Srta. Anderson joga o pacote de cartas fora de alcance, parcialmente entre mim e Katherine. Um olhar revela a letra como a de minha mãe, e algo se quebra em mim.

— Eu vou te matar, sua vadia conivente! — Eu grito, lutando contra minhas correntes e me lançando para frente o máximo que elas permitem. A Srta. Anderson apenas ri enquanto o Sr. Redfern ajuda ela a descer do vagão, a porta batendo fechada. Eu grito, um som de pura fúria animalesca, e antes que eu perceba lágrimas estão caindo de minhas bochechas, minha dor e frustração algo vivo. Todo esse tempo me desesperei sobre minha mãe: se ela estava viva, se ela ficaria feliz em me ver quando eu retornasse, se eu imaginei seu carinho e amor. Esse tempo todo esperei por respostas e não recebi nenhuma, minha devoção servil respondida com silêncio dela. Ou assim eu pensei.

— Jane, você tem que se acalmar. Vai ficar quente aqui, e eles não nos deixaram com água alguma, Jane. — A voz de Katherine está trêmula, e eu percebo que não sou a única sendo mandada para o desconhecido. Red Jack e Katherine estão aqui comigo, e eu lhes devo por tentar reter alguma da minha sanidade.

— Vou matar ela — eu digo, minha voz baixa. Uso o material bom da minha saia para esfregar meu rosto do catarro e lágrimas, as correntes ao redor dos meus pulsos afundando em pele macia. Respiro fundo tremulamente. — Vou matar ela, e a Srta. Preston e o prefeito. Todos eles. Vou estripar eles como peixes e usá-los como isca de errante, depois vou queimar ambas a escola e a casa do prefeito até o chão e dançar em cima das cinzas.

— Isso é bom, Jane, isso é bom. É bom ter objetivos, — Katherine diz, sua voz tremendo. Ela soluça e começa a chorar. Eu deveria oferecer a ela algumas palavras confortantes, mas sou um nó de fúria e violência, e não sei nada como as banalidades que ela diz.

Lá fora, o apito do trem assopra, e me aconchego para a grande jornada, planejando minha vingança sangrenta. De um lado meu Katherine chora lágrimas silenciosas e do outro Jackson não diz nada, o som de suas respirações pesadas é a única indicação de que ele sequer está lá.

A vida em Rose Hill é praticamente a mesma de quando você estava aqui, porém devo admitir que nós sentimos uma tremenda falta de seu comportamento alegre.

Capítulo 17

No Qual Sou Recebida à Summerland

Os próximos dias são uma aula de tortura lenta. O vagão é um forno, e a vibração das rodas sacode nossos ossos até eu ter certeza que vamos chegar ao oeste pouco mais que uma tigela de gelatina. De vez em quando o trem para de repente, nos jogando violentamente para o lado, a porta abrindo para revelar o Sr. Redfern. Ele nos dá água e pão duro antes de nos levar para fora para nos aliviarmos ao longo do trilho. Não temos armas, então é de destruir os nervos se agachar entre as ervas daninhas altas e fazer nossas necessidades. O movimento e o ar fresco são uma trégua breve antes de sermos colocados de volta no trem e começarmos nossa jornada mais uma vez.

Perco total noção do tempo, apesar de eventualmente pegar o pacote de cartas. É escuro demais na penumbra para lê-las, mas não há como confundir meu nome rabiscado na frente com a letra de minha mãe. As escondo no bolso da minha saia ao lado de Tom Sawyer. Não tenho certeza de quando a última carta chegou, mas apenas olhar para elas é suficiente para acender minha fúria de novo.

Um dia vou retornar para Baltimore, e quando eu fizer isso, eles vão pagar muito caro.

Não conversamos muito na viagem. Suponho que estamos todos presos em nossos próprios pensamentos sombrios. De noite, quando o vagão esfria o suficiente para nós dormirmos um pouco, escuto Katherine chorando baixinho, tentando esconder o som de suas lágrimas enterrando o rosto nos joelhos. Me sinto mal por ela. Ela realmente ficou com a pior parte. Aqui está ela, seguindo as regras por

anos, trabalhando na direção de nada mais do que ser a Atendente de alguma senhorita, e as autoridades decidem que ela é bonita demais para uma labuta assim e a enviam para o oeste. É o pior tipo de traição.

A terceira noite que acordo com ela chorando, minha culpa me vence.

— Sinto muito que você tenha se envolvido nisso. Sinto muito que você não será uma Atendente, — eu digo. Katherine ri no escuro, o som vazio.

— Ah, Jane, nunca liguei muito para ser uma Atendente. Tudo que eu sempre quis foi ser livre.

Suas palavras me dão coisas demais para pensar.

— Por que você acha que os Sobreviventes mentiram sobre Baltimore ser segura? — Ela continua.

— Poder, — Jackson diz, amargura preenchendo sua voz. — É a única coisa que os homens como eles querem.

— As pessoas queriam acreditar neles, — eu murmuro, pensando sobre o pobre Othello da palestra e sua disponibilidade em morrer pelas delusões do professor Ghering. — Elas queriam que tudo voltasse a ser como era antes da guerra. Antes da matança, os errantes, os muros, tudo aquilo. É assim que homens como o prefeito mantiveram o controle. Você acredita com força o suficiente em uma ideia, nada mais importa muito.

— Se tudo que os Sobrevivencialistas têm dito são uma mentira, então ninguém está seguro, — Katherine diz.

— Nós nunca estivemos, — eu digo. A memória da traição da Srta. Preston dói novamente.

Não há muito o que dizer depois disso.

Depois do que parecem meses, mas na realidade são cerca de cinco dias, o trem para de novo. Dessa vez quando a porta abre totalmente, e meus olhos finalmente se ajustam à luz forte demais, há três rapazes com uma aparência bruta segurando armas.

— Bem vindos ao grande estado do Kansas. Me pergunto por quanto tempo vocês vão sobreviver, — um diz, sua voz alta e estridente. Ele nos dá um sorriso com vãos.

Faço de tudo para não revirar os olhos. Depois de quase uma semana de ser cozinhada viva e balançada para fora da minha pele, estou irritável e sem humor algum para lidar com um bando de valentões sem dente. Ergo minhas mãos acorrentadas.

— Um de vocês vai abrir isso aqui, ou vocês só vão ficar aí desperdiçando a luz do dia?

Estridente dá um passo para trás, o sorriso esvaindo em um olhar de surpresa. Percebo que a maioria das pessoas chega aqui assustados como um rato em uma armadilha depois de uma viagem tão brutal, mas a revelação da Srta. Anderson e a vinda lenta e longa para ficar remoendo ela simplesmente me deu um sentimento maldoso. Agora, não ligo para muito além das duas tarefas à minha frente.

Primeiro, encontrar minha mãe. Minha mãe está viva e provavelmente acha que estou morta. Tenho que encontrá-la e dizer a verdade a ela. Isso significa encontrar um caminho de volta para Rose Hill, e rapidamente.

Mas tenho que trazer Katherine e Jackson juntos também. Não posso deixá-los encalhados no campo. Além disso, vou precisar de ajuda para sobreviver à viagem.

Antes que eu possa fazer qualquer uma dessas coisas, preciso

sobreviver. A qualquer custo. E das histórias que ouvi sobre a fronteira a oeste, isso não vai ser fácil.

Os três imbecis nos encarando não se movem, então balanço minhas correntes para eles.

— Ei! Vocês querem que a gente saia ou não?

— Cavaleiros. — a voz grave do Sr. Redfern faz os idiotas se afastarem incertos, e ele entra no vagão com uma graça simples. Ele abre nossas correntes, e por um momento penso em atingi-lo na cabeça de cima para baixo e tentar fugir. Mas assim como antes, como as muitas paradas ao longo do caminho, não faço isso. Não tenho ideia de onde estou e como voltar para a civilização. Sem armas, sem comida, sem nada. Vou planejar minha fuga, mas agora não é hora nem lugar.

Infelizmente, Jackson não possui tal calma e lógica racional. Uma vez que suas mãos estão livres, ele dá um impulso para trás e dá um soco no rosto do Sr. Redfern. O homem não estava esperando isso, e ele cai como um saco de pedras.

— Vamos! — Jackson grita antes de se lançar do vagão e sair correndo. Katherine ainda está acorrentada ao chão, e nossos olhos se encontram com surpresa e descrença.

Sr. Redfern fica de pé, punhos fechados e mandíbula tensa. Ergo minhas mãos.

— Aquele garoto é impulsivo. Não vou correr para lugar algum. — Ele me dá um aceno curto e pula do vagão. — Ei, pelo menos deixe as chaves para eu poder soltar Kate!

As chaves voam para trás sobre seu ombro e eu as pego no ar. Solto as correntes de Katherine e a ajudo a ficar de pé.

— Eca, você está fedendo — ela diz, segurando as costas da mão

delicadamente no rosto.

— Você mesma não está uma cama de rosas. — Inclino minha cabeça na direção da entrada. — Vamos lá. Quero ver o que eles fazem com aquele abestado.

Nós pulamos do vagão, oscilantes depois de tantos dias trancadas. Katherine e eu chegamos bem na hora de ver Jackson ser pego pelos três homens um pouco a frente na rua que leva para longe da estação. O Sr. Redfern corre para ajudar, e cruzo meus braços e observo enquanto a cena se prossegue. Katherine franze o rosto.

— Bem, aquilo não foi sábio.

— Não.

Jackson luta contra os homens, finalmente caindo em seus braços depois do Sr. Redfern lhe dar um pouco de vingança com um soco no queixo.

— O que aquele garoto estava pensando? — Katherine murmura, balançando a cabeça. Me pergunto o mesmo. Jackson teve brigas com os homens do prefeito antes, o que ele espera de um lugar como esse? O Oeste é sem lei ao extremo pelo que os jornais dizem. Duvido que uma cidade fundada pelo prefeito de Baltimore que não vale nada e seus camaradas Sobreviventes será muito melhor.

— Você acha que eles vão matá-lo?

— Não, ainda não. — Pelo menos, espero que não. Não tenho orgulho em dizer que me dá um tipo perverso de alegria ver Jackson levar uma surra. Afinal, é praticamente culpa dele eu estar aqui em primeiro lugar. Ele e aqueles malditos olhos azuis e verdes. — Eles tiveram muito trabalho para trazer a gente até aqui. Precisam de nós para algo, então não acho que eles vão ser tão rápidos em nos matar logo de cara.

Os homens pegam Jackson e o arrastam na direção de um prédio com frente de madeira e barras nas janelas. Não tenho certeza se as barras são para manter os errantes de fora ou as pessoas para dentro. Minhas acomodações não me dão exatamente a visão de um pássaro da cidade, e o que estou vendo agora é simplesmente um mistério.

Tudo aqui é novo. Os prédios não são nada como imaginei em uma cidade fronteiriça. Tudo é esbranquiçado e uma calçada de tábuas corre ao longo da frente dos prédios, elevando o tráfego a pé acima da rua principal empoeirada. Espio um bar, banco, loja de produtos secos, e um hotel. A estrada é plana e bem mantida, e além da cidade está a terra mais plana que já vi. Há um agrupamento de casas a distância, mas não tem como dizer quão grande elas são ou se elas sequer estão ocupadas. Os campos são de um amarelo dourado, desaparecendo em um céu tão pálido que é como uma versão manchada pelo sol do céu lá em Maryland. É mais quente que o inferno, e o sol nos atinge impiedoso. Bem longe, há um cume estranho, uniforme e regular, e não consigo discernir o que é mesmo enquanto semicerro os olhos contra o sol.

Katherine cobre os olhos e olha ao redor.

— Ah, Deus. Aquilo é um muro de barreira?

Ela aponta na mesma direção do cume, e eu balanço a cabeça.

— Não pode ser. Um muro tão grande… como eles sequer conseguiriam mantê-lo?

Sr. Redfern retorna para onde Katherine e eu estamos paradas, e ele se curva rapidamente.

— Minhas desculpas, senhoritas.

Eu bufo.

— Você nos sequestrou e arrastou para o meio do nada, e está se

desculpando por bater em Jackson? Você é um homem estranho, Sr. Redfern.

Ele me dá o que comecei a pensar como um olhar cortante e se vira para Katherine.

— Queiram me seguir, por favor, o Xerife Snyder está esperando para conhecê-las, — ele diz, me ignorando completamente.

Descemos pela rua, nossa passagem levantando poeira que cobre minha pele e entope meu nariz. Se eu não me sentia uma bagunça antes, a caminhada curta até o escritório do xerife da estação definitivamente me deixa assim. Em Baltimore as ruas são todas de paralelepípedos, civilizadas e limpas. Mesmo as estradas do interior ao redor da Srta. Preston são de uma terra tão batida que elas poderiam muito bem ser pedra. Mas apesar da rua aqui parecer adorável de longe, de perto as imperfeições se revelam. Pilhas grandes de algo que se parece suspeitosamente com fezes marca a faixa. Aponto isso para Katherine, arqueando as sobrancelhas. Ela dá de ombros.

— É estrume de cavalo, — Sr. Redfern responde do nada, e eu e Katherine olhamos para ele descrentes.

— Cavalos? — Katherine pergunta.

— Vocês têm cavalos? — Eu falo com a voz aguda. Nunca vi um cavalo, além de pinturas deles. Bestas enormes que pessoas uma vez conduziram, antes dos errantes os tornarem uma fonte de comida pronta. Os pôneis de ferro substituíram cavalos como transporte, e eu não amaria nada mais que ver um cavalo de perto.

Mamãe costumava falar sobre sua égua favorita, Cassandra, nomeada em homenagem a uma mulher condenada de algum mito antigo. Aparentemente o nome era profético: a primeira vez que Rose

Hill foi atingida por uma onda de errantes eles foram atrás dos cavalos, despedaçando as pobres bestas antes que mamãe e Josiah, o grande homem escuro que liderava o trabalho no campo, pudessem matá-los. Era um pequeno grupo, e fomos sortudos. Nos deu aviso suficiente para nos prepararmos para ataques futuros. A maioria dos vizinhos de Rose Hill não foram tão favorecidos.

Ao meu lado Katherine suspira.

— Eu adoraria ver um cavalo.

Eu assinto.

— Eu também.

O Sr. Redfern nos olha um pouco torto.

— Bem, vocês terão o que desejam. Eles conduzem cavalos ao longo da cerca do perímetro. Não sei o que o xerife tem planejado para vocês, mas provavelmente incluirá algumas patrulhas. Não tem corpos suficientes para preenchê-las direito. — Há algo por trás de sua expressão que me diz que tem algo mais a suas palavras do que ele está dizendo, mas deixo isso de lado por enquanto.

Paramos de repente fora de um prédio com uma janela de vidro grande e com uma caligrafia chique proclamando "Xerife" e uma bandeira de listras vermelhas e brancas. Sobreviventes.

O Sr. Redfern segura a porta aberta para nós, e Katherine e eu entramos lentamente em um escritório de aparência normal.

— Boa sorte. — ele diz baixo antes de ficar para trás. O que ele quis dizer com aquilo, não consigo saber, mas seu tom é sincero.

Mesmo com a janela da frente grande, o cômodo é sombrio. Leva alguns momentos para meus olhos se ajustarem, e quando eles se ajustam os formatos vagos se formam em uma escrivaninha, algumas cadeiras, e uma cela ao longo da parede do fundo que está atualmente

ocupada por Jackson. O lugar inteiro carrega o cheiro de corpos não lavados e fumaça de tabaco com um ar fraco de decadência.

As paredes são de madeira nua, com anúncios quebrando o lugar vazio: um aviso grande proclamando "Não Beber Depois das Oito"; uma agenda de encontro de oração semanal; dois conjuntos de leis da cidade, um para os de cor e outro para os brancos; e, o mais curioso de todos, um documento longo intitulado "Declaração de Direitos de Summerland" colocado bem ao lado da porta.

— Essas são as garotas que o prefeito me falou?

Katherine e eu temos um sobressalto com a voz grave, e um barulho alto se segue, o som de botas atingindo o piso de tábuas de madeira. Estou meio me perguntando onde eles arrumaram toda essa madeira. Não vi uma única árvore por aqui, apenas aquela grama dourada e a paisagem plana. O prefeito trouxe todo esse material de construção para o oeste no trem? Não é de se surpreender que ele estivesse falando tanto de investidores.

Atrás de nós, Sr. Redfern limpa a garganta.

— Sim, Xerife. Jane McKeene e Katherine Deveraux, ambas recém graduadas da *Escola de Combate da Srta. Preston para Garotas Negras*.

— Isso é tudo, pele vermelha. Diga a Bob e William que eles precisam voltar para escoltar essas duas depois de eu terminar de falar com elas.

— Claro. — A voz do Sr. Redfern está tensa, mas um relance sobre meu ombro não revela nada, seu rosto impassível. Sei que ele tem que estar com raiva por ser chamado de "pele vermelha" daquele jeito, o que é um insulto dos mais altos. Afinal, sua pele nem é vermelha. Mas, sua expressão está amena. Tenho certeza que não

gostaria de jogar pôquer com Sr. Redfern.

A porta se abre e fecha enquanto o Sr. Redfern parte, e eu viro minha atenção para o xerife. O homem branco que está parado na nossa frente tem a pele avermelhada de alguém que passou muitos dias no sol sem sombra dessas planícies. Ele usa um grande chapéu de aba apesar de estarmos dentro do lugar, e suponho que um lugar tão sem lei como esse provavelmente não tem por que ter boas maneiras. Seu bigode de cor areia cai de cada lado de sua boca, e apesar de sua juventude relativa, seus movimentos enquanto senta são lentos e deliberados. Suponho que ele seria considerado atraente, ainda sim há algo que não gosto sobre ele. Há uma faísca em seus olhos azuis que me faz pensar que o homem é mais perigoso do que parece, o jeito que eles dizem que jacarés nos pântanos lá no Sul fingem ser um pedaço de madeira antes de morder um homem. Esse é um homem que gosta de ser subestimado.

— Jane McKeene. Sua reputação te precede.

— Bem, senhor, não vejo como isso aconteceria. Eu não sou ninguém.

— Um ninguém que aparece na primeira página do *Sun*. — O homem coloca a mão na escrivaninha e pega uma folha de jornal. É a publicação de quase um mês atrás. A data coloca ele no dia depois da palestra e a manchete diz PREFEITO E A ESPOSA SÃO SALVOS PELA BRAVURA DE UMA GAROTA NEGRA. A ilustração que acompanha a história é uma versão minha toscamente desenhada, meu cabelo apontando para vinte diferentes direções, meus lábios grossos e meus olhos selvagens enquanto atiro em nada menos que dez errantes.

— Xerife Snyder, devo confessar, essa é a primeira vez que vi tal

manchete. Eu poderia emprestar seu jornal para folhear a história enquanto estiver no meu tempo de lazer?

Uma expressão que não consigo identificar passa por seu rosto.

— Você lê?

Há uma súbita tensão no cômodo, e eu mexo os pés um pouco, deixando um lento arrastar entrar minha voz. Prefiro ser mal interpretada também.

— Não, sinhô. — eu digo, minhas palavras são lentas e deliberadas. — Eu só gosto de olha pras imagens, si num tiver probrema.

O xerife me dá o jornal com um grunhido antes de se inclinar contra a escrivaninha e cruzar os braços, e eu ajeito o jornal dentro da minha bota enquanto o homem fala.

— Então, as regras básicas. Toque de recolher às oito cada noite a não ser que você tenha sido designada a uma patrulha. Vocês serão responsáveis pela proteção dessa cidade. Gadanha, foice, faca, taco, você quer, você ganha. Mas sem armas. Não deixamos os escurinhos carregar elas, apenas meus garotos. Eu costumava comandar patrulhas na Geórgia antes da guerra, e eu sei quão espertinhos sua gente consegue ser. — A voz do xerife fica dura, e eu engulo.

Ele tira uma trouxa com tabaca e começa a enrolar um cigarro enquanto continua:

— Vocês não são escravas, porque até onde eu sei isso ainda é ilegal, o que é uma pena, então vocês receberão dois dólares por semana mais seu quarto e refeição. Vocês também ganham um banho uma vez por semana, se vocês escolherem usar isso. Sei que seu tipo tem uma aversão a água.

Katherine e eu trocamos um olhar. Quem é esse homem? E

quantos pretos ele conhece?

— E também, sem beber e fornicar. Summerland é uma cidade de altos valores morais então nada disso vai ser tolerado. Quebrar minhas regras resulta em penalidades imediatas. Vocês entendem?

Por um momento o mundo desaparece e consigo ver o futuro enquanto ele se abre à minha frente: labutando sem parar, trabalhando nos campos ou nas patrulhas, matando os mortos enquanto pessoas como o xerife vivem uma vida de segurança e lazer. Na superfície parece ser igual ao meu potencial futuro em Baltimore, mas lá eu ainda tinha uma escolha. Bem, pelo menos a pretensão de uma. Sempre pareceu que eu podia me dar bem sozinha se eu escolhesse deixar a Srta. Preston. Teria sido uma má escolha, mas uma opção mesmo assim.

Aqui, não há sequer o subterfúgio de uma possibilidade assim. A armadilha está bem armada. Sei como eram as coisas antes das Guerra entre os Estados, e apesar dos anos depois terem sido caóticos, pelo menos pessoas de cor como eu eram livres. Mas esse lugar é a invenção de um monte de Sobreviventes, construído em um sonho de uma América pré-guerra, que é como eu sei que minhas próximas palavras vão mudar tudo.

— Sinhô — eu digo, — Não tenho certeza por que você tá fazendo a Srta. Katherine ouvir tudo isso. Ela não é uma preta.

O xerife vira para mim enquanto os olhos de Katherine se arregalam. Atrás de mim, seus homens se movem; tenho a atenção deles.

— Jane, — Katherine diz, punhos fechados, cor preenchendo suas bochechas. — O que você está…?

— Não é sua culpa que o prefeito te deixou de lado, Srta.

Katherine, não é sua culpa mesmo. E eu sei que ocê vai ficar brava comigo, mas você não pode labutar no campo. Ocê é melhor que isso.

Katherine enterra o rosto nas mãos. Não tenho certeza se ela está rindo ou chorando, mas uso o momento para terminar meu plano antes que ela possa arruiná-lo. Me aproximo da escrivaninha.

— Me formei da Srta. Preston, essa é a verdade do Senhor, Xerife, mas Srta. Katherine aqui é uma lady, minha responsabilidade. O prefeito gostou da Srta. Katherine e sua velha esposa matraca conspirou para ter ela mandada aqui. É por isso que ela está vestida como uma Atendente. Ela foi enganada.

Katherine está agora me lançando adagas pelos olhos enquanto o xerife se vira para ela, um brilho de interesse nos olhos.

— Isso é verdade? — Ele pergunta.

Katherine vira a cabeça, se recusando a encontrar os olhos do xerife, os lábios comprimidos. Mesmo depois de cinco dias de tratamento bruto, ela ainda está bonita, que é como eu sei que isso vai funcionar.

O xerife se vira para Jackson, que se sentou o suficiente para assistir o que está rolando no escritório.

— Você aí, garoto, essa mulher é branca ou é uma escurinha?

A mandíbula de Jackson fica tensa, ele olha o xerife nos olhos, e lento como um jabuti, fala:

— Ela definitivamente não é uma escurinha.

A porta se abre atrás de mim. O xerife olha sobre meu ombro e diz:

— Vá pegar o professor, diga que preciso que ele traga suas ferramentas. — Olho sobre meu ombro enquanto um dos homens que esperou pelo vagão assente e sai de novo pela porta. O outro homem

me olha com malícia, e eu apenas lhe dou um olhar vazio de volta. Estou tensa por causa da viagem, e gostaria de uma oportunidade de bater em um desses garotos até terem juízo.

O xerife suspira.

— Temos jeitos de descobrir se alguém é de cor, não tema. Vamos deixar essa discussão de lado até o professor chegar aqui. Então, como eu estava dizendo: Summerland é uma cidade de altos valores morais. Igreja todo domingo, um baile no último sábado de cada mês, se não houver nenhuma infração. Estudo da Bíblia nas quartas e sextas-feiras. O pastor parece achar que a palavra do Senhor manterá seu tipo em ordem, mas não tenho tanta certeza — ele murmura enquanto lambe o papel de enrolar, selando seu cigarro. Ele acende a coisa, e a fumaça cinza azulada preenche o cômodo.

Não digo nada, mas Katherine parece estar prestes a chorar. O xerife aproveitou a oportunidade para nos insultar e lembrar da circunstância de nossa pele escura, e eu gostaria de nada mais que dizer a ele o que eu penso. Posso acabar com um grupo de errantes rapidamente. Sou inteligente e posso encontrar um jeito de sair de qualquer situação ruim. Sei que sou mais que a cor de minha pele. Mas não há nada para ser ganho se eu explodir agora. Preciso preparar o terreno e descobrir como ir uns cento e sessenta quilômetros para o leste inteira.

— Ah, e uma última coisa, — o xerife diz enquanto a porta se abre atrás de nós. — Se vocês saírem da linha vão ser imediatamente lembradas de seu lugar.

Um garoto branco e alto usando um chapéu côco, um colete azul, e uma camisa branca com as mangas enroladas nos antebraços abre caminho entre mim e Katherine. O xerife olha para ele e traga o

cigarro.

— Estava na hora. Essa aí diz que não é de cor. Preciso que você meça ela. E você pode usar a outra como um cobaia para seu novo experimento.

— Xerife, quantas vezes tenho que te pedir para mandá-las para meu laboratório? Não posso fazer nada aqui, e leva um tempo para destilar a vacina. — O garoto se vira e percebo que ele é mais velho do que pensei de primeira, talvez vinte poucos anos, com uma barba por fazer escurecendo suas bochechas. Ele não é bonito, mas tem algo indescritivelmente atraente sobre seu rosto. Ele é pálido, mas não como se estivesse doente, mas sim como se não saísse muito no sol. Suas sobrancelhas escuras estão unidas em uma carranca, e seus olhos de uma cor avelã barro disparam pelo cômodo como se estivesse calculando… algo. Há uma inteligência ali que me chama. Não me importo muito em olhar para ele, apesar dele provavelmente ser um rato bastardo, já que ele está trabalhando com o xerife.

O xerife, por sua vez, apenas continua a tragar seu cigarro.

— Tá bom, leve elas para aquele seu buraco. Não preciso que você me responda.

— Claro. — As palavras do garoto estão cortadas. Ele ainda poderia ser um bastardo, mas eu arriscaria que ele não gosta muito do homem da lei, o que talvez conte para algo.

O xerife não parece detectar o tom, porém. Ele coloca os pés na escrivaninha, se inclinando para trás em sua cadeira com um sorriso.

— Bem-vindas a Summerland, garotas. Tentem não morrer antes que eu possa substituir vocês.

Jane, eu espero que enquanto você está fora você mantenha em mente as coisas que eu te ensinei. Nós vivemos em tempos problemáticos, mas isso não é desculpa para não ser uma dama. Sempre tenha modos!

Capítulo 18

No Qual Minha Reputação É Difamada

Enquanto o garoto sem nome se vira para mim e Katherine, sua expressão se suaviza.

— As senhoritas poderiam me seguir, por favor? Vou precisar levá-las para meu laboratório.

Antes que eu possa ir embora, o rapaz atrás de mim me dá um empurrão não muito gentil com o cano da arma, e me viro para dar meu olhar de lado.

— Senhor, por favor se abstenha do uso frequente do seu rifle. Caso contrário, te mostrarei alguns lugares criativos para colocá-lo.

O homem apenas me dá um sorriso faltando dentes cheio de malícia, e nós saímos do escritório do xerife e voltamos para a calçada de tábuas, o garoto pálido e de cabelo escuro liderando o caminho. Enquanto ele anda, seu pé esquerdo se arrasta um pouco. Me pergunto como ele conseguiu esse mancar, se nasceu com ele ou se algo ruim aconteceu quando era criança. Acho que todos temos nossas cicatrizes de infância, quer mostremos elas ou não.

O homem atrás de mim me empurra com o cano do rifle de novo, dessa vez me fazendo tropeçar. Me seguro contra a frente da loja geral enquanto ele ri.

— O que você vai fazer? Nada, é isso, sua escurinha insolente. Você não está em posição nenhuma para ficar me retrucando.

Sorrio docemente enquanto um temperamento obscuro passa por mim, todas as humilhações dos últimos dias coalescendo em uma nuvem escura que apaga todos os pensamentos. Depois me centralizo e, tão rápido quanto possa imaginar, me agacho e giro para tirar as

pernas debaixo dele. Uma vez que ele está no chão chuto sua lateral antes de colocar meu joelho na sua garganta. Tudo isso acontece mais rápido que a batida do coração de um coelho.

Enquanto ele gorgoleja e se debate me aproximo.

— Neste momento, senhor, com meu joelho em sua garganta, estou na posição perfeita para lhe aconselhar sobre seus maus modos. Uma lição para ser aprendida: a sorte é tão volátil quanto parece. E em uma terra cheia de errantes é melhor você não testar minha boa vontade, está me escutando? Você nunca sabe quando vai acabar com uma mordida.

O som de um revólver engatilhando é ensurdecedor ao lado do meu ouvido.

— Senhorita, você poderia por favor sair de cima de Bill. Temo que ele seja o primo do xerife, e o xerife ficaria um tanto descontente se alguma coisa acontecesse com ele.

Olho para trás de relance para ver o garoto pálido acima de nós, a adorável Colt na sua mão apontada direto para minha cabeça. Dou a ele meu sorriso mais doce e fico de pé.

— Claro. — Eu até mesmo balanço em uma pequena reverência.

O garoto afasta o revólver, o guardando de volta no coldre que está pendurado em seu quadril.

— E, Bill, por favor mostre um pouco de controle. Essas senhoritas são treinadas na arte de matar os mortos. Sei que você não ouviu sobre a Srta. Preston, mas as garotas daquela escola são bem respeitadas. Elas são muito diferentes dos Negros que recebemos dos enclaves do sul. Precisaria de pouco para elas virarem esse talento contra você.

Bill pega seu chapéu do chão e cospe.

— Não recebo ordens de você, garoto.

— Não, você não recebe. Mas precisa de alguém para tratar essa sua maleita, então eu te avisaria para checar seus impulsos mais básicos, senhor. É um procedimento delicado, e o Doutor é conhecido por ter mãos trêmulas quando não tem seu uísque. E como eu digo ao bom doutor frequentemente, você nunca sabe quando a cidade talvez fique seca.

Bill fica mais branco que uma folha de papel, e não posso deixar de me perguntar que tipo de tratamento ele precisa, e o que pode deixar um homem com tanto medo de um par de mãos trêmulas.

A calçada acaba e pisamos na rua empoeirada e continuamos andando. Bill fica um pouco para trás, provavelmente preocupado que lhe chutarei de novo. Nenhuma chance disso, não com esses sapatos. Meus pés doem, e penso com saudades nas minhas botas lá na Srta. Preston, desgastadas e tão confortáveis. Eu e Katherine ainda usamos as roupas elegantes da noite que fomos raptadas, e as coisas que estou usando servem para parecer bonita, não passear por uma cidade fronteiriça.

— Ei você, Gideon, você tá me trazendo novas garotas?

Uma mulher se pendura de um batente do outro lado da rua. É preciso tudo de mim para não deixar meu queixo cair em choque. A mulher está generosamente dotada, seu busto branco transbordando do seu vestido decotado cinza, sua mão em um de seus quadris largos. Seu cabelo é tão vermelho quanto cerejas e está mal empilhado no topo de sua cabeça. Atrás dela, algumas outras mulheres espiam a rua, todo mundo tentando dar uma olhada.

O garoto pálido, que estou supondo ser chamado Sr. Gideon, para e abaixa seu chapéu coco.

— Bom dia para você, Duquesa. Temo que pelo menos uma dessas garotas irá para as patrulhas, e nenhuma delas estão destinadas a ser empregadas em seu bom estabelecimento.

As mulheres no batente todas dão risadinhas com as belas palavras do Sr. Gideon, e enquanto continuamos a andar, Katherine se inclina perto de meu ouvido.

— Creio que aquela seja uma casa de má reputação.

Eu assinto solenemente.

— Sim, Kate, creio que você esteja certa.

Katherine funga.

— Não posso acreditar que ela pensa que nós éramos para trabalhar lá.

Encaro Katherine, tentando descobrir se ela está falando sério ou brincando comigo. Sua expressão é a de alguém que sofreu um insulto grave, e tenho que lutar para engolir minha risada histérica. Ela fica de queixo caído.

— Jane, me diga que você não está insultada. — Me aproximo para que os homens não me escutem.

— *Insultada*? Kate, fomos acorrentadas e mandadas para o outro lado do continente. Estamos atualmente sob a piedade de um homem que acredita que Negros são colocados aqui nessa terra para lutar contra errantes ao comando do homem branco, e vai nos mandar para fora para fazer isso sem armas. Jackson está em uma cela de prisão esperando algum destino desconhecido. Esta cidade é um ponto sujo no meio do nada. Não tem árvores e a terra é desconcertantemente plana. Minha virtude é honestamente a minha última preocupação. Estou com fome, cansada, um pouco assustada e muito brava, mas alguns sentimentos machucados são a coisa mais longe da minha

mente agora.

Minha voz aumenta enquanto falo, e quando chego ao fim o Sr. Gideon se virou para trás.

— Não se preocupe, Srta. Deveraux. A Duquesa apenas gosta de se divertir um pouco com todas as garotas que chegam. O senso de humor dela tende a ser um pouco maldoso. Membros da patrulha talvez passem seus turnos para dormir sob o teto do salão dela, mas ninguém nessa cidade acredita que eles estão fazendo algo além de descansar lá. Tomei medidas para garantir que erros passados não sejam repetidos.

Forço um sorriso tenso para ele, mas suas palavras apenas servem para me agitar mais ainda. Cada minuto neste lugar revela um fato novo e terrível.

— Erros passados?

Ele não elabora, e nós finalmente alcançamos seu buraco, como o xerife o chamou. É um pequeno prédio, não muito maior que as latrinas que passamos um pouco atrás, e Gideon se vira para Bill quando chegamos.

— Você pode ficar aqui. Voltarei em alguns minutos.

Bill não diz nada, a mandíbula trincada, mas toma uma posição de guarda, enquanto Katherine e eu seguimos o Sr. Gideon escuridão adentro.

A mudança mais angustiante aqui em Rose Hill é essa, devido a praga dos não-mortos, a maioria das pessoas no vale abandonaram suas fazendas para uma vida mais fácil para o oeste. Eu me atrevo a dizer que se não fosse pelas tias, até nossa feliz comunidade seria dilacerada. Mas Tia Aggie e suas irmãs tem se provado tão sábias como sempre, e nós ainda estamos vivendo em relativo conforto.

Capítulo 19

No Qual Sou Vacinada e me Torno um Farol de Esperança

A escada estreita é escura, mas um brilho amarelo acima de nós provê um pouco de iluminação. Ando atrás de Katherine, meus dedos roçando a terra batida de cada lado.

A escada termina e nos deposita em um cômodo considerável. As paredes e pisos estão reforçados como um porão, e o espaço inteiro é muito maior que o pequeno prédio em que entramos. Katherine está olhando ao redor do cômodo, sua expressão preenchida por maravilhamento, e não é uma surpresa.

Estamos em um laboratório de verdade.

Um dos semanais alguns meses atrás foi sobre um cientista que enlouqueceu, se transformando em uma terrível criatura que violava mulheres. O cientista eventualmente se mata depois de ver o horror que causou, e eu acho que, se a história fosse verdadeira, esse seria o tipo de lugar que talvez fosse seu covil. Pequenas luzes estão embutidas no teto, mas acho difícil acreditar que talvez tenham condutores de gás nesse inferno. Béqueres e pedaços de objetos metálicos estão espalhados por uma bancada de trabalho de madeira, e há um tanto de coisas estranhas e brilhantes de aço que reconheço serem armas ao longo de uma parede.

— Que tipo de lugar é esse? — Katherine suspira.

Ela está tão admirada quanto eu. Nunca vi algo tão maravilhoso, e estou meio assustada disso não ser real, apenas um sonho febril por ficar presa naquele vagão.

— É meu laboratório. Sou responsável por muita da tecnologia que você verá por Summerland. Luzes elétricas — ele diz, apontando

para o teto. — Alguns dos equipamentos agrícolas que utilizamos. Projetei muito do arsenal. É meu trabalho aqui. Você ouviu o xerife lá em cima, todos em Summerland têm seu lugar, e é importante lembrar qual ele é.

Há um tom em sua voz, e me pergunto se o Sr. Gideon não está aqui por escolha mais do que eu e Katherine.

Ele suspira e acena para nós irmos até sua bancada de trabalho ao longo da parede do fundo. Uma dúzia de peças diferentes estão pela superfície, e ele ergue uma agulha pontiaguda anexa a um frasco de vidro.

— Todo negro que vem para Summerland é vacinado. O motivo é simples: a vacinação evita que você se transforme se for mordida enquanto estiver patrulhando.

Reviro meus olhos.

— Certo.

Suas sobrancelhas arqueiam.

— Você não acredita em mim?

— Quando eu estava em Baltimore, tive o benefício de assistir uma palestra dada por um professor chamado Ghering. Já ouviu sobre ele?

O Sr. Gideon abaixa a seringa e cruza os braços.

— Já ouvi.

— Bem — eu digo, me curvando para pegar o jornal do xerife de dentro da minha bota. — Aconteceu de eu matar o homem que o professor se transformou depois que sua vacina falhou. Professor Ghering não era nenhum Louis Pasteur, posso te dizer isso. Você pode perguntar à minha Srta. Katherine, ela estava lá, também.

Volto à minha atuação de criada leal que fiz para o Xerife por

apenas um momento. Não conheço este homem, e tenho que questionar a sanidade de qualquer um que acha que enfiar uma agulha no meu pescoço é uma boa ideia.

O Sr. Gideon se vira para Katherine, e ela dá a ele um pequeno sorriso.

— O que Jane diz é verdade. A vacina dele não funcionou.

Sr. Gideon me dá um sorriso agradecido.

— Bem, isso não me surpreende de forma alguma. Mas essa é minha vacina, não dele, e aconteço de saber com certeza que este é o verdadeiro produto.

— Ah. Você testa em pretos também? — Pergunto, o sentimento obscuro crescendo apenas um pouco. Apesar de sua gentileza, este homem é igual ao resto de seu tipo: educado até você os dizer não.

— Você será a primeira. Testei em mim mesmo e em alguns gatos relutantes. Agora, por favor me deixe terminar de te vacinar. Te garanto que é perfeitamente seguro. Se você decidir resistir de alguma forma, Bill lá atrás ficaria feliz em ajudar. Estou certo de que uma senhorita do seu porte preferiria muito mais encarar adversidade com a cabeça erguida do que contida fisicamente. — Ele respira fundo e expira. — Por favor. Sei o que o xerife planejou para você. É de verdade para seu próprio bem.

Comprimo meus lábios para me impedir de dizê-lo o que penso de sua suposição com relação a natureza do meu caráter e minhas necessidades inerentes. Não gosto da ideia daquela agulha fazendo buracos em mim. Mas não estou em nenhuma posição de resistir de verdade agora. Estou ainda mais cansada e com fome do que quando desci do trem, e não tenho desejo algum de ser espancada como o pobre Jackson. Um futuro incerto ainda é melhor que nenhum futuro.

Além disso, ainda tenho que achar uma situação da qual não consigo sair. Um dia esse fiasco inteiro de Summerland será apenas uma nota de rodapé interessante na história da minha vida.

Dou um passo à frente, abaixando meu colarinho para que Sr. Gideon consiga colocar a agulha no vazio no meu pescoço. Ele levanta o cordão de couro com minha moeda da sorte, uma única sobrancelha arqueada.

— Você é supersticiosa, Srta. McKeene?

— É apenas superstição se você não acreditar, Sr. Gideon. — De perto seus olhos são mais verdes do que marrom, e eles dançam com humor enquanto um sorriso contorce seus lábios.

— Isso mesmo, Srta. McKeene, isso mesmo. — Suas mãos são gentis, e o metal é frio enquanto perfura minha pele. — Obrigado — ele diz, a voz baixa. Isso causa um arrepio estranho na minha espinha, e me afasto um pouco rápido demais, ansiosa para colocar algum espaço entre nós dois.

— Agora, Srta. Deveraux, parece que o xerife acredita que você é uma mulher branca. Por que? — Sr. Gideon tira seus óculos e os limpa com seu lenço de bolso.

Katherine lhe lança um olhar cortante.

— Porque alguém disse a ele que eu era.

Sr. Gideon assente.

— Bem, frenologistas afirmam que podemos identificar o caráter e derivação racial de alguém medindo o crânio. — Ele vai até uma gaveta e tira um conjunto de paquímetros.

Tusso para disfarçar minha risada. Tinha pensado que o Sr. Gideon era bem mais inteligente que o típico rapaz neste lugar, mas se ele acredita que pode definir alguma coisa pelo tamanho da cabeça de

alguém, ele é tão tolo quanto o resto deles.

Katherine não diz nada, mas o Sr. Gideon é gentil enquanto tira diversas medidas e as registra em um caderno.

— Parece que você está dizendo a verdade, de acordo com meus cálculos, — Sr. Gideon diz com um franzir de testa.

— Vivas para a ciência — eu digo.

Ele balança a cabeça.

— Não acredito mesmo em frenologia. É facilmente desaprovada, é o hobby de estimação de ignorantes.

Cruzo os braços.

— Kate é branca.

Sr. Gideon me dá um sorriso de lábios pressionados.

— Bem, não importa o que eu acho. O Pastor Snyder é o pai do Xerife, e o verdadeiro poder na cidade. O pastor faz a decisão final em todos assuntos. Esses números são para ele.

— Então essa cidade é um negócio familiar? Bom saber. — Que grupo degenerado de parentes. Não é surpresa estarem exilados no meio do continente.

Katherine me dá outro olhar raivoso enquanto o Sr. Gideon guarda seus implementos e eu encolho os ombros e dou um sorriso como se pedisse desculpas à ela. Me sinto muito mal por ter feito ela ser enviada para o oeste comigo e Jackson. Se posso garantir que ela viva aqui como uma moça branca, isso deveria valer muito para ficarmos quites. Não gosto muito de Katherine, mas odeio dever alguma coisa a alguém. Mais especialmente alguém tão composta quanto ela.

Sr. Gideon suspira, trazendo minha atenção de volta a ele.

— Sinto muito por vocês estarem aqui, senhoritas. De verdade,

eu estou. Agora, se vocês me seguirem, vou arrumar algumas roupas mais adequadas para a vida na fronteira e um pouco de comida. Presumo que vocês estejam ambas com fome e cansadas depois de sua longa viagem.

Nós duas assentimos e seguimos o Sr. Gideon pela escada. Na metade do caminho para fora de seu laboratório Katherine agarra meu pulso e me dá um verdadeiro olhar cortante.

— Espero que essa coisa de eu ser branca seja parte de um grande esquema que você tem para nos tirar disso — ela sussurra. Emoção pesa em sua voz, e me preocupo que ela esteja prestes a surtar comigo.

Dou-lhe uma piscadela atrevida. Não, não tenho ideia alguma de como vamos sair de Summerland. Mas sou uma garota paciente, e tudo que preciso é tempo.

Saindo de volta ao sol após as sombras frias do laboratório do Sr. Gideon é como um castigo por si só. Bill se recosta contra o lado do pequeno prédio que abriga a escada, o chapéu para frente para impedir o sol de atingir seu rosto.

— Senhoritas — Sr. Gideon diz, inclinando seu chapéu coco enquanto nos leva para fora. Bill se sobressalta e acorda, soltando um cuspe de tabaco na minha direção. Consigo pular para o lado antes que atinja minhas botas chiques.

— Aposto que você faz sucesso com as mulheres — eu digo.

Ele não diz nada mas apenas lança um olhar cortante na minha direção antes de virar a cabeça para o lado.

— Vamos lá para podermos vestir vocês. Quanto mais cedo colocarmos sua bunda negra na fronteira, mais cedo você vai perder um pouco dessa insolência.

Sorrio docemente na direção de Bill enquanto seguimos ele de volta para a loja geral. Bill não é o tipo de abrir a porta para uma senhorita, então Katherine e eu entramos enquanto ele fica a postos ao lado da entrada, inclinando o chapéu para frente de novo.

O homem atrás do balcão da loja geral, um Sr. Washington, é gentil e prestativo, e nos dá dois conjuntos de calças largas, duas camisetas de um material áspero, um par de botas resistentes que parecem usadas, e um único par de roupas de baixo.

— Isso é tudo que você recebe de graça. Qualquer outra coisa você tem que comprar. O dia de compras para os negros é terça feira. Não tente vir em outro dia além desse, o xerife apenas terá que te jogar para fora. Também, vocês vão precisar comprar artigos de inverno cedo. Ano passado fiquei sem nenhum casaco em novembro, e não sei de onde você são, mas janeiro aqui não é de se brincar.

— Você não tem nada melhor para a Srta. Katherine? — Eu digo, levantando a cabeça em desafio.

Sr. Washington estreita os olhos para mim.

— Isso é tudo que tenho de roupas.

Katherine dá ao Sr. Washington um sorriso gentil.

— Peço desculpas, senhor. Jane é uma boa garota mas um pouco protetora, como uma Atendente deve ser. Ela quis perguntar, você tem alguma roupa adequada para uma lady?

A expressão do Sr. Washington se suaviza e balança a cabeça, parecendo realmente triste.

— Não, senhorita. Temo que você terá que falar com a Srta. Allen para isso.

Ele se afasta, e eu me aproximo de Katherine.

— Pelo menos não é listrado — eu digo. Ela faz uma carranca

para mim e eu dou um grande sorriso. — E ei! Você parou de discutir sobre ser branca.

— É melhor você estar certa sobre isso. Não gosto de mentir.

— Fica mais fácil ao longo do tempo.

Sr. Washington volta com um caderno de registro e nos pede para fazer nossa marca. Coloco um X onde ele indica enquanto Katherine assina com um floreio.

Nós agradecemos ao Sr. Washington e carregamos nossos montes para fora da loja. Bill fica de pé quando nos vê e gesticula rua abaixo.

— Vocês vão dividir um quarto com o resto do seu tipo acima do lugar da Duquesa. O Xerife não vai mandar vocês para as linhas hoje, ele é um bom cristão e o pastor acredita que até mesmo animais merecem um dia de folga depois da viagem até aqui. Vocês vão comer com o resto das garotas, patrulhar com elas, o que seja. Por agora vocês vão usar as armas na linha. — Bill cuspe de novo. — Tentem não morrer tão rápido. Apostei muito que vocês garotas iriam durar pelo menos até o Dia de Todos os Santos.

A porta para o escritório do xerife se abre, e outro de seus lacaios vem na nossa direção.

— O Pastor diz que a loira é branca. O teste confirmou.
Precisamos levá-la para a igreja. A outra pode ir para patrulhar.

Katherine endireita as costas.

— Exijo minha Atendente ao meu lado. Não é adequado sair por aí desprotegida.

— Não se preocupe, vamos prestar atenção em você — o homem diz, dando a Katherine um sorriso que me faz sentir como se tivesse comido algo nojento.

— Não é provável — eu digo, me colocando entre Katherine e o homem. — Não é adequado e eu estou aqui para garantir que a Srta. Katherine seja tratada como a lady que ela é.

Afasto meus pés em uma posição defensiva. Atendentes recebem treinamento em combate mão-a-mão porque os mortos não são a única ameaça a jovens de boa família. Além disso, não gostaria de mais nada além de uma razão para quebrar o rosto de um desses rapazes.

— Deixe a garota acompanhar a Srta. Deveraux até a igreja. Você sabe como o pastor se sente sobre suas senhoritas — Bill diz, a voz baixa. Ele encara Katherine com malícia por um momento antes de se aproximar de mim. — Estou ansioso para acabar com essa sua atitudezinha.

Ele e seu amigo voltam para o escritório do xerife, deixando eu e Katherine sozinhas pela primeira vez desde que chegamos em Summerland. Ela se vira para mim, a expressão impassível.

— Jane, temo que nos colocamos em um lugar terrível.

Uma bolha de risada histérica ameaça explodir, e tenho que empurrá-la para baixo.

— Qual foi sua primeira pista?

— Como eu disse mais cedo, confio que seu cérebro diabólico esteja tentando resolver este problema. Essa cidade é aterrorizante.

Vou em direção à igreja, Katherine falando o tempo todo. Não tenho certeza do que esperar da casa do Senhor de Summerland. Nada bom. Mesmo sob as melhores circunstâncias, eu e pastores não nos misturamos muito bem. E essas circunstâncias não estão nem perto de boas. Katherine e eu ambas fedemos terrivelmente, e não posso esperar que um homem de Deus irá querer tolerar nosso fedor

muito mais que nós queremos.

Enquanto andamos, a voz de Katherine fica cada vez mais histérica.

— Há um dia de compras separado para os pretos, eu fui chamada de escurinha pelo menos quatro vezes hoje, e tenho bastante certeza que Bob nos chamou de animais.

— Bill.

— O que?

Eu suspiro.

— O nome daquele rapaz era Bill. Bob era o outro. E você é uma mulher branca agora, então não fique brava quando alguém falar algo sobre pretos. Se espera que você goste de falar mal de pessoas de cor.

Katherine para e coloca as mãos nos quadris, Eu paro também, virando um pouco para ela. Seus lábios estão comprimidos com desprazer.

— Como diabos eu devo viver uma mentira, uma que com certeza vai acabar comigo morta se alguém descobrir a verdade?

Não digo nada, porque ela está certa. Alguns anos atrás, um lojista de Baltimore chamado Rusty Barnes foi descoberto a ser um negro que estava passando como um homem branco. Um grupo saqueou sua loja e a incendiou. Eles teriam matado Rusty também se Jackson e eu não tivéssemos conseguido tirá-lo do condado. Não tem nada que pessoas brancas odeiem mais do que perceberem que acidentalmente trataram um negro como uma pessoa.

— Bem — eu digo depois de uma longa pausa —, deixe eu me preocupar com isso. Estamos nisso juntas, quer você goste disso ou não. — Katherine revira os olhos, mas mantém seu passo quando começa a andar de novo. Hora de mudar de assunto. — Já te contei

sobre o jardim lá em Rose Hill?

Katherine protege os olhos do sol enquanto olha para mim.

— Jane, do que você está falando?

Puxo Katherine para a sombra da calçada. A igreja está do outro lado da rua, uma cerca branca a separando do resto da cidade.

— Lá em Rose Hill, Tia Aggie, a mulher que praticamente me criou, plantava um jardim enorme cheio de quiabo e cenouras e repolho, feijões verdes e fradinho, tudo que você precisa para alimentar uma plantação cheia de pessoas com fome. Todo mundo tinha que trabalhar no jardim pelo menos algumas vezes por semana se quisessem comer bem, e até mesmo minha mãe colocava seu grande chapéu de verão, saía e arrancava ervas daninhas. Era uma necessidade em um lugar onde uma viagem para além da cerca de barreira poderia significar morte.

— Um verão, o jardim foi assolado por um coelho. Este não era um coelho comum, esta era uma lebre de habilidade anormal. Ele sempre encontrava um jeito de entrar pela cerca, se enchendo de frutas do nosso trabalho. Era, como minha mãe dizia, um coelho dos infernos.

Katherine arfa e olha ao redor.

— Jane! Olha a língua.

— Me deixe terminar minha história. De qualquer forma, Tia Aggie e alguns dos garotos colocaram armadilhas e arapucas aos montes, tudo de caixotes usando cenouras e pedaços de alface como iscas até armadilhas de nós complicadas que eu encontrei em um livro velho de um homem fronteiriço[11] de minha mãe que ela ganhou de seu pai morto. Nada funcionava. Toda manhã nós saíamos e víamos a salsinha mastigada até ficar um toco, ou mordidas no repolho. A

frustração era suficiente para fazer alguém desistir da jardinagem de uma vez, verdade seja dita.

— Mas Tia Aggie nunca deixou isso atingir ela. Toda noite ela armava o mesmo tipo de armadilha, um simples nó de laço que alguém a ensinou há muito tempo. E toda manhã, quando o coelho não era pego, ela refazia aquela armadilha, assim como tinha feito no dia anterior. Eu a perguntei uma vez se ela tinha medo que a lebre fosse comer todo o jardim antes que aquela armadilha dela o pegasse. "Jane," ela disse, "olhe para este jardim. Olhe para os alfaces e aqueles feijões! E aqueles tomates? Eles estão especialmente ótimos este ano, você não concorda? Confie em mim nisso: é apenas a natureza de animais como ela ser gulosa." Isso foi tudo que ela me disse.

Katherine estava escutando agora, os olhos semicerrados.

— E o que aconteceu?

Eu sorrio.

— Ela estava certa. Depois de quase duas semanas tentando pegar a lebre, Tia Aggie nos fez um ótimo cozido de coelho daquele coelhinho gordo. Veja, enquanto o coelho estava magro e com fome, aquela armadilha não conseguia pegar ele, e ele era cuidadoso o suficiente para evitá-la. Mas uma vez que ele ficou gordo, não conseguia caber pelos mesmos buracos que costumava. Não estou mentindo quando digo que ele era grande o suficiente para alimentar quase toda Rose Hill naquela noite. E gostoso? Bem, toda aquela comilança significava uma refeição ainda melhor para nós.

— O ponto é, às vezes quando o coelho fica gordo demais, confortável demais, ele comete erros. Mas a jardineira, ela não tem nada além de tempo. Porque mesmo o coelho mais faminto não consegue comer o jardim inteiro. A algum ponto o bom xerife vai

cometer um erro, algum erro de cálculo horroroso, revelar alguma fraqueza, e é quando vamos encontrar nossa liberdade.

Katherine está assentindo agora, a expressão pensativa.

— Nós seremos jardineiras pacientes.

— Sim. Nós seremos as jardineiras mais pacientes, e vamos engordar aquele coelho como se não houvesse amanhã. E quando aquele coelho estiver bom e rechonchudo, vamos armar a armadilha, e vamos deixá-lo entrar direto nela.

Katherine assente.

— Obrigada, Jane.

Eu sorrio, porque estou aliviada por ela não ter feito a pergunta que tenho temendo desde que chegamos aqui.

E se não formos as jardineiras, mas sim os coelhos?

Um dos maiores desafios aqui em Rose Hill é a monotonia, e garantir que as pessoas não entrem no vício.

Capítulo 20

No Qual Encontro um Homem de Deus Questionável e uma Senhora Amável

A igreja de Summerland é maior do que eu esperava. Eu só vi um punhado de pessoas andando pela cidade, mas a igreja é facilmente do tamanho da Primeira Igreja Batista, a segunda maior igreja de Baltimore. Enquanto o resto da cidade parece esfarrapada e cansada, a única casa de culto é fresca e limpa: as paredes do prédio são nítidas com cal e um verdadeiro vitral está colocado no alto da frente do prédio. A única semelhança entre a igreja e o resto da cidade são as pequenas janelas cobertas com barras de ferro, mas a blindagem trêmula é quase imperceptível em um edifício tão impressionante.

Caminhamos pela trilha em silêncio e, antes que possamos alcançar a porta, ela se abre. O homem branco mais branco que já vi acena para nós, as mãos com veias azuis trêmulas, os dentes falsos excessivamente grandes na boca.

— Senhorita Deveraux. Por favor, junte-se a mim lá dentro. O sol está terrivelmente forte hoje.

Katherine dá ao homem um sorriso beatífico.

— Senhor, sua gentileza é muito apreciada. Oh, eu temo o que este sol fará com a minha pele. Já posso sentir um forte rubor vindo sobre mim.

Ela varre o interior da igreja e a escuridão fria além da soleira. Faço menção de segui-la mas o velho me impede com um olhar severo.

— Sinto muito, mas é nosso caminho aqui que aqueles que

carregam a Maldição de Ham não entrem na igreja.

Fecho a cara.

— A Maldição de Ham? — Nunca ouvi tal coisa, e tenho a sensação de que não tem nada a ver com ceia.

Katherine suspira baixinho atrás do velho.

— É um eufemismo para a maldição que Noé lançou sobre Canaã, filho de Ham. É por isso que o Negro foi escravizado. — diz ela. Há uma tensão em sua voz que revela que ela não concorda com essa linha particular de pensamento, mas o velho branco não percebe. Ele concorda com a explicação de Katherine.

— Nestes dias de Seu castigo sobre a terra, devemos reafirmar a hierarquia de Sua criação e Sua vontade. Sua alma será limpa no Céu; a Sua imagem por meio de labuta e trabalho, menina.

— De que parte da Escritura é isso? — eu murmuro. O velho não me ouve ou prefere me ignorar.

— Sua senhora não vai usar mais você. Aqui em Summerland, cuidamos de nossas flores da maneira que o Senhor sempre planejou. Não temos necessidade de companheiros assistentes viverem ao lado de nossas belas flores, não importa o que o prefeito Carr tenha instituído nessas cidades pagãs do leste. Aqui, trabalhamos para restabelecer a ordem natural do Senhor, paz e segurança tem sido nossa recompensa. Você vai servir às patrulhas. Leve-se para a casa das pombas sujas. A Duquesa vai cuidar de você.

Com um sorriso vago, ele fecha a porta na minha cara.

Eu fico lá por alguns momentos, suando, os braços cheios de botas e roupas. Penso em chutar a porta, mas e depois? Não sei como as coisas funcionam por aqui e não tenho para onde ir.

Então me viro e volto por onde vim, em direção à casa de má

reputação.

Quando chego ao fim do calçadão, continuo passando pelo salão e volto em direção ao pátio da ferrovia onde entramos na cidade. Por um momento, acho que talvez eu pudesse apenas me manter caminhando em direção ao mistério da parede, passando por ela para a pradaria aberta, continuar em movimento até que eu tenha deixado toda essa bagunça para trás. Fugir nunca foi meu estilo, mas não parece tão ruim agora.

A estrada que passa pelo pátio ferroviário está forrada de postes e, além dela, há casas, que posso ver melhor agora. Casas lindas, caiadas de branco e grandes, o tipo de casa onde se pode criar uma boa família. Gritos saem das casas pela estrada e fico tensa até ver um bando de crianças correndo ao lado de uma delas, jogando algum jogo de perseguição e rindo entre suas proclamações de horror fingido.

A visão me faz parar no meio do caminho. Quando foi a última vez que vi crianças correndo e brincando, sem nenhuma preocupação no mundo? Mesmo em Rose Hill, tendíamos a ser cautelosos em nossas brincadeiras, a memória de Zeke lançando uma longa sombra nos anos seguintes.

Se as crianças podem correr e brincar e gritar de alegria, então talvez Summerland não seja de todo ruim.

Eu volto por onde vim e sigo para o salão.

Enquanto caminho, penso no que a Srta. Preston disse, que Katherine veio de um bordel e me pergunto se é por isso que ela tem modos tão bonitos. Mesmo agora, em meio a uma crise completa, Katherine conseguiu manter sua postura. Eu cresci em uma casa grande em Rose Hill e nem mesmo eu tinha modos tão bonitos quanto os de Katherine quando cheguei à casa da Srta. Preston. Achei que ela

tinha crescido em algum lugar onde as aparências seriam importantes, mas não uma casa de prazer.

Claro, tudo o que sei sobre bordéis, conheço dos livros. Eu li um romance, *A Mulher Proibida do Capitão*, que era sobre uma pobre garota chamada Annabel que acabou como uma garota trabalhadora depois que o rival de seu pai arruinou sua família; ela acabou sendo resgatada por um capitão de navio arrojado. Acho que Jackson me deu esse para me escandalizar, já que a capa de veludo vermelho era decididamente chocante, mas acabou sendo uma história muito boa. Annabel passou muitos parágrafos relatando a mobília extravagante e o decoro do bordel. Tudo parecia muito glamuroso, embora a ideia de jogar minhas saias para cima em troca de pagamento me parecesse ainda mais trabalhosa do que matar os mortos. Especialmente se ser uma garota trabalhadora significava muito desmaio. Annabel desmaiava pelo menos uma vez a cada capítulo, às vezes duas vezes.

Pensar em Jackson e nas coisas que ele costumava me contrabandear, me faz pensar em minha mãe, o silêncio do agente do correio toda vez que Jackson chegava, ou assim pensei. Toco o pequeno pacote de cartas enfiado no bolso do meu vestido. Estou longe de Rose Hill há três anos, mas faz apenas um ano desde a última carta que recebi da minha mãe. O pacote parece pequeno demais para conter o equivalente a um ano de correspondência. E se ela desistiu de mim? E se ela estiver morta?

Preciso de respostas sobre minha mãe e o destino de Rose Hill, agora mais do que nunca. Isso é motivo suficiente para encontrar uma saída de Summerland, cidade bonita ou não.

Eu chego ao bordel e encontro a entrada vazia. Não há porta, e o quarto além está tão escuro que não tenho certeza se há alguém

dentro.

— Olá? — eu chamo. — Tem alguém aí?

— Entre, docinho — diz uma voz de dentro, escura e esfumaçada como uísque. Minha moeda não esfriou e este parece o lugar onde eu deveria estar, então entro.

A sala além da porta entra em foco, a névoa de um trio de senhoras semi-vestidas sentadas ao redor de uma mesa fumando cigarrilhas e jogando cartas. Ao longo de uma parede há um bar, uma garota Negra seminua empoleirada no final conversando com um sujeito de aparência rude. Atrás do balcão, um homem branco, careca e lustroso, encosta-se ao balcão de madeira polida, os olhos de águia no sujeito grosseiro e na garota.

Suspeito que todo tipo de vício que um tipo empreendedor poderia imaginar pode ser encontrado sob este teto. E estou determinada a não deixar este lugar me intimidar.

Eu me concentro na ruiva que vi antes e vou direto para ela. Ela se senta ao lado de uma lareira vazia em uma grande cadeira estofada, do tipo que você encontra em uma sala de estar de mulheres.

— Senhora — eu digo, fazendo uma reverência. — Eu acho que você deve ser a Duquesa?

Ela abaixa o livro que segura, *As viagens de Gulliver*, e se abana com um leque de penas de pavão esfarrapado. De perto, é fácil ver as camadas de pintura facial que ela usa.

— Eu sou. E quem seria você?

— Meu nome é Jane McKeene. Peço desculpas por perturbar o seu repouso da tarde, senhora, mas fui orientada a vê-la sobre hospedagem, um banho e a possibilidade de algum sustento. — Os dois últimos são meus próprios acréscimos. Eu não tenho certeza do

que o protocolo padrão é, se houver, mas também posso pedir o sol, a lua, e as estrelas enquanto estou nisso.

A mulher ri, mostrando uma lacuna no fundo da boca onde ela perdeu alguns de seus dentes.

— Olhe para você, com essas maneiras bonitas. Onde eles te encontraram?

— No cruzamento de azar e maus momentos — respondo. É algo que minha mãe diz.

Costumava dizer?

Melhor simplesmente não pensar nisso.

A expressão da Duquesa se suaviza e ela se põe de pé.

— Acho que já passei por lá algumas vezes. Bem, siga-me, eu vou te mostrar onde você pode preparar seu banho e onde você pode dormir. Quanto à comida, você tem algumas horas até comermos, mas pode se juntar a mim e às minhas garotas, se quiser. Todos neste lado da cidade comem na sala de reuniões. Apenas as pessoas respeitáveis têm o luxo de preparar sua própria comida. — Há um tom na voz dela, e eu me pergunto o que é que estou perdendo.

Ela lidera o caminho por um conjunto estreito de escadas e passa por uma sala com cortinas penduradas com divisórias. Os sons de alguém visitando uma das garotas são filtrados para fora da sala, e tenho muito cuidado para manter meus olhos para frente para não ver algo que não estou esperando.

A Duquesa para em uma porta no final do corredor. A sala adiante é pequena, com uma prateleira ao longo de uma parede. Cerca de metade dos espaços são ocupados com conjuntos extras de roupas, e a Duquesa aponta para as prateleiras.

— Vocês, garotas, guardam suas coisas lá. Se você tiver qualquer

coisa que valha a pena, vai querer mantê-la com você. Há um bando de ladrões bastardos neste lugar. — Ela olha o vestido que eu uso avidamente, e tenho a sensação de ela está se incluindo naquele grupo. Não importa para mim, ela pode ficar com o vestido. As únicas coisas que quero são minha moeda da sorte e o pacote de cartas guardado em meu bolso.

E *Tom Sawyer*, é claro. Gostei do moleque e gostaria de ver onde ele vai parar. Parece que o menino está sempre entrando em conflito com um bando de errantes no meio de suas aventuras no Missouri, e a coragem do menino me lembra de minhas próprias façanhas.

Eu coloco meu conjunto extra de roupas em uma das prateleiras mais distantes, em seguida, sigo a Duquesa pela escada dos fundos.

— Estas são as escadas que você usará. Não desça as escadas da frente, elas são estritamentes para minhas garotas e seus clientes. Negros não têm permissão para beber no salão, de qualquer maneira, ou em qualquer lugar em Summerland, estritamente falando. — Ela se inclina para trás e sussurra: — Se você quiser uísque, será satisfeita na entrada da cozinha, por uma mulher chamada Maybelle. Não deixe ninguém te pegar, no entanto. O pastor toma conta.

— O pastor? — eu pergunto. Ela não pode estar se referindo ao velho vi há apenas alguns momentos. Ele era muito frágil para empunhar qualquer coisa.

A Duquesa concorda.

— Não deixe aquele velho te enganar, ele tem uma tendência perversa. O xerife é filho dele, e nada acontece nessa cidade sem que um deles mande. O pastor inventa, mas o xerife faz acontecer. Cuidado com os dois.

— Bom saber. Mais alguma coisa digna de nota em relação ao

xerife e ao pastor?

A Duquesa franze os lábios por um momento antes de me dizer em voz baixo:

— O xerife perdeu a esposa para a praga há três anos, pouco antes de o muro ser concluído. Ela era uma bela loira, tão doce quanto ele é azedo. Saiu para colher amoras perto de um riacho próximo e se surpreendeu, se transformou bem na frente dos olhos dele. De qualquer forma, você quer tornar sua vida mais fácil? Não questione sua autoridade quando se trata dos mortos. Ele nunca é razoável quando a questão da praga dos mortos-vivos está envolvida.

Eu aceno e arquivo a informação para mais tarde.

As escadas são incrivelmente estreitas e apertadas, e temos que andar em fila única. Elas esvaziam em uma lavanderia, com uma gloriosa banheira de cobre no meio.

— É aqui que você vai lavar suas roupas. Algumas das minhas garotas lavam roupa, então se você quiser que elas lavem suas coisas, pode pedir. Essa banheira é sua para alugar por um níquel, mas vou deixar você usá-la hoje de graça, por você… ter acabado de passar por uma provação. Você quer água quente, você tem que bombear para a grande cisterna no canto e acender o fogão bem ao lado dela. Depois disso, gire esta torneira chique aqui. Depois de terminar, puxe o tampão do fundo e a água correrá direto para o calha que mantenho para o jardim. Entendido?

Eu assinto e caminho até a engenhoca. Olho para os tubos de cobre, a bomba manual que tira a água do solo, o aquecedor de água que parece pressurizado.

— Você tem uma maneira de lidar com o lodo? — eu pergunto, apontando para a bomba manual.

A Duquesa encolhe o ombro pálido.

— Eu não sei direito. Você teria que perguntar ao professor, ele é quem armou a engenhoca.

— O professor?

— O inventor. Gideon. A maioria dos dispositivos sofisticados que você vê pela cidade são criação dele. — Ela puxa um relógio de bolso da saia e suspira. — O jantar é em uma hora ou mais, preciso alimentar as meninas antes que os rapazes comecem a chegar.

Eu inclino minha cabeça.

— Obrigado, senhora, pela bela apresentação do seu estabelecimento — eu digo antes de fazer outra reverência.

Ela me dá um sorriso confuso em troca e apenas balança a cabeça enquanto ela desliza por uma porta, para fazer suas próprias coisas.

Há uma prateleira de copos ao longo de uma parede e pego um, torcendo o punho acima da torneira. A água sai limpa e clara. Eu encho o copo e bebo profundamente, tão estranho quanto qualquer outra coisa nesta cidade, mas não letal.

Pelo menos, ainda não.

A Bíblia tem sido um consolo, e uma das meninas mais novas até começou uma escola para os mais pequenos. É um grande milagre ouvi-los ler as Escrituras, embora eu deva admitir que me deixa com o coração partido por você, querida Jane.

Capítulo 21

No Qual Eu Frequento A Igreja

Depois de um banho, saio para encontrar o jantar. A cidade não é tão grande assim, e é fácil ver o que a Duquesa quis dizer quando disse que todas as meninas comiam juntas. Todos saem de um prédio simples e caiado com uma cruz martelada na porta. O refeitório fica próximo à igreja, mas separado do edifício mais grandioso por um jardim de cruzes brancas, memoriais aos falecidos. Nos velhos tempos, teria sido um cemitério, mas as pessoas mais sensatas adotaram o método de queimar seus mortos e montaram uma cruz em um campo ou quintal, como estes. É apenas mais seguro assim.

O refeitório cheira a coisas boas, então deixo de lado minha preocupação de que Deus me derrube quando eu passar pelas portas. Estou com muita fome para me preocupar com minha alma contaminada.

Quando entro, todos os pares de olhos pousam em mim. Na parte de trás do prédio, há duas grandes mesas de meninos e meninas, todos Negros, famintos tirando comida de pratos de lata. A Duquesa e suas garotas estão sentadas em sua própria mesa perto da porta, com bastante espaço ao redor delas, algumas das garotas fazendo gestos obscenos para alguns caras brancos rudes e disponíveis sentados em uma mesa próxima. Eu não vejo Jackson. Mais importante, não vejo Lily ou os Spencers, e me pergunto se cometemos um erro, se nos mandamos aqui para nada.

Pego um prato de um ensopado espesso e farto e uma fatia de pão da mulher na janela. Minha porção é cerca da metade da do homem branco à minha frente. Abro a boca para reclamar, mas não

tenho chance.

— Continue andando — diz uma voz alta. Bill está parado em cima de mim, a espingarda apoiada no ombro. Por que ele precisa de uma espingarda no jantar? Ninguém mais está armado.

O velho da igreja desliza até mim. Ele sorri, mas não há nada de amigável nisso.

— Jane, a Srta. Deveraux ficará muito feliz em saber que você está se adaptando bem.

— Eu cuido disso, senhor — Bill diz, um tremor em sua voz. Há um ar de medo nele, e depois que vejo a grande cruz de ouro em volta do pescoço do velho, concluo que este deve ser o pastor sobre o qual a Duquesa me avisou.

— Não, Bill, você tem outros assuntos a tratar. Não vou deixar as prostitutas escaparem de novo. — Bill vai embora. O velho ainda sorria, lábios finos e vermelhos esticados de maneira espalhafatosa nos dentes da frente. Seus olhos estão lacrimejantes, o castanho desbotado para a cor de uma moeda, seu cabelo completamente branco como a neve e ralo. Ele parece um esqueleto ambulante, descorado pelo sol e pálido, e eu involuntariamente recuo quando ele estende a mão para me guiar em direção à parte de trás do edifício.

— Permita-me apresentar-me formalmente; eu sou o pastor Snyder. Você sem dúvida já conheceu meu filho, o xerife Snyder. Enquanto meu filho faz cumprir as leis daqui, meu propósito é dar a Summerland orientação espiritual e moral. É uma tarefa que não considero levianamente, como você verá.

Há um brilho febril em seus olhos e seu sorriso largo não deixou seu rosto. Eu nem sabia que era possível sorrir e dar um sermão em alguém ao mesmo tempo, mas aqui estou.

— A Srta. Deveraux me disse que você é um pouco impulsiva e ela estava preocupada com o seu bem-estar. Disse-me que seus serviços eram um presente de seu pai, agora falecido, e quão valiosa ela acha sua companhia. — Enquanto caminhamos, o pastor mantém meu braço direito em um aperto forte, mas não consigo me livrar dele sem deixar cair meu jantar.

— Em todo caso, acredite em mim quando digo que sei como lidar com Negros obstinados. Em minha juventude, fui superintendente no que antes era a Carolina do Sul. Campos de tabaco, às vezes algodão. Foi aí que compreendi a ordem divina que o Senhor achou bom que muitos de sua espécie não entendem essa ordem, e se que você pode lidar com Negros obstinados, desde que se lembre que eles são, no fundo, crianças. "Poupe a vara e estrague a criança", como a Escritura nos diz.

Minha moeda ficou gelada sob minha camisa, e eu paro de andar quando o pastor para. Seus olhos não deixaram meu rosto, nem uma vez, e tenho a sensação de que estou sendo catalogada como uma borboleta em uma coleção.

— Tenho certeza que você vai descobrir que seu lugar é confortável, se assim o desejar, Jane. Deus pode ser misericordioso e bom, contanto que você siga Suas leis. Mas como você encontra sua vida aqui em Summerland depende inteiramente de você. Não O decepcione e não me decepcione, e você prosperará. Desfrute de sua refeição.

Pastor Snyder finalmente libera meu braço quando paramos ao lado das mesas cheias de meninos e meninas Negros. A maioria deles tem mais ou menos a minha idade, mas nenhum deles parece familiar, e me pergunto de onde eles são. Fico feliz que não haja nenhuma

outra garota da Srta. Preston, pois não estou com humor para nenhum tipo de reunião sincera. Ainda assim, eu me pergunto para onde as meninas que a Srta. Preston tem entregado para o prefeito Carr foram. Existe mais de uma cidade como Summerland?

Uma garota de pele escura com fileiras de tranças apertadas olha para cima e me dá um sorriso cauteloso.

— Oi. Você quer sentar aqui? — ela pergunta, apontando para a cadeira vazia ao lado dela.

Eu afundo agradecida na cadeira, minhas mãos tremendo enquanto coloco minha bandeja na mesa.

— Prazer em conhecê-la. Sou Jane.

— Igualmente. Eu sou Ida. — Sua voz é sussurrante e baixa com o sotaque profundo dos Estados Perdidos, aqueles lugares no Sul Profundo onde os errantes superam as pessoas. Ida continua lançando olhares furtivos nas proximidades de Bill e sua espingarda.

— Então, vejo que você conheceu o pastor.

— Conheci. Sujeito encantador.

— Tão encantador quanto a serpente no jardim. Cuidado com ele.

Eu assinto. Bill agora está nos olhando um pouco atentamente demais e decido mudar de assunto.

— Há quanto tempo você está aqui?

A expressão de Ida endurece.

— Muito tempo. A maioria de nós veio ao mesmo tempo, embarcada em um trem do complexo de Jackson.

— Complexo?

— Sim. Você nunca ouviu falar dos complexos?

— Uma vez, brevemente. Não foi exatamente uma conversa

esclarecedora. Importa-se de me contar mais? — Não se sabe muito sobre a vida nos Estados Perdidos. Geralmente é considerado um lugar ainda mais desesperado do que a fronteira ocidental.

Ida fala enquanto pego minha comida com os dedos, já que ninguém achou bom nos dar garfos.

— Bem, aos dez você começa seu treinamento de combate inicial. Temos um teste todos os anos. Se você falhar, eles o colocam nos campos. Mas há muitos errantes por aí e é provável que você seja comido, então isso não é bom. Aos treze, você se junta às patrulhas. Mas se você cometer um erro, por exemplo, se você não obedecer ou se eles acharem que você é arrogante, eles o moverão para outro complexo. Ou, no nosso caso, eles colocaram você em um trem.

— Não nos campos com os outros?

— Só os pequenos trabalham no campo, pois precisam de todos os adultos que puderem para manter os mortos fora. E se eles não podem te usar, eles te vendem para alguém que pode.

— A escravidão é ilegal — eu digo.

— Não necessariamente. Eles têm brechas naquela Décima Terceira Emenda. Se você foi mordido por um errante, a emenda diz que você não é mais humano, mesmo que ainda não tenha se transformado, o que significa que você não tem mais direitos como pessoa. E há uma recompensa por capturar Negros que foram mordidos, já que todos estão convencidos de que somos imunes. Eu vi pessoas testemunharem que Negros foram mordidos e então esses Negros foram vendidos pelo complexo. O mesmo se você for um criminoso, e você pode adivinhar o que acontece, quando os brancos são os que escrevem as leis — ela se recupera, olha ao redor e abaixa a voz. — Há muitas maneiras diferentes de consertar os mesmos velhos

males. — Ida olha para as suas mãos, torcendo-as com força. Não sei dizer se ela está com raiva ou chateada. — Se eu soubesse que eles iam me mandar aqui, já teria fugido há muito tempo.

— É pior aqui? — eu pergunto, sem realmente querer uma resposta.

Ida apenas dá de ombros e uma garota do outro lado dela se inclina para frente.

— Não é tão ruim agora que eles têm prostitutas para cuidar dos operários. Era pior antes que tivessem algo para mantê-los ocupados.

Meu estômago se revira, perturbando meu jantar, de modo que tenho que engolir em seco para mantê-lo no estômago.

— Quem mora nessas casas do outro lado de Summerland? — eu pergunto, já que ela está sendo tão tagarela.

— Os bons brancos moram. Eles não comem com a gente. A maioria das boas pessoas da cidade é colocada ali, na fronteira sul. É mais seguro, e é principalmente famílias e tal. As únicas pessoas aqui na cidade são Negros e o lixo. Os simpáticos brancos nem mesmo vão à igreja conosco, porque podemos sujar suas almas.

Eu aceno.

— Foi o que ouvi.

Ouve-se uma batida forte. Eu olho em direção ao barulho para ver o pastor em pé em um pódio que foi criado ao lado da janela de serviço. Ele olha para o outro lado da sala, abre seu sorriso medonho e diz:

— Juntem-se, juntem-se, crianças. Não precisam ser tímidos. Existem alguns rostos novos no rebanho hoje, e isso é uma bênção. Deus nos abençoou, porque um rebanho em crescimento é um rebanho de sorte. À medida que Summerland cresce, à medida que

damos as boas-vindas a mais almas em nossa humilde cidade, cresce também o sonho de uma nova Jerusalém, de nossa própria cidade justa na colina.

Ouve-se algum ruído à medida que as cadeiras se aproximam do pódio. Ninguém se incomoda em se mover onde estou sentada. As mesas cheias de pessoas Negras são as mais distantes do pódio e parece intencional.

O pastor continua.

— Esta noite, quero contar a vocês a história de John, um dos primeiros fazendeiros a se estabelecer aqui em Summerland. John era um homem imperfeito. Veja, quando ele veio aqui para nossa bela cidade, foi o início da guerra, antes que os mortos andassem, e John tinha noções estranhas sobre justiça e igualdade e a vontade de Deus. Ele veio da Carolina do Sul, meu próprio estado natal, e veio para o oeste como um homem que estava faltando alguma coisa, alguma parte vital de si mesmo.

— Seu pai tinha sido um superintendente e, em vez de seguir os passos daquele homem, ele fugiu. Porque John havia perdido sua fé, veja bem. Ele não conseguia entender como Deus podia permitir que tantos vivessem em sofrimento e escravidão enquanto outros lucravam com a miséria. Como os abolicionistas que desencadearam a Praga dos Mortos dos Pecadores sobre nós, John duvidou da vontade de Deus.

Leva tudo o que tenho para manter minha boca fechada, meus pensamentos para mim mesma.

As pessoas na multidão, principalmente os homens brancos nas mesas cheias de valentões, estão balançando a cabeça e murmurando em concordância. Os Negros apenas ficam sentados lá. Não é a

primeira vez que ouvem esse tipo de história.

O pastor fecha os olhos e coloca a mão sobre o coração.

— E porque ele questionou, a Peste do Pecador o encontrou um dia enquanto ele arava seu campo. O problema com John, o problema com todos os descrentes é que eles acham que Deus enviou Seu filho à terra para morrer por nossos pecados porque, além das raízes, todos nascemos da mesma semente. Mas não é assim! O próprio Senhor Deus deseja, acima de todas as coisas, ordem. Uma compreensão de onde todos nós nos encaixamos em Sua igreja, esta terra. A tragédia sem sentido que foi a Guerra entre os Estados interrompeu a ordem que Deus nos deu, por Sua graça. Por não entender esta lei, fundamental para o Seu amor, Ele desencadeou a Sua ira sobre nós. Era arrogância pensar que somos todos iguais aos Seus olhos, amigos. Não neste mundo. Mas talvez, mais tarde, no reino do Senhor. — Na última parte, ele se vira e gesticula para nós sentados atrás, como se o significado de suas palavras não fosse claro o suficiente. Alguns dos brancos, tanto as prostitutas como os operários, viram-se para nos olhar. Afundo um pouco mais na cadeira, sentindo-me muito, muito exposta.

O pastor sorri, como se soubesse exatamente o efeito de suas palavras, e continua.

— Mas há esperança. Você pode se livrar dos pecados do passado e se purificar da Maldição de Ham. Você pode labutar e trabalhar pelo bem daqueles que Deus criou à Sua imagem e, assim, encontrar paz e contentamento. Porque esse é o sonho da América e é a vontade de Deus; trabalhar duro no papel que Deus providenciou para nós, para sermos merecedores de boa fortuna e prosperar.

A maioria dos brancos na sala está assentindo e dando elogios.

Eu olho em volta das mesas de Negros e percebo que algumas dessas pessoas também estão. Isso me deixa triste e com medo.

O pastor pigarreia e se sacode um pouco, como se deixasse de lado a sensação sombria da sala. Ele sorri amplamente para nós, seus olhos brilhando na luz fraca. A moeda em volta do meu pescoço está gelada. Aquele homem, aquele falso profeta, pode ser simplesmente o homem mais perigoso da cidade.

— Agora — diz o pastor, com um sorriso inabalável. — Vamos orar.

Perdemos alguns da nossa gente nas últimas semanas, não apenas por ataques de errantes, mas também por um grupo de homens que se autodenominam Sobreviventes. Eles estão cavalgando pelo campo, criando problemas sem fim. Muitos deles são do tipo rude que costumava correr nas antigas patrulhas de escravos, perseguindo fugitivos por algumas moedas. Se você se encontrar no caminho de qualquer um desses homens, corra na direção oposta. Não há nada a ganhar com o encontro deles, e temo pelos Negros, caso esses homens cheguem a algum poder real.

Capítulo 22

No Qual Aprendo uma Música que Não Me Interessa

Na manhã seguinte, somos acordadas cedo, sacudidas pelo punho carnudo de alguém.

— Hora de ir. — Uma garota grande diz antes de ir embora.

— Bem, bom dia para você também — murmuro, saindo do meu ninho de cobertores. Eu coço meu braço enquanto fico de pé. Tenho quase certeza de que minha cama improvisada tem pulgas, se a sensação de rastejamento na minha pele for alguma indicação. Ida se levanta e olha para mim enquanto coço meu braço.

— Você vai precisar lavar os cobertores — diz ela, apontando para meu braço.

— Sim, talvez eu possa pedir a uma das garotas da Duquesa para fazer isso? — Eu odeio lavar roupa e alguns centavos parecem um preço justo para lidar com cobertores infestados de pulgas.

Ontem à noite, depois de quase duas horas ouvindo o pastor, voltei para o dormitório com Ida. Ela me ajudou a encontrar cobertores na pilha no canto, me dizendo que "quando uma garota morre, nós apenas jogamos seus cobertores aqui para a próxima", antes de me mostrar onde dormir. Não tem camas, só cobertores no chão, todo mundo espremido como sardinhas. Achei que a Srta. Preston era ruim, mas agora anseio pelos dias de camas duras e refeições servidas com talheres.

O resto das garotas está calçando as botas e saindo pela porta, então faço o mesmo apressadamente. Mal tenho tempo para pensar em Katherine. Ela acordou em uma cama de penas, torradas e café servidos em uma prataria? Onde quer que ela foi parar, tem que ser

melhor do que isso.

O som de muitas botas nas escadas dos fundos ressoa como um trovão e, quando saímos do bar, alguns vaqueiros de olhos turvos encostados na parte de trás do prédio erguem a cabeça e nos amaldiçoam. Ninguém com quem estou diz nada, então fico em silêncio também.

Quando estamos na rua, dividimos em duas linhas. Os meninos estão circulando pelos fundos do armazém. Eles devem ter um quarto acima, como nós, garotas, temos na casa da Duquesa. Ninguém em nosso grupo parece ter muito mais do que vinte anos, e eu me pergunto se todos aqui são como Ida, trazidos de uma das escolas de patrulha e enviados para cá.

Estico o pescoço para ver se Jackson está entre os meninos, mas não encontro sua pele ocre em lugar nenhum. Um menino de pele como a meia-noite, alto e esguio, chama minha atenção e me dá uma piscadela, mas eu desvio o olhar antes que ele tenha a ideia errada.

O xerife desce a rua em cima de uma besta grande e de aparência mal-humorada. Dou uma cotovelada na pessoa ao meu lado, uma garotinha da Geórgia que Ida apresentou como Sofi.

— Isso é um…?

Sofi me olha com o canto do olho.

— Um cavalo? Tá falando sério? Você nunca viu um cavalo antes?

Eu balanço minha cabeça, e me pergunto que tipo de lugares nos Estados Pacíficos tem cavalos entre tantos errantes. O animal é grande e cor de canela, com nariz comprido e cauda de pelos lisos. Há mais cabelo ao longo do pescoço alongado da coisa, e seus pés com cascos fazem um som oco de clip-clop na terra compactada enquanto

caminha pela estrada em nossa direção.

— Estamos prontos? — o xerife Snyder chama e eu viro o pescoço. Atrás de mim estão Bob e Bill, cada um em um cavalo, suas espingardas penduradas nas selas. Eles dão um breve aceno de cabeça, e o xerife vira o cavalo e sai em direção à periferia da cidade, a coisa andando muito rápido com suas pernas longas e finas.

As colunas de cada lado seguem um trote, e olho para Sofi quando percebo que devemos correr para onde quer que vamos. Seu rosto está impassível, como o de todos os outros, enquanto somos conduzidos para frente.

O velho professor Ghering chamou os Negros de gado na noite da palestra fatídica. Não posso deixar de pensar nele enquanto corremos.

O ritmo não é muito rápido, nada como as corridas que tínhamos que fazer na Srta. Preston, mas minhas botas são novas e não comi muito nos últimos dias, então mesmo um pouco de corrida parece demais. No momento em que checamos os prédios frágeis da cidade e chegamos aos arredores do assentamento, eu sei que esta viagem vai ser brutal. O cavalo à nossa frente levanta poeira demais e ainda estou fraca da viagem de trem, mas tenho a sensação de que não acompanhar seria muito pior do que algumas bolhas e uma cãibra lateral.

Percorremos cerca de um quilômetro em nossa corrida aleatória quando um dos meninos grita:

— Xerife, senhor!

O xerife, que está enrolando um cigarro, olha para trás por cima do ombro.

— Humm?

— Podemos cantar, senhor?

O xerife risca um fósforo e acende o cigarro, depois dá um breve aceno de cabeça.

Eu não tenho ideia do que toda a conversa se refere até que o mesmo garoto fecha os olhos e canta:

— Você pega uma linha e eu pego uma vara!

À minha volta, todos respondem com refrão de "Querida! Querida!"

— Você pega uma linha e eu pego uma vara — o menino grita novamente, sua voz forte e uniforme. Desta vez, todos respondem com "Amor! Amor!"

E então todos cantam juntos "Você pega uma linha e eu pego uma vara, e vamos descer para aquele buraco de pesca, querida, oh meu amor!

O som de tantas vozes levantadas em canções causa arrepios nos meus braços. Isso me lembra de casa, a maneira como os trabalhadores do campo cantavam durante o pior do trabalho, as coisas difíceis como capinar ou arar. Era uma forma de agilizar o trabalho, de distraí-los da difícil tarefa em mãos. Eles cantavam sobre lugares longínquos e sobre dias passados, sobre coisas bobas como sapateiro de pêssego e o diabo tentando roubar suas almas. Foi algo que sempre me senti deixada de fora em Rose Hill, já que mainha não me deixava ir para os campos. Ela sempre disse que era muito perigoso, mas eu me perguntei se talvez fosse outra coisa, como ela estar com medo de que pudesse me perder para a música.

Não tenho certeza de como me sinto sobre a necessidade de músicas de trabalho em algum lugar como este.

Cantamos enquanto arrastamos os pés pelas próximas milhas.

Eventualmente, eu pego o jeito e me junto, grata por algo que tire minha mente das bolhas se formando em meus pés.

Quando esses errantes se reunirem,
Querida! Querida!
Quando esses errantes se juntam,
Amor! Amor!
Quando esses errantes se reunirem, gire sua foice e traga-os para baixo, querida, meu amor!

Não adianta ficar triste,
Querida! Querida!
Não adianta ficar triste,
Amor! Amor!
Não adianta ficar triste, mordida de um errante não é tão ruim,
Querida, oh meu amor!

Quando meus olhos ficam amarelados,
Querida! Querida!
Quando meus olhos ficam mais amarelados,
Amor! Amor!
Quando meus olhos ficarem mais amarelados, é hora de acabar com o seu companheiro,
Querida, oh meu amor!
Balance sua foice e me derrube,
Querida! Querida!
Balance sua foice e me derrube,
Amor! Amor!
Balance sua foice e me derrube, antes que eu transforme a maldita

cidade inteira,

Querida, oh meu amor!

Quando chegamos ao final da música, não estou gostando tanto.

— Parar!

Todos nós tropeçamos e paramos. Há um vagão de cozinheiro no meio do campo, algo que só vi em desenhos sobre a vida ocidental. Um velho Negro grisalho mexe uma grande panela com alguma coisa no fogo, e dois garotos pequenos de pele escura correm de um lado para o outro enquanto o velho grita ordens.

— Tudo bem — o xerife chama, virando seu cavalo para que ele possa nos olhar com desprezo. — Vocês têm dez minutos para comer. Agora vão.

Todos correm para a fogueira, empurrando e puxando para chegar ao lado dos meninos, que seguram tigelas de madeira nas quais o velho serve uma espécie de mingau. Eu me afasto, sem me preocupar em abrir caminho no meio da multidão. Assim que o corpo a corpo acaba, eu caminho até a frente.

O velho olha para mim com olhos remelentos.

— Não sobrou nada — ele diz, raspando a panela. Ele consegue produzir um pouco de mingau queimado do fundo e coloca em uma tigela para os meninos compartilharem. Ele me entrega uma tigela vazia.

— O que devo fazer com isso?

— Não me atrapalhe, senhorita. Eu te dei a tigela porque você vai precisar dela para o almoço. Agora vá embora.

Solto um suspiro zangado e fico ao lado de Ida, que está cutucando seu pedaço de mingau queimado com desânimo.

A garota grande, Cora, olha para mim, enfiando o mingau na

boca com a mão.

— É melhor você aprender, Negra. Essas maneiras elegantes não vão mantê-la viva por muito tempo aqui.

Observo Cora comer e me sinto um pouco mal. Não há utensílios para comer o mingau, então as opções são usar as mãos ou morrer de fome. O resto do nosso grupo correu para o cocho como porcos porque sabiam que não haveria comida suficiente para todos. E isso tudo depois que fomos conduzidos ao local de trabalho.

Ida se aproxima de mim, sua expressão preocupada.

— Cuidado com Cora. Ela é uma das favoritas dele — diz ela, os olhos semicerrados enquanto observa a garota grande alcançar a tigela de mingau de um menino e pegar um bocado de mingau. — Quer um pouco? — ela pergunta, e eu balanço minha cabeça.

— Não, você come. Não estou com tanta fome, de qualquer maneira. — É mentira. Estou morrendo de fome, mas Ida é minúscula e parece que precisa de comida mais do que eu.

— Vamos lá! — o xerife grita de seu cavalo, estalando um chicote sobre nossas cabeças. Todos enfiam o resto de mingau na boca e as formas voltam para suas filas, com as tigelas nas mãos.

Mais uma vez, começamos a correr, nosso destino não está claro. Desta vez, quando todos começam a cantar, eu não me junto.

Paramos um pouco mais tarde, nossa segunda corrida da manhã foi muito mais curta do que a primeira. O terreno é plano, o sol já está quente e a grama alta, mas quase não noto por causa dos pés doendo. Minhas botas estão amarradas com força e cada passo é doloroso, bolhas já se formando. Eu não quero nem imaginar como meu pé está abaixo do couro.

O xerife se vira e nos dá um olhar duro.

— Reparadores da cerca, vão para os seus trabalhos. — Metade dos garotos e garotas correm e pegam um rolo de arame farpado, jogando-o sobre o ombro centenas de metros de distância, a grama na altura da cintura se separando conforme eles se movem para a cerca a uns trinta metros de distância. Cora é uma das que conserta a cerca. Portanto, consertar cercas deve ser mais fácil do que patrulhar, se o que Ida disse sobre ela ser uma das favoritas do xerife for verdade.

Além da cerca, muito mais perto agora, está o imponente muro externo. Acho que é para onde vou.

— Patrulha, vá buscar suas armas. — O xerife aponta para um galpão de aparência péssima, e desta vez eu corro na frente do grupo, ignorando meus pés latejantes. Não vou lutar contra os errantes com uma tigela.

Sou uma das primeiras a chegar ao galpão, com Ida logo atrás de mim. Quando a garota ao meu lado, eu acho que o nome dela é Iris, abre a porta, meu coração cai.

Estas não são armas. São instrumentos de jardim. Existem vários conjuntos de foices e algumas gadanhas, mas nenhuma delas foi cuidada. As lâminas estão enferrujadas, as bordas cegas e o par de foices que pego nem tem peso adequado. Não admira as garotas em patrulha não durarem muito.

Eu pego as foices e marcho até o xerife Snyder. Eu tive o suficiente disso. Passei três anos na Srta. Preston aprimorando minhas habilidades de combate, refinando minhas maneiras, recebendo uma educação. Eu não sou nenhum lacaio para andar pelo campo apenas esperando para ser mordida. Se estou lutando contra errantes, preciso estar devidamente equipada.

— Xerife, posso incomodá-lo por um momento?

O homem olha para mim esnobemente, seu cavalo bufa e dá patadas no chão.

— Por que você não está alinhada com seu povo?

— Senhor, acredito que você deva saber que essas armas são altamente inadequadas para qualquer tipo de patrulha. — Eu seguro uma das foices e aponto para a lâmina curva. — Há anos que não são afiadas, estão enferrujadas e duvido que possam cortar a grama, muito menos o pescoço de um errante.

— Jane McKeene, eu sei que você é nova aqui, então vou deixar você voltar e pedir a uma das meninas que explique como as coisas funcionam para você.

— Senhor, eu não vou precisar saber como as coisas funcionam quando eu estiver morta pela mordida de um errante. Você poderia, por favor, olhar para esta foice? — Eu seguro mais alto para que ele possa ver a desgraça de suas "armas".

Rápida como uma cobra, a bota do xerife ataca me acertando no ombro. Eu tropeço para trás e algo me atinge na parte de trás da cabeça. Largo as foices e, quando caio de joelhos, alguém me chuta novamente nas costas, a bota cravando fundo entre minhas costelas.

— Espere aí, Bill. Ela ainda precisa trabalhar.

Eu fico de pé, trêmula, a raiva correndo em minhas veias. A dor é uma pulsação distante do meu desejo de fazer um pequeno trabalho e foice no rosto de Bill.

Ida corre para o meu lado.

— Não se preocupe, xerife, isso não vai acontecer de novo. Vamos educá-la direito.

O xerife não diz nada, apenas balança a cabeça e cospe, errando-me por apenas alguns centímetros. O que há com esses homens e

todas as suas cuspidas?

Ida agarra meus braços e sussurra em em meu ouvido:

— Isso aí é suicídio. O xerife é muito mau e não muito inteligente. Você poderia cutucar uma cascavel também. Sua morte seria mais fácil.

Eu não digo nada, endurecendo minha expressão. Eu apenas pego minhas foices e corro para onde o resto das garotas estão reunidas.

Estou saindo daqui. Mas antes de fazer isso, vou ter uma pequena vingança também.

Espero que não esteja se mantendo em muitas travessuras, Jane. Você sempre foi uma criança impetuosa e sinceramente espero que não esteja deixando seu temperamento levar o melhor de você.

Capítulo 23

No qual Provoco o Diabo

O ataque me deixa com um péssimo humor pelo resto do dia. Eu não falo com ninguém, apenas abrindo minha boca para responder às perguntas quando são feitas. Meu trabalho é caminhar até o topo do muro externo.

Eu pensei que as paredes ao redor de Baltimore eram uma grande visão, mas o muro ao redor de Summerland envergonha elas. Tem pelo menos a altura de três homens e parece ser feito de tijolos de barro empilhados. Há pedaços de grama misturados aos tijolos de barro para mantê-los juntos, e o muro é pelo menos metade tão largo quanto é alto. Eu pergunto a uma das meninas ao meu lado.

— Como eles construíram uma coisa dessas?

Ela olha para Bob e Bill antes de responder em voz baixa.

— Você conhece a história do Faraó e dos Israelitas?

O livro sagrado não é meu livro favorito, mas o conheço bem o suficiente. Eu assinto e ela continua.

— Vamos apenas dizer que este muro foi construído como as pirâmides: a maioria dos construtores não viveu para contar história, e nenhum Moisés veio para libertá-los.

Depois disso, fomos divididos em equipes e seções designadas para patrulhar.

No caminho para cá, havíamos escolhido nosso caminho através de uma cerca interna de arame dobrado de corda dupla e da cerca interna, que possui cinco linhas de arame. É um crime que um local com tão excelentes defesas tenha tão terrível armamento à disposição das patrulhas.

Atrás de mim, a satisfação presunçosa de Bill irradia dele em ondas, e o ponto em minhas costas que encontrou sua bota dói. Mais de uma vez, imagino afundar minhas foices enferrujadas em seu crânio.

Mas eu não faço. Em vez disso, empurro minha raiva para baixo, enterrando-a profundamente, deixando-a temperar minha alma. Tia Aggie sempre disse que os tempos difíceis nos tornam mais fortes. Se as coisas continuarem assim, estarei quase invencível quando me despedir de Summerland.

Fui alistada para patrulhar com o garoto de pele escura que piscou para mim no início do dia. Seu nome é Alfonse, e ele parece ser um sujeito legal, embora talvez um pouco falador. Depois de vinte minutos dele me contando sua história de vida, finalmente digo a ele:

— Não estou interessada em nada que você tenha a dizer, a menos que seja como sair daqui. — Ele se cala depois disso, me lançando alguns olhares irritados quando pensa que eu não estou olhando.

O muro que patrulhamos fica mais nojento quanto mais eu o vejo. Do outro lado, no espaço entre nós e o resto do mundo, estão alguns mortos. Errantes reais, andando por aí, gemendo por algo para comer, todos agrupados como se fossem compartilhar um segredo. Não há muitos deles, mas há o suficiente. O muro é muito alto para eles escalarem, mas tem alguns apoios para os pés para que uma pessoa possa descer se necessário, e estou prestes a fazer isso e acabar com eles quando Alfonse diz:

— Não devemos matá-los, apenas certifique-se de que eles não tentem escalar a parede.

— Qual o objetivo disso? — eu perguntei, o som de seus

lamentos fazendo-me sentir mais do que um pouco instável.

Alfonse encolheu os ombros.

— O xerife tem a ideia de que matar um só atrai mais. Se você fizer isso, terá problemas, e o xerife é rápido com o chicote. — O fedor adocicado e enjoativo de cadáveres em decomposição paira pesado no ar, toda vez que o vento muda, eu engasgo.

Eu e Alfonse estamos caminhando em nosso trecho do muro pelo que deve ser a décima vez quando ouço o grito mais terrível e horripilante.

Um pouco antes no muro atrás de nós, uma menina escorregou para dentro da terra-de-ninguém da pradaria. Outra garota está descendo o muro, para salvar a garota que caiu, ao que parece. E um grupo de errantes já está correndo em direção a ambas, obstinados à jantar.

Eu me viro para correr em sua ajuda, mas Alfonse agarra meu braço.

— Não devemos deixar nossos postos.

— Alfonse, você é bom em matemática? — ele balança a cabeça e eu suspiro. — Bem, eu sou. Duas pessoas com facas de manteiga glorificadas não serão capazes de enfrentar tantos errantes, especialmente quando alguns deles parecem recém transformados. — Saio em um disparo rápido como um raio, e então estou correndo a todo vapor ao longo da parede.

Esqueço minhas bolhas, minha fome, minha sede. Tudo desaparece no fundo enquanto conto os errantes, observo seu andar. Você tem que matar os mais recém-nascidos primeiro. Eles são os mais rápidos, os mais inteligentes. Os que já correm há algum tempo são sempre mais lentos, como um brinquedo mecânico que não

funciona. Pelas minhas observações, parece que três estão se movendo bem, o resto do grupo meio que ficando para trás.

Quando chego às garotas, estou com um ponto na lateral do corpo e meus pés gritam, mas empurro tudo de lado. Abro caminho pela parede, saltando muito cedo e deixando cair uma foice, quase perdendo o equilíbrio quando chego ao fundo. Pego minha arma caída e escolho meu primeiro alvo, uma garota Negra vestindo roupas que parecem assustadoramente com as minhas, e salto, balançando a foice para derrubar a coisa.

Aqui está o ponto. Se estas fossem minhas foices, minhas amadas foices de combate afiadas e bem balanceadas, teriam atravessado o pescoço do errante como uma faca quente na banha. Mas essas não são minhas foices. Então a lâmina fica presa no meio do caminho, a besta estalando seu dentes para mim e arranhando meus braços enquanto tenta se livrar.

Eu coloco meu pé atrás do errante e uso minha foice para empurrá-lo para trás. Depois de descer, uso um chute de mula contra a borda curva para forçar a lâmina. A cabeça rola para dentro do bueiro e o corpo fica imóvel.

Mas minha matança demorou. As outras duas garotas com os dois recém-transformados restantes de perto, empurrando-os e balançando suas foices ineficazmente. O resto do bando ainda está a cinquenta metros de distância e se movendo como idosos, curvados e lentos. Se eu conseguir derrubar os outros dois, talvez tenhamos uma chance de lutar.

Eu mudo minha pegada em minhas armas enquanto corro para trás do mais próximo de mim. Eu cruzo meus braços e uso uma lâmina em cada lado do pescoço e puxo o metal. Mas, enquanto tento

enfiar as foices no pescoço do errante, dou uma boa olhada em seu rosto e meu coração para.

A garota que tenta alcançar minha garganta é Maisie Carpenter.

Maisie estava em seu último ano quando fui para a casa da Srta. Preston. A última vez que a vi foi na noite da palestra do professor Ghering, quando ela ficou ao lado da parede, balançando a cabeça em concordância enquanto eu protestava contra o uso daquele pobre homem no experimento mal concebido daquele professor. E agora, aqui está ela.

Minha moeda esfria, e a sensação é o suficiente para me tirar de minhas ruminações mal cronometradas. Eu resmungo e arranco as lâminas pelo pescoço de Maisie. Não é tão eficiente quanto gostaria, mas com as lâminas enferrujadas é o melhor que posso fazer. Ainda assim, é preciso muito esforço. No tempo em que derrubei dois errantes, normalmente poderia ter derrubado cinco ou seis.

Uma das outras garotas finalmente pega sua foice e balança no pescoço de um errante. A coisa vai para o chão; é outra garota vestida como Atendente. Eu também reconheço esta. É a garota que fugiu, deixando a esposa do prefeito Carr entregue ao seu destino.

Parece que encontrei a resposta para o que aconteceu com as garotas designadas para as belas damas de Baltimore. Arquivei o fato para mais tarde, outra peça de um quebra-cabeça que não tenho certeza se entendi ou mesmo quero analisar.

Eu descanso minhas mãos em meus olhos e respiro profundamente enquanto os errantes mais antigos caminham perto o suficiente para ser uma ameaça. Tenho que cuidar deles rapidamente, antes que qualquer outro apareça para ver o que está acontecendo. Afinal, ainda temos uma parede escalar. As outras duas garotas estão

alguns metros atrás de mim, suas expressões confusas e mais do que um pouco chocadas.

— Vão em frente, voltem para cima. Eu vou cuidar disso. — Eu não tenho que dizer a elas duas vezes. Elas correm em direção à parede, tentando encontrar os apoios para as mãos que lhes permitam subir até o topo. Esse é o problema com os muros: eles não mantêm apenas o inimigo fora.

Os errantes restantes são praticamente anciões, só requer um pouco de esforço para separar suas cabeças de seus corpos. Eles estão todos extremamente deteriorados, alguns deles sem braços. Um deles tem uma espada de cavalaria pendurada no cinto, e, depois que eu acabo com ele, desembainho a espada e testo seu peso. É uma espada real, não uma decoração como a que major usava em Rose Hill. Eu não gosto de espadas — o tempo no reverso é muito longo se você calcular mal o seu golpe — mas é melhor do que um par de lâminas de jardinagem enferrujadas.

Eu uso a espada para derrubar o resto do grupo decrépito. A euforia, aquela sensação de tontura que sinto depois de cada batalha, está mais forte do que nunca, provavelmente porque esta é a primeira vez em muito, muito tempo em que eu poderia ter morrido. Mais alguns segundos removendo a cabeça da pobre Maisie, mais alguns errantes, e eu poderia estar me arrastando como eles.

Depois que o último dos anciãos mortos foi despachado, eu limpo a espada no corpo mais próximo. Eu lanço a espada no topo do muro e localizo alguns possíveis apoios para começar a correr. Eu corro e pulo, minha mão cavando nos pontos irregulares na parede. E me arrasto até o topo, gemendo com o esforço, chutando e lutando de uma maneira totalmente desajeitada. Mas eu consegui livrar o muro, e

isso é uma façanha por si só.

Uma sensação de formigamento faz cócegas em minha pele enquanto fico de pé. É quando eu vejo Bill, abaixo de mim, na parte interna do muro, seu rifle apontado para mim. Ao meu lado, as meninas estão com as mãos para cima.

— Mãos para cima! — diz Bill.

Levanto meus braços sobre minha cabeça, espada aos meus pés. À minha direita, as outras duas garotas levantam os braços um pouco mais alto, as mãos tremendo. Seus olhos estão arregalados e elas estão claramente apavoradas.

Bill nos encara por um longo tempo. Ele está suado e inquieto, como se o almoço não tivesse feito bem à ele.

— Senhor, qual parece ser o problema? — eu pergunto, mantendo minha voz calma.

— Você foi mordida — diz ele, passando o rifle de um de nós para o outro.

Eu olho para as outras meninas, uma das quais começou a chorar baixinho. Bill nem se incomodou em escalar o muro, não há como ele saber o que aconteceu logo abaixo dele. Eu me volto para Bill.

— Não, senhor, nenhuma de nós foi mordida. Claro, demoramos um pouco mais para derrubar os errantes do que deveria, devido à má qualidade das armas que recebemos, mas estamos todas sãs e salvas.

Bill aponta a arma para mim, depois para a garota ao meu lado e, finalmente, para a que está no final.

— Não, você não estão. Aqueles errantes te morderam. De jeito nenhum vocês está saindo desse muro!

Nesse ponto, Bill está gritando e gesticulando, saliva voando, e estou um pouco chocada com como ele passou de valentão rancoroso

a lunático delirante. Eu olho para as meninas, para ver se alguma delas foi de fato mordida, quando o trovão divide o ar úmido, fluído quente respingando em meu rosto. Eu me viro para Bill, cujos olhos estão arregalados e surpresos, e depois volto para as meninas. A mais próxima de mim está deitada de costas, a maior parte de queixo faltando, os olhos arregalados e fixos.

Uma profunda tristeza toma conta de mim, seguida rapidamente de raiva. Eu nem sabia o nome dela.

Eu me volto para Bill, que agora está freneticamente encaixando sua próxima bala. Minha raiva afrouxa minha língua e eu deixo cair meus braços e me curvo para pegar minha espada, gesticulando para Bill com ela.

— Qual é o seu problema? Tudo que você precisava fazer era olhar para o braço dela! Que tipo de bastardo sai por aí atirando nas pessoas?

Mas Bill não pode ou não me ouve. Ele solta um grito assustado enquanto seus olhos se arregalaram, encarando a garota no final. Ela abaixou e começou a tremer, o corpo inteiro estremecendo, típico de alguém se transformando. Um rosnado baixo vem de sua garganta, e Bill levanta apressadamente seu rifle. O tiro vai longe, mas chama a atenção da garota, e sua cabeça tem os olhos amarelos fixos em Bill. Eu trago a espada para cima e através de sua garganta, forte e rápido. A lâmina faz o trabalho, seu corpo caindo no lado do muro cheio de errantes, sua cabeça tombando na outra direção.

Bill está congelado, então eu desço o muro agarrando o que posso, mas principalmente deslizando. Demora um bom tempo, meu temperamento está quente enquanto faço meu caminho, a espada na mão. A nuvem negra caiu sobre meus pensamentos mais uma vez, e

estou apenas meio consciente do que faço.

Eu marcho até Bill, onde ele está de olhos arregalados. Suas juntas finalmente afrouxam e ele tenta apontar o rifle para mim, o cano tremendo. Eu bato para o lado em um movimento. Ele não tem chance, de qualquer maneira.

Eu aponto a espada para ele, a ponta enferrujada a apenas alguns centímetros de seu nariz, lâmina gotejando o sangue vital da pobre garota no espaço entre nós. Eu estou triste e zangada e uma série de outros sentimentos, mas principalmente estou lutando muito para não matar Bill.

— Você acabou de matar uma garota inocente, seu bastardo covarde. Tudo o que você precisava fazer era verificar seus braços! Quão difícil é isso?

Bill apenas me encara.

— Diga alguma coisa, seu patético saco de merda! Dê-me um motivo para não arrancar sua cabeça.

Bill não diz nada. Ele desvia o olhar, tremendo. Eu quero muito acabar com ele aqui, para descarregar minha raiva, frustração e medo em um único golpe de uma espada de cavalaria enferrujada.

Mas eu não faço isso.

— Se você apontar uma arma para mim, é melhor você usá-la, porque da próxima vez posso não me lembrar que uma dama não sai por aí cortando a cabeça de gente aleatória, seu maldito idiota de barriga amarela.

Eu me viro e caminho de volta para o muro, escalando-o facilmente desta vez. A poucos metros de distância, Alfonse está parado de boca aberta, esperando por mim. Eu dou a ele um longo olhar.

— Não. Diga. Nada.

Ele acena com a cabeça e nós continuamos de onde paramos, andando para cima e para baixo em nossa parte do muro. Os gemidos dos errantes parecem mais distantes agora, como se tivessem perdido o interesse agora que a carne fresca não está nas imediações. Por dentro, meus pensamentos se agitam. Esta não pode ser a primeira vez que Bill atirou em uma pessoa inocente por medo. Nós realmente significamos tão pouco por aqui? Eu rio sem alegria com a obviedade da resposta. Maisie e a outra garota, aquela que eu não conhecia… não foi por acaso que ela acabou em um campo cheio de errantes. Maisie sempre foi excelente quando a conheci; de jeito nenhum ela foi mordida durante uma patrulha de rotina. Então, como ela se transformou?

Não tenho certeza se quero saber.

Enquanto caminho pelo muro pelo resto do dia, uma coisa fica clara. Não existe vida boa em Summerland para Negros. A única coisa aqui para nós é a morte.

Qualquer que seja a forma que ela assuma.

Estou mandando dinheiro para comprar um vestido novo. O tabaco este ano foi muito bom, assim como os tomates. Claro que o tabaco cobrava um preço muito melhor. É incrível que, mesmo no crepúsculo do Apocalipse, as pessoas estejam dispostas a pagar um prêmio por seus vícios. Estou pensando em comprar a antiga propriedade dos Parker e usar os campos para mais milho para o uísque, já que nossa pequena destilaria se tornou bastante popular. Um dos ajudantes de campo, um homem grande chamado Kingston, diz que sabe algumas coisas sobre como operar uma destilaria, e acho que pode ser capaz de fazer o trabalho adicional, já que o nosso próprio destilador é muito pequeno. Acho que essa seria uma excelente forma de garantir a estabilidade financeira de Rose Hill. Não vou permitir que você volte para uma cabana.

Capítulo 24

No Qual Algum Tempo Passa e Eu fico Inquieta

Cada dia é como o primeiro. Corremos para algum lugar ao longo do muro, tomamos o café da manhã, corremos um pouco mais, as rotações decididas pelo xerife e seus homens. Uma vez lá, a equipe da cerca verifica as cercas internas, enquanto as patrulhas caminham pelo muro, observando os errantes ferverem e espumarem abaixo de nós. Tenho a impressão de que há outros grupos de meninos e meninas fazendo a mesma tarefa em momentos diferentes do dia, mas o xerife tem o cuidado de nos manter separados e eu só vejo cerca de vinte meninas e meninos que compõem o meu grupo. Não faço par com Alfonse em todas patrulhas, e a lista de parceiros em constante mudança é entorpecente.

Às vezes eu caminho pelo muro com Ida, que tenta o seu melhor para me puxar para uma conversa, sem sucesso. Às vezes eu caminho com uma das outras meninas ou com um dos meninos. Nosso trabalho é simples: caminhar ao longo do muro, certificar-se de que os errantes não fiquem muito intrépidos e escalem. Os restos apodrecidos de dezenas de errantes alinham o lado de sotavento da parede, incluindo aqueles que larguei no primeiro dia, e por mais tempo que passe na berma, nunca me acostumo com o cheiro. É uma tarefa horrível que o xerife nos incumbiu, e não sei por que não temos permissão para colher todos eles.

A única alegria possível na minha vida agora é derrubar errantes, mas me negam até mesmo esse pouco de alívio, exceto no raro caso em que um errante decide testar o muro. Rapidamente fica claro que a ideia de um único errante escalar os apoios de mão

sobressalentes e chegar ao topo é ridícula, mas ainda temos permissão para descer e colher qualquer um que tentar, pelo que sou grata.

Guardo minha espada e Alfonse deve dizer algo ao resto da equipe de patrulha sobre o que aconteceu no primeiro dia, porque ninguém se move para arrancá-la do galpão onde colocamos nossas ferramentas no final do dia. Não importa quanto tempo eu demore para entrar no depósito de armas, a espada está sempre bem ali onde eu a deixei. Eu consigo torná-la aceitável enquanto caminho pelo muro, usando uma pedra decente e muito cuspe. Ainda precisa de óleo e não é tão boa quanto minhas foices em casa, mas é melhor do que qualquer outra coisa, e estou feliz por isso.

À noite, corremos de volta, jantamos, vamos à igreja quer queiramos ou não, os sermões são tão inspiradores quanto o primeiro, e vamos para cama. Na terça-feira, quase uma semana desde que chegamos a Summerland, recebemos nosso parco salário. A maioria das pessoas vai imediatamente ao armazém, uma fila de rostos escuros alinhados na frente esperando para gastar seu dinheiro. Os Negros não são muito diferentes dos trabalhores brancos, já que terça-feira é dia de pagamento para os vaqueiros também e eles estão todos no bar gastando o pouco que têm. A única diferença é Bob e Bill parados perto da fila de compradores Negros, parecendo muito felizes em usar seus rifles se alguém sair do controle. Depois do que vi no meu primeiro dia no muro, não tenho dúvidas de que sim.

Observo a fila, notando alguns rostos desconhecidos, pessoas mais velhas que não reconheço. É mais provável que trabalhem e vivam no lado mais agradável da cidade, com casas elegantes. Deve ser onde estão mantendo Lily e os Spencers, e Katherine. Tenho certeza que Katherine está bem, ela é muito teimosa para não estar,

mas estou desesperada para chegar à Lily e ver se ela está bem. Não posso sair da cidade sem as duas a reboque, então, até poder encontrá-los, estou presa aqui.

Também estou ansiosa sobre Jackson. Não o vejo desde o dia em que chegamos, e depois de testemunhar a coceira do dedo no gatilho de Bill, temo o pior. Mas não ouvi nenhuma notícia de que ele foi morto, então eu alimento a pequena brasa de esperança da mesma forma que nutro minha raiva. Não vou à mercearia, embora esteja com fome e pudesse pedir comida extra. Levo meu dinheiro para a Duquesa para um banho, roupas limpas e para ver se uma de suas meninas pode trançar meu cabelo. A garota Negra de pele clara que eu vi empoleirada no bar no primeiro dia, Nessie, entra no banheiro enquanto eu me sento na banheira que esfria rapidamente, tecendo meu cabelo em mechas tão apertadas que faz meus olhos lacrimejarem.

— Por que você não foi gastar seu dinheiro no armazém como todo mundo?

Eu encolho os ombros.

— Eu irei em algum momento. Prefiro cobertores e roupas limpas por enquanto.

Nessie ri, o som alto e cadenciado.

— Você é a única. Você é inteligente em ficar longe do armazém geral, no entanto. Você vai lá, seus bolsos se esvaziam muito rápido. Eles conseguiram preços tão altos que até um centavo custa duas moedas!

Depois que Nessie termina de trançar meu cabelo, minha cabeça latejando por causa de sua habilidade de trançar, eu finalmente faço a pergunta que tem me atormentado durante toda a semana.

— Como você acabou no bordel? Todas as outras meninas são brancas.

Ela abaixa a cabeça e balança.

— Ah, bem, o xerife, ele gostou de mim quando cheguei aqui. Se você não percebeu, ele é meio que fanático por rostos bonitos. Ofereceu-me para trabalhar para a Duquesa, em vez de marchar entre os mortos. — Ela parece envergonhada, puxando a parte de baixo do vestido, tentando sem sucesso puxá-lo para cima. — Não importa muito agora, mas eu nunca fui boa em derrubar errantes. Sempre fiquei imaginando quem eles teriam sido antes. E depois do último grande massacre antes que o muro fosse terminado, bem, eu não tinha estômago para isso. Eu teria acabado por matar alguém na linha. — Ela fica em silêncio por um tempo, o som de sua respiração é a única pista de que ela ainda está atrás de mim. — Prostituir não é tão ruim depois que você se acostuma, é só perguntar às outras garotas. A maioria dos homens são ok… os garotos do xerife podem ser duros, no entanto.

Eu aceno, me sentindo uma idiota por perguntar algo tão pessoal. Ela me oferece um espelho de mão para verificar seu trabalho. Eu viro minha cabeça de um lado para o outro antes de apontar para o meu cabelo.

— Obrigada.

Ela sorri largamente, as sombras de vergonha fugindo de seu rosto.

— Não é um problema. Avise-me se quiser que eu faça isso por você novamente. Vou pedir à Duquesa para lhe dar um desconto. Você tem um cabelo bom, não tão grosso quanto algumas das outras garotas.

Meus lábios se curvam. Tia Aggie sempre dizia isso sobre meu cabelo também. Isso me faz sentir saudades de Rose Hill, a dor tão forte que quase choro.

Mais tarde, me deito em meus cobertores, ainda úmido de ter sido lavado, e releio minhas cartas de mainha pela milionésima vez. O céu noturno daqui do Kansas é de alguma forma claro o bastante para se ler e, como sempre, uma espécie de dor floresce em meu peito, parte saudades de casa e parte luto. A última carta é de quase um ano atrás, e nela mainha lamentavelmente se pergunta por que não escrevi. Eu penso em todas as minhas cartas, todas aquelas memórias e anedotas inteligentes, perdidas no éter. Eu sei que Red Jack postou para mim. Mas se o agente do correio nunca os encaminhou, eles nunca foram enviadas. O que aconteceu com essas cartas, afinal? A Srta. Anderson leu e riu dos meus sentimentos de menina? Ou ela os pegou e queimou? Imagino a Srta. Anderson jogando as cartas na lareira, seu rosto de machado sorrindo maldosamente, e uma raiva incandescente se apodera de mim com tanta firmeza que tenho medo de matar alguém só para vê-la morrer.

Respiro fundo, empurrando a raiva de lado, conspirando em vez de ceder. Estou em Summerland há uma semana e ainda não tenho ideia de como voltar para o leste, para Baltimore e Rose Hill. Parece uma tarefa opressiva, uma montanha de adversidades, separada dos poucos amigos que tenho e uma planície cheia de errantes entre mim e onde quero estar.

Eu cochilo intermitentemente, minha barriga quase vazia e descontentamento mais forte que minha fadiga. Eventualmente eu acordo. Preciso me mover, ir a algum lugar por minha própria vontade, senão vou explodir de uma forma horrível. A sensação turva

em meu peito me lembra da noite em que o major tentou me matar, sua mão apertada em volta da minha garganta, medo e desepero e raiva guerreando no fundo do meu ser.

Aquela foi a terceira vez que uma pessoa tentou me matar.

Foi na noite anterior ao major ser transformado em um errante. Ele veio visitar mainha. Era tarde, e suas pisadas eram pesadas enquanto ele subia as escadas embriagado de uísque. Ele esmurrou a porta aberta alto o suficiente para até mesmo as tias dormindo na cozinha haviam ouvido a colisão.

Mainha, por sua vez, não se perturbou. Ela estava ocupada recitando um pouco de Shakespeare, *A Tempestade* para ser exata, quando ele entrou. Eu não tinha sido capaz de descobrir por que ela queria ler tão tarde, mas um olhar para o brilho dos olhos turvos do major e eu tive um pressentimento.

— Pet e eu estamos lendo, Jonas. — Mainha nunca me chamou de Jane na frente do major. O nome de sua própria avó era Jane, e talvez ela temesse que a coincidência fosse o suficiente para trazer o major olhar mais de perto minhas feições, para comparar meu queixo teimoso e nariz estreito com as próprias feições de mamãe.

— Sim, minha esposa — ele arrastou. — Eu exijo que você cumpra seus deveres.

— Sua barriga está cheia, sua propriedade está segura e próspera, e você está bêbado de uísque da minha própria bebida. Eu diria que fiz mais do que o suficiente para cumprir minhas funções.

Por um momento, o ar ficou pesado com a tensão, e me encolhi mais perto de mainha, com medo do que estava para acontecer.

O major riu, um som amargo, antes de cruzar o quarto e me agarrar pela nuca e me arrastar pela cama para que ele pudesse

alcançar minha garganta. Ele me levantou sem esforço, seus grandes dedos em volta do meu pescoço.

— Eu sou o mestre, sua vadia ingrata. Eu vou te dizer quando o suficiente for o suficiente.

Ele então apertou, me sufocando lentamente, pressionando com tanta força que eu vi manchas. Eu agarrei sua mão, mas eu era pequena, e nada do eu fazia parecia fazer muita diferença.

Foi quando mainha se levantou e jogou as obras completas de William Shakespeare na lateral da cabeça do major. Seu aperto imediatamente afrouxou e eu caí no chão, soluçando quando finalmente fui capaz de respirar novamente.

— Jane, vá até a cozinha e diga à Tia Aggie que você precisa ficar fora de vista por alguns dias, ok?

Eu balancei a cabeça, lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto, e desci as escadas o mais rápido que pude. Tia Aggie estava esperando por mim, e ela me levou de volta ao quarto dela, me colocando na cama ao lado dela e sussurrando palavras gentis enquanto eu chorava até dormir.

Na noite seguinte, o major virou um errante e esse foi o seu fim.

Agora, eu saio da cama no escuro, pegando minhas botas, às carregando para que eu possa colocá-las quando estiver fora. Não posso ficar aqui, sufocada pelos meus pensamentos, sufocando minhas memórias sombrias. Preciso de um momento de liberdade, não importa o quão fugaz seja.

De baixo vêm sons de alegria, homens gritando e mulheres rindo. O dia de pagamento foi a noite mais barulhenta até agora, nenhuma surpresa nisso. Não tenho certeza de que horas são, mas aparentemente a festa nunca termina, apesar do suposto toque de

recolher do xerife Snyder.

— Aonde você vai? — alguém sussurra para mim do escuro. Não conheço a voz de ninguém bem o suficiente para ter certeza de quem é, mas acho que Ida.

— Para fora.

— Você não pode. Há um toque de recolher. Você sai e o xerife e seus meninos farão de você um exemplo.

Dou de ombros, então percebo que quem quer que seja não pode me ver no escuro.

— Não se preocupe comigo, posso lidar com as consequências.

— Deixe-a descobrir sozinha — alguém diz. — E fique quieta. O resto dessa cidade pode não ligar para ter uma noite inteira de descanso, mas eu ligo.

A sala se acalma em meio a resmungos e eu vou até a porta para escapar. Só que, quando vou girar a maçaneta, ela não se move.

Em algum momento da noite, eles nos trancaram.

Eu nem pisco, apenas passo com cuidado pela sala tentando chegar até a janela aberta, fazendo todas as tentativas para manter meus pés longe das formas adormecidas. Quase consigo sair quando uma mão agarra meu tornozelo.

— Você deveria voltar para a cama — murmura a voz profunda, turva. A garota grande da equipe de reparadores da cerca e aquela que nos acordou no primeiro dia. Cora. Ela sempre parece estar me observando, e não preciso de um holofote para reconhecer uma informante quando vejo uma.

— Agradeço a preocupação, mas dormi o suficiente.

A mão se fecha com mais força.

— Não causamos problemas aqui, garota. Contanto que sigamos

as regras, tudo estará bem. Então isso significa que você volta para a cama, ou eu coloco você lá.

Eu cruzo meus braços e considero minhas opções. Eu poderia voltar para a pilha de cobertores que passam por minha cama e esperar o amanhecer, que segundo minha estimativa, levaria mais algumas horas ou mais. Mas isso significa recuar de Cora, e eu conheço seu tipo. Ela fará tudo que os responsáveis mandarem, mesmo que isso signifique que ela acabe quebrada e ensanguentada. Ela é uma daquelas pessoas que nunca aprendeu a respirar, nunca entendeu o verdadeiro significado da liberdade. Ela é como um cachorro, feliz até com um dono cruel. Ela come seus três pedaços, pega seu troco e, feliz, coloca a coleira em volta do pescoço, porque isso é o suficiente para ela.

Mas não é para mim.

Então, em vez de obedecer humildemente com seus comandos, eu me preparo e digo:

— Se você não me deixar ir, vou quebrar seu braço e temo que seja uma infeliz virada de eventos.

O aperto no meu tornozelo aumenta dolorosamente, e Cora puxa meu pé, me desequilibrando e me jogando no chão. É exatamente o que eu esperava que ela fizesse. Eu balanço minhas pernas, um turbilhão de movimento, pegando-a no rosto enquanto ela fica de pé. Eu fico sobre ela enquanto ela segura seu rosto.

— Você me chutou na boca — diz ela, as palavras distorcidas.

— Acho que você vai descobrir que é melhor apenas me deixar fazer o que eu quiser.

Ela é inteligente o suficiente para não dizer nada em resposta.

Eu faço meu caminho para a janela novamente, que foi deixada

aberta para deixar entrar uma espécie de brisa. A noite está escura e eminente, pesada e quente. Por um momento, considero voltar ao meu lugar, deitar e tentar seguir o estado atual. Mas eu nunca tinha ouvido aquela vozinha antes, e não vou começar agora.

Um salto rápido e estou no telhado. Antes mesmo de eu conseguir procurar um caminho para baixo, uma luz brilhante a algumas centenas de metros de distância atrai minha atenção. A princípio, acho que é o sol nascendo, mas é muito cedo para isso. Só então eu entendo o que estou vendo.

Luzes elétricas. Dezenas delas, alinhando-se nas ruas e pontuando as casas naquela seção luxuosa no lado sul de Summerland. As luzes brilham suaves mas fortes na névoa noturna, e é mais adorável e tranquilo do que qualquer coisa que eu tenha visto em muito tempo. Talvez em toda a minha vida. Eu sei agora por que fui capaz de ler o que pensei ser o luar todas as noites.

Mas essas luzes não são para mim. Estou dois andares acima e não parece haver nenhuma maneira de descer daqui. Abaixo de mim, alguns vaqueiros saem cambaleando do salão cantando alguma música, as palavras muito arrastadas para fazerem sentido. Uma sensação horrível de desesperança brota em mim e tenho que lutar contra as lágrimas.

Eu não vou desistir. De jeito nenhum, de nenhum jeito.

Calçando minhas botas, vou até a beira do telhado. O próximo prédio fica a apenas alguns metros de distância. Parece estar abandonado, as janelas do segundo andar cobertas por uma espessa camada de sujeira. Tento me lembrar do que está no primeiro andar, mas não consigo. Com uma corrida inicial, eu salto para o telhado adjacente. A janela está um pouco aberta, então eu a abro mais e entro.

Eu paro bem perto da janela. Através da escuridão vem o som de alguém respirando. Eu espero, deixando meus olhos se ajustarem à escuridão. Deitado em uma cama, os braços pendurados para o lado, está o funileiro que conheci no primeiro dia, Sr. Gideon. Sua pele pálida brilhava ao luar, e fico um pouco escandalizada ao ver que ele está nu da cintura para cima. Ele é alto demais para a cama em que está e seus pés estão pendurados para o lado. Ele parece uma boneca quebrada, meio vestido e jogado.

Não houve muito tempo para visitas sociais e não o vi desde que cheguei aqui. Não tenho certeza se ele é amigável ou não. Lembro-me da maneira como ele apontou o revólver para minha cabeça e decido que provavelmente não é alguém que eu queira arriscar acordar.

Dou um passo para trás para sair pela janela e meu pé pega uma tábua que rangue. O movimento da cama é explosivo. O Sr. Gideon se senta, e uma pistola brilha na luz fraca, a extremidade profissional apontada diretamente para mim. Meu coração bate na garganta e, pela primeira vez na vida, me pergunto por que sempre pulo antes de olhar. Mas nunca há muito tempo para arrependimentos, então engulo meu coração e levanto minhas mãos em sinal de rendição.

— Você realmente gosta de apontar essa coisa para minha cabeça.

— Senhorita McKeene?

— Nenhuma outra.

— O que você está fazendo no meu quarto?

Eu respiro fundo e solto. Eu sinto que estou prestes a sair da minha pele, mas não corro nenhum perigo imediato. A moeda sob minha camisa está quente.

A vista, a que consigo ver com o luar entrando pela janela, é a

coisa mais bonita que vi durante toda a semana. Gideon tem músculos esguios e ângulos de menino interessantes, e é difícil formular uma resposta.

— Eu suponho… que a resposta adequada é que não sei bem. A resposta honesta é que a vida neste lugar é insustentável, e se eu não sair daqui logo, algo ruim vai acontecer.

Eu penso no aviso da minha mãe sobre meu temperamento, o temperamento que herdei dela. "Não deixe as coisas afetarem você, Jane. Não ceda à sua raiva", ela sempre dizia, sua voz cheia de advertências e um conhecimento que eu estava com medo de sondar. Mas agora, essa raiva está crescendo, me fazendo sentir que vou enlouquecer. Aqui com este menino que não conheço, esta é a maior calma que senti durante toda a semana.

O inventor guarda o revólver e me dá um sorriso irônico.

— Senhorita McKeene, este é um lugar onde coisas terríveis acontecem com mais frequência do que você imagina. Volte para a cama antes que o xerife Snyder descubra que você saiu.

Eu deveria sair, deveria me virar e voltar para o meu quarto lotado, mas não faço isso. Em vez disso, encosto-me na parede, o mais ousado que posso.

— Você se importa de responder algumas perguntas antes de eu ir?

Ele cruza os braços, e sinto sua consideração mais do que vejo.

— Você invade o quarto de um homem nas primeiras horas da noite, onde ele aponta uma arma para você e lhe diz para ir embora, e agora você se pergunta se pode fazer algumas perguntas?

— Você guardou a arma.

Sua risada ecoa pela sala.

— Bem, então, como eu poderia dizer não?

— Por que não estamos tentando diminuir os mortos que cercam o perímetro? Toda a planície está cheia deles, e tudo o que fazemos é mantê-los longe da parede. Mais cedo ou mais tarde, eles serão mais do que podemos conter. Achei que o motivo de me estabelecer em um lugar como este seria estar longe das cidades do leste, em grande parte vazio de gente que possam virar errantes?

O inventor suspira, passando a mão pelo cabelo, e vejo o brilho revelador de uma pulseira em seu pulso. Eu me pergunto se foi um presente de alguém importante. Não conheço muitos homens que usem joias que não sejam um presente. Isso me faz pensar se ele tem esposa, e se tem, por que ela não está aqui?

— Você está certa — ele diz, não realmente respondendo minha pergunta. — Você conheceu os condutores? Que são como os errantes e quase tão inteligentes?

— Sim, eu os vi.

— Não há gado aqui em Summerland. A única coisa que eles estão conduzindo são os mortos-vivos. Por ordem do pastor e do xerife.

A revelação deixa minha boca seca e minhas mãos coçam por minhas foices.

— Por quê?

— Eu não posso te dizer isso. Já te disse muito. — Eu apenas fico olhando para ele, e um suspiro suave vem da cama, um rangido conforme seu peso muda. — A última pessoa para quem contei acabou se transformando. E não estou prestes a colocar em perigo outra garota da Srta. Preston.

Penso em Maisie Carpenter, boca escancarada, mãos agarrando.

— Você está falando sobre Maisie? — ele se abala, e essa é a resposta de que preciso. — Como ela foi parar lá na planície?

— Ela também fez perguntas — diz ele, com a voz carregada de coisas não ditas.

Eu cruzo meus braços, com frio apesar da noite quente.

— O que há com o outro lado de Summerland? Aquelas belas casas?

— Onde moram as pessoas abastadas? Ele tem seus próprios depósitos, estradas pavimentadas… Você provavelmente já viu o caminho que leva à parte lateral da cidade, alinhado com lâmpadas de rua elétricas?

Lembro-me dos sons de crianças brincando no meu primeiro dia aqui, e da visão daquelas luzes, e aceno. O professor acaba de confirmar o que Ida me disse, agora eu preciso ir para aquele lado da cidade e encontrar Katherine e Lily.

Eu coço minhas tranças e pergunto:

— Por que as pessoas estão vindo aqui em primeiro lugar?

— Dinheiro. Terras. Promessas vazias. Muitas pessoas aqui enfrentariam sentenças de prisão se não fossem para o oeste, pessoas como a Duquesa e a maioria dos operários. Os Sobreviventes pensam que se conseguirem fazer isso aqui no meio do nada, eles vão ganhar mais pessoas para a causa.

— Eu diria que eles já eram muito populares.

— As aparências enganam. Os Sobreviventes tiveram problemas para se firmar nos estados do Norte. As pessoas lá em cima são mais solitárias e ainda acreditam no legado de Lincoln.

Eu bufo.

— E qual exatamente era ele?

— "Uma casa dividida contra si mesma não pode ficar de pé."

Eu balanço minha cabeça, porque é a coisa mais boba que já ouvi. Gente Negra trabalhando *com* gente branca, não só *para* eles? Não nesta vida.

— De qualquer forma — continua Gideon, bocejando. — A ideia é fazer de Summerland a cidade do futuro. Luzes elétricas. Água corrente. Um muro que manterá os mortos-vivos fora. Eles fornecem segurança, segurança real, então as pessoas chegarão até aqui e podemos começar a construir algo sólido.

— Você parece não acreditar nisso.

— Os Sobreviventes estão fazendo isso tudo errado. Você não pode forçar o Negro a se curvar aos seus caprichos. Você tem que convencê-los de que pode lhe oferecer uma vida melhor. A escravidão acabou. Tentar viver no passado não nos levará a lugar nenhum além de mortos-vivos. O muro que construímos pode parecer bom, mas não durará para sempre. Os mortos são adaptáveis. É apenas uma questão de tempo antes que essa barreira caia.

Eu o observo por um longo tempo, tentando decidir o que pensar dele. Decido que gosto mais dele, apesar de ele apontar uma arma para mim. Duas vezes. E eu juro que não são apenas os sentimentos agitados que estou tendo ao vê-lo deitado em uma cama seminu, também.

— Você não parece pertencer a este lugar, Sr. Gideon.

— Eu duvido que eu pareça.

Eu sorrio.

— Eu sei por que estou aqui, mas quem você irritou para ser enviado aqui?

— Meu pai.

Não é uma resposta que estou esperando, e qualquer tipo de réplica morre na minha língua.

— Eu sinto muito.

— Não sinta. Tem sido uma experiência de aprendizado, que eu nunca poderia ter obtido em Harvard.

Eu bato um ritmo na madeira atrás de mim enquanto penso. Eu aceno antes de fazer minha pergunta final. Não vi Jackson durante toda a semana, e seu desaparecimento tem atormentado minha mente de uma forma que não gosto. Não é que eu tenha sentimentos por ele, porque não tenho, é que estou preocupada com o que significa não o ter visto há tanto tempo. Lembro-me da menina e de seus olhos arregalados, da facilidade com que Bill atirou nela, e tenho a sensação de que algo igualmente aconteceu com Jackson.

— Havia um menino… Ele foi jogado em uma cela na sede do xerife depois que chegamos juntos na semana passada. Suponho que você não saiba onde ele foi?

O Sr. Gideon balança a cabeça.

— Não. Eu não o vi da última vez que estive lá, e posso dizer que a prisão só tem algumas celas por um motivo. Não há necessidade delas, quando temos um xerife com um temperamento explosivo e uma inclinação para ver as pessoas se transformando.

As implicações de suas palavras me atingiram como um soco. Já ouvi falar dessas pessoas, desviantes que acreditam que existe algum tipo de iluminação em observar o momento em que um homem se torna um monstro. Não me surpreende que o xerife tenha tais predileções, e me pergunto se não há alguma verdade mais sinistra na história sobre a perda da esposa de temperamento doce do xerife.

Mas Jackson…

O Sr. Gideon parece perceber que o garoto em questão era mais para mim do que apenas alguém no mesmo trem que tomei até aqui.

— Eu… sinto muito — ele diz.

Lágrimas brotam dos meus olhos e uma grande onda de sentimentos desagradáveis brota.

— Tudo bem, então. Obrigado.

— De nada, Srta. Mckeene. Receio que sejamos todos prisioneiros aqui de um tipo ou de outro, para melhor ou pior.

— Oh, é para pior, certeza. Definitivamente para pior.

Eu escorrego para fora de sua janela sem dizer boa noite, fazendo meu caminho de volta para o quarto à luz de Summerland, e com o coração pesado. É muito mais fácil voltar para a cama do que sair, e quando encontro meus cobertores, rolo para o lado e choro em silêncio, lágrimas de raiva, segurando minha moeda da sorte.

Eles mataram Jackson. Não tenho dúvidas de que ele está morto. Assim como Maisie Carpenter. Ele provavelmente está em algum lugar da planície, faminto e de olhos amarelos, uma casca do menino que eu conheci.

Eu me enrolo em uma bola, mordendo meu punho para esconder o som dos meus soluços. Eu mal sinto meu dentes afundarem na minha mão. Estou muito focada na agonia de ser quebrada ao meio, como se algo dentro de mim estivesse sendo selvagemente rasgada. O único garoto que fui estúpida o suficiente para amar está morto. Eu pensei que meu coração se partiu quando ele disse que não me amava, que éramos melhores sozinhos do que juntos. Em um mundo onde as pessoas estão sempre sendo arrancadas pela praga dos mortos-vivos, pensei que suas palavras haviam destruído meu coração.

Eu estava errada. É assim que é um coração partido.

Jane, lhe aconselho a ter prudência. Espero que você esteja lendo sua Bíblia e usando as Escrituras para moderar suas emoções, para sempre manter a cabeça fria sobre você. Mas se você não encontrar consolo ali, talvez deva começar a bordar.

Suponho que seja óbvio que me preocupo com você, uma garotinha sozinha no mundo. Eu me preocupo muito.

Capítulo 25

No qual Eu Abraço Minha Imprudência

Depois que o Sr. Gideon me conta sobre a morte de Jackson, algo em mim se quebra. Jackson pode não ter sido meu, e pode ser culpa dele que eu esteja presa em Summerland em primeiro lugar, mas eu ainda o amava. Eu não queria que ele morresse, e saber que o xerife e seus garotos poderiam matar alguém sem nem mesmo um como-vai me faz desesperar com a chance que tenho de ser mais esperta que um homem sanguinário assim. Eu deveria estar inventando uma saída de Summerland, conspirando e planejando. Mas não estou. Em vez disso, estou apenas sobrevivendo.

E mal isso. Eu estou fraca. Momentos depois de comer, minha barriga ronca por mais, exigindo um alimento que não está vindo. Não é que estou trabalhando mais do que quando estava na casa da Srta. Preston, é que o xerife não nos alimenta o suficiente. As porções no café da manhã estão ficando cada vez menores, e até mesmo o jantar — a única refeição de tamanho normal que temos — está ficando mais magra a cada dia.

— São todas as novas famílias da cidade. Quanto mais brancos chegam, menos comida obtemos. Eles são de qualidade e não podem perder uma refeição — diz Ida, passando o dedo pela superfície do prato vazio antes de lambê-lo.

— O que você quer dizer? — eu pergunto. Acabei de terminar meu próprio ensopado e mal me contive para não lamber o prato. Até os operários parecem famintos e perturbados. Suas rações também foram cortadas, o que significa que realmente há um problema com a comida. Esta não é apenas mais uma das iniciativas do pastor para

reformar os Negros.

— Você não está prestando atenção? Houve dois trens de famílias na semana passada. Gente chique, toda enfeitada com roupas elegantes. Antes tínhamos talvez um trem por mês, e nunca ninguém usava seda. Algo está acontecendo no leste, mas quem sabe o quê — diz Ida. — É melhor você apenas torcer para que eles não pensem em expandir o bordel, caso contrário, você vai perder o lugar para dormir. — Ela lança um olhar sombrio para o outro lado da sala onde as garotas da Duquesa estão chamando a mesa dos trabalhadores. Eu não sei por que elas se importam. É quinta-feira. Esses caras já estão falidos. Eles gastam seu dinheiro tão rápido quanto nós.

Há mais gente se mudando para a parte boa da cidade, mas não recebemos nenhum Negro novo para as patrulhas. Algo simplesmente não parece certo.

Talvez seja hora de fazer uma pequena viagem.

Eu penso sobre isso toda a noite e na seguinte. Penso no outro lado da cidade enquanto empurro uma garota para tomar meu café da manhã, uma sensação sombria brotando em meu meio quando ela começa a chorar, tão faminta e desesperada quando o resto de nós. Penso nisso enquanto observo um pequeno grupo de errantes decrépitos tentando escalar a parede, minha lâmina brilhando ao sol enquanto eu deslizo pelo exterior da parede para tirar suas cabeças.

Fico pensando no outro lado da cidade até não aguentar mais, chutando minhas cobertas no calor quente da noite. Chega de chafurdar. É hora de encontrar meus amigos e ter uma ideia do que está acontecendo do outro lado da cidade. Há uma coceira no meu cérebro, um pensamento que precisa ser riscado. Mas, mais do que isso, preciso de comida. Meu estômago ronca tão alto que não consigo

suportar, e perto de mim Ida não está em melhor situação, tão acordada e miserável quanto eu.

— Eu vou encontrar alguma comida — eu sussurro para ela sobre os roncos suaves das meninas ao nosso redor.

Ida se apoia no cotovelo.

— Não é seguro, Jane.

— Estamos morrendo de fome lentamente, Ida. Não sobreviveremos muito com o que estamos obtendo. Podemos morrer em paz ou sobreviver por qualquer meio necessário.

Ida franze os lábios na escuridão antes de assentir.

— Tenha cuidado — ela avisa.

Eu fico de pé e pego minhas botas. Comida e algumas respostas, uma ou outra seria bom, mas sou gananciosa, então espero por ambas.

Eu ando até o telhado e procuro uma maneira legítima de descer desta vez. Há uma pequena saliência na borda oeste cobrindo o calçadão, e eu estou pensando que, se eu conseguir pousar nele, poderei descer até o chão e seguir para o outro lado da cidade. O único problema é que a saliência fica quase diretamente em frente ao escritório do xerife, então há uma chance de ser vista se eles estiverem olhando. Não é um risco que eu assumiria levianamente.

Eu debato sobre voltar para a cama, ou tentar algo diferente, uma vez que tenha sido capaz de fazer um plano adequado, mas então meu estômago ronca, tão alto que tenho certeza de que eles ouviram lá em Baltimore.

Não vou esperar por uma oportunidade. Vou criar uma.

Eu ando até a beira do telhado, balançando meus pés e me inclino para frente até poder pular. Minha aterrissagem é muito alta, e eu me jogo na beirada, prendendo a respiração, esperando alguém

gritar comigo. Após um intervalo de batimentos cardíacos frenéticos e respirações lentas, percebo que ninguém está vindo atrás de mim, então me abaixo o resto do caminho para fora da saliência e saio correndo para longe dos edifícios.

Está escuro e eu tropeço com frequência. Não há muita luz para enxergar, mas o lado rico da cidade brilha como uma joia no esterco. Não demorou a chegar lá, na minha pressa, assim que me aproximo do círculo de luz lançado pelas lâmpadas brilhantes que margeiam a estrada, posso manobrar mais rapidamente, usando as sombras como cobertura. É quando eu percebo que há um zumbido estranho, como as cigarras. A princípio, me pergunto por que os insetos estariam ativos tão tarde da noite, mas então percebo que não são cigarras. O som vem dos próprios postes. Deve ser a eletricidade passando por eles.

Não tenho ideia de onde os Spencers possam morar, mas das trinta ou mais casas nesta parte da cidade, muitas não parecem estar ocupadas neste momento, há apenas algumas na rua com as luzes acesas.

Espiar pelas janelas não é elegante, mas me ajuda a avaliar rapidamente quem mora em quais casas. O pastor se senta no canto de estudo, lendo algum livro, e rapidamente me afasto.

Logo olhei em todas as janelas das casas com as luzes acesas, e nenhuma das pessoas que vejo são os Spencers ou Katherine, mas, como Ida disse, elas são definitivamente de qualidade. Eu reconheço algumas pessoas do jantar do prefeito Carr. Parece que seu esquema diabólico está ocorrendo de acordo com o plano.

Se Katherine e Lily não podem ser encontradas, isso me deixa as casas que não estão iluminadas. Então, como qualquer alguém

desesperada, eu começo a invadir elas. A primeira casa está completamente vazia, ainda esperando a mudança de uma família, a segunda contém móveis, mas nenhum sinal de pessoas. A terceira, porém, tem fotos nas paredes, algumas que reconheço da noite em que Jackson, Katherine e eu entramos furtivamente na propriedade dos Spencer. Estou na casa certa.

O clique do martelo de uma arma disparando não é uma boa notícia, embora.

Eu levanto minhas mãos.

— Sr. Spencer, nunca nos conhecemos, mas meu nome é Jane Mckeene. — Eu me viro lentamente. Só que o rifle não está nas mãos do Sr. Spencer.

É Lily apontando o rifle para o meu rosto.

— Jane Mckeene — ela diz, o cano oscilando um pouco. As lâmpadas elétricas de fora lançam luz o suficiente para que eu possa vê-la claramente. Ela usa uma camisa de dormir e seu cabelo está preso no topo de sua cabeça. Ela está mais magra do que eu me lembrava, mas fora isso ela parece bem. — É melhor você me dizer por que está aqui e meu irmão não.

Eu sorrio apesar de mim mesma. Agora, aqui está a coisa sobre Lily. Ela é uma boa garota. Tão doce quanto é possível. Mas há apenas uma coisa com que ela se preocupa, e isso é Jackson. Você nunca viu um irmão e uma irmã idolatrando um ao outro como Lily e Jackson fazem. Mas é aí que tenho um problema. Mesmo que eu não tivesse nada além de amor por Lily enquanto Jackson e eu estávamos juntos, ela não tinha nada além de uma raiva permanente por mim. Não há muito amor pela garota que rouba seu irmão em um mundo onde a família é tão frágil, onde as pessoas se perdem diariamente. Eu

entendia, mesmo que não me importasse muito com a atitude dela.

Depois que Jackson e eu nos separamos, acho que ela desenvolveu um respeito relutante por mim. Mas isso não vai importar se ela acha que Jackson está com problemas e eu tenho algo a ver com isso. É por isso que de jeito nenhum em qualquer um dos sete infernos que eu vou dizer a ela que o seu irmão provavelmente virou um errante, especialmente quando ela está apontando um rifle bem para o meu rosto.

— Eles o pegaram com uma turma de trabalho — eu digo. É a mentira mais difícil que já contei. — Importa-se em colocar o rifle no chão?

Ela o faz, sua relutância visível.

— Meu irmão sabe que eles nos trouxeram morando com errantes aqui?

— Do que você está falando? — eu balancei minha cabeça. — Espere, comece do início. Como você e os Spencers acabaram aqui?

Lily apoia o rifle no ombro e suspira, um som que é muito adulto para o seu pequeno corpo.

— As safras dos Spencers não foram tão boas no ano passado, então o Sr. Spencer estava tendo problemas para pagar a hipoteca no Condado de Baltimore. Ele foi até o prefeito Carr para pedir um empréstimo ao homem, e você sabe o que o Jackson diz sobre pedir dinheiro emprestado a pessoas ricas.

— Pegue um dólar emprestado e pague com sua alma — eu digo. Foi assim que Jackson fez com que os locais confiassem nele em vez dos bancos, embora suas taxas também fossem pura usura.

Lily concorda.

— Acontece que o Sr. Spencer não pôde pagar quando os

homens do prefeito vieram cobrar. Portanto, o prefeito deu-lhe uma escolha: ele e sua família poderiam deixar o condado por conta própria ou ir para o oeste para este novo assentamento. Você pode adivinhar qual deles o Sr. Spencer escolheu. Antes mesmo que eu pudesse mandar um bilhete para meu irmão, estávamos no trem para cá.

— Então, os Spencers trouxeram você aqui voluntariamente. Deve ter sido difícil para você.

Lily dá de ombros.

— Tem estado quase tudo bem. Algumas famílias vieram aqui porque não tem muito bom senso. Eles falam muito sobre como os Negros deveriam servir aos brancos, que precisavamos restabelecer aquela "ordem natural" sobre a qual o pastor sempre fala. Os condutores que trouxeram aqui para supervisionar as patrulhas Negras e fortalecer a fronteira acham que os Negros da sua parte da cidade deveriam correr todo o risco para arrebanhar os mortos, não eles. Claro, a Srta. Katherine diz que todo mundo está certo em se preocupar, que este lugar não é seguro, não importa o tipo de precaução que tomemos.

— Kate está aqui?

— Sim, ela mora ao lado. Ela é quem faz as pessoas falarem sobre segurança e tal. Ela é tão bonita e inteligente! Ela é brilhante em sorrir e dizer algumas palavras que fazem todos pensar do jeito que ela pensa, mesmo sem eles saberem. Quero ser como ela quando crescer.

Eu faço uma carranca.

— Imagine, eu estou morrendo de fome e ela está aqui tendo chás e pontificando.

— De qualquer forma, o pastor Snyder disse que o Senhor nos livrará das dificuldades, mas a Srta. Katherine diz que é tudo mentira, e depois do que vi… Estou com medo, Jane. Não sei o que vai acontecer a seguir.

— Bem, eu estive nos muros por uma uma semana agora, e não quero fazer você se sentir pior, mas eu vi muitos errantes novos para sentir como se essas pessoas tivessem as proteções de Summerland resolvidas.

— Não são as paredes ou patrulhas de fronteira que me preocupam.

Eu pisco.

— Do que você está com medo, então?

Ela suspira profundamente.

— Certo. Ok. Deixe-me pegar minhas botas e mostrarei a você.

Ela desaparece e volta carregando o rifle sem jeito e um par de botas. Ela me entrega a arma.

— Só por um minuto. Isso é meu.

— Onde você conseguiu isso?

Ela calça as botas.

— Eu ganhei de forma justa com os meninos Elkton na rua. Também tirei um par de botas. Você nunca viu dois garotos mais estúpidos.

Eu sorrio. Eu sempre gostei de Lily.

— Mas foi como ganhei que causei todo esse problema que eu tenho — ela continua. — Vamos.

Nós fazemos o nosso caminho para fora, Lily liderando o caminho, Caminhamos um pouco antes que me ocorresse perguntar:

— Você não está com medo de sair tão tarde sozinha? O que os

Spencers dirão?

Lily bufa.

— Nada. As coisas foram direto para o inferno desde que chegamos aqui. — Ela me lança um olhar rápido. — Não se atreva a dizer ao meu irmão que eu xinguei.

— Não faria isso.

— De qualquer forma, logo depois que chegamos, as coisas meio que desmoronaram. O Sr. Spencer tem bebido muito e se encontrado em segredo com pessoas que querem se livrar do xerife. A Sra. Spencer caiu no láudano.

— E os pequeninos?

— O bebê teve cólica e morreu logo depois que chegamos. Somos apenas eu e Thomas agora. Estamos nos dando bem, mais ou menos.

Sua voz está carregada de emoção, e eu percebo que não sou a única que teve um tempo infernal aqui em Summerland.

— Mas… e as outras famílias? Eles estão felizes com as luzes elétricas e as refeições gourmet, e essas casas grandes?

— Alguns deles estão, com certeza. Mas se as pessoas se sentem um pouco mais seguras aqui do que em Baltimore, é só porque não sabem o que eu sei. Esta cidade inteira tem uma alma podre, Jane. Tudo é construído em um castelo de cartas que vai desabar mais cedo ou mais tarde.

— Do que você está falando, Lily?

— É isso que estou prestes a mostrar a você.

Paramos em frente a um prédio de identificação que se parece muito com o laboratório do invento. Uma placa na porta diz "**PERIGO: ELÉTRICO — Fique longe!**" Há uma imagem de um raio

na placa. Eu franzo o cenho.

— Vamos entrar aqui?

— Eu não vou — diz Lily, um tremor em sua voz. — Os meninos Elkton me disseram que este lugar era assombrado, que ouviam barulhos estranhos vindos dele à noite. Foi assim que ganhei meu rifle. Entrei em um desafio duplo. Eu nunca vou descer lá de novo se eu puder evitar. Mas se você quiser respostas, é aí que elas estão.

Antes que eu possa agradecer a Lily, ela está voltando para sua casa, de cabeça baixa, com o andar determinado. Pela primeira vez na vida, sinto um verdadeiro arrependimento. Eu deveria ter contado a ela sobre Jackson.

Bem, haverá tempo suficiente para tristezas mais tarde. Eu espero.

Tia Aggie se preocupa com você, também. É um mundo cruel, com pessoas cruéis. Eu espero que você não tenha encontrado muitas delas. Esse mundo é um lugar que pode comer uma menina viva, mesmo as inteligentes como você.

Capítulo 26

No Qual Eu Cometo um Erro Terrível

O prédio não está trancado, e a porta abre com dobradiças silenciosas. Meu coração bate em meu peito, e há uma parte de mim, uma parte covarde e amarela, que me incita a virar as costas e correr para a cama. Mas havia coisas sem sentido demais nas palavras de Lily, e meu cérebro odeia um mistério do mesmo jeito que cachorros odeiam gatos, então antes que eu possa me convencer disso estou descendo as escadas.

Não há luz suficiente para enxergar direito, mas consigo descer, as mãos roçando as paredes de cada lado meu para me manter firme. As escadas não são de terra como as do laboratório do Sr. Gideon, são de madeira, mas todo o resto me lembra do meu primeiro dia aqui. Não há luzes elétricas, apenas as boas e velhas lanternas de querosene em um canto aqui e ali, e eu pego uma para facilitar minha passagem. A esse ponto meu medo de ser pega é uma coisa distante, estou mais interessada em resolver o mistério dos cidadãos raivosos do que em qualquer outra coisa.

As escadas acabam em um corredor estreito, e o odor de algo apodrecido e poderoso me atinge. Enterro meu rosto na dobra do braço, meu mau cheiro é melhor do que o mau cheiro de seja lá o que está aqui embaixo. Estou cansada como um cão e ainda faminta demais para pensar claramente, então demoro um longo momento antes de perceber exatamente o que estou cheirando, e o momento em que percebo, é quando escuto os barulhos.

Errantes.

Sigo o odor dos mortos, os sons de gemidos aumentando, e

desço com cuidado pelo túnel. Ele acaba em uma antecâmara, quase do tamanho de uma sala de concertos. Não tenho certeza de quem ou o que cavou um lugar tão grande, mas deve ter sido uma empreitada bem impressionante. O teto se estende bem acima da minha cabeça, a luz emitida por aquele mesmo conjunto de lâmpadas elétricas, conspícuas em seu brilho constante. Mas não estou nem um pouco distraída pelas luzes quanto estou pela visão que encontra meus olhos.

À minha frente está uma gaiola gigante que gira com errantes. E na gaiola: pelo menos cinquenta errantes, correndo na direção de um homem negro velho sentado em uma cadeira, cochilando, os errantes girando a gaiola como uma roda gigante de metal.

Não tenho sequer tempo para minha resposta normal de medo entrar em ação. Eu apenas assisto os errantes girando a bagunça inteira em um círculo, meu cérebro tentando encontrar sentido em tudo aquilo. Escutei várias pessoas que supõem que os errantes podem ser úteis para trabalho e afins. Li a história de um homem que engatou seu arado em um time de errantes e tentou usá-los para lavrar seu campo. O problema foi que eles saíram correndo atrás de seu garoto, pegando a criança e comendo ele e uma boa parte do resto de sua família, antes do clã inteiro ir em direção do município local e transformou a maioria deles também. Esse era o problema com errantes: um pequeno deslize e todos que você conhecia são monstros famintos. Não fazia muito sentido fazer algo além de matá-los.

— Não é aterrorizante?

Me assusto com a voz, o medo que não consegui sentir vendo os errantes finalmente fazendo meu coração pulsar dolorosamente. O Sr. Gideon sai das sombras, limpando seus óculos no canto de sua camisa

para fora. Ele não está barbeado, e a barba por fazer sombreando suas bochechas faz ele parecer cansado e só um pouco perigoso. É uma aparência atraente em um homem. Mas eu esmago esses sentimentos macios como insetos. Ainda não tenho uma impressão completa dele, e se ele acha que vai tentar algo preciso estar pronta para isso.

— Relaxe, Srta. McKeene. Não é de mim que você precisa ter medo.

— Engraçado como aqueles que te traem sempre dizem algo assim.

Um sorriso passa rapidamente por seus lábios antes de desaparecer.

— Verdade. Aqui, me permita mostrar como isso funciona.

— O que te faz pensar que eu ligo para isso?

Ele ri um pouco.

— Você é inteligente. Seu cérebro tem juntado os fatos desde que você chegou aqui, quer você perceba ou não. E já que você está aqui, pode muito bem aprender cada um dos segredos terríveis dessa cidade.

Ele está certo. Uma curiosidade forte sempre foi um dos meus defeitos. Assinto, e meu estômago escolhe aquele momento para roncar alto. Meu rosto aquece e os olhos do Sr. Gideon se suavizam.

— Acredito que devo ter alguns pêssegos enlatados em algum lugar aqui embaixo também. Me siga.

Ele anda na direção do cômodo, além da roda gigante de errantes. Os mortos da gaiola param de andar por um momento, seus olhos amarelos fixando em nós ao invés. Mas a gaiola tem momentum suficiente para que os poucos distraídos percam seu equilíbrio e caiam, seus compatriotas os pisoteando enquanto a engenhoca inteira

continua a girar. Um dos errantes fica preso sob os pés do jeito errado, e sua cabeça é esmagada pelos outros. Ele não se mexe depois disso, o corpo debatendo no fundo da roda enquanto a coisa inteira continua virando. Tenho certeza que isso é tudo um tipo de metáfora, mas estou cansada e faminta demais para entender para que seria. O resto dos errantes caídos eventualmente recuperam o equilíbrio, e todos eles voltam sua atenção para o homem velho dormindo na cadeira.

Sigo o Sr. Gideon por mais um corredor por um bom tempo, o som de nossas respirações alto no espaço fechado. O corredor é iluminado por luzes elétricas, e eu tomo algum tempo para observar o Sr. Gideon. Ele anda rigidamente, mas seu mancar desapareceu.

— O que aconteceu para você parar de mancar? Era um fingimento, ou algo real?

Sr. Gideon ri.

— Você não mede as palavras, não é?

— Descobri que minha sina tem menos a ver com o que digo do que com quem sou. — respondo.

Ele assente e solta um longo suspiro.

— Posso ver como isso seria verdade. Bem, tenho uma tala mecânica para minha perna. Ela me ajuda a andar, mas é cansativa, então não a uso o tempo inteiro. Além disso, mancar faz o xerife achar que sou fraco, e para falar a verdade, prefiro que ele me subestime.

— Você não gosta muito dele também, hein?

— O homem é um monstro. E aquela maçã não caiu longe da árvore.

Estou surpresa pela veemência na sua voz. Nós ficamos em silêncio depois daquilo.

O corredor acaba eventualmente, e fico surpresa em ver que

estamos de volta ao laboratório do Sr. Gideon.

— Esses túneis são um gigante labirinto de coelho — eu murmuro.

— Sim, eles são. Eu uso aquele túnel para ir e voltar da cidade. É, na verdade, uma rota mais direta que a estrada. Ela também me ajuda a esconder meus movimentos do xerife.

Há um portão de metal separando o corredor do laboratório, e o Sr. Gideon o destranca com uma chave ao redor do pescoço. Ele segura o portão aberto para eu passar, e depois o fecha atrás de mim. É a coisa mais cavalheiresca a se fazer, e eu de repente me sinto muito nervosa em estar sozinha com ele. Não é só que seja impróprio, o que é, mas a última vez que fiquei sozinha com um garoto foi Jackson antigamente, e apesar do meu dilema assustador, uma onda de solidão me sobrecarrega.

Sinto saudade de mainha e Tia Aggie, e Big Sue lá em Baltimore. Sinto saudade de Jackson e seus planos estúpidos e a pequena Ruthie e suas tranças nada mais que penugem. Sinto saudade da Srta. Duncan e seus exercícios com gadanha que transformam seus braços em mingau. Sinto saudades até de Katherine, o que nunca pensei que estaria dizendo.

Acima de tudo, sinto saudade de ter esperança. Não tem um pingo de esperança em Summerland do que posso ver, apesar da propaganda, e a labuta de tudo é o suficiente para fazer uma garota apenas deitar e morrer.

Me jogo em um longo banco em frente a uma mesa a uma boa distância dos equipamentos do laboratório. O Sr. Gideon vai até um armário e tira um pote, voltando para a mesa e sentando no banco do outro lado.

— Aqui. Temo que eu não tenha um garfo, mas pelo menos eles são saborosos. Minha mãe me envia eles, já que não pudemos plantar árvores aqui ainda.

Sr. Gideon desliza um pote de pêssegos pela mesa para mim, e eu pego o pote Ball[12] e tiro a tampa. O aroma dos pêssegos me atinge, e eu afundo meus dedos, tirando uma fatia de pêssego e a colocando na boca. É doce e suculenta, e eu já comi metade do pote antes de lembrar dos meus modos o suficiente para oferecer um pouco ao Sr. Gideon.

Ele me dispensa com um sorriso.

— Estou bem, obrigado. Nossas rações não foram cortadas tanto quanto as suas.

Penso em Ida, lá no quarto, e fecho a tampa novamente, deixando a outra metade do pote para ela. Ela tem sido mais gentil comigo do que qualquer outra pessoa aqui, sobretudo me mantendo longe de problemas, e é o mínimo que posso fazer por ela.

— Então — eu digo, uma vez que sequei meus dedos na frente da minha camisa esfarrapada —, me conte sobre aqueles errantes que você está mantendo naquela gaiola.

Sr. Gideon suspira profundamente e se senta.

— Bem, primeiro de tudo, não fui eu quem fez aquilo. Eu tive uma ideia, e o resultado é uma perversão nojenta dela.

— Então o que era sua ideia?

— Tecnologia! Inovação! Um estado modernizado no qual todos americanos, pretos, brancos, índios, poderiam viver juntos. — Ele fica de pé e começa a andar. — Summerland era para ser um farol brilhante de esperança, uma visão Igualitária nobre para o futuro, um lugar para esculpir uma nova ideia do que nosso país poderia se

tornar, erguido das cinzas da opressão e morte.

Ele mexe as mãos em círculos antes de passá-las pelo cabelo, e há algo sobre ver um homem falar com tanta paixão assim que me faz endireitar as costas e prestar atenção.

— Eletricidade estava no âmago da minha visão — ele continuou. — Ela manteria a cidade segura, e fazer o trabalho. Cercas eletrizadas. Aparelhos elétricos para lavar roupas, para cozinhar comida. A guerra acabou com a escravidão; a eletricidade poderia formar a base para um povoado automatizado onde nós poderíamos continuar na direção de uma sociedade justa e igualitária. Trabalhei por um tempo com o Sr. Edison em seu complexo em Menlo Park; quando voltei para casa, para Baltimore, contei ao meu pai sobre minhas ideias e ele teve a noção de eu indo ao oeste para melhorar algumas de suas cidades fronteiriças. Ele me convenceu a discutir o plano com um grupo pequeno de seus aliados políticos. Eu precisava de financiamento, e era esperança minha que eles talvez vissem o potencial da ideia. Eles viram, e meu pai tomou os passos para colocá-la em ação. Mas quando cheguei aqui, não era nada do que eu tinha estabelecido. — Ele finalmente parou de andar e se sentou. — Minha ideia era localizar uma cidade perto de uma fonte natural para alimentar os geradores: um rio, uma corrente, carvão mineral. Essa área não tem nenhuma fonte de energia viável, mas eles já tinham estabelecido as bases do povoado, com dúzias de pessoas morando aqui.

Penso de volta na noite da festa de jantar do Prefeito Carr — as luzes elétricas em sua casa, o jornaleiro que foi misteriosamente mordido.

— Por isso a engenhoca que acabei de ver lá atrás.

Sr. Gideon se senta ao meu lado no banco e tira um pedaço de papel e um pouco de carvão em sua direção. Ele rascunha um desenho.

— É uma máquina Faraday simples. A roda gira, fazendo os imãs se moverem, e fazem a energia correr pelos cabos. Em um esforço para impedir que a cidade entrasse em colapso, adaptei o gerador para funcionar com trabalho físico. Os não mortos nunca se cansam; não precisam de muito no sentido de substância para manter a locomoção, eles precisam apenas ser substituídos de vez em quando… — ele faz uma careta quando dou a ele um olhar. — Admito que não é uma das minhas melhores ideias. Ela dá energia para as luzes, e é só isso, para ser sincero. A ideia era fazer a eletricidade dar energia para a cerca na barreira, muito mais fatal e efetiva que arame farpado ou mesmo a parede de tijolos. Algo que duraria muito mais, e manteria os não mortos de fora de uma grande área. Mas o único gerador nunca conseguiria eletrizar uma cerca de perímetro viável, mesmo se nós tivéssemos a força bruta para terminar de construir uma. Então, há luzes elétricas, e uma parede para manter os não mortos para fora. A cidade parece bonita, mas no meio tempo, nós temos a mesma sociedade que tínhamos de volta no leste, uma que subjuga e mata mais da metade de sua população para proteger a menor porção. Qual é o ponto nisso? Como isso é progresso?

Sei por que o inventor está frustrado, mas não tenho uma resposta para sua pergunta, e apenas balanço a cabeça.

Ele continua:

— Então, aqui estamos. Errantes, quero dizer, os não mortos, estão gerando eletricidade na cidade, tal como ela está. Nós talvez

pudéssemos criar mais energia se pudéssemos construir mais geradores e melhorar a infraestrutura elétrica, mas os negros e operários estão com as mãos cheias mantendo a barreira, e os Snyders se recusam a fazer os brancos na cidade trabalharem na cerca. Eles apenas perdem seu tempo tomando chá e bebendo.

Eu franzo a testa.

— Sr. Gideon, perdão, mas nada disso faz sentido nenhum. Errantes, aqui, dentro dos muros?

Ele se inclina, um brilhos nos olhos que tenho certeza que não são inteiramente das luzes elétricas.

— Com minha ajuda, eles transformaram esse lugar em um pesadelo Sobrevivente. Eles acreditam que os não-mortos, como os negros, foram colocados aqui para servirem os brancos, e que é nosso dever guiar, mas não colocar a trabalho. Enquanto isso, os condutores Sobreviventes e trabalhadores estão cansados de serem forçados a cuidar dos campos. Eles acreditam que deveria ser sua vez de aproveitar a vida boa. Mas o interior da cerca não está nem mesmo terminado, e é apenas as patrulhas que estão nos impedindo de ser invadidas.

— E todas as pessoas lá na cidade? As ricas? Eles são Sobreviventes, também?

Sr. Gideon se inclina para trás de repente, a expressão se fechando.

— Nem todas. Mas isso é tudo que vou falar sobre isso, Srta. McKeene. A hora está ficando tarde, e enquanto eu me preocupo com o futuro de Summerland, ela não vai cair amanhã. Você deveria voltar para sua cama antes que o xerife e seus garotos terminem de descansar da festança da noite passada.

Fico de pé, agarrando o pote de pêssegos.

— Obrigada pela comida.

— Não precisa. A cidade está indo na direção de um acerto de contas, e tenho um sentimento que as coisas vão piorar antes de melhorar.

Hesito por um momento antes de colocar a mão no meu cinto. Tom Sawyer foi o último presente que Jackson me deu, e eu não terminei o livro ainda. Mas odeio dever coisas a alguém. E quem sabe, talvez se tudo se resolva, posso arrumar outra cópia para mim.

— Aqui. Pelos pêssegos.

Sr. Gideon pega o livro, incerto, o virando nas mãos.

— Eu… obrigado.

— Bons sonhos, Sr. Gideon — digo sobre meu ombro enquanto subo as escadas.

— Bons sonhos, Jane, — ele diz, a voz distante.

Saio do laboratório e me esgueiro pelas latrinas e o hotel abandonado. O sol está começando a nascer sobre o horizonte ao leste, mas ainda está praticamente escuro, e estou quase na taberna quando escuto o som inconfundível de uma arma clicando.

— Ora, olá, Jane — o Xerife Snyder fala lentamente. Ele está parado alguns metros atrás de mim, sorrindo, e eu novamente sou lembrada das histórias que ouvi sobre jacarés. — Acredito que você esteja quebrando o toque de recolher.

Abro minha boca para encontrar alguma história que me livre disso, mas o xerife tem um baita de um gancho esquerdo, e eu apago antes de conseguir proferir uma palavra.

É uma notícia triste que nosso vizinho a leste, o Sr. Berringer, foi invadido. Nós recebemos vinte dos negros que viviam na terra dele e um capataz ruim chamado Duncan. Sinto que Duncan não vai durar aqui em Rose Hill. Devo dizer que é curioso que tantos desses homens que se comprometeram sinceramente a essa instituição peculiar estão se transformando em errantes.

Capítulo 27

No Qual Eu Já Enchi o Saco

Quando acordo, Xerife Snyder e Bill me seguram por cada braço e estão me arrastando pela terra da rua. Tento lutar, mas aquele soco do xerife me fez enxergar estrelas e não sou párea para dois homens adultos.

Estou presa no poste de açoitamento na frente do escritório do xerife.

Tento ficar de pé, lutando contra as cordas, alarme e uma dor de cabeça intensa, ambos ressoando na minha cabeça, mas não tem como me soltar. Estou tonta, mas se é por levar um golpe ou a combinação de exaustão e fome, não tem como saber, mas reconheço totalmente que não estou em um lugar muito bom.

Do meu lado vem uma risada baixa. Bill está inclinado contra o poste, talhando a madeira e assobiando, como se não tivesse uma preocupação no mundo.

— Você acha que é inteligente, num acha? Te falei que cê iria aprender umas boas maneiras aqui. E parece que o xerife tá prestes a te dar essa lição.

— Bill. — A voz atrás de mim é rouca. — Vá reunir o grupo. Eles dormiram o suficiente, e esse sermão precisa de pecadores.

— Sim, sinhô, — Bill diz. Ele vai embora, e o pastor se aproxima.

— Agora, sei o que você está pensando, Jane. Você está assustada, e isso é natural. Você está se perguntando como acabou aqui, se não tinha alguma coisa que você poderia ter feito diferente para evitar essa confusão toda.

Meu coração bate forte, alto o suficiente que tenho certeza que

ele consegue ouví-lo. Não consigo vê-lo, então quando sua respiração faz cócegas no meu ouvido, o cheiro dele preenchendo meu nariz, me encolho.

— A realidade é que você não poderia ter feito nada. Isso é tudo a vontade de Deus. Seguido do castigo dado pelo Senhor estão suas leis dispostas claramente. Todas as suas criações não são iguais, mas somos todos Seus filhos, todos com nosso lugar. A salvação, tal como é, está aqui, na terra. O homem branco ascende; seus correspondentes escuros são Seus servos, colocando as pedras no caminho até o Paraíso. O fato que já pensamos o contrário, que uma vez entretemos a noção de igualdade para todos os filhos de Deus na terra, que lutamos e matamos uns aos outros por causa disso… bem, nós sabemos como isso acabou.

Ele coloca uma mão no meu ombro, o acariciando com afeição, e seu toque me enoja.

— Esse castigo será brutal, minha querida, mas sua carne mortal o suportará, porque ela precisa. Sinta conforto em que, ao reafirmar Sua ordem, nós O agradecemos. — Ele se afasta e tosse, o som úmido e com fleuma. — Confie no Senhor e Ele te guiará por essa tribulação.

De trás de mim vem o som de passos e murmúrios. Tento virar e ver quem é, mas não consigo virar tanto.

Sob minha camiseta, minha moeda está fria como o gelo.

— Ah, não se preocupe, garotinha. Você vai ter uma baita plateia — Bill diz, de volta após acordar as patrulhas. — O xerife é um homem justo, mas ele reconhece um instigador quando vê um. Não são muito diferentes de cachorros, para falar a verdade. E de vez em quando você simplesmente pega um cachorro ruim. Talvez seja um cruzamento ruim, talvez um treinamento ruim. A única coisa que

você pode fazer é punir ele e esperar que aprenda quem é seu mestre. E se ele não aprende, bem… às vezes você simplesmente tem que apagar um cachorro ruim.

Seus passos ecoam na calçada de tábuas de madeira enquanto eles se afastam de mim, e eu testo meus nós para ver se há algum jeito de me soltar. Pânico afunda suas unhas quebradas na minha alma.

Me lembro do dia que perguntei à Tia Aggie como era antes dos errantes andarem, antes da guerra.

— Era ruim naquela época, Janie. Um tipo diferente de ruim, mas ainda assim ruim. Uma vez vi um homem ser açoitado até a morte por roubar um pedaço de pão da cozinha da patroa. Não sua mainha, veja bem, mas a patroa que veio antes dela. O capataz arrancou a pele dele até não ter nada além de carne sobrando. Então não deixe ninguém te dizer o contrário sobre os velhos tempos. A vida é difícil agora, nada além de sofrimento, mas alguns tipos de sofrimento são mais fáceis de suportar que outros.

Nunca a perguntei de novo sobre os velhos tempos ruins, mas agora, com minhas mãos presas ao poste de açoitamento, queria que tivesse.

Atrás de mim os sons de passos e murmúrios aumentam, e dessa vez quando viro meu pescoço consigo ter um relance da multidão, se reunindo nos primeiros sinais de luz do sol. Agora, a maioria são pretos, alguns condutores misturados aqui e ali. Não reconheço muitos dos rosto e imagino que devem ser as equipes noturnas. Paro de lutar contra os nós segurando minhas mãos, já que é inútil e tudo que vou me dar é uma bela queimadura de corda.

Depois do que parecem horas mas são na verdade alguns minutos alguém exclama:

— Jane, o que você está fazendo? — Me viro o máximo que consigo. Atrás de mim Ida me encara com os olhos arregalados. — Te disse para não ser pega!

Sua voz carrega todo o medo e pânico me comendo por dentro, e fecho meus olhos com força como se eu pudesse de alguma forma me esconder do que vai acontecer em seguida.

Mas não posso.

Nunca tive medo da morte. Todos morrem, e não gosto de gastar minha energia me preocupando com certezas, mas as palavras da Tia Aggie continuam ecoando pelo meu cérebro: *açoitado até a morte, arrancou a pele.* O medo é tão intenso que não consigo fazer mais nada além de olhar diretamente para frente, o olhar preso no poste de madeira na minha frente.

Atrás de mim alguém limpa a garganta.

— Escutem bem. O xerife tem algumas palavras a dizer.

Botas ecoam na calçada de madeira na minha frente, parando apenas um pouco ao lado. Olho para cima, e o xerife semicerra os olhos para mim. Sua expressão está neutra, mas há um brilho de algo em seus olhos. Satisfação? Volto meu olhar para o poste de madeira na minha frente.

— Summerland é um lugar de leis e ordem, e eu sou o braço desta lei. Nosso objetivo aqui não é a glorificação do indivíduo, mas sim criar uma comunidade harmoniosa que possa servir como modelo para o caos daquelas cidades a leste. Assim como os israelitas deixaram o Egito pela promessa de uma vida melhor, vocês também fizeram isso. Mas para essa harmonia ser conquistada, cada um de nós deve saber seu lugar. Você não deixa um cachorro fingir ser um cavalo, e o mesmo deve ser com nossos primos escuros. Há uma

ordem natural para as coisas, como o pastor nos diz, e quando essa ordem não é obedecida, o desastre cai sobre nós.

Não há nenhum comentário da multidão, nenhum murmúrio de discordância, nenhuma objeção valente ao meu favor. O único som é de alguém tossindo à distância. Sei que se eu for dizer alguma coisa, essa pode ser minha última chance. As pessoas merecem saber sobre o perigo apodrecendo sob nós.

— Vocês tem que me ouvir! Lá na cidade, esses homens construíram uma…

Um estalo sai da minha mandíbula, forte o suficiente para mexer meu cérebro horrorosamente, e Bill se afasta balançando a mão e xingando. Sangue preenche minha boca, e eu fico em silêncio. Não vale a pena. O xerife continua:

— Essa escurinha quebrou o toque de recolher. Essa transgressão pede um mínimo de vinte chibatadas. Não tenho nenhum prazer em dar esse castigo, mas eu o darei.

Meio que espero que ele comece a rezar, mas felizmente sou poupada dessa blasfêmia. Alguém, provavelmente Bill de novo, se aproxima de mim, sobressalto de surpresa enquanto a parte de trás da minha camisa é agarrada. Há um som de rasgo, e depois um suspiro enquanto minha roupa é despedaçada. Coloco meus ombros para frente, de repente modesta. O ar está quente nas minhas costas nuas, e minha respiração sai em suspiros rápidos, minha vergonha quase sobrepondo meu medo.

— O que é isso? — Bill pergunta, se inclinando para mais perto. Ele estende a mão para a frente da minha camisa, e eu me afasto dele, com medo de que ele esteja querendo pegar nos meus seios. Ao invés disso, sua mão sai com minha moeda. Ele puxa o cordão forte o

suficiente para romper a correia de couro. — Não acho que você vai precisar disso, — ele diz, a respiração quente e fedida na minha bochecha.

O xerife sai da calçada de madeira para a rua de terra batida, ficando atrás de mim. Quase consigo ver ele lentamente desenrolando o chicote ao seu lado, desfrutando do drama e ansiedade da multidão.

— Bill, você poderia fazer o favor de contar?

— Claro, Xerife.

A satisfação na sua voz me faz querer colocar uma bala nele.

O chicote assobia pelo ar antes de entalhar agonia pelas minhas costas. Inalo rapidamente e arqueio para longe da dor, meu peito batendo contra o poste.

— Um.

A segunda chicotada vem rápido demais, roubando meu fôlego e fazendo meus músculos ficarem tensos.

— Dois.

O chicote desce de novo, e estou tentando pensar em outra coisa, tentando estar em qualquer outro lugar, mas estou presa na minha carne condenada, e lágrimas caem por minhas bochechas enquanto o chicote rasga minhas costas de novo, e de novo, e de novo.

— Três.

— Quatro.

— Cinco.

— Cinco.

Meu coração quase para quando Bill conta “cinco” duas vezes seguidas. Minhas costas estão uma bagunça flamejante de agonia, e quando o chicote desce de novo um soluço sai de mim.

— Seis.

Estou tremendo por causa da dor, delirante com ela. Com cada estalar do chicote faço uma nova promessa ao Senhor Todo Poderoso.

— Nunca vou mentir de novo se isso parar. — *Swish.* — Vou dedicar minha vida aos seus bons trabalhos. — *Swish.*

Ou o bom Senhor não está impressionado com minhas ofertas, ou ele acha que mereço isso, assim como o pastor me disse.

Bill acabou de contar a chicotada número onze quando a multidão começa a murmurar. Não consigo pensar, a dor me roubando de qualquer perspicácia que tenho. Estou chorando e murmurando, meio enlouquecida com a dor. Mais nove chicotadas, e isso se Bill manter a contagem correta. De alguma forma, sei que ele não vai. Ele está gostando disso tanto quanto o xerife.

— Pare, por favor, pare!

A voz de Katherine é inconfundível, e de primeira acho que meus ouvidos estão me traindo. Mas então o xerife para e diz:

— Srta. Deveraux, esse não é lugar para você. Você deveria voltar para sua casa. O que te traz aqui?

— Eu trouxe, — vem outra voz. — Você está matando sua Atendente, e ela tem o direito de saber disso já que a garota foi empregada por ela.

— Gideon, você não é a lei nesta cidade.

Há uma rigidez na voz do xerife, mas estou aliviada demais que o chicote parou seu tormento pelo momento para analisar porque ele ao menos escutaria ao Sr. Gideon em primeiro lugar.

— Xerife, é dito que o homem que exerce compaixão é o mais sábio de todos. Estou te pedindo para ser um homem sábio. É óbvio que a garota não vai sobreviver por muito mais. Assim como essa cidade. Você fez o suficiente.

— Gideon…

— Por favor, Xerife — Katherine suplica, um tremor na voz, — Jane é um pouco cabeça dura, mas ela também é uma ótima companhia. Comecei a gostar dela, e eu ficaria de coração partido se ela se machucasse mais. Por favor, deixe ela ir. Mostre misericórdia à ela.

Atrás de mim o xerife suspira.

— Srta. Deveraux, você é uma garota gentil, mas a lei e ordem devem ser respeitadas.

— "E se um homem ferir seu servo, ou seu criado, com uma vara, e ele morrer sob sua mão; ele com certeza será punido." Isso é de Êxodo, capítulo vinte e um, verso vinte. Estou certo de que não é o que o bom pastor queria que acontecesse. Não há dúvidas que Jane quebrou as regras, como ela é conhecida por fazer de vez em quando. Mas ela está sofrendo grandemente, e como ela é minha serva, minha alma suportaria o fardo de sua desgraça. Por favor, Xerife — Katherine diz, sua voz cheia de emoção. Sei sem nem mesmo olhar para ela que seu rosto provavelmente está manchado de lágrimas, seus olhos claros demais. — Tenha misericórdia.

Há uma pausa, e o som de minha respiração pesada preenche meus ouvidos, minhas batidas do coração contando os segundos que se passam.

Depois de tempo demais, o Xerife diz:

— Você está certa, é claro. Compaixão é algo fundamental em um líder.

— Sim, Xerife. Ninguém duvida que sua palavra é lei.

Minhas mãos são soltas de repente, e quando tento levantar, caio. Katherine está lá para me ajudar, e quando ela me vira duas

coisas me atingem de uma vez.

A primeira é tristeza e raiva em guerra no rosto do Sr. Gideon enquanto ele me observa. Sua mandíbula está tensa e seus punhos cerrados. Se essas emoções são sobre mim ser chicoteada ou porque ele apenas não gosta do xerife, não sei.

A segunda coisa que me atinge é o jeito que o xerife está olhando na minha direção. É um tipo suave de olhar, do jeito que um observaria um bebê ou um coelho, cheio de admiração e interesse. De primeira não consigo descobrir porque o homem olharia para mim de um jeito tão indulgente, mas então percebo que ele não está olhando para mim. Ele está olhando para Katherine.

E sem mais nem menos, o plano que tenho lutado para montar por semanas explode no meu cérebro como um bastão de dinamite com um pavio curto demais.

Katherine meio carrega, meio me arrasta pela multidão reunida. Ergo minha cabeça por tempo o suficiente para ver Cora me dar um olhar presunçoso, e eu sei naquele momento que ela é a razão pela qual o xerife me pegou em primeiro lugar. A Duquesa se aproxima, preocupação em seu rosto.

— Traga ela para o meu quarto, te ajudarei a limpar ela.

— Jane não pertence a um bordel — Katherine diz, o mais besta possível.

— Os seios dela estão aparecendo para o mundo ver e ela não vai conseguir chegar ao lado bom da cidade, — a Duquesa replica.

— Ela está certa — Sr. Gideon diz. — Trarei um pouco de pomada. Deixe a Duquesa levá-la. Você vai ter que enfrentar o Pastor Snyder.

Katherine suspira.

— Tudo bem. Cuide bem dela. Voltarei mais tarde.

Depois é apenas eu e a Duquesa e a caminhada sem fim até o bordel. Cada movimento envia agonia serpenteando pelas minhas costas. Minha pele está quente e doendo, e luto para não soluçar. Porém, não tenho sucesso.

Nós entramos na casa de má reputação, indo direto para o quarto da Duquesa, que é no primeiro piso. Ela me ajuda a sentar na beirada da cama, e eu me inclino para frente, descansando os cotovelos nos joelhos, e solto um gemido.

— Até o Sr. Gideon voltar com sua mistura, não tem muito que eu possa fazer pela sua… — Ela para de falar.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer. Isso é errado. Tudo sobre esse lugar está errado.

Um leve sotaque apareceu na voz da Duquesa e quando ergo os olhos para ela, lágrimas caem livremente por suas bochechas.

— Você está bem? — Pergunto.

Uma risada escapa dela.

— Aqui está você esfolada até quase apagar e está me perguntando sobre mim.

Eu suspiro.

— Às vezes é mais fácil pensar sobre as dores menores de outras pessoas que as suas próprias dores grandes.

Ela senta ao meu lado na cama, fungando.

— Fui casada antes de vir aqui. Leopold. Ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto, a pele como se tivesse sido beijada pela noite. Nós pensamos que ficaríamos seguros se pudéssemos ir longe o suficiente. — Seu olhar fica distante, o rosto contorcido com a

memória de algum horror distante. — Você nunca consegue ficar longe o suficiente de pessoas como o pastor.

Dou uma meia risada.

— Suponho que sim. E o xerife.

— Os dois são farinha do mesmo saco, mas o xerife está apenas seguindo as ordens do papai. Ele é ruim, mas não é inteligente o suficiente para comandar esta cidade sozinho.

O som desigual de botas no chão de madeira me faz erguer a cabeça, e o Sr. Gideon está parado na entrada com um pote pequeno de algo e seus olhos estão desviados em deferência a minha modéstia. Não que importe muito agora. Sei que quase toda Summerland teve uma chance de espiar meus seios se quisessem.

— Vou cuidar disso — a Duquesa diz, levantando e pegando o pote de pomada da mão do Sr. Gideon. Atrás dele está Nessie, a garota de cor que trançou meu cabelo, com uma tigela fervente de água e um pano.

— Pensei que você talvez fosse precisar disso, — ela diz com uma voz baixa.

Ela coloca a água em uma mesa próxima. A pequena gentileza me aquece.

— Obrigada, — eu digo. — Você poderia trazer um copo de água?

— Claro, — Nessie diz antes de desaparecer do quarto, Sr. Gideon se afastando para deixar ela passar. Ele limpa a garganta.

— Jane, o xerife concordou em lhe permitir um dia de descanso da patrulha. Katherine o pediu para te devolver à supervisão dela, mas não tenho certeza se ela vai conseguir seu desejo. É duvidável que o pastor irá permitir isso.

Ele paira na entrada, incerto, e um olhar para seu rosto revela uma expressão preocupada.

— Qual o problema, inventor? — Pergunto, a voz rouca por causa da dor nas minhas costas.

— Isso não está certo — ele diz, como se não tivesse certeza do que mais dizer.

A Duquesa coloca as beiradas da camisa para o lado e começa a limpar minhas feridas. Não consigo me impedir de gritar de dor, meus olhos lacrimejando de agonia.

— Não, isso não está certo — a Duquesa diz enfim depois de alguns momentos. Estou atordoada demais por causa do açoitamento para pensar direito, minha existência inteira se resumindo às minhas costas gritando. — A pergunta, Professor, é o que exatamente você planeja fazer sobre isso?

Da porta vem um suspiro pesado.

— Eu te disse que paciência é necessária para coisas assim.

— Estou ficando sem paciência, Gideon. Assim como todos os outros. Nós estamos famintos. Os negros são mal tratados, e há não mortos dentro de nossas fronteiras. Sei que aquela sua mocinha bonita tem trabalhado nos homens, mas mesmo um rosto tão bonito quanto o dela não vai acabar com todo esse sofrimento.

— Eu sei disso, Maeve. O que posso fazer sobre isso? O que há de se fazer? O que pode ser feito que não tentamos antes?

— O pastor é uma montanha inatacável — eu murmuro. — Ele depende do xerife para impor sua vontade. Nós precisamos colocar alguém do nosso lado junto com ele; alguém que pode controlá-lo. Alguém que pode ajudar a colocar o xerife em uma posição comprometedora, uma que ele não consiga antecipar, para que a gente

possa usar essa oportunidade para acabar com ele.

A Duquesa para suas ministrações.

— Nós já tentamos isso. Ele surrou a pobre garota de um jeito terrível, quase matou ela — ela diz, baixo o suficiente para o inventor não ouvir.

— Não sexo, amor, — eu digo, arfando enquanto a Duquesa volta a limpar minhas feridas. — O xerife não é um homem derrubado por algo tão banal quanto prazeres carnais. Mas o xerife é um homem que conheceu o amor uma vez, um que se apaixonou por uma boa mulher. Aquele buraco em seu coração é a passagem para nossa liberdade.

— Então o que exatamente você está dizendo? — Sr. Gideon retira seus óculos e os limpa.

— Você ouviu o xerife lá fora com aquela besteira sobre israelitas. Ele realmente veio aqui por uma vida melhor, assim como todas as outras pessoas que entraram naquele trem por escolha. A promessa de algo a mais. E o que ele recebeu em troca? Assistir a mulher que ele amava ser comida. Se quisermos derrubar o xerife, precisamos balançar uma isca que ele não vai conseguir resistir. Uma mulher que pode dar a ele o que ele tinha com sua esposa e que pode ajudá-lo a elevar seu status social. Uma garota de uma boa família, é por isso que o xerife vai se apaixonar. Ele é um homem que finge grandeza e ao mesmo tempo deseja amor. Ele poderia cair sob a atenção de uma verdadeira lady. E uma vez que ele cair, nós nos livramos dele.

— Você está falando sobre assassinato? — A Duquesa diz.

— Não é assassinato se um homem for transformado.

Ela bufa, se impedindo de rir, largando o trapo na tigela de água

com um barulho molhado.

— E eu suponho que você planeja balançar sua companheira naquele gancho.

— Eu vi como ele estava olhando para ela. Ele já está meio apaixonado, — eu digo.

— Não é uma ideia ruim, — Sr. Gideon diz.

Ergo meus olhos por tempo suficiente para absorver sua expressão, seus olhos brilhando com inteligência, os lábios comprimidos em pensamento. Meu coração se debate como uma truta na margem de um rio.

Aqui vai uma coisa sobre mim: sempre fui uma completa e absoluta tola por um garoto inteligente, mesmo quando estou meio delirante com dor.

— Sim — eu digo, fechando os olhos e respirando rapidamente enquanto a Duquesa usa um toque leve para espalhar a pomada pelas minhas costas. — Apenas imagine se o xerife soubesse tudo sobre o passado trágico da Srta. Deveraux.

— Que passado trágico? — Sr. Gideon pergunta.

Engulo em seco, e Nessie aparece bem na hora. Ela me dá um copo de água e eu bebo antes de falar meu conto. Estou contando em conhecer Katherine. Se eu estiver certa, ela não contou para ninguém de onde ela veio, mas sim os distraiu com conversa fiada. Tem sido seu modus operandi desde que a conheci, e velhos hábitos demoram para morrer.

— Você sabia que ela é na verdade um dos Chesters, do condado de Chester, na Virgínia? Ela acabou em Baltimore quase destituída porque sua madrasta é uma mulher vil. — A mentira quase se conta sozinha. — Seu pai morreu bem inesperadamente, e a madrasta da

Srta. Deveraux a enviou para o norte para viver com primos. Entretanto, seus primos foram bem selvagemente atacados e assassinados pelos não mortos. Família pelo nome de Edgar. O prefeito de Baltimore teve pena dela e a convidou para ficar na sua própria casa até que ela pudesse contatar seus parentes. Mas, bem, o Velho Blunderbuss se afeiçoou a ela, e a senhora não iria aceitar aquilo. Então aqui ela está, o Moisés do provérbio na cesta.

A queimação nas minhas costas se estabeleceu em um pulsar constante, a pomada que o inventor trouxe realmente ajudando. Um olhar estranho passa pelo rosto de Gideon e seus lábios se contorcem como se estivessem lutando contra um sorriso.

— Esse é um baita conto, Srta. McKeene, — ele diz.

— Não foi nenhum conto. É a verdade honesta de Deus. A Srta. Deveraux é tão trágica quanto a pobre Ophelia.

— Ophelia? — Ele pergunta.

— Sim, de *Hamlet*. Você nunca leu Shakespeare?

— Ah, eu li. Só estou surpreso que você leu.

— Você não deveria fazer conclusões precipitadas sobre as pessoas, Sr. Gideon. Eu contenho multidões.

Nessie se esgueira para fora do quarto tão silenciosamente quanto apareceu, e ao olhar em seu rosto eu sei que a história de Katherine Deveraux estará nos lábios de cada condutor até o anoitecer.

A Duquesa fica de pé e manda Gideon embora.

— Você precisa ir andando, para que eu possa deixar a Srta. McKeene apresentável.

Há uma tosse discreta que vem do lado da porta.

- Claro, claro. Bem, obrigado pela informação, Srta. McKeene.

Estou disposto a apostar que o xerife ficaria horrorizado ao descobrir quão mal o mundo tratou uma lady do calibre da Srta. Deveraux. Ele irá querer garantir o conforto dela pessoalmente, eu arriscaria.

O andar desigual de Gideon ecoa pelo corredor, e depois que a porta fecha a Duquesa paira sobre mim.

— Bem, me lembre de nunca jogar poker com você.

Me permito um pequeno sorriso antes de ficar de pé. A Duquesa me ajuda a colocar uma camisa limpa. Não tenho certeza se posso confiar nela, mas não houve muita gentileza desde que cheguei em Summerland, e ainda não vi a Duquesa fazendo nenhuma crueldade.

— Por que você está me ajudando, de qualquer forma? Não pode ser por causa de seu amor há muito perdido.

O pequeno sorriso que ela usa desaparece de seu rosto.

— Vamos apenas dizer que tenho algumas manchas na minha alma que não se importariam em serem limpas.

— E você acha que ajudando uma garota preta vai fazer isso?

— Acho que ser a pessoa mais gentil que tenho os meios de ser vai fazer isso.

Eu assinto e penso em Lily. Espero que ela esteja segura esta manhã.

— Você acha que pode colocar as mãos em um pouco de laudanum?

A Duquesa dá um sorriso de lado.

— Os errantes têm os olhos amarelos?

— Nós vamos precisar de um pouco, quanto mais forte melhor. E uma garrafa de vinho, o mais refinado que tiver disponível neste lugar.

— Quão logo? — Ela pergunta enquanto termino de me vestir.

Me deito com o rosto para baixo na sua cama, aninhando minha cabeça nos braços, completamente exausta como consequência dessa manhã infernal.

— Se tudo for conforme o plano, em breve. Mas vamos mirar para o fim do mês. Duas semanas — eu digo, antes de enfim cedendo à minha exaustão.

Jane, por favor escreva de volta o mais cedo que puder. Anseio por ouvir sobre as aventuras que você está tendo em Maryland. É tão refinada quanto todos os jornais querem que nós acreditemos?

Capítulo 28

No Qual Eu Imploro por Perdão

Acordo com Katherine gritando.

— Jane McKeene, você contou ao Sr. Gideon que eu fui enviada aqui por causa da esposa ciumenta de um homem?

— Shh, não precisa gritar. — eu resmungo e tento levantar, esquecendo que a ferida nas minhas costas até a agonia explodir em pela minha pele. Mãos firmes me empurram para baixo.

— Apenas se deite aí, não precisa se mover agora. — Katherine diz, suas palavras gentis mas o tom ainda cortante. Deito novamente de barriga para baixo e Katherine sobe na cama ao meu lado. Ela cheira a água de lavanda, e me lembra tanto de minha mãe que quase abraço ela.

— Jane — Katherine diz depois de um momento. Ela mede suas palavras, tentando não perder a calma comigo. — Por que você contou ao Sr. Gideon o meu segredo? Depois de eu explicitamente ter te proibido de contar para qualquer um? — Suas palavras ainda são altas demais, e me preocupo que alguém talvez escute.

Abro minha boca para explicar e depois paro.

— O que?

Katherine se inclina para mais perto.

— Jane McKeene, estamos familiarizadas a tempo suficiente para eu conseguir reconhecer uma das suas tramas quando ela aparece. Tem pelo menos quatro das garotas da Duquesa pressionadas contra a porta agora, bisbilhotando. Mesmo agora elas estão memorizando tudo isso para contar para seus clientes mais tarde nessa noite. E ninguém fofoca como os homens.

Cerro meus dentes.

— Você é uma lady, Srta. Katherine. Você não deveria nem estar aqui, — digo alto o suficiente para ser ouvida.

— Meh. O xerife está fora da cidade resolvendo algum assunto, e o pastor está dando seu sermão noturno para os pecadores de Summerland. — Seus lábios se contorcem quando ela menciona o Pastor Snyder, e ela abaixa a voz. — De qualquer forma, resolvi que me esgueirar até aqui valia a pena o risco. Qual é o seu plano?

— O que te faz pensar que eu tenho um plano? — eu pergunto.

Ela me dá um pouco de olhar atravessado e eu suspiro. Me mexo e sento, apesar de doer muito.

— Não sei o que está além dos muros de Summerland, mas não pode ser pior do que está dentro deles. Se nós vamos sair daqui, precisamos nos livrar do xerife. Ele tem olhos em todos lugares, e não apenas seus homens, mas pessoas na patrulha como a Cora, também, e quem sabe quem mais, não tem jeito de sairmos daqui enquanto ele estiver no comando. O que significa que precisamos nos aproximar dele, o comprometer. E ele é cuidadoso demais para qualquer outra pessoa fazer isso, então… depende de você. Precisamos que ele se apaixone por você.

— Absolutamente não! Não vou me comprometer por aquele homem.

Sob a raiva indignada, consigo ver que Katherine está à beira de lágrimas. Essas últimas semanas devem ter sido tão difíceis para ela quanto foram para mim. É claro por sua voz o que ela pensou que eu estava pedindo dela, e eu engulo com dificuldade. Katherine não tem razão alguma para acreditar que eu não pediria algo assim dela, e me faz sentir horrível saber que ela pensa que eu pediria. Não fui sempre

a melhor para Katherine, e estar presa neste lugar terrível me lembra disso. Estendo o braço e pego sua mão, a apertando.

— Não estou te pedindo para se entregar a ele, Kate. Eu talvez seja rude, mas não sou um monstro.

Katherine não diz nada por um longo tempo, e quando ela finalmente fala suas palavras estão cheias de emoção.

— Bom. Porque eu não vou barganhar meu corpo por sua liberdade, Jane, nem a minha.

— Não, e você não terá que fazer isso. Você só precisa se aproximar dele, o drogar, e deixar o resto para mim. Depois vamos nos libertar e vamos sair em disparada daqui.

— E todos os outros?

— O que tem eles?

— Nós não podemos apenas fugir em disparada daqui e deixar todos para a misericórdia inexistente daquele homem, Jane! — Katherine está sussurrando alto demais, e eu a silencio. Isso definitivamente não faz parte da atuação dela. Eu poderia dizer a ela que não terá um xerife quando eu tiver acabado, mas duvido que ela irá seguir o plano se pensasse que era baseado em negócios desagradáveis.

— Mantenha a voz baixa! Como você disse, paredes têm ouvidos e tal. Já resolvi que vamos levar quem quiser vir conosco. É o melhor que posso oferecer.

— Isso não é bom o suficiente, — Katherine diz, a voz baixa. — E Lily e os Spencers? E o Jackson?

— Jackson está morto — digo, minha voz sem emoção.

Katherine sobressalta como se tivesse sido estapeada.

— Bem, quando você iria compartilhar essa revelaçãozinha? —

Sua voz está oca, e odeio ela por sequer sentir algo por Jackson. Mesmo com ele morto, ainda penso nele como meu. Que garota estúpida e egoísta eu sou.

— Só não pensei em compartilhar isso. Sinto muito. Eu sei que você tinha interesse nele.

— Eu não tinha interesse nele — ela diz. — Não tenho interesse em ninguém. Mas ele era uma boa pessoa, e a morte dele é infortúnia. No futuro você precisa me contar essas coisas ao invés de sofrer a verdade em silêncio. — O tom de Katherine é arrogante, mesmo enquanto ela sussurra. — E se for para eu me aproximar do xerife e abaixar sua guarda, não vou fazer isso sozinha. — Ela pula da cama, e noto que ela está usando um vestido azul diurno de seda adorável, semelhante ao que as ladies de Baltimore costumavam usar. — Aprecio sua dedicação, Jane, mas não aceitarei você machucada tão gravemente de novo, — ela diz, alto o suficiente para qualquer um ouvir. Seu tom é refinado, beneficiando a uma lady de sua suposta declaração. — Assim que você tiver se curado o suficiente para ser útil você retornará aos seus deveres de Atendente. Está claro?

— Claro, Srta. Katherine, — eu digo, mudando para os padrões de fala de uma servente deseducada. — Vou tentar melhora rapidin. Não se preocupa nadica comigo. Me curo num piscar de olho.

Katherine me lança um de seus olhares raivosos familiares demais, uma expressão que não vi faz um tempo, e eu sorrio enquanto ela sai pela porta.

Me sinto melhor do que me senti em semanas, mesmo com minhas costas mutiladas. Estou confiante que estarei a caminho de Rose Hill e de minha mainha em breve. Se isso significa atuar como a criada de uma lady para Katherine no meio tempo, então que seja.

Quão ruim pode ser?

Tia Aggie te manda seu amor. Ela quer que eu te lembrasse para se manter fora de problemas, e para sempre ouvir sua moeda da sorte. Ela também quer que eu te diga que as beterrabas não crescem direito desde que você partiu. Parece que até mesmo o jardim sente saudade da sua presença.

Capítulo 29

No Qual Tenho Dificuldade de Não Cometer Homicídio

Eu descubro antes mesmo de me juntar à Katherine no lado rico da cidade que ela interpreta seu papel de lady deslocada como um pato na água. Um pato muito arrogante e esnobe.

Depois de uma semana de descanso, estou quase completamente curada. Os cortes e pedaços sem pele formaram uma crosta que é o suficiente para que eu possa me mover, e apesar de minhas costas doer quando me mexo muito rapidamente, não é nada que eu não possa ignorar.

Quando a Duquesa me traz roupas para vestir, elas não são nada como as calças e camisa áspera que me deram antes. Encaro o vestido de calicô, admirada, meus dedos roçando a costura elegante com padrões azuis. Azul é minha segunda cor favorita, e estou quase com medo de contemplar que o vestido adorável talvez seja, na verdade, para mim.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Desde que a história dos dilemas terríveis da Srta. Deveraux se espalhou, o Xerife Snyder tem se desdobrado para deixá-la confortável. Katherine pediu que você ganhasse um novo vestido, já que é impróprio que a Atendente dela seja vista no traje de um trabalhador dos campos.

A Duquesa diz essa última parte com o sotaque de Katherine, e eu bufo para me impedir de rir em voz alta.

— Sim, isso soa bem como a Srta. Katherine — eu digo, acompanhando a atuação caso alguém possa estar ouvindo. Para o xerife acreditar que Katherine é uma lady, ele precisa acreditar que eu

sou sua acompanhante leal. Um mês atrás, isso teria sido algo difícil de acreditar. Mas meu tempo em Summerland quase definitivamente mudou isso, e estou disposta a fingir ser praticamente qualquer coisa para conseguir ganhar minha liberdade deste lugar.

Para minha sorte, Katherine já dispôs a maior parte da base para mim.

Me visto rapidamente, o movimento fisgando os machucados de um jeito desconfortável mas não doloroso. O vestido serve perfeitamente, como se tivesse sido feito para mim. A barra está um pouco mais curta do que poderia ser considerada modesta, batendo um pouco acima dos meus joelhos, exatamente onde eu gosto que fique. O que eu gosto de pensar como uma força para lutar. Há um par de calças largas para ficar por baixo por questão de modestidade, e apesar de eu não ter toda a artilharia, estou usando uma aproximação muito similar do traje de uma Atendente.

Coloco as botas e fico de pé, me sentindo muito bem apesar de ter ficado de cama a semana inteira. A Duquesa pressiona os lábios e me dá a espada da Confederação que eu tenho usado. Alguém encontrou uma bainha para ela, o que leva a todos os tipos de perguntas.

— Eles mandaram isso para você também. A Lady Katherine está te esperando no escritório do xerife.

Eu assinto e pego a espada, prendendo a bainha ao redor da minha cintura. Me sinto melhor com uma arma de verdade, mas ainda sinto falta das minhas foices. Espadas são boas e tudo, mas elas não se comparam muito a um par de lâminas curtas e bem feitas.

— Você teve alguma sorte com aquele remédio que eu te perguntei sobre?

A Duquesa balança a cabeça.

— As garotas têm sofrido com suas menstruações, apesar de eu ter perguntado sobre. Acho que sua Srta. Katherine terá que sofrer também.

O significado por trás de suas palavras é claro: sem laudanum.

— Suponho que não tenha nenhum lugar que vende ópio na cidade?

É um exagero, mas estou pensando que talvez eu possa colocar a droga nos cigarros do xerife, e torná-lo complacente, e depois apenas terminar o trabalho.

A Duquesa pressiona os lábios e balança a cabeça.

— Nós não permitimos nenhuma pessoa chinesa na cidade, o pastor deixou isso claro.

Eu suspiro.

— Bem, obrigada por sua ajuda de qualquer forma, Duquesa.

Ela assente.

— Você pode me pagar convencendo o inventor a consertar minha banheira, já que ele parece te ouvir.

Ergo minhas sobrancelhas, surpresa, mas não digo nada.

Deixo o bar pela entrada lateral que minha patrulha usava toda manhã, meu cérebro trabalhando com as possibilidades. Preciso encontrar um jeito de sair da cidade uma vez que o xerife morra, e rápido. Sinto que os homens do xerife vão conseguir descobrir o que aconteceu e quem é o provável culpado. De qualquer forma, tenho minhas preocupações sobre conseguir voltar à Rose Hill inteira, mas não vou conseguir sair dessa cidade se for linchada.

Então assassinar o xerife de imediato à luz do dia está fora de questão, o que é uma pena. Mas há centenas de jeitos que um homem

pode acabar morto sem qualquer jeito certo de saber quem fez isso.

Estou passando por alguns cenários, um deles envolvendo veneno de rato e sopa, apesar de veneno ser um jeito covarde de assassinar um homem, quando paro abruptamente. Alguns metros à frente, parecendo a dama mais bela do baile, está Katherine, rodeada por alguns dos condutores. Isso não é tão fora do comum, já que pelo que vi aqui não há muitas ladys solteiras em Summerland, e aquelas que não estão comprometidas trabalham deitadas de costas. Mas o que não é normal é o olhar de pânico absoluto no rosto de Katherine. Abaixo a cabeça e vou diretamente ao grupo.

— Muito bem, rapazes, vamos andando.

Faço um gesto dispersivo com as mãos, voltando ao meu treinamento de Atendente.

Alguns se viram para me olhar, mas ninguém se afasta de Katherine. Eles são como abelhas em uma flor particularmente doce, teimosas e focadas. Ainda bem que sei como lidar com abelhas.

Tiro minha espada e atinjo o pretendente mais próximo na parte de trás de sua cabeça com a parte plana da minha lâmina.

— Ei, qual é o problema…

Seus olhos se arregalaram quando ele percebe que minha lâmina está agora a alguns centímetros de seu olho.

— Vão embora. Agora.

Ele sai apressado, junto com alguns outros rapazes, murmurando xingamentos mas covardes demais para fazer qualquer coisa além disso. Sua partida deixa um caminho o suficiente para que eu possa agarrar o braço de Katherine e a levar para longe do resto de seus pretendentes sem mais violência. Os homens não dizem nada, nem mesmo um xingamento, e assumo que fazem isso para causar

uma boa impressão para a misteriosa Katherine Deveraux, a lady elegante do leste.

— Graças a Deus você chegou aqui agora. Estava prestes a empunhar meu guarda-sol — Katherine diz, com uma carranca.

— Pensei que uma garota da Srta. Preston saberia mais do que se permitir ficar tão irremediavelmente em minoria.

— Sou uma lady, Jane. Nunca me voltaria a violência; é para isso que serve minha Atendente. Além disso, enquanto eu estiver presa nesse lugar miserável terei que fazer meus negócios na mesma moeda que idiotas apaixonados. O que você quer que eu faça, aliene a cidade inteira? Não é como se eu tivesse uma fortuna à minha disposição. Devo ser encantadora, não importa a situação.

Ela abre o guarda-sol e me dá um olhar arrogante sobre o ombro. Não consigo decidir se ela é brilhante ou completamente maluca. Ela está interpretando o papel de debutante tão bem que estou me perguntando se talvez Katherine não seja mesmo a filha de alguma princesa perdida há muito tempo. Isso explicaria muita coisa. Ela funga, e gesticula na direção da calçada.

— Agora, vamos apelar ao xerife. Acredito que ele talvez tenha algo para nós. Tente parecer arrependida, está bem?

Dou a Katherine meu melhor olhar de cachorrinho, mas ela apenas revira os olhos para cima antes de marchar pela rua empoeirada.

Tenho que correr para abrir a porta para Katherine, ela está com um passo tão pavoroso. Ela entra no escritório do xerife sem ser anunciada, como se fosse dona do lugar. O bastardo do xerife e seus garotos estão gargalhando sobre algo, e uma emoção ruim cresce no meu peito — parte fúria, parte indignação, sobretudo sede por

sangue. O que ele fez comigo, o que ele muito provavelmente fez com outros antes de mim… Minha visão fica escura enquanto imagino colocar meus punhos no rosto do xerife, socando até ele perder o formato e se parecer com nada além de um monte de carne. Pisco rapidamente, dispersando a visão selvagem, um sentimento vertiginoso se estabelecendo dentro de mim.

Não há nada mais que eu queira do que matar o Xerife Snyder. Não minha liberdade, não retornar à Rose Hill, nada. Apenas o xerife, no chão, sua alma escorrendo nas tábuas.

A força da minha fúria é assustadora. Engolir meu medo e raiva é tudo que posso fazer enquanto os homens ficam de pé com a presença de Katherine, como se tivessem algum senso de civilidade.

— Srta. Deveraux. — o xerife diz, curvando seu chapéu. Seu olhar quase não passa por mim, e eu mantenho meus olhos baixos para que ele não veja o quanto eu gostaria de esfaqueá-lo no coração com minha espada enferrujada de cavalaria.

— Xerife, tenho um pedido para fazer a você.

— Ora, parece que você tem feito muito isso ultimamente.

Há confusão e afeto na voz do xerife mas nenhuma raiva, e estou aliviada em saber que não interpretei mal seu carinho por Katherine. É algo triste, mas existem poucos homens que não conseguem ser abrandados por um rosto bonito. Pela primeira vez que consigo lembrar, fico grata por Katherine ser atraente o suficiente para duas garotas.

— Minha garota precisa de uma arma melhor do que essa espada lamentável, algo mais benéfico a uma Atendente. Estava esperando que teria sua permissão para adquirir algumas armas mais adequadas para ela.

O xerife penteia seu mustache amarelo enquanto pensa, e eu luto para impedir que a animação apareça no meu rosto. Uma arma de verdade seria mais do que eu estava esperando. Não que eu não poderia matar o xerife devidamente com minha espada de cavalaria, ou minhas mãos vazias se fosse necessário.

— Você quer que eu dê uma arma pra sua escurinha? — o xerife diz com um sorriso de lado. Seu olhar é pesado sobre mim, esperando por uma reação, um relance de indignação ou raiva. Mas estou interpretando o papel de uma Atendente leal, então deixo minha expressão vazia. Felizmente seus olhos estão em mim, então ele perde a raiva que passa em um relance no rosto de Katherine antes que ela sorria educadamente.

— Claro que não, Xerife. Jane é terrível com um rifle. Eu estava pensando mais em algo parecido com uma foice, uma arma feita especificamente para as técnicas de combate próximo de uma Atendente.

O sorriso do Xerife Snyder desaparece e ele assente.

— Espere um momento, acho que tenho algo. — Ele desaparece em um cômodo na lateral e volta com um par de foices.

Minhas foices. Minhas foices muito amadas e usadas.

— Aquele homem, Redfern deixou elas para trás. Se você acha-las úteis, sua garota pode ficar com elas.

Katherine inclina a cabeça regiamente.

— Obrigada, Xerife. E assim que eu puder contatar meu tio por telegrama, tenho certeza que ele me dirá quão feliz ficaria em te pagar por sua generosidade.

— Não é necessário.

O xerife se aproxima de Katherine, estendendo o braço ao redor

dela para me oferecer as foices. Ele está mais próximo do que seria considerado decente por qualquer padrão, mas Katherine não se afasta.

— Você me daria o privilégio de um momento do seu tempo.

— Claro, isso seria um prazer.

O sorriso de Katherine não revela nenhum desconforto que emana dela. Talvez o xerife não note como ela colocou seu peso para trás, colocando mais alguns centímetros de espaço entre eles dois, mas eu noto. Conheço Katherine faz muito tempo, e a última coisa que ela quer é passar mais um momento na presença do xerife.

Mas esse é o papel que eu pedi para ela interpretar, e Katherine não é alguém que recusa o que lhe é pedido. Ela é uma pessoa muito melhor que eu.

Pego minhas foices do xerife, depois abro a porta. Katherine sai, o xerife logo atrás. Estou prestes a segui-los quando atrás de mim um dos homens exclama:

— Como está suas costas?

É preciso cada pedaço da minha disciplina para continuar andando, para não olhar para trás. Risadas zombeteiras me seguem enquanto deixo o prédio, me apressando atrás do xerife e de Katherine.

Eles estão absortos na conversa, ele se inclinando na sua direção, usando seu guarda-sol como uma barreira efetiva para impedir que ele se aproxime demais. Minhas botas ecoam na calçada enquanto me aproximo, e ele dá um relance sobre o ombro e grunhe.

— Me atrevo a dizer que você está segura comigo mais do que em qualquer lugar de Summerland. Por que você não manda sua garota para sua casa e eu te deixo lá depois que nós aproveitarmos

uma caminhada curta?

Katherine dá um sorriso indulgente para ele.

— A Atendente de uma lady não está lá apenas para protegê-la dos mortos inquietos. Ela também protege minha virtude e reputação, Xerife.

— Srta. Deveraux, você acha que sou uma ameaça à sua virtude ou reputação?

— Eu diria que você é o único que sabe a resposta para esta pergunta, senhor.

A risada que explode do xerife é genuína, e um sentimento feio cresce dentro de mim. Ele está olhando para Katherine como se fosse um homem faminto e ela é um bife que acabou de cair em seu prato. É uma expressão que não gosto mesmo. Eu poderia matar o homem sem um pingo de remorso, e estou quase fazendo isso quando o som de cascos congela minha mão.

— Xerife! Xerife!

Um homem que não reconheço cavalga até nós em uma nuvem de poeira, e ambas Katherine e eu encolhemos na sombra da calçada enquanto o xerife trota até o meio da rua para encontrar o cavaleiro.

— O que é, Bean?

— Bob, Bill e agora Bean, — Katherine murmura. — É um requisito seu nome começar com a letra B para trabalhar para o cara?

Pego apenas trechos da conversa, mas escuto as palavras *quebra, cerca ao leste, e cidadãos*. Seja lá o que está acontecendo, é suficiente para deixar a expressão do xerife tempestuosa, enquanto ele manda o cavaleiro embora com instruções ditas em voz baixa.

Xerife Snyder volta, se curvando profundamente para Katherine.

— Sinto muito por acabar com nossa conversa tão cedo, Srta.

Deveraux, mas há um assunto urgente que devo resolver.

Katherine consegue mesmo parecer desapontada.

— O que parece ser o problema?

— Nada que eu e os garotos não vamos conseguir tomar conta, mas eu lhe avisaria para entrar em sua casa e ficar lá. Mantenha sua garota por perto. Talvez haja alguns problemas a caminho, e não gostaria que você ficasse no meio deles.

— Obrigada, Xerife.

Ele dá a Katherine uma última inclinação de seu chapéu antes de trotar habilmente de volta ao seu escritório, gritando por Bob e Bill. Eles vem correndo, rifles nas mãos. Os três homens pulam em seus cavalos e saem cavalgando, formando uma nuvem generosa de poeira enquanto o fazem.

— Bem, isso é interessante — Katherine diz, os olhos semicerrados.

Agarro ela pelo cotovelo e a puxo um pouco.

— Venha, essa é nossa chance.

— Chance de que?

— De xeretar o escritório do xerife. Se você não notou, ainda há muito sobre essa terra que não sabemos. Eles talvez tenham um mapa e um compasso para que a gente possa se orientar quando fugirmos daqui.

Deixo Katherine balbuciando na calçada e vou diretamente de volta ao escritório do xerife. É quase meio dia e as ruas estão desertas. As patrulhas da manhã estariam fora e as noturnas dormindo o quanto podem, então esse é o momento perfeito para conseguir se espreitar um pouco sem ser interrompida.

Ando rapidamente pela calçada, derrapando quando paro na

frente do escritório. Katherine está perto de mim, arfando apesar de terem sido apenas alguns metros. Olho para ela de relance sobre meu ombro.

— Você está usando um espartilho?

— Sim, Jane, estou. Porque uma dama não sairia sem um.

Balanço a cabeça e entro, puxando Katherine também. Ela se inclina contra a parede ao lado da porta, lutando para recuperar o fôlego,

— O que você disse que estava procurando?

Dou de ombros.

— Um mapa, um compasso… Qualquer coisa que parece que poderia ser útil.

Os olhos de Katherine passam pelo cômodo.

— Bem, isso é vago o suficiente.

Reviro os olhos.

— Por que você não procura naquela sala ali? Vou vasculhar a mesa dele.

Katherine vai para a sala fora do escritório principal e eu me apresso na direção da mesa, abrindo gavetas e olhando seus conteúdos. Me recordo da última vez que fui xeretar onde não deveria, e por um momento me pergunto se deveria ter aprendido minha lição. Se formos pegas nossa situação será terrível, mas não tenho ideia de qual a cidade mais próxima pode ser, ou mesmo quão longe. Um mapa e algum tipo de objeto para indicar a direção será vital na nossa fuga.

Também quero ver se bisbilhotar os pertences do xerife revela algo sobre ele. O xerife tem fraquezas. Já sei que o belo rosto de Katherine é uma delas, então quais outras o homem possui? Quanto

mais sei sobre o xerife, mais fácil será para acabar com ele.

Bem, pelo menos isso é o que estou esperando.

As gavetas que abro não revelam nada marcante: papéis para cigarro, um pouco de tabaco solto, algumas balas. Há uma maçã e um bom pedaço de queijo enrolado em cera em uma gaveta do fundo, e tenho que lutar contra a vontade de agarrá-lo. Mesmo depois de dias sem fazer nada e comer decentemente aos cuidados da Duquesa, ainda estou com tanta fome quanto estava antes; mas se eu pegá-lo, o xerife saberá que alguém esteve na sua mesa, e ele suspeitar de algo não é o plano.

Não leva muito tempo até eu perceber que há um monte de nada na mesa do xerife. Fecho a última gaveta e fico de pé, suspirando, indo checar Katherine. Estou na metade do caminho quando passos de bota ecoam lá fora, na calçada.

Congelo, cada músculo no meu corpo tensionando. Minhas costas doem com as dores fantasmas enquanto me lembro do beijo do chicote contra ela, e sei que desta vez não tem como ter piedade. Não para mim, ou Katherine, também.

— Kate! — eu meio sussurro, meio grito, o mais alto que me atrevo. Os passos de bota estão se aproximando, deliberados em seu passo arrastado. Em apenas alguns segundos alguém vai nos encontrar, nos pegando em flagrante enquanto xeretamos. Katherine sai da sala, com irritação no rosto.

— Jane, encontrei o mapa mais interessante… — Ela para de falar. — Alguém está vindo.

— Sim. Agora fique aí parada e se finja de desorientada. Não deve ser tão difícil para você.

Pego um grampo dela e fico de joelhos, engatinhando pelo chão.

Atrás de mim a porta abre, e a pessoa para de repente na entrada. Meu coração bate forte no peito, alto o suficiente que estou certa que nosso convidado inesperado consegue ouvir. Katherine inspira rapidamente, e meu estômago cai, cada última gota de pavor e medo ficando onde costumavam.

— Bem, se isso não é um colírio para os olhos, não sei o que é.

Fecho os olhos e começo a rezar, porque não tem como eu estar ouvindo o que acho que estou.

Ou Red Jack está atrás de mim escandalosamente analisando meu traseiro, ou eu finalmente enlouqueci.

Algumas noites eu deito em minha cama e me pergunto se foi tudo um sonho, se eu realmente já tive uma garotinha amada. Mas depois me lembro de seu sorriso, e sei que as partes boas aconteceram de verdade, e que um dia nós iremos ler Shakespeare juntas de novo.

Capítulo 30

No Qual Eu Recebo uma Visita dos Mortos

A voz atravessa meu terror crescente e me coloca de pé. Me viro, o coração batendo em um ritmo irregular contra minhas costelas — não de medo, mas de um tipo selvagem de esperança que eu nunca senti antes. Ali, parado na entrada, sorrindo como o gato que conseguiu pegar o canário, está Jackson.

Antes que meu bom senso possa dizer algo estou correndo pelo cômodo, jogando meus braços ao redor dele no melhor de todos os abraços. Ele ri e me levanta, me girando em círculo. Quando ele me desce, se inclina e rouba um beijo rápido, e sou tão rápida quanto para lhe dar um tapa.

— Só porque estou feliz que você não está morto não quer dizer que você pode me beijar.

— Ah, Janey-Jane. Quando eu já perdi a oportunidade de roubar um pouco de açúcar?

Jackson vai até Katherine e se curva sobre a mão dela como um verdadeiro galã, murmurando cortesias. Fecho a porta para me certificar que não temos mais nenhum convidado, depois me viro para Jackson, de braços cruzados.

— Então você não está morto.

Ele sorri, um sorriso completamente Red Jack.

— Não. Seu amigo me fez uma oferta que eu não pude recusar.

— Ah?

Jackson assente, escorando um quadril no canto da mesa.

— Parece que Daniel Redfern não é o seguidor leal do prefeito que ele finge ser. Depois que vocês duas foram embora, o xerife disse

para Daniel me levar para os fundos e acabar comigo como um cachorro raivoso. Para minha sorte, Daniel me deu uma faca e um cantil, me levou para um lado da fronteira da cidade que tem menos errantes, e me disse para andar para o norte por dois dias. Fiz isso e acabei em Nicodemus, uma cidade fundada por um monte de Igualitários.

— Espera, só um minuto. O Sr. Redfern te ajudou? E há Igualitários aqui? — Estou tentando colocar as palavras de Jackson em contexto do que aprendi nas últimas semanas e estou falhando miseravelmente.

Jackson assente e muda o peso para o outro pé.

— Sim. Daniel não é um assassino como o resto dessas pessoas, ele apenas é um homem tentando trabalhar com o que tem em mãos.

Os olhos de Katherine se arregalaram.

— Bem, aí está! Nós só temos que fazer com que eles nos ajudem a se livrar do xerife e do pai dele.

Jackson balança a cabeça.

— Os Igualitários não têm interesse em interferir em Summerland. Eles estão felizes em nos dar refúgio, mas não espere que eles tomem parte em qualquer tipo de luta. Eles são pacifistas.

Eu balanço minha cabeça, triste.

— Bem, essa ideia já era. Então, se você está todo acomodado na cidade ao lado, o que está fazendo aqui?

— Roubando algumas balas. Os pacifistas aparentemente não têm armas e têm assustadoramente pouca munição. E estou procurando por Lily. Não quero arriscar ser visto de novo com medo de condenar eu e Daniel, e quase não consegui escalar a parede entre as patrulhas e manter minha cabeça baixa enquanto andava pela

cidade, morrendo de medo de ser reconhecido. Mas se ela está aqui, preciso encontrá-la.

Ele fica de pé e se alonga, e eu o observo com avidez. Parece que não consigo olhá-lo o suficiente, sabendo que ele está vivo e ainda andando por aí, causando problemas. Me viro enquanto sinto o olhar de Katherine pousar em mim. Ela está me dando um olhar como se estivesse vendo algo pela primeira vez, e eu torno minha expressão neutra, com medo de ter deixado demais aparecer.

— Ela está segura — eu digo finalmente. — Lily. Ela está na parte chique da cidade. Conversei com ela outra noite, antes das coisas ficarem ruins.

Jackson sorri.

— Lily está viva? Ha, eu sabia! — Ele pausa e o sorriso vira um franzir de testa. — Espera, o que você quer dizer com "as coisas ficarem ruins"?

Eu rapidamente resumo o que aconteceu comigo e Katherine desde que chegamos em Summerland. A expressão de Jackson fica sombria.

— Aquele bastardo merece morrer.

Eu dou de ombros.

— Sem dúvidas. A pergunta é: como?

Red Jack dá de ombros.

— Não tenho certeza. Meu plano depois de encontrar Lily era fugir para o Rio Mississipi antes que ele congele, ir para o sul para Nova Orleans. Sem chances de eu voltar para o leste, e ouvi rumores que aquela cidade foi fortificada. Paredes fortes, de costas para a água. Mas não tem como nós chegarmos até lá sem suprimentos, e aquelas pessoas de Nicodemus racionam tudo com cuidado.

— O mesmo aqui — Katherine diz.

Ele assente, abrindo a boca para responder quando o som de passos do lado de fora o interrompe.

— Olha, vou conversar com Daniel e Amélia e entro em contato com vocês. — Jackson diz.

— Amélia? Você quer dizer que a Srta. Duncan está aqui?

— Sim, ela e um monte das garotas da sua escola. Elas vieram para Nicodemus quando o Condado de Baltimore foi invadido.

As palavras dele enviaram um choque frio por mim, e eu fico tensa.

— Invadido? Por errantes? Quando isso aconteceu? Todo mundo conseguiu escapar? Por que você só está mencionando isso agora?

Eu penso na pequena Ruthie e em Big Sue, e o pavor é um caroço duro e gelado dentro de mim.

— Agora não, Jane! — Katherine adverte. — Nós precisamos sair e atrasar quem quer que esteja vindo para cá para que o Jackson consiga pegar o que precisa.

Jackson dá para Katherine um sorriso de agradecimento e um sentimento ruim cresce dentro de mim, parte ciúmes e parte vergonha e parte raiva de mim mesma por ficando só um pouco histérica. Mas o que eles esperam? Engulo minha irritação e abro a porta para Katherine enquanto Jackson entra no cômodo pequeno.

Katherine sai do escritório como uma rainha saindo de sua corte. Sigo atrás dela, fechando a porta cuidadosamente enquanto ela exclama:

— Ah, minhas desculpas! Pastor, não vi você!

O pastor fica parado ali, os olhos marrons com remelas presos nos seios de Katherine e um sorriso que beira o indecente em seus

lábios finos e rosas.

— Ah, Srta. Deveraux, que surpresa agradável.

Katherine dá ao homem um pequeno sorriso e um passo afetado para trás, colocando mais alguns centímetros entre ela e o homem santo.

— É adorável te ver também. Ora, eu estava contando à minha garota agora que ela perdeu uma discussão muito emocionante sobre responsabilidade moral no seu último estudo da Bíblia.

O homem me dá um olhar condescendente, o sorriso nos lábios não refletindo nos olhos.

— Sim, ela pode precisar da mensagem do Senhor mais que a maioria aqui. Bem, não vou tomar seu tempo, só vim deixar um pouco de informações para o Xerife Snyder.

— Ah, ele não está aqui. Foi chamado para alguns assuntos urgentes.

— Bem, se o xerife não está aqui, então o que exatamente você estava fazendo em seu escritório? — O pastor dá à Katherine um olhar longo, e por um momento acho que ela fez isso, foi e abriu a boca quando deveria ter dado ao homem um bom dia e seguido em frente.

— Ah, eu havia enviado minha garota para encontrar meu grampo de pérola, e estava apenas buscando ela. Temo que às vezes até mesmo as tarefas mais simples estão além de minha pobre Jane. — Ela abaixa a voz, em tom conspiratório. — Você sabe quão facilmente eles ficam distraídos.

O olhar suspeito desaparece dos olhos do homem e ele dá à Katherine um sorriso caloroso.

— Minha querida, os penitentes mostram compreensão a todos abaixo deles, sem levar seus defeitos em conta. Ela conseguiu

encontrar seu grampo?

De dentro do escritório vem o som fraco de passos, e Katherine fica tensa. Mas o pastor não os escuta, mais provavelmente por conta de sua idade avançada e seu foco apenas no pedaço de material cobrindo os seios dela.

Ela dá ao homem um sorriso brilhante.

— Sim, graças a Deus. Tenho tão poucas coisas boas, e se não fosse pela mensagem do Senhor tenho certeza que minha força teria se esvaído há muito tempo. Apenas para continuar vivendo todo dia… — Katherine fecha os olhos por um momento, como se o esforço lhe causasse dor física. Quando ela abre os olhos eles brilham com emoção. — Sei que isso é apenas o Senhor me testando, e eu sei que vou sobreviver isso com a graça e amor dele. Mas, Pastor, tem sido uma jornada muito difícil, e temo que duvidei de meu lugar no coração do Senhor por vezes. — Ela funga, não muito, apenas como se ela estivesse lutando contra lágrimas. — Estava começando a perder minha fé, mas suas palavras no último domingo e a caridade desta cidade magnífica restauraram minha crença que o Senhor tem um plano para mim, e ele é majestoso.

Luto para não ficar de queixo caído. Ela é boa. A habilidade de Katherine de atuar na farsa compete com a minha. O Pastor fica absorto em sua atenção enquanto Katherine começa a se prolongar com um conto infortúnio e miséria tão lamentável que pertence a um seriado semanal.

Quando Katherine termina de detalhar a crueldade de sua madrasta não existente e a morte de seu pai, o pastor está ele mesmo à beira de lágrimas. Me enoja pensar que um homem tão cruel pode sentir pena.

— Ah, pobre criança. O Senhor te abençoou com tantos charmes que você deve acreditar que Ele te ama, e tem um plano, e um bom marido reservado para você.

— Ah, eu acredito, Pastor, eu acredito. — Katherine se balança, e força um sorriso educado. — Bem, temo que devo ir embora. Agora que tenho minha negra de volta, ela precisa organizar tudo.

Nós ficamos enrolando na calçada por quase quinze minutos. Se Jackson ainda estiver fuçando por seja lá o que ele precisa do escritório do xerife, ele está sozinho.

— De fato, Srta. Deveraux. Aproveite o resto de sua tarde.

Katherine dá a ele uma pequena cortesia antes de andar pela rua empoeirada. Me apresso atrás dela, e uma vez que estamos livres do pastor Katherine murmura:

— Que homem detestável.

— Aquilo foi bem impressionante — eu murmuro.

Katherine bufa de um jeito que não é nem de perto feminino.

— O que você esperava, Jane? Eu cresci em um cabaré. Se tem alguém que sabe como atuar, é uma mulher dependente dos apetites de homens para viver. — Há um tom afiado na sua voz, um lembrete que ela está fazendo este papel porque eu pedi à ela, não porque ela queria.

Considero as palavras de Katherine pelo resto do caminho para o melhor lado da cidade.

Talvez eu não a conheça tão bem quanto acho que conheço.

Jane, estou feliz em ouvir que você tem tantas companhias com quem passar as horas. Não há presente maior que a amizade. Apenas se certifique de que aqueles que você a dá são merecedores de uma coisa tão boa.

Capítulo 31
No Qual Tenho uma Conversa Sincera

Após uma caminhada silenciosa pela rua de terra para o lado bom da cidade, Katherine e eu acabamos na frente da casa onde ela tem ficado desde que chegou em Summerland, bem ao lado de Lily e os Spencers. Lily e um garotinho brincam no jardim da frente, e apesar de nossos olhos se encontrarem, nenhuma de nós reconhece a presença da outra. Lily sabe como fazer parte de um grande golpe; seu irmão se certificou disso.

A casa de Katherine é absolutamente luxuosa, particularmente quando comparada com a imundície com a qual me acostumei. A porta se abre em uma sala de estar bem mobiliada, as pequenas janelas abertas para conseguir pegar qualquer brisa possível. Tapetes orientais cobrem o piso de madeira. Na parte de trás do quarto há uma cama de penas suntuosa para Katherine e uma esteira relativamente limpa que foi trazida para mim. A tigela e a jarra na penteadeira são de porcelana verdadeira, melhor do que a maioria de qualquer coisa em Summerland, e há também diversos vestidos lindos pendurados em um armário para Katherine, assim como um roupão de uma dama.

A cozinha não tem fogão, mas tem uma pia grande com uma bomba, assim como na banheira e cisterna que a Duquesa me mostrou lá no bordel. A sala de estar tem uma lareira e um monte modesto de algo que parece ser esterco seco. Decido que estou contente pelo clima quente. No fim da mesa está um pote de pêssegos e uma simples nota do Sr. Gideon: “Por favor, aproveite este presente modesto.”

A visão daqueles pêssegos faz um sentimento quente se espalhar dentro de mim. Não vi o inventor desde o dia do meu açoitamento, e

lhe devo um agradecimento caloroso. Sem sua pomada, minhas costas ainda seriam uma bagunça arruinada, e não acho que é exagero dizer que devo a ele minha vida.

Assim que fechamos a porta Katherine suspira e seus ombros caem.

— Você me ajudaria a sair dessa coisa? — ela pergunta, todos traços de arrogância desaparecidos.

Vou até ela e começo a desatar a fileira de pequenos botões ao longo de suas costas, passando por sua cabeça quando está solto o suficiente. Sigo ela até o fundo do quarto, pendurando o vestido em um dos cabides de madeira no armário enquanto Katherine puxa os cordões para remover o espartilho, vestindo o roupão, uma peça de seda vívida que tem dragões bordados pela frente.

Me abaixo e pego o espartilho, um sorriso encontrando seu caminho até meus lábios.

— Você conseguiu esse roupão com uma das garotas da Duquesa?

Katherine me dá um olhar cortante que pararia meu coração se olhares pudessem matar.

— Não. O xerife me deu como um presente. Disse que conseguiu de um homem chinês que costumava viver aqui.

Meu estômago revira enquanto me lembro do comentário da Duquesa sobre a falta de chineses em Summerland. O que aconteceu com o homem que originalmente era o dono daquele roupão? Nada bom. Li um artigo intitulado "A Grande Ameaça Amarela" no qual o autor fez um grande esforço para difamar os imigrantes chineses a oeste da Califórnia, que aparentemente cobram taxas exorbitantes para proteger as pessoas de errantes. Apenas li o artigo porque pensei

que fosse sobre errantes, não imigração. Parece estranho que nesses tempos tão tensos as pessoas ficariam mais preocupadas com pessoas trabalhadoras tentando encontrar uma vida melhor do que com monstros que querem comê-las.

Katherine suspira e não fala de novo, e eu me sento ao lado dela na cama.

— Qual o problema?

Ela balança a cabeça e abaixa o olhar para seu colo, sem dizer uma palavra. Espero, e depois de um momento ela começa a chorar — lágrimas femininas e suaves que deixam seus olhos brilhantes e bonitos. De alguma forma invejo e tenho pena dela ao mesmo tempo.

— Katherine… — Começo, mas não digo muito mais que seu nome antes dela me cortar.

— Você sabe como é ter cada homem nessa cidade miserável arfando atrás de você como um cachorro com raiva? Você sabe como é ter que passar semanas fingindo ser como o resto dele, ter que dizer coisas desprezíveis sobre si mesma, ter que rir das piadas deles que machucam como facas enferrujadas? — Ela mantém a voz baixa mas a emoção ainda é clara.

Balanço a cabeça, já que Katherine não está procurando uma conversa.

— Odeio isso. Odeio fingir que sou branca, fingir ser como o resto da maioria das pessoas nessa cidade. Odeio o jeito que eles pensam. E odeio saber que meu rosto vale mais que o todo o resto de mim.

— Bem, talvez não todo o resto de você — murmuro, mas Katherine não me ouve.

— Você sabe o que a Srta. Anderson me disse antes de entrarmos

no vagão para vir até aqui? “Queria que você não fosse tão bonita, Katherine. Talvez assim alguém teria te levado e você teria a chance de um futuro.” Eu tinha uma chance, Jane, mas por causa do meu maldito rosto, ninguém me levava como uma Atendente. Eu era a primeira na nossa classe.

— Bem, apenas porque sou terrível com um rifle. Além disso, nós ainda tínhamos avaliações para passar, e minha técnica com o rifle melhorou bastante…

— Jane, por favor, cala a boca. Você não entende? Nenhuma mulher branca me levava como Atendente por causa do meu rosto estúpido, e garotas de cor não gostam de mim porque sou clara demais. Meu futuro, se nós um dia sairmos desse pedaço de terra miserável, é pertencer a algum homem, assim como minha mãe pertenceu. Deixei a Virginia para escapar desse destino, porém mesmo assim parece que ele me encontrou de qualquer forma.

Dou uma risada baixa, e balanço a cabeça.

— Você não entendeu ainda? — Ela olha para mim e eu sorrio. — Você passa como branca, Kate. Ninguém nessa cidade duvida que você é branca. Esse é o seu futuro. Suas maneiras são bonitas o suficiente que todo mundo acredita que você é de uma boa família, sem um momento de hesitação. Você poderia trilhar seu caminho para um belo lugar, casar com algum homem bom e se tornar respeitável, arrumar serviço doméstico e ter festas de jantar chiques que iriam humilhar as do prefeito.

Katherine funga.

— Mas você não consegue ver, Jane? Isso é exatamente o que não quero. Não quero viver o resto da minha vida como uma mentirosa. Virar as costas para as minhas pessoas. E eu definitivamente não

quero ser a esposa de alguém. Não quero um homem.

Me mexo, desconfortável, ao lado dela.

— Esse é seu jeito de me contar que você gosta de mulheres?

Não que eu me importe com isso. Fui distraída por um rosto bonito aqui e ali eu mesma. Mas tentar imaginar Katherine se comprometendo a uma vida como uma solteirona não parece certo. Katherine fica de pé e começa a andar.

— Não! Eu não gosto de ninguém. Já vi o jeito que você olha para o Sr. Gideon e já vi o jeito que você olha para o Jackson. Vi até mesmo o jeito que você costumava olhar para Merry Alfred quando ela estava na Srta. Preston.

Meu rosto aquece.

— Bem, Merry era muito bonita e ela tinha aquele gancho direito maravilhoso. — Merry também beijava muito bem, me ensinou tudo que eu sei, mas Katherine não precisa ouvir sobre isso.

Ela continua falando como se eu não tivesse dito uma palavra.

— Mas eu não me sinto assim sobre ninguém, Jane. Nunca senti e não tenho certeza se um dia vou.

— Ah, bem, não tem nada de errado com isso.

— Mas é isso que torna tão difícil. Não quero me casar. Não quero perseguir nenhum homem ou arrumar serviços domésticos com outra mulher. Apenas não estou interessada. Quero ver o mundo! Quero escrever meu próprio futuro, como Hattie McCrea.

Dou risada.

— Bem, todo mundo quer ser Hattie.

A história de Hattie McCrea é o sonho de todas Atendentes em treinamento. Ela foi a primeira Atendente de verdade, designada à Martha Johnson, a filha do presidente Johnson. Eles dizem que ela

matou sozinha uma horda que tentou invadir a Casa Branca lá em ‘69. Seja essa história verdadeira ou não, tornou Hattie famosa. Ela viajou o mundo depois disso, seu nome feito, ensinando garotas como nós a se defenderem contra errantes, e finalmente se casou com um belo duque francês. Bem, pelo menos é assim que é a história. Ela poderia ter sido facilmente morta por algum errante aleatório em um pântano no sul dos Estados Perdidos, por tudo que sabemos.

De qualquer forma, Hattie foi o exemplo que todas aspiramos ser — Hattie e seu altruísmo, ou Hattie e sua fama, ou até Hattie e sua habilidade de fazer suas próprias decisões sobre sua vida, livre das amarras que o resto de nós sofremos sob. Todas nós garotas pretas queríamos ser como Hattie, respeitada e admirada.

Até mesmo Katherine, que poderia ter passado como uma elegante lady branca se quisesse.

— Se você quer ver o mundo como Hattie, você pode. Nunca conheci ninguém com metade da sua determinação. — Coloco um braço ao redor de seus ombros e aperto. — Nós apenas precisamos sair daqui, primeiro. Sinto muito de verdade que eu tenha te colocado nessa situação, mas você entende que seu rosto bonito é uma arma igual seu rifle, certo?

Katherine seca os olhos e me dá um olhar estranho, como se tivesse acabado de crescer mais um nariz em mim. Me afasto um pouco.

— O que? O que eu disse?

— Jane, nunca pensei nisso desse jeito, que beleza poderia ser uma arma.

Dou risada.

— É porque você nunca conheceu minha mãe. Ela costumava

dizer que a única coisa mais letal que uma bala é uma mulher com um rosto bonito.

— Estranhamente, isso na verdade me faz sentir melhor.

— Bom. Mas não vamos esquecer que essa não é a única arma no seu arsenal agora. Você ainda tem a promessa da sua virtude. — Dou um sorriso irônico. — A questão é, o que vamos fazer com toda essa admiração que você vem recebendo? Mais importante, o que devemos fazer uma vez que sairmos deste lugar?

Katherine pressiona os lábios enquanto pensa, a tempestade de suas emoções de antes diminuindo.

— Bem, essa é uma pergunta. Pensei em voltarmos para Baltimore, mas já que não há mais Srta. Preston, não tem muito lá para nós.

Balanço a cabeça, porque nunca planejei voltar lá exceto para matar a Srta. Anderson, mas agora isso não vai acontecer. Estou um pouco desapontada, mas a preocupação torturante nas minhas entranhas é mais forte. Quantos sobreviveram àquela devastação? Minhas amigas estão por aí em algum lugar agora, ou ainda estão em Maryland, errantes de olhos amarelos e tudo?

Respiro fundo e empurro minha preocupação para o lado. Uma crise por vez, muito obrigada. Primeiro, liberdade. Depois, todo o resto.

— Bem, acho que por agora não há muito que podemos fazer além de encontrar o resto de nós. Uma dama elegante como você, bem, esse calor seria absolutamente demais para você. Você deveria dormir um pouco.

— O que você vai fazer?

— Por agora, o mesmo. Amanhã, vou implorar ao bom doutor

um pouco de laudanum.

Katherine arqueia uma sobrancelha para mim.

— Você sabe, para os seus problemas de dama.

— Jane…

— Olha, eu tenho planos, e não é apenas roubar alguns suprimentos e esperar que eu consiga ir até o rio Mississipi e pegar carona para o sul, como Jackson. Eu te disse antes, aquele garoto é completamente impulsivo.

— E que plano é esse?

Rapidamente, informo a Katherine sobre como planejei dosar o xerife.

— Jane, isso é completamente desonroso!

— Não estou planejando matar o homem, apenas transformá-lo em um errante.

É claro, vou matá-lo depois. Nuance é importante, isso é o que eu sempre digo. Katherine discorda.

— Você transformá-lo em um monstro é o mesmo que assassiná-lo, Jane.

— Não se ele já for um monstro.

Katherine suspira.

— Quero me livrar dele tanto quanto você, mas…

— Sim, me diga isso depois dele descer o chicote nas suas costas, — explodo, o medo, a dor e humilhação da memória erguendo rápida e dolorosamente. Katherine fica em silêncio, sua expressão preocupada. Eu suspiro. — Eu não teria nenhum problema em colocar uma bala no homem em um duelo, Katherine. Mas não tem como irmos além da berma se eu fizer isso. Ele não é uma boa pessoa, e não vou fingir que ele merece viver. Pense em como ele está deixando a

maioria dos pretos e condutores famintos na cidade enquanto ele e seus garotos e todas as pessoas brancas boas permanecem gordos. Summerland deveria ser sobre uma vida melhor para todos, mas é pior aqui do que era em Baltimore. Você acha que isso é a palavra de uma boa pessoa?

— Mas esse é o ponto, Jane. Se você matá-lo, isso não te faz melhor que ele.

— Não tenho problema com isso.

Passos do lado de fora no pórtico silenciam o que seja que Katherine iria dizer. Ela me dá um olhar arregalado de alarme.

— Não acho que consigo aguentar mais nenhuma companhia hoje.

— Bem, então é uma ótima coisa que você tenha uma Atendente que possa lidar com isso por você, não é?

Pulo da cama, fechando a porta para o quarto atrás de mim. Não me importo em parar, vou direto para a porta e a abro.

O Sr. Gideon está do outro lado, a mão na posição para bater na porta. Ele se assusta enquanto olha para mim, ajustando os óculos antes de tirar o chapéu em uma demonstração adorável de boas maneiras que já vi homens esbanjarem para ladys brancas, mas eu com certeza não estou acostumada com isso. O movimento leva minha atenção aos seus olhos atraentes e seus lábios cheios, e uma agitação começa em algum lugar na parte mais baixa da minha barriga. As palavras de Katherine sobre o jeito que olho para ele ressoam como um sino de incêndio na minha cabeça.

Senhor, espero que essa besteira seja porque perdi o almoço. Nada de bom vai sair comigo me apaixonando pelo inventor.

— Srta. McKeene, — ele diz.

— Sr. Gideon. Sinto muito, mas a Srta. Katherine está indisposta. — Falo um pouco arrastado, enfatizando a cadência natural das minhas palavras. Com sorte, ele não vai ouvir a mentira nelas. Por alguma razão acho difícil mentir para o inventor. Talvez porque tenho o sentimento peculiar que ele consegue enxergar todas minhas mentiras. Suas sobrancelhas se juntam um pouco.

— Ah, espero que ela esteja bem?

— Ah, sim, ela está apenas se sentindo um pouquinho tonta por causa do calor. Havia algo que eu pudesse te ajudar?

— Bem, talvez, mas eu iria preferir discutir sobre quando vocês duas estivessem presentes. Sei que estou sendo terrivelmente direto, mas você e a Srta. Deveraux considerariam se juntar a mim na refeição ao meio dia amanhã?

— Essa é uma ótima ideia, — respondo antes de pensar devidamente sobre porque estou tão ansiosa pela companhia do inventor.

A expressão dele se ilumina, e ele tira o chapéu mais uma vez, colocando o chapéu-côco no lugar.

— Fantástico. Passarei aqui amanhã ao meio dia para escoltar a Srta. Deveraux ao laboratório. O xerife Snyder disse que ele está no processo de refortificar as defesas da cidade como consequência de um bando inesperado de errantes pressionando contra a parede ao leste, e é melhor que a Srta. Deveraux permaneça nos aposentos dela até que o problema tenha sido corrigido.

— Claro, Sr. Gideon. Eu não iria querer que a Srta. Katherine se machucasse. — Há um aviso escondido na sua voz, e tenho o sentimento que ele sabe mais sobre os perigos atuais em Summerland do que está deixando parecer.

Ele vai embora e eu o vejo ir, seu mancar mais pronunciado que o normal.

Enquanto fecho a porta, me preocupo se ele não está se pressionando demais, e apenas esse pouco de preocupação me faz perceber que estou afundada em um amontoado de problemas.

Meu coração nunca estará seguro.

Não direi que não estou preocupada com você. Isso seria uma mentira absoluta. Esses são tempos obscuros em que estamos vivendo, e é apenas mantendo nossa astúcia para nós mesmos que podemos sobreviver de verdade.

Capítulo 32

No Qual Sou Convidada para uma Batalha

A notícia sobre Katherine não estar se sentindo bem se espalha como fogo em arbustos em agosto. Alguns minutos depois que falo com o Sr. Gideon, alguns operários passam por aqui com uma cesta de amoras silvestres que encontraram ao longo do riacho, como se alguma fruta fosse curar seja lá o que estivesse atormentando ela. Sorrio e os agradeço antes de fechar a porta, recusando firmemente que eles entrassem. Eles são seguidos por outro grupo de homens, dessa vez com um punhado de cebolinhas e outro com um coelho, limpo e pronto para ser cozido. Quando todos os turnos tinham retornado, Katherine e eu temos os ingredientes para uma refeição excelente, e mesmo que esteja quente demais para acender um fogo na lareira, faço isso da mesma forma, assando o coelho junto com as cebolinhas sobre discos de esterco que felizmente cheiram mais a grama do que qualquer outra coisa.

Uma vez que a refeição inteira está pronta, Katherine e eu comemos com avidez, a semana passada comendo bem não sendo o suficiente para compensar pelas semanas de fome. Ao redor de colheradas de coelho e amoras silvestres ela me confessa que até mesmo as rações para as pessoas brancas têm se tornado cada vez menores já que tantas famílias chegaram nas últimas semanas. Isso me faz sentir um pouco mais branda com os condutores por trazerem suas comidas para Katherine. Mais provavelmente eles estavam contando com aquilo para completar seu jantar, e significa algo que eles estavam dispostos a ceder a comida para Katherine.

Ela está menos impressionada.

— Aqueles homens são apenas outra parte do problema, e facilitam por vontade própria. Onde você acha que o Sr. Gideon consegue errantes para aquela máquina que você me contou sobre? Há perigo logo abaixo dos nossos pés, e são eles que mantêm o ciclo ativo. Nem todo mundo é um prisioneiro aqui, Jane. Alguns deles querem profundamente que Summerland tenha sucesso, não importa o custo.

Katherine removeu seus grampos para que a massa de seus cachos da cor do mel fiquem suspensos sobre suas costas. Ela parece mais jovem com o cabelo solto, as sombras ao redor de seus olhos mais aparentes. Agora que sei o que custa dela emocionalmente seguir minha farsa estou ainda mais ansiosa para colocar o plano em ação. Faz apenas umas semanas desde que Katherine deixou de ser apenas mais uma garota de cor na Srta. Preston para uma dama branca, e a mudança nela é óbvia enquanto comemos. Ela é cuidadosa com seus movimentos, e o som de passos do lado de fora de nossa porta faz ela erguer os olhos com uma expressão assustada. A culpa que cresce em mim é quase paralisante.

Sinto falta da antiga Katherine, aquela que eu conhecia lá em Baltimore, mesmo como aquela garota extremamente irritante. Não gosto dessa garota quieta com olhos assombrados, e estou começando a pensar que talvez não fiz um favor a ela, afinal. Mas não posso mudar o passado; posso apenas apenas ir em frente apressadamente para um futuro incerto.

— Kate — digo depois de ficarmos satisfeitas enquanto um pensamento repentino me atinge. — Vim bisbilhotar por esse lado da cidade na noite antes que fui chicoteada. Reconheci algumas das famílias que acabaram de chegar. Elas estavam no jantar do prefeito

Carr.

Katherine pressiona os lábios enquanto se recosta no sofá.

— Ah, eu me encontrei com eles. Você não tem que se preocupar com eles, Jane. Te garanto, meu segredo está seguro. A parte engraçada sobre as pessoas ricas é que elas nunca lembram sobre os empregados. Eu te garanto, meu segredo está seguro.

Quando uma batida soa na porta, alta e forte, Katherine me dá um olhar como se pedisse desculpa.

— Jane, sinto muito, mas você poderia atender?

— Claro. Por que você não vai em frente e se deita enquanto peço desculpas por você. Já está perto do toque de recolher, de qualquer forma. — O fogo na lareira abaixou, e o ar que vem pela janela aberta no cômodo da frente traz um frio, a terra esfriando enquanto o sol se põe.

Katherine me dá um olhar agradecido e eu me levanto e me arrasto mais uma vez até a porta. É tarde demais para visitantes respeitáveis, mas não há muitas pessoas respeitáveis em Summerland. Então é com surpresa que abro a porta para encontrar o último homem que eu quero ver. Cada músculo no meu corpo fica tenso.

— Xerife.

— Jane. Onde está a Srta. Deveraux?

— Ela já se retirou, senhor. — Me mata um pouco ter que dar ao xerife mesmo o mínimo de respeito quando tudo que quero fazer é testar a ponta das minhas foices contra seu pescoço.

— Preciso falar com ela.

— Terá que esperar até de manhã.

— Não posso esperar. — ele fala com raiva. Ele tenta olhar além de mim para os outros cômodos e me mexo para bloquear sua visão.

— Há algo que posso te ajudar, senhor? — Pergunto, com uma educação fria. Tem algo um pouco errado com o xerife; não acho que ele estava bebendo, mas sua insistência tem uma subcorrente que me deixa alerta. Não vou deixá-lo entrar de jeito nenhum.

— Xerife Snyder, tem algo errado? — Katherine aparece na entrada de seu quarto, agarrando sua manta com força. Faço uma carranca para ela. Eu tinha a situação sob controle. Ela me ignora.

O homem remove o chapéu e se curva.

— Srta. Deveraux, sinto muito pela intrusão, mas preciso pegar sua garota emprestada.

Fico agitada sendo referida como um objeto, mas não digo nada.

— O que está acontecendo?

— Houve uma brecha no limite ao leste que é mais séria do que eu inicialmente suspeitei. Preciso de todos que conseguem manusear uma arma comigo para acabar com o bando de errantes vindo na direção da cidade.

— Quantos? — Eu pergunto, esquecendo meu lugar.

— Por volta de trinta, talvez quarenta. Eles já acabaram com metade da minha patrulha. Estão a mais ou menos três quilômetros daqui, vindo diretamente aqui. — O xerife estremece de um jeito que não vi desde que cheguei. Katherine e eu trocamos um olhar, e dou a ela um leve aceno. Ela se vira para o xerife.

— Por favor, leve a Jane. Ela será capaz de te ajudar.

O homem coloca o chapéu na cabeça novamente.

— Muito obrigado, Srta. Deveraux. — Para mim, ele diz: — Você tem um minuto para se preparar.

Ele sai pisando forte sem outra palavras, indo reunir seja lá quem ele precisa que ajude.

Me apresso de volta para os cômodos, empurrando Katherine para o lado e pegando a espada de cavalaria e minhas foices. Estou com por volta de meia dúzia a menos de armas do que eu gostaria de ter para acabar com uma horda, mas terá que servir.

Katherine corre até o armário.

— Jane, me ajude a entrar nessa coisa.

Ela puxa um vestido de calicô, parecido com o meu, mas do tamanho completo que as senhoritas de verdade usam.

— Não.

Katherine congela e vira para mim.

— Você não pode…

— Não, você não vai — eu digo. — Você é uma dama, Katherine. Isso é perigoso demais para você. — Me aproximo dela e sussurro: — Alguém tem que ficar aqui pela Lily, especialmente se Jackson ver essa brecha como uma oportunidade de vir procurar por ela. A garota está na porta ao lado. Por favor.

— Okay, Jane. Vou tomar conta da Lily.

— Há algo muito assustador sobre isso, Kate. Eu vi o muro. Não tem como um errante escalar ele. Se há uma brecha nele… — diminuo a voz, a ideia de todos aqueles errantes no campo entrando em Summerland me chocando e me deixando em silêncio.

Há uma gritaria na rua enquanto o xerife continua a reunir pessoas, e eu viro para a porta.

— Se certifique de barricar isso, e não deixe ninguém entrar. A morte certeira pode fazer um homem agir de jeitos estranhos, esquecendo o certo e errado.

Katherine assente.

— Jane, fique segura.

Eu sorrio.

— Nenhum errante vai acabar comigo, Kate. Você deveria saber disso a essa altura.

Ela me dá um olhar cortante e fecha a porta enquanto vou embora. Fico parada no pórtico até ouvir a barra da porta entrar em seu lugar, depois saio trotando para me juntar ao grupo de homens se reunindo na rua. Algumas das garotas da patrulha diurna estão lá também, incluindo Ida. Os olhos dela se arregalaram quando ela me viu.

— Pensei que você tava morta.

Balanço a cabeça.

— Ainda não.

— Como você acabou aqui no lado chique da cidade?

Eu apenas pisco para ela. Deixe que ela crie um bom rumor sozinha.

— Você sabe como houve uma brecha no muro? — Pergunto para Ida. Ela balança a cabeça.

— Não. Parece estranho. Não é como se errantes pudessem destruir o muro, eles nem sabem como escalar ele.

Nenhum dos pretos se movendo por ali tem armas, o que é dificilmente uma surpresa, mas se o que o xerife diz é verdade, todos precisam estar armados. Estou prestes a abrir minha boca para dizer isso quando me lembro como minhas preocupações foram recebidas da última vez.

O Sr. Gideon cavalga em um bom cavalo, a besta dançando para os lados, agitada. Ando até ele, apesar de o último lugar que quero estar é perto do monstro que ele cavalga.

— Sr. Gideon.

A expressão dele se suaviza enquanto ele abaixa os olhos para mim.

— Srta. Keene.

— Como exatamente o grande muro se tornou comprometido? — Pergunto a ele.

Os cantos de sua boca se contraem para baixo.

— Essa é uma pergunta que eu também gostaria que fosse respondida — ele diz, seu tom sombrio. — Me perturba que o homem mais inteligente na cidade não tem a resposta para o que deveria ser uma pergunta simples. Mas tenho problemas mais urgentes para me preocupar.

— Não posso deixar de notar que nenhum dos pretos estão armados — murmuro. — Seria um erro tático terrível ir para a batalha contra os mortos sem as armas adequadas.

O inventor rapidamente avalia a situação antes de assentir.

— Terei uma palavra com o xerife. — Ele sai cavalgando, e Ida se aproxima quando ele vai.

— O que você disse para ele?

— Que nós precisamos de armas adequadas.

— Essa seria uma boa mudança. — Ela olha para minha espada com inveja, e por um momento pego o relance de uma garota que talvez seja mais do que parece. Mas depois ela me vê olhando para ela, e o brilho desaparece, sua expressão monótona retornando.

— Ida.

— Hmm?

— Você gostaria da minha espada?

Ela se sobressalta.

— Tá falando sério?

— Sim.

— Mas o que você iria usar?

— Minhas foices.

— Essas são armas? — Ela diz, olhando com receio para as lâminas amarradas na minha cintura.

— Sim, elas são. Além disso, você não acha mesmo que todos aqueles condutores vão durar muito tempo lá fora, acredita? Vou pegar uma de suas armas quando eles caírem.

É um blefe, mas tenho um sentimento sobre Ida, e se estou certa então quero que ela se sinta em dívida comigo de um jeito que me garanta que ela não será provável de me trair.

Estendo a espada e ela a pega com reverência.

— É linda.

— Vou te arranjar uma pedra de amolar e óleo para ela se você sobreviver a isso.

A expressão dela endurece, feroz e determinada.

— Ah, eu vou.

Eu sorrio.

— Bom saber. — Minha mainha costumava dizer que havia diversos jeitos de sobreviver. *Não tenha medo de fingir ser algo que você não é, Jane. Às vezes um pouco de subterfúgio e trapaça são apropriados e são o jeito mais rápido de atingir seu objetivo.* Não é difícil imaginar Ida fingindo ser apenas outra garota de cor burra para conseguir sobreviver aqui. Sobrevivência a qualquer custo.

O xerife cavalga até nós no seu cavalo grande. Ele troca algumas palavras com o Sr. Gideon, que me dá um aceno enquanto cavalga até a retaguarda do grupo.

— Meus garotos estão abrindo o arsenal ao lado da barraca do

gerador para todos se equiparem. Até mesmo as pessoas de cor — ele diz, me dando um olhar certeiro. Para um de seus garotos, o xerife diz: — Sem armas para os escurinhos. A última coisa que queremos é um deles nos atirando nas costas.

O homem sai correndo e o xerife retorna para o grupo.

— Vocês, pessoas de cor, podem pegar de armas com lâminas. Se eu ver vocês sequer tocando em um rifle vou ter que acabar com você.

É bom saber que até mesmo a desgraça iminente de Summerland não faz o xerife mudar de ideia sobre dar aos pretos uma chance de lutar. Ainda sim, alguma coisa é melhor que nada.

— Os mortos estão a mais ou menos um quilômetro ao leste. A maioria deles ainda não cruzou a cerca interior ainda, e as patrulhas têm acabado com os retardatários a noite inteira. Nós acendemos a linha para ter alguma visibilidade. Nós vamos cavalgar até lá e ver se conseguimos terminar com o resto do bando. O plano é deixar eles virem até você. Você cruza aquela cerca interior, estará sozinho. Ficou claro?

Há acenos silenciosos em confirmação, e depois todos saem e entram no arsenal próximo. Os condutores são permitidos entrar primeiro, e eles saem segurando rifles que parecem o mais próximo de novo do que qualquer coisa que já vi.

Finalmente é nossa vez, e sou uma das primeiras no arsenal; a visão dele é o suficiente para me fazer xingar e chorar lágrimas de felicidade ao mesmo tempo. Fileira atrás de fileira de armas afiadas e brilhantes apoiadas em ganchos adequados, suas lâminas cintilando até mesmo na luz tênue da lanterna. Um suspiro coletivo passa pelos pretos ao meu redor enquanto eles absorvem todos os implementos ótimos à nossa frente. Pela primeira vez, eles estão vendo exatamente

o que o xerife fez conosco, dia entra e dia sai, nos mandando para morrer na linha de frente com nada além de ferramentas de jardinagem para defesa quando armas de verdade estavam esperando o tempo todo atrás de uma fechadura e chave. Nós poderíamos ter limpado os campos com esse arsenal.

— Eu gostaria de matar aquele homem — murmura o garoto robusto ao meu lado, sua pele escura como piche.

— Entre na fila — eu digo.

Ele me dá um sorriso pequeno, e fica ao meu lado enquanto a multidão dispersa. Estou com raiva, e quero um momento para me recompor antes de sair de novo.

O garoto me observa, seu olhar pesado.

— O que você está procurando?

— Nada. Tenho minhas foices.

— Arma difícil de manejar.

— Apenas se você não sabe como.

— Isso é verdade.

Ele anda até a prateleira mais distante onde as armas pesadas são mantidas e pega o porco espinho, um bastão de madeira pesado com espinhos de metal ferozes embutidos na parte arredondada. Não é preciso muita técnica para manejar mas de uma boa quantidade de força no braço.

— Talvez você deva tentar um desses.

— Porco espinho não é para mim. Tenho braços de frango.

Ele ri, o som grave.

— Bem, tente não ser transformada, Braços de Frango.

— Você, também. E seja paciente, aquele xerife vai ganhar o que merece.

Seus lábios torcem, cheios de malícia.

— Nunca vi um homem capaz de fazer isso.

— Talvez seja esse seu problema. Você tem esperado por um homem.

Ele pesa a porco espinho, a colocando no ombro, sua expressão pensativa.

— Muito bem, então. Meu nome é Lucas. Precisando de ajuda com qualquer coisa, me deixe saber.

Ele vai embora sem esperar por minha resposta. Pego uma pequena faca de lançar, a colocando na bota antes de sair. Passo por Bill no caminho. Dou a ele meu melhor sorriso e ele para.

— Por que você está sorrindo?

— Quero minha moeda de volta, Bill.

Ele ri sem alegria.

— Você não vai ter ela. Além disso, você tem coisas maiores com que se preocupar. Aposto que você não vai durar até de manhã.

— Eu vou. E quando eu fizer isso, vou marchar diretamente até aqui e pegar o que é meu. Você tem minha promessa sobre isso.

Bill me dá um olhar duro.

— Continue andando sua neguinha[13] maluca.

Não deixo o insulto mexer comigo, porque me sinto mais confiante do que tenho me sentido em muito tempo. Ao invés disso, apenas devolvo um olhar monótono para Bill.

— Você não faz ideia.

Jane, como essa é minha última carta, eu suponho que eu deveria finalmente confessar que eu tive medo de compartilhar esses últimos longos meses, questionando se você voltaria para casa: eu decidi arrumar um marido. Um bom homem, tenha certeza. Eu estou certa que você vai achar ele tão encantador como eu acho.

Capítulo 33

No Qual Eu Demonstro Meu Valor

O xerife estabelece um ritmo extenuante até o ponto de encontro. No meio da corrida eu entendo por que ele escolheu aquelas pessoas para acompanhá-lo. Porque é tudo o que Summerland tem a oferecer. Somos apenas cerca de trinta pessoas, a maioria Negros, com alguns dos mais jovens operários para completar as fileiras. Não é nem perto da quantidade necessária de pessoas para defender uma cidade deste tamanho.

Acompanhamos o galope dos cavalos, seguindo as lanternas que os cavaleiros carregam. Algumas das minhas feridas abrem durante a corrida, o sangue umedecendo a parte de trás do meu vestido, mas não é nada comparado ao cansaço que dava para ler nos rostos dos condutores. Não há cavalos suficientes para todos e alguns dos jovens precisam correr com os Negros. Acabo acompanhando um jovem de cabelo ruivo e barba rala. Ele parece ter a minha idade e fica engasgando como um peixe na margem do rio enquanto corremos.

— Respire fundo — digo, tentando ajudá-lo.

— Não preciso da tua ajuda — ele rebate, seu sotaque forte e rico como um bom molho.

— Bem, você está ofegante como um cachorro e parece prestes a desmaiar, e você não quer minha ajuda, né? É muito mais fácil te matar se você estiver deitado. — Pelas botas novas e pela barba triste, imagino que ele seja um menino tentando ser homem e a última coisa que ele vai querer é desmaiar, como uma bela senhora de espartilho.

Ele para de ofegar e começa a respirar mais fundo e engulo um sorriso.

— Qual o seu nome?

— Cary. Cary MacAfee.

— Você é escocês, Cary?

— Meu pai era escocês. Eu sou da Geórgia.

— Isso explica o sotaque. Por que veio parar aqui no meio da fronteira?

— Caramba, garota, você com certeza fala muito para alguém que está prestes a morrer — diz ele.

— Oh, eu não estou prestes a morrer. Esta é uma noite normal de trabalho para mim. — Sua respiração já está se normalizando e o pânico em seu rosto está diminuindo. Ele se esqueceu de que está correndo e começou a deixar seu corpo fazer o que foi construído para fazer, e agora tudo está um pouco mais fácil. Isso é bom. Ele precisa economizar energia para os errantes.

As pessoas à nossa frente param de repente e ouve-se gritos quando um cavalo empina, relinchando de surpresa.

— São os mortos! — alguém grita.

— Formem a fila! — grita o xerife, terror em sua voz.

Nós nos formamos, movendo-nos com toda pressa. É uma velha tática do Exército, marchar em uma linha e derrubar o inimigo conforme você avança. O problema é que não somos soldados. Somos um bando de operários inexperientes com rifles e um bando de Negros com facas razoavelmente afiadas. Então, em vez de uma precisão ordenada, há o caos quando todos começam a se mover no escuro, a luz da lua muito fraca para conseguirmos ver algo.

— Precisamos de luz! — eu grito. — Acendam as lanternas!

Alguém atende ao meu pedido e, uma a uma, as lanternas são acesas o mais alto possível. Atrás de mim, o inventor grita.

— Espere um momento, tenho algo que pode ajudar. — Ouve-se um estalo vazio e, em seguida, o que parece uma estrela cadente brilha repentinamente sobre nossas cabeças, tornando a noite brilhante. Eu olho para a cena diante de nós e engasgo. Eu estava esperando quarenta errantes, nada que um grupo do nosso tamanho não pudesse cuidar. Mas há facilmente algumas centenas de mortos-vivos se movendo em nossa direção, muitos recentemente transformados e se movendo tão rapidamente que, por um momento, uma onda sombria de medo ameaça me afogar. Os mais próximos estão a cerca de cem metros de distância, se amontoando sobre o que tenho certeza que um dia foi um cavalo e um cavaleiro.

— Ave Maria! — diz Cary e olho de relance para seu rosto, seus olhos arregalados de pânico.

— Ouça-me — digo. — Você não vai entrar em pânico. Você vai ficar calmo e vai sobreviver a isso. Se você entrar em pânico, você está morto. Entendeu? — Ele choraminga concordando e eu dou um tapinha nas costas dele. — Bom. Agora me escute. Eles não vão tentar te enganar, tudo o que você tem que fazer é deixá-los vir até você. Espere até eles chegarem perto e os mate de vez. Não é tão difícil.

Os rosnados dos errantes ficam mais altos. As lâmpadas que os cavaleiros carregam iluminam as silhuetas dos mortos, transformando-os em pesadas caricaturas de humanidade. Os membros mais próximos do bando voltam sua atenção para nós.

— Formem uma fila! — O xerife grita novamente, o alarme claro no timbre de sua voz. O medo entre os condutores é intenso agora e não fico surpresa quando um dos homens foge, correndo de volta para a cidade. Um dos cavaleiros o xinga e corre atrás dele, e a indecisão dos outros homens brancos é clara conforme eles pesam

suas próprias vidas com…

O quê? Por que exatamente esses homens estão aqui? Riqueza e fortuna? Um país como o que tinham antes da guerra, que alguns deles só conhecem por histórias? Quando esses idiotas vão perceber que aquele mundo se foi e nunca mais voltará? As histórias fantásticas que ouviram não valem a vida deles, de qualquer maneira.

Mas esses condutores estão aqui agora e sem eles lutando ao lado de nós, Negros, não vejo como sobreviveremos a noite.

Eu giro minhas foices. Aprendi muito nos últimos anos. Inclusive que um grupo de pessoas em pânico não é muito diferente de um rebanho de ovelhas. Belisque um pouco o calcanhar deles e irão para onde você mandar.

— Certo, entrem na fila. — As palavras saem mais altas do que pretendo e, embora eu tenha a atenção dos meus companheiros, ninguém move seus pés. Ainda. — Isso não foi um convite. Andem, a menos que queiram ser petisco de errante. Alinhem-se, à distância de dois braços. Fiquem de olho no colega do lado, façam alguns amigos. Não há tempo para indecisão.

Minha voz sobrepõe de forma firme e segura os gemidos dos errantes que se aproximam. Surpreendentemente, muitas pessoas começam a se mover, como sombras rápidas no escuro.

— Vocês aí, com as lanternas. Coloquem no chão, formem uma linha. — Os cavaleiros estão hesitantes em desistir das luzes e eu estalo meus dedos em irritação, como mamãe teria feito. — Vocês não estão ajudando ninguém iluminando nossos olhos assim. Coloque elas no chão e vamos fazer uma fila de metro em metro.

O xerife cavalga, seu cavalo dançando em agitação, o temperamento do animal sendo um espelho do de seu cavaleiro.

— O que pensa que está fazendo?

— Salvando sua maldita cidade. Você pode se sentir poderoso quando tem seus meninos ao seu lado e está empurrando um bando de Negros por aí, mas os errantes não se importam com seu distintivo, ou suas armas, ou o fato de que você é filho do pastor. Você está tão assustado quanto todos aqui, então alguém tem que salvar nossas peles. Você pode ficar aqui e tentar me impedir ou pode voltar para seu lugar e começar a preparar as pessoas para o inferno que vai cair sobre eles se falharmos.

O xerife fica quieto por um momento, dando-me o mais sombrio dos olhares, antes de cavalgar de volta para sua posição sem dizer uma palavra. Eu sei que terei que resolver essa dor de cabeça mais tarde, mas por enquanto estou mais interessada em sobreviver.

— Certo, vamos dar um grande passo para trás. Vamos manter as lanternas entre nós e os mortos. Continuem conversando, continuem tagarelando. Lembrem-se, os mortos não falam. Informe para seus companheiros que você não é um errante. — Eu me viro para o abismo diante de nós, ainda suavemente iluminado pelos fogos de artifício do inventor. Os cavaleiros ficaram para trás da linha de lutadores no chão e os errantes estão acelerando o passo enquanto se movem em nossa direção. — Sr. Gideon!

— Sim, Srta. McKeene?

— Quanto tempo essa sua iluminação dura?

— Alguns minutos. Mas tenho mais sinalizadores aqui comigo. Devo soltá-los de tempos em tempos?

— Será bom. Avise-nos antes de soltar.

— Sim, senhora. — Há um tom provocativo em sua voz e é o suficiente para tirar um sorriso de mim.

A fila não é das melhores, mas é segura. Os Negros se agacham na posição de prontidão, enquanto os condutores parecem não saber o que fazer. Sempre dá para identificar alguém que estudou em uma escola de combate para alguém que não. O sinalizador do Sr. Gideon já estava quase apagando, a escuridão invadindo a planície mais uma vez.

— Não saia da fila! Deixe os errantes virem até você! — eu grito.

— Mate os novos primeiro — alguém diz.

— Mate um, passe para o próximo. Sempre vai ter outro! — outra pessoa grita prestativamente.

Pedaços de conselhos básicos de combate continuam a ecoar pela fila. "Para cima e para baixo, nunca só para baixo", "Mantenha o equilíbrio; se desequilibrar, já era" e assim por diante, até que a noite se enche com os gritos de operários e Negros, todos prontos para lutar por nossas vidas.

Eu espero, um batimento cardíaco, outro, apurando meus ouvidos para os sons reveladores dos errantes até que meu pulso bate em meus ouvidos. Os mortos não estavam muito distantes quando a luz se apagou e o fato de que nenhum foi iluminado pela luz de nossas lanternas ainda é mais do que estranho.

Não me importo muito com coisas que não posso explicar.

— Lá vai o sinalizador! — O inventor grita e a noite é iluminada mais uma vez. Meu sangue esfria, apesar do ar quente, e os gritos de encorajamento da fila morrem cruelmente quando olhamos para a cena diante de nós.

Os errantes estão ali, a poucos metros da luz das lanternas, imóveis. Na súbita ausência de nossos gritos, é fácil ouvir seus rosnados, abafados a ponto de serem mais baixo que um gemido e

mais alto que um sussurro. Eles permanecem ali parados, ziguezagueando como condutores no dia do pagamento, bêbados e quase sem coerência. Esperando. Quase como se fossem eles que estivessem nos caçando.

O medo inunda minha mente, tenta me fazer acreditar que perdi antes mesmo de começar. Eu ajusto meu aperto nas foices e balanço meus ombros.

— Ninguém morrerá hoje, com exceção dos mortos! — eu grito quando a luz do sinalizador suaviza. Desafio, raiva e terror dominam minha voz. Recuso-me a desistir e também não vou deixar meus companheiros falharem. — Só os mortos morrem hoje!

De cima a baixo da fila, outros atendem a chamada. Surpreendentemente, os errantes respondem ao nosso rugido desafiador com seu próprio.

E então eles vêm para cima de nós.

Eles vêm rápidos e fortes, os mais novos liderando o bando. Eu decepo a cabeça de uma mulher e passo para o homem atrás dela. Enquanto colho, grito para meus companheiros combatentes.

— Fiquem atrás da fila!

— Deixe-os vir até você!

— Os recém-transformados morrem primeiro!

Eu continuo a gritar, engolindo em seco quando minha voz começa a falhar. Começo a contar o tempo pelos sinalizadores que o funileiro solta e o terceiro acaba de subir quando à minha esquerda um dos operários cai, gritando enquanto os mortos começam a devorá-lo.

O som molhado dos mortos se alimentando e os gritos sumindo do homem cortam minha respiração pesada e os grunhidos dos outros

errantes que se aproximam. Eu recuo o suficiente para acabar com os mortos que cercam o homem, chutando suas cabeças para lado para não tropeçar nelas, agarrando a faca que o operário ainda segura em sua mão e enfiando-a em seu olho. Não tenho tempo para lamentar os caídos, mas preciso me certificar de que não há nenhum inimigo nas minhas costas. Há mais mortos para matarmos.

Apesar dos meus gritos de encorajamento, os condutores estão sobrecarregados. Estamos em menor número, quase quatro para um, e é fácil ver que os operários não são soldados. Eles atiram às cegas no escuro e a maioria deles pegou armas de fogo, mas nenhuma arma branca. Estão rapidamente ficando sem balas. Perdemos alguns condutores e uma garota da patrulha também. Quando vejo Cary acertar o crânio de um errante com a coronha de sua pistola, percebo que é hora de mudarmos de tática.

— Fuzileiros, para trás! Todos os outros, fechem esses buracos. — Os condutores recuam e o restante de nós se move para ficarmos em seus lugares. — Atirem até ficarem sem munição, depois vão para trás. — Eu olho para trás, mas não sei dizer se alguém está ouvindo. O ar está denso com o cheiro pútrido dos mortos e minhas mãos estão trêmulas e escorregadias com uma gosma. Ainda assim, os mortos continuam chegando e não posso fazer mais nada além de continuar a balançar minhas foices.

O tempo deixa de existir para mim. Há apenas o gemido constante de errantes, o balanço de minhas foices enquanto colho, o inevitável baque duplo quando as criaturas caem no chão, a cabeça rolando para um lado, o corpo para o outro. Estou acumulando uma grande pilha de mortos diante de mim e dou alguns passos para trás, dando-me um espaço maior para trabalhar. Lá embaixo, alguém grita:

— Não há dor no paraíso, mas também não há você.

Alguém canta o próximo verso.

— Não há errantes no paraíso, mas também não há você.

— Não há nenhuma morte no paraíso, mas já que não há você, vou lutar para ficar aqui.

Não conheço a música e minha voz é horrível, então apenas ouço, deixando meus braços se movendo ao ritmo das palavras enquanto as vozes continuam a cantar, levantando meu espírito e tornando a luta mais fácil.

Eu matei dez, quinze, talvez vinte errantes quando o céu se iluminou novamente, revelando a pradaria vazia. Eu deixo cair os braços ao meu lado, levantando enquanto suspiro por ar. Meus braços queimam de tanto movimentá-los e, embora eu esteja uma grande bagunça, me sinto particularmente leve.

— Estou livre — grito. — Diga-nos onde você está, se ainda estiver por aí.

As vozes ecoam de cima e para baixo na fila, mais pessoas do que eu imaginava que sobreviveriam.

— Verifiquem se alguém foi mordido e sejam gentis ao encerrar a vida deles. — É o refrão típico para o fim de uma batalha contra errantes, uma forma de dar permissão às pessoas para matar qualquer um que tenha sido mordido. Eu penso na vacina do Sr. Gideon por um momento, mas não há como aquilo funcionar. Dá para encher um vagão de trem com o número de errantes que costumavam fazer parte das patrulhas de Summerland.

— Jane. — Eu me assusto com o leve toque em meu ombro, girando. A sede de sangue ainda canta em minhas veias e não é fácil desligá-la tão rapidamente. O Sr. Gideon salta para trás, com as mãos

ao alto em sinal de rendição. — Você conseguiu. Estão todos mortos. Mais uma vez.

Eu limpo a parte de trás da minha manga na minha testa, espalhando vísceras no meu rosto. Uma rápida olhada para baixo revela que minhas foices estão cobertas de sangue de errante e dou um rápido giro para limpar um pouco antes de limpar meu rosto com a manga.

— Temos uma contagem de vítimas?

— Ainda não. Um garoto Negro e um condutor estão andando pela fila e contando os corpos dos nossos companheiros. Você está bem?

Eu faço uma careta, mesmo ele não podendo ver com a pouca luz.

— Mais ou menos. Poderia ter sido melhor. Eu mesma vi pelo menos quatro pessoas caindo.

— Também poderia ter sido muito pior.

— Diga isso para os que morreram.

Um rosnado vem por cima do meu ombro. Eu me viro para decepar a cabeça do errante, mas seu crânio explode e o monstro cai de volta no chão. Volto para o inventor, que está guardando a pistola com muita calma.

— Então você sabe mesmo usar essa coisa. — Meus ouvidos zumbem com o tiro, mas é melhor do que estar morta.

Os lábios do Sr. Gideon se torcem em uma sugestão de sorriso, a luz fraca lançando sombras interessantes em seu rosto pálido.

— É o que parece.

— Você sabe que seu soro não funciona, certo? Caso você ainda esteja se perguntando. — Gesticulo em direção ao errante com um

novo buraco na cabeça, graças ao Sr. Gideon. É o pobre Cary, da Geórgia. — Esse era um dos nossos meninos. Ele era humano quando começamos a batalha.

O Sr. Gideon não diz nada por um longo momento, seus lábios se comprimindo em uma linha fina. Depois de um longo momento, ele finalmente fala.

— O xerife não vai te deixar esquecer que você assumiu o controle da batalha dele.

Eu encolho os ombros, levando a mudança de assunto na esportiva.

— Não, ele não vai. Mas vou me preocupar com isso depois de me limpar e ter uma boa noite de descanso. No momento, estou mais preocupada em garantir que ninguém se transforme.

— E se alguém se transformar?

— Adivinha.

— Minha vacina funciona — diz ele, tirando os óculos e enxugando-os com um lenço.

Eu rio. O homem é mais teimoso do que um errante.

— Então me considere um seguro.

Ele assente.

— Eu não invejo você, Srta. McKeene.

— Poucas pessoas invejam, Sr. Gideon. Poucas pessoas.

Espero que você compreenda eu ter dado meu coração a outra pessoa. Algum dia, se não hoje, você verá que esta vida não é nada sem alguém para amar.

Capítulo 34

No Qual Eu Sou Dominada Pelo Medo

Quando eu tinha cinco anos, minha mãe tentou me afogar.

Ela acha que eu não me lembro, que era muito nova para se lembrar da maneira que ela pediu às meninas para prepararem o banho dela, e de como ela me colocou em meu melhor vestido, aquele que usei em meu batismo. Naquele ponto da minha vida, ele era curto demais para ser decente, batendo em alguma parte do meu joelho. Mas isso foi nos primeiros dias da praga dos mortos-vivos, quando uma ida à cidade poderia significar a morte pelas mãos de um errante, e tínhamos que nos contentar com o que tínhamos. Aquele vestido do batizado era a roupa mais elegante que eu tinha.

Depois que a grande e funda banheira foi enchida — cheia demais para uma menina, quase cheia demais para uma mulher adulta — mainha mandou as meninas embora. Então ela me chamou.

— Janey, querida, você pode entrar na banheira, por favor? — Eu me perguntei por que sua voz soava tão estranha, rouca e quebrada, mais como uma rã-touro do que minha sagrada mainha. Eu entrei na banheira sem hesitar, parada na água, incerta. O vestido do batizado se ergueu e se enrolou em volta dos meus quadris, a água quente batendo no umbigo.

— Janey, preciso que você se sente. — A voz de mainha soava severa, mas ainda continha um tremor de incerteza.

— Mas mainha, tem muita água.

— Bobagem. Tem a quantidade certa de água. Vá em frente e sente-se, querida.

Hesitei, agachando-me. Mainha fez o resto, se lançando em

minha direção e me empurrando para baixo, a água espirrando por todo o chão enquanto eu afundava.

É nesse momento que minha memória fica nebulosa. Lembro-me de prender a respiração, meus pulmões gritando por ar, as mãos de mainha no meu peito. Mas, mais do que qualquer coisa, lembro-me da sensação de ter feito algo errado, de que a culpa foi minha.

A culpa foi minha por ter interrompido mainha e suas belas amigas que tinham vindo de visita de Frankfort, embora tenham me falado para não ir à sala de estar.

A culpa foi minha por ter ficado radiante quando a Srta. Davenport, a repugnante prima de mainha por parte de casamento, mencionou como eu era uma criança precoce e como minhas feições pareciam familiares.

Mais importante, a culpa era minha por ter uma pele escura e por mainha não ter e por ela ter tido a terrível infelicidade de me amar de qualquer maneira.

Não me lembro de muito depois disso. Tia Aggie entrou e empurrou mainha para o lado, me levantando e batendo nas minhas costas enquanto eu tossia a água que tinha engolido. Mainha soluçava e Tia Aggie dava uma bronca nela, envolvendo-me em um cobertor e me levando para a cozinha, onde me fez um copo de leite morno adoçado com mel. Mas não fez diferença.

Nos meses seguintes, vivi com medo da minha mãe e nunca a deixei me dar outro banho. Eu a amava, mesmo depois daquilo, mas eu sabia que era melhor não confiar nela como antes. Era como se ela fosse um cachorro que me mordeu, e basta uma única mordida.

Tenho a mesma sensação de desconforto quando vejo o Xerife Snyder na manhã seguinte, depois de repreendê-lo na frente dos

condutores na noite anterior. Sei que deveria estar segura dele por enquanto, já que Katherine anda comigo, mas ainda não consigo afastar a sensação de que algo ruim vai acontecer.

Estamos indo almoçar com o Sr. Gideon, que nos enviou um bilhete informando que nos encontraria na porta de seu laboratório. Sigo atrás de Katherine, que está absolutamente deslumbrante em um vestido diurno enfeitado com apliques de rosas ao longo da bainha. É um vestido barato e há vários anos fora de moda, mas ela o faz parecer o vestido mais recente da moda de Paris.

— Bom dia, Srta. Deveraux. — O xerife diz quando vê Katherine, tirando seu chapéu. Ele olha para mim e eu desvio meus olhos, tentando parecer arrependida. Minhas costas estão quase curadas da última chicotada, mas a maioria das feridas se abriram ontem à noite e não estou com vontade de levar outra surra.

Aqui está uma coisa sobre mim: eu me arrependo da maioria das minhas ações cinco minutos após fazê-las. Sou impulsiva e passo metade do meu tempo tentando me livrar de situações que eu mesma me meti. Mas não me arrependo de assumir o comando ontem à noite. Sem mim, teríamos morrido e a cidade teria sido invadida. Portanto, o que quer que o xerife tenha planejado para mim, tenho que acreditar que a sobrevivência de todos valeu a pena.

— Xerife — Katherine diz, fazendo uma leve reverência. — Como vai sua manhã?

— Bem, considerando tudo. Fortalecemos a brecha no muro externo e as patrulhas estão de volta. Sua garota te contou os detalhes da nossa situação na noite passada?

— Temo que sim. Estávamos indo te ver para que ela possa lhe oferecer um pedido formal de desculpas por esquecer seu lugar. —

Katherine e eu tínhamos decidido que esse era o melhor curso de ação, um ataque preventivo contra o que quer que o xerife tenha planejado em retaliação. Eu também queria examinar os errantes à luz do dia depois de falar com o Sr. Gideon, para ver se havia algo diferente sobre eles do que aqueles que enfrentamos no leste. Quando contei a Katherine sobre o comportamento estranho deles antes do início da luta, ela empalideceu.

— Jane, consegue imaginar o problema que teríamos se os errantes começassem a raciocinar da mesma forma que nós? Seria uma catástrofe — disse ela. Eu concordei. Os errantes são perigosos por causa de seus números. Um grupo de mortos pode facilmente dominar até mesmo um lutador competente se houver um número suficiente deles. Mas errantes não são inteligentes; podem ser enganados se escondendo ou subindo em uma árvore. Se os mortos ganham a habilidade de raciocinar como homens normais, bem, aí será um problema.

— Temo que a intervenção de Jane foi justificada, Srta. Katherine. — As palavras do xerife cortaram meu devaneio e atraíram meu olhar de surpresa. — Eu sei que posso parecer um homem... teimoso às vezes, mas eu realmente só quero o que é melhor para esta cidade e para todos aqui. Ontem à noite, o melhor foi deixar Jane assumir o controle da linha. Perdemos apenas três homens e um punhado de Negros para os errantes, graças aos instintos de Jane.

Eu luto para esconder minha surpresa, mas não tenho muito sucesso. Katherine faz um pequeno som no fundo da garganta antes de dizer:

— Bem, xerife, obrigada por isso. Eu planejava disciplinar Jane, mas isso vai me poupar um bom esforço.

— Claro, Srta. Deveraux. Agora preciso ir. Tenha um bom dia. — Ele tira o chapéu novamente. Nós observamos ele sair em direção ao bar e depois que ele entra no prédio, eu belisco o braço de Katherine.

— Ai, Jane, para quê isso?

— Alguma coisa está acontecendo. De jeito nenhum o xerife deixaria uma garota Negra como eu liderar a batalha. Você não o viu ontem à noite, o olhar que ele me deu quando eu chamei a atenção dele na frente do exército improvisado. Precisamos descobrir o que está acontecendo aqui antes que seja tarde demais.

Katherine suspira.

— Tudo bem, Jane. O que você sugere?

— Precisamos colocar nosso plano em ação mais cedo ou mais tarde. Vamos visitar a Duquesa. Se conseguirmos colocar as mãos no láudano, podemos misturar no tabaco dele. Enquanto o xerife dorme, nós saímos da cidade. Assim não precisaremos nos preocupar com alguma coisa ruim acontecendo.

— Achei que tínhamos concordado em libertar todo mundo em Summerland, não apenas nós duas. Além disso, quero manter nosso compromisso de almoço com o Sr. Gideon. Seu bilhete indicava que o que ele queria compartilhar era de extrema importância.

Eu engulo um suspiro de exasperação.

— Katherine, não temos tempo para isso. Algo está acontecendo e precisamos descobrir o que é.

— Exatamente. E o Sr. Gideon é nossa melhor esperança para isso. — Katherine sai em direção à entrada do laboratório com a sombrinha apoiada no ombro.

O Sr. Gideon espera por nós lá, mudando seu peso de um pé para o outro, parecendo um pouco inquieto. Ele nos vê e seu rosto se

transforma em um sorriso de boas-vindas, seu olhar demorando em Katherine um pouco mais do que deveria.

O meu sentimento feio de ciúme levanta sua cabeça e ruge, e eu o empurro de volta.

— Srta. Deveraux, é um prazer vê-la, Srta. McKeene… — O Sr. Gideon tira o chapéu para nós e eu forço um sorriso por educação.

— Sr. Gideon, que amável da sua parte nos convidar para esse almoço com você.

— Sim, e obrigado por terem vindo. Eu estava preocupado que, após o incidente da noite passada, seria tarde demais para minha oferta, mas parece que ainda temos um pouco de tempo.

Eu faço uma careta.

— Sr. Gideon, sem ofensa, mas eu realmente não estou com humor para charadas — digo, embora eu seja apenas a Atendente de Katherine, uma garota de pele escura sem importância.

Ele sorri e inclina a cabeça.

— Claro, Srta. McKeene. Acho que seria mais fácil de explicar se eu pudesse mostrar os dados que coletei. — O Sr. Gideon oferece o braço a Katherine. — Se não se importa, Srta. Katherine. Todas as minhas pesquisas estão no meu laboratório.

— Claro. — Ela pega o braço do inventor e, após uma breve hesitação, vou atrás deles, desejando ardentemente ter nascido com uma pele dourada e cachos tão macios quanto linho em vez de cabelos que parecem lã de ovelha e pele da cor da terra. É um pensamento completamente irracional, mas é difícil saber que minha vida poderia ter sido muito melhor se eu tivesse nascido um pouco mais parecida com mainha.

Descemos as entranhas do laboratório do Sr. Gideon e estou mais

uma vez encantada com a aparência mágica do lugar. As luzes elétricas, as várias peças mecânicas espalhadas pela mesa de trabalho, a prateleira de solventes perfeitamente rotulados — o laboratório do inventor é um mundo completamente diferente do que eu estou acostumada.

O Sr. Gideon caminha até um mapa marcado com alfinetes coloridos, tirando o chapéu e pendurando-o em um gancho próximo. Ele parece mais jovem sem ele e o cansaço fica mais pronunciado nas rugas ao redor dos seus olhos.

— Peço desculpas pois tudo que tenho a oferecer para esse almoço é um pouco de queijo e pão, mas parece que agora até eu estou sujeito ao racionamento atual na cidade.

— O racionamento é realmente por causa das famílias extras ou porque a linha de abastecimento de Baltimore acabou? — eu pergunto, sentando em uma poltrona de brocado de aparência muito confortável que está completamente fora do lugar naquele laboratório funcional. A cadeira é tão suntuosa quanto parece e eu ignoro o olhar avaliativo do Sr. Gideon e a surpresa boquiaberta de Katherine enquanto me encosto nas almofadas.

— Jane, talvez podemos abordar o assunto de uma maneira um pouco mais diplomática? — Katherine murmura, sua expressão em algum lugar entre raiva e medo. Ela olha para Gideon e eu percebo que ela não confia inteiramente nele. Guardo essa informação para mais tarde.

— Olha, Jackson ainda não voltou e precisamos de respostas. Ontem à noite, enfrentei um bando de errantes que possuíam inteligência de uma forma que nunca vi antes, o xerife provavelmente está planejando minha morte e, aparentemente, não sobrou nada do

condado de Baltimore. Estou cansada e quero respostas e parece que o Sr. Gideon as tem, sejam elas boas ou ruins. — Eu me viro para o inventor. — Sr. Gideon?

Ele sorri para mim, um sorriso genuíno que ilumina todo o seu rosto.

— Antes disso, diga-me o que você sabe.

Eu rapidamente preencho o Sr. Gideon com os pedaços de informação que reunimos em nosso breve reencontro com Jackson. Ele balança a cabeça enquanto eu falo, puxando uma pequena cadeira para Katherine e apoiando o quadril em uma bancada vazia. Quando termino, ele suspira.

— Parece que você sabe bastante.

— Então, é verdade? O Condado de Baltimore realmente desapareceu? Realmente chegamos a ficar perto de nos livrarmos dos errantes algum dia ou tudo aquilo era apenas conversa fiada dos Sobreviventes? — Katherine pergunta.

— Um pouco dos dois, eu receio. É mais sobre política. Veja bem, a guerra nunca acabou de verdade. Quando os mortos surgiram em Gettysburg, tanto as tropas federais quanto os confederados decidiram que era melhor parar de lutar entre si e lutar contra os mortos-vivos. E agora, com a vida lentamente voltando ao normal, há muitas pessoas com teorias sobre o que a praga dos errantes significa para o futuro do país.

— Eu sou Igualitário e meu pai era um Sobrevivente. Tanto os Igualitários quanto os Sobreviventes correm em plataformas que envolvem reconquistar as cidades do Leste e torná-las seguras. Baltimore, Nova Iorque, Filadélfia, esses lugares representam a civilização americana e muitos imaginaram que a única maneira de

manter o país unido seria reconstruí-las.

Eu balancei minha cabeça.

— Mas as pessoas vivendo tão perto umas das outras… basta uma pessoa se transformar e o lugar inteiro se tornaria um paraíso para os errantes.

O Sr. Gideon assente com a cabeça.

— Sim, eu digo isso para meu pai há anos. Mas ele está convencido de que, se você consegue vender às pessoas o sonho de segurança e prosperidade, os fatos são irrelevantes. E ele está certo. Os Sobreviventes forneceram empregos, construindo os muros, comandando as patrulhas, tudo isso em nome da aparência de segurança, da normalidade… — O Sr. Gideon para de falar e esfrega a mão no rosto. — Mas manter as cidades nunca foi sustentável. Existem muitos fatores que não podemos explicar, e logo até mesmo os líderes dos Sobreviventes, os prefeitos, os congressistas, perceberam que aquele não era um plano para longo prazo.

Katherine franze a testa lindamente.

— Então, o que era?

— Algo como os compostos que ressurgiram das cinzas dos estados perdidos do sul. Geórgia, Alabama, Mississippi, todos eles foram quase destruídos por milhões e milhões de errantes e as bolsinhas de humanidade que restaram finalmente foram reunidas sob algo como uma lei militar para sobreviver. Os compostos nada mais são do que uma reinstituição do sistema de plantação.

— Então, na verdade, estamos apenas falando sobre a prosperidade construída com base na escravidão mais uma vez — eu digo.

— Sim, uma nova camada de tinta sobre os mesmos velhos

problemas. Meu pai é muito bom nesse tipo de coisa.

— Quem é seu pai? — eu pergunto, a curiosidade cravando suas garras em mim.

— Abraham Carr.

Eu fico de pé em um pulo.

— O quê?

Katherine fecha os olhos e os reabre.

— Seu pai é o prefeito de Baltimore?

A boca do inventor se torce de desgosto.

— *Era* o prefeito de Baltimore, já que a cidade não existe mais. — Sua voz soa triste, mas não há tristeza em seu rosto.

— Por que você não nos contou? — Katherine pergunta.

— Vocês teriam confiado em mim se eu tivesse contado?

É uma boa pergunta. Por um momento, me pergunto se ele teria algum outro motivo, mas suas palavras soam verdadeiras e começo a andar. Penso melhor quando meus pés estão se movendo.

— Então Gideon não é seu sobrenome?

— Não, é meu primeiro nome. Gideon Carr.

Eu paro de andar.

— Todo esse tempo usamos seu primeiro nome como seu sobrenome e você nunca nos explicou. Para não sabermos quem é seu pai?

— Sim. Foi covarde da minha parte.

— Pra caramba. Então você não vai achar ruim se te chamarmos de Gideon agora.

Um lado de sua boca se curva para cima.

— Acho que conspirar para derrubar esta cidade nos dá a liberdade de utilizarmos nosso primeiro nome.

Um pensamento me ocorre e a vergonha enrubesce meu rosto.

— Espere, então quando eu estava te contando toda aquela bagunça sobre Kate ser uma dama e ser levada pelo prefeito e chutada pela esposa dele…

— Eu sabia que era mentira. Ainda troco cartas com minha mãe regularmente. Mas você estava tão apaixonada por sua história que parecia uma pena te avisar. — Ele sorri e eu resmungo.

— Vamos mudar de assunto. Dados, grandes notícias e por aí vai?

Gideon ajusta seus óculos e se levanta mais uma vez.

— Sim, claro. — Ele se move pela sala até o mapa com os alfinetes coloridos, seu mancar mais intenso do que o normal. — Então, nos últimos dois anos, tenho catalogado a composição dos mortos-vivos além da parede externa. A noite passada não foi a primeira vez que um grande grupo conseguiu passar por ela. A esposa do xerife foi morta em um ataque semelhante. Por isso a minha extrema insatisfação com o xerife, o pastor e a incapacidade desta maldita cidade de eletrificar as cercas.

Katherine me lança um olhar questionador e eu balanço minha cabeça. Posso atualizá-la mais tarde.

Gideon continua.

— Os ataques estão aumentando. O número de mortos-vivos nesta parte da pradaria? Também está aumentando. O tipo de traje que os mortos-vivos usam às vezes pode dar pistas sobre sua origem e eu já vi mortos-vivos vestindo peles dos caçadores do norte, uniformes da milícia do Mississippi… De alguma forma, os mortos estão vindo de todo o continente e se congregando em lugares como este.

Eu fico olhando para Gideon, uma sensação de calor invadindo meu peito. Ele é tão inteligente que me distrai completamente.

— Como você acha que estão fazendo isso?

— Não tenho certeza. Um entomologista francês, Jean-Henri Fabre, escreveu sobre como os insetos machos são atraídos pelas fêmeas. Ele acredita que há algum tipo de cheiro indetectável ou composto de sinalização que os insetos usam para falar uns com os outros, como as abelhas sabem se reunir em enxame para proteger a colmeia. Acho que os mortos podem se comunicar de maneira semelhante e isso é indetectável para nós.

— Então, você acha que eles estão sinalizando para todos os seus amigos, mesmo a alguns quilômetros de distância, que há comida aqui?

Gideon concorda.

— Isso também explicaria o comportamento que vimos ontem à noite. E sua tendência, cada vez mais comum, de se juntar em uma horda, como claramente fizeram no condado de Baltimore. É instinto.

— Você contou ao xerife? — Katherine pergunta, sua voz cheia do mesmo desespero que estou sentindo. — O que ele acha?

Gideon passa a mão pelo cabelo escuro, despenteando-o.

— Ah, eu disse a ele. Não acredito que ele compreenda o perigo. Ele acha que os mortos-vivos estão apenas vagando sem rumo, que as patrulhas serão capazes de lidar com qualquer tentativa limitada de romper as defesas, mesmo depois da noite passada. Ele simplesmente não consegue imaginar um bando do tamanho que estou prevendo. O grupo da noite passada foi apenas um aviso; os bandos além dos muros vão chegar aos milhares em breve, e é apenas uma questão de tempo antes que eles tentem invadir novamente. Tenho trabalhado em

algumas munições avançadas para as patrulhas usarem, mas o xerife ainda se recusa a armar os Negros da cidade. Vamos precisar de cada homem, mulher e criança armado se quisermos nos defender dos mortos-vivos.

— Nem mesmo assim conseguiríamos salvar a cidade — eu digo. — A menos que você possa construir uma máquina destruidora de errantes, é apenas uma questão de tempo antes que Summerland seja invadida. Precisamos evacuar antes que outra horda passe.

Katherine deixa escapar um som chocado.

— E ir para onde?

Eu encolho os ombros.

— Não sei. Mas somos presas fáceis aqui no meio da pradaria, esperando que todos os errantes do meio-oeste ouçam o chamado dos outros.

— Acho que Jane está certa — diz Gideon. — O problema é que o xerife e o pastor pensam em Summerland como um porto seguro, assim como muitas das outras famílias. Não será fácil convencê-los a sair.

Meus olhos encontram os de Katherine e sei que ela está pensando a mesma coisa que eu.

A única maneira de tirarmos alguém daqui, incluindo nós mesmos, é lidando com o xerife.

Não tenho certeza do que dizer mais. Seu silêncio nestes últimos meses me convenceu de que ou você faleceu ou causei sua irritação. Saiba que não importa quanto tempo leve até você retornar a Rose Hill, você sempre terá um lugar aqui.

Capítulo 35

No Qual O Problema Surge

Depois de um triste almoço contendo pão velho, queijo e algumas frutas cultivadas no laboratório por Gideon, Katherine e eu partimos em direção a sua casa. O local da batalha da noite passada é apenas alguns quilômetros depois da casa de Katherine. O xerife afirma que a brecha nas defesas foi consertada, mas com a horda que Gideon descreveu estar vindo, quero conferir com meus próprios olhos. Katherine e eu podemos usar esse tempo para fazer nossos planos para o xerife.

Andamos apenas um pouco quando olho para Katherine e vejo que ela parece um pouco cansada. Está bem calor e o sol está marcando sua presença de maneira significativa. Estou suando sob meu vestido, que ainda está uma bagunça de ontem à noite e sei que Katherine também deve estar sofrendo, especialmente porque ela está usando pelo menos três anáguas.

— Você vai conseguir andar até lá?

Passamos pelo resto da cidade e chegamos na estrada empoeirada que leva às cercas. Katherine me encara, mas não diz nada, uma fina linha de suor brilhando em sua pele.

— Você está usando espartilho?

— Caramba, Jane, que obsessão é essa comigo e minhas roupas íntimas? Eu estou bem, ok?

Eu fico de boca fechada porque nunca ouvi Katherine xingar antes, então sei que seu humor não está dos melhores. O som de uma carroça andando vem de trás de nós e olho para trás para ver um condutor sentado nas rédeas. Ele nos vê e para.

— Quer uma carona, Srta. Deveraux? — ele diz, um sorriso nos lábios.

— A Srta. Deveraux adoraria uma carona, você é muito generoso — digo antes que Katherine possa responder. Ela suspira, mas, com ajuda, sobe no assento ao lado do homem.

Começo a subir também e ele me lança um olhar feio.

— Acho que seria melhor se você andasse. O xerife não gosta de pessoas Negras na carroça.

— É bom ver que nenhuma boa ação fica impune — murmuro. Eu caminho ao lado, o grande cavalo velho estabelecendo um ritmo lento que é fácil de acompanhar.

— Eu sou Alan, a propósito. Levei um coelho ontem para o seu jantar.

— Oh, sim, obrigada, Sr. Alan, foi uma refeição adorável — diz Katherine, com um sorriso educado no rosto.

— Apenas Alan — diz ele, com o rosto vermelho como uma beterraba cozida. Não consigo evitar rolar meus olhos pela forma como ele estava bajulando ela.

— O que veio fazer aqui, Srta. Deveraux? — Alan pergunta.

— Jane estava me contando tudo sobre a batalha na noite passada e eu queria ver o conserto do muro com meus próprios olhos. Ela disse que havia pelo menos duzentos errantes e que vocês enfrentaram eles! O pensamento por si só é aterrorizante e não vou conseguir descansar bem até ver que as defesas de Summerland foram fortificadas.

A mandíbula de Alan aperta e ele olha para a frente.

— Os Negros foram os principais que lutaram contra os errantes. Nenhuma surpresa nisso. O governo paga para mandá-los para essas

escolas chiques, enquanto homens de verdade como eu têm que se virar sozinhos.

Katherine e eu trocamos um olhar, mas Alan continua falando.

— Se não fosse por todo esse dinheiro para educar os escurinhos, teríamos melhores armas para lutar contra os mortos-vivos e melhor treinamento para homens de verdade também. É por isso que aquela horda está acabando com o Leste. Como diz o pastor: "Você colhe o que planta" e aqueles palhaços em Washington semearam a ruína deste país em seus experimentos com a emancipação dos Negros.

Katherine tosse delicadamente.

— Acabando com o Leste? Você está falando de Baltimore, certo?

Ele olha para Katherine em alarme.

— Sinto muito, Srta. Deveraux. Eu deveria saber que seria um pouco chocante, já que você é de lá, mas não é apenas o condado de Baltimore. Recebemos a notícia de que Maryland e Delaware foram invadidas por mortos-vivos.

— Meu Deus. — Katherine respira e Alan se inclina um pouco, vendo a angústia dela como uma abertura.

— Sim, senhora. Dizem que a próxima é a Pensilvânia. Ouvi dizer que os ricos partiram para o mar em vez de tentar salvar a cidade. Ainda não ouvi uma palavra sobre Washington, mas do jeito que a horda estava indo não deve demorar muito até que cheguem neles, apesar de suas fortes defesas.

— Horda? Está dizendo que há um único bando derrubando a costa leste? — eu pergunto. Isso parece coisa de pesadelos, e é precisamente o que Gideon disse que estava acontecendo.

Alan olha para mim.

— O quê? Não te ensinaram sobre hordas em sua elegante escola

do governo?

— Que nada. Só me ensinaram a manter os branco infeliz vivo — falo.

Alan faz cara feia para mim, sem saber se estou sendo sincera ou provocando-o. Katherine dá um tapinha em seu braço para chamar sua atenção novamente.

— Então o que vai acontecer com nossa pequena cidade agora? Suponho que todos nós acabaremos à mercê dessas terras hostis. Não há como vencer essa batalha contra os mortos-vivos, mesmo depois de todos esses anos de resistência?

Alan encolhe os ombros.

— Não sei bem. Eu e alguns dos outros condutores estávamos conversando sobre ir embora, talvez subir a colina até um povoado chamado Nicodemos. Dizem que eles têm muito trabalho e comida e, embora sejam amigáveis com Kansa e Pawnee, ouvi dizer que eles têm um muro mais forte para manter os mortos do lado de fora. Depois da noite passada? Minha nossa, isso parece ser o paraíso. — Agora estávamos quase chegando na cerca interna, Alan suspira e para a carroça. Eu levanto a mão para ajudar Katherine a descer e ele a observa melancolicamente.

— Obrigada pela carona — ela diz, presenteando-o com um sorriso radiante. Ele simplesmente tira o chapéu em resposta.

— Talvez você devesse devolver o coração daquele garoto antes de começarmos a bisbilhotar os mortos-vivos — sussurro para Katherine.

— Quieta. A culpa dele estar chateado é sua. Eu poderia ter caminhado.

Eu bufo enquanto cruzamos o portão na cerca.

— Esse espartilho vai ser a sua morte.

O local da batalha parece muito menos assustador à luz do dia. Minha memória do lugar é pintada em sombras bruxuleantes e figuras pesadas, um coro de gemidos de errantes ecoando em acompanhamento. Mas agora, sob o sol forte do meio-dia, o lugar parece apenas mais um pedaço de pradaria sem valor.

Bem, exceto pelos corpos escondidos na grama alta.

— Algo está errado — eu digo a Katherine.

O xerife Snyder está aqui, supervisionando a remoção dos corpos, ele e seus garotos sentados confortavelmente em suas celas, brincando como se não tivessem nenhuma preocupação no mundo. Ele avista Katherine e seu rosto relaxa em um sorriso agradável enquanto ele cavalga.

— Srta. Deveraux. É um prazer ver você aqui. — O xerife não se preocupa em descer do cavalo, apenas se inclina e olha para Katherine.

— Sim, xerife. Sei que é altamente indecente da minha parte, mas não pude deixar de me perguntar sobre a brecha no muro. Só queria ver com meus próprios olhos que a cidade está segura mais uma vez.

O xerife aponta para um pedaço de muro ao longe com um grupo de pretos e condutores patrulhando. É fácil ver onde ele quebrou, um vale entre duas colinas. Nada no muro externo parece ter sido consertado e um arrepio de apreensão desce pela minha espinha.

O xerife Snyder mentiu para nós antes. Quem mais ele enganou?

O homem da lei pega uma pitada de tabaco e começa a enrolar um cigarro.

— Parece que meu segredo foi revelado. Tivemos mais de uma violação na noite passada e vai demorar um pouco até que as defesas

de Summerland estejam seguras mais uma vez. Você e sua garota realmente deveriam voltar para a cidade, procurar abrigo em seus aposentos. Afinal, a maioria das mulheres gosta de se esconder atrás de portas fechadas com suas Atendentes por perto.

— Talvez, mas acho que estou interessada em entender mais sobre essa lamentável criatura que são os errantes. Como poderia um monstro tão sem mente causar tamanha destruição? Qual é a natureza dessa ameaça que o Senhor criou para nos testar?

— Não importa, minha querida. É a ira de Deus pelos nossos pecados. — O xerife acende o cigarro e olha para o horizonte. — Os mortos só se levantaram depois que irmão começou a lutar contra o irmão. Depois que nós, povo penitente, traímos uns aos outros.

Katherine faz um som sufocado, mas quando o xerife se volta para ela, ela está toda sorrisos.

— Sim, senhor, obrigada por explicar.

Ele apenas acena com a cabeça.

— Bem, então, aproveite para ter sua curiosidade saciada. Por que você e sua garota não se juntam a mim no jantar? Sei que você ainda não recebeu suas rações de hoje e eu odiaria ver uma senhora como você passar fome.

— Obrigada, xerife. Estou ansiosa para ter sua companhia. — Não há um sinal de medo ou dúvida nas palavras de Katherine e o xerife vai embora.

Eu me aproximo de Katherine.

— Acha que isso foi uma boa ideia?

— Não acho que tenho escolha. Além disso, estamos procurando uma oportunidade de eliminá-lo, não é? Você tem suas foices agora…

— Que não são muito úteis contra armas — eu assobio. —

Certamente ele estará armado e provavelmente alguns de seus garotos estarão presentes já que eu estarei lá.

— Bem, acho que é melhor você pensar em outra coisa, então!

Abro minha boca para argumentar e rapidamente a fecho. A rigidez da mandíbula de Katherine avisa que ela está extremamente irritada e não sou o tipo de pessoa que cutuca um tigre. Certa vez, vi Katherine dar uma surra em uma garota que teve a má sorte de caluniar seu nome. Não tenho nenhuma intenção de irritá-la, especialmente agora, quando preciso da ajuda dela. Ela pode ser altamente irracional, mas ela ainda é minha amiga e estamos nisso juntas.

Portanto, não digo nada enquanto caminhamos por entre os corpos dos mortos em direção à parede externa. Eu me afasto para examinar uma pilha deles. Pelo que posso dizer, a maioria deles foi transformado recentemente. Há pouca decomposição visível na maioria dos errantes mortos há mais tempo, roupas não tão velhas ou sem peles soltas penduradas. Mas também não reconheço nenhum dos rostos. De onde todas essas pessoas vieram? A teoria de Gideon parece mais provável a cada minuto.

— Jane. — Katherine chama minha atenção, ajoelhando-se ao lado de um dos mortos. — Você conhecia essa? Ela está usando as mesmas roupas que você usa nas patrulhas.

Eu me aproximo para ver o que ela está olhando, uma bolha surpreendente de tristeza brotando.

— Bem, isso não é bom. Sim, eu conheço ela. Conhecia.

Deitada no chão, com a cabeça a poucos metros de seu corpo, está Cora. Eu não gostava dessa menina grande, nunca fui fã de dedos-duros, mas virar errante não é um destino que eu desejaria a

ninguém, nem mesmo à garota culpada pelas minhas chicotadas.

Eu olho para aquele grupo e gesticulo com minha mão.

— É metade da equipe da cerca, assim como algumas pessoas das patrulhas

— Oh Deus, Jane. Aquele é o Sr. Spencer.

Eu olho para onde Katherine aponta e xingo em voz alta. Katherine não me repreende, apenas franze os lábios.

Continuamos caminhando, nossos corações ficando mais pesados com cada pessoa que reconhecemos. Há mais alguns brancos em roupas melhores e estou começando a me perguntar por que ninguém está invadindo o escritório do xerife, perguntando onde estão seus entes queridos. Claro, ninguém vai sentir falta dos Negros da equipe da cerca, mas o Sr. Spencer e esses outros brancos? Eles têm famílias aqui.

— Kate.

— Hmm?

— A equipe da cerca foi transformada e eles trabalhavam na periferia. Como os moradores da parte boa da cidade foram parar onde os reparadores de cercas costumavam trabalhar? Ninguém deixaria a segurança interna da cidade por livre e espontânea vontade.

As sobrancelhas de Katherine se juntam.

— O que você está pensando? Que o xerife os arrastou para a borda?

Eu concordo.

— Talvez você esteja certa. Talvez os brancos do lado bom da cidade estivessem ficando inquietos. Alan disse que os condutores estão procurando outros lugares para morar... E se o xerife mandou seus garotos arrastarem alguns descontentes para o perímetro para

lhes ensinar uma lição e algo deu errado?

— Você acha que eles foram pegos de surpresa?

— Se os garotos do xerife levaram um grande grupo de pessoas até a parede para mostrar a eles porque Summerland era sua única esperança, pode ter sido o suficiente para fazer os mortos enxamearem. Como abelhas detectando uma ameaça, mas neste caso comida. Quando patrulhamos a parede, trabalhamos em grupos de dois, mas há pelo menos vinte pessoas bem vestidas aqui.

— E?

— Essa quantidade de pessoas andando por aí pode ter deixado os mortos em um frenesi. E se houver mais errantes a caminho enquanto conversamos? A pradaria parece limpa agora, mas Gideon disse que os ataques ficariam mais frequentes e maiores e temos duas fendas não reparadas no muro externo.

Katherine tropeça e para.

— Jane, isso é ruim.

— Eu sei.

— Precisamos falar com o xerife, convencê-lo a barricar a cidade antes que ela seja invadida. Colocar todo mundo em alguns edifícios que podemos defender. Estamos muito vulneráveis, esperando pelo próximo ataque.

— Kate, isso é suicídio. Além disso, você sabe que ele não vai nos ouvir.

Ela suspira e franze os lábios.

— Talvez, mas temos que tentar.

Katherine segue de volta para a cidade e eu olho para o céu azul claro em busca de forças antes de segui-la.

Volte para mim, Jane. Por favor. Assim que for possível, volte para Rose Hill. Precisamos de você.

Capítulo 36

No Qual O Inferno Inteiro Ataca Novamente

Assim que voltamos aos limites da cidade, Katherine vai direto para o escritório do xerife. Mas antes de chegarmos lá, somos paradas por Ida, seus olhos selvagens conforme ela corre a toda velocidade em nossa direção.

— Vocês ouviram? Ouviram?

Quando ela chega até nós, está ofegante, com o peito arfando. Eu balanço minha cabeça.

— Não, não ouvimos nada, o que está acontecendo?

— Um bando, maior do que o da noite anterior, foi visto a alguns quilômetros da fronteira leste de novo. O xerife está mandando gente para encontrá-los, mas os condutores se recusam a lutar desta vez e o xerife não pode fazer nada. Ele está enviando apenas as patrulhas. Acordamos as equipes noturnas, mas simplesmente não há o suficiente de nós para enfrentar uma horda. — Ida olha de mim para Katherine. — Não vamos sobreviver desta vez, Jane.

Troco um olhar com Katherine.

— Chegamos tarde demais.

Ida olha de mim para Katherine e de volta para mim.

— Há algo que vocês não estão me contando?

Nós rapidamente a informamos sobre o que Gideon nos disse, sua pele bronze calorosa ficando cinza.

— Não podemos vencer tantos errantes. Esse homem é um monstro. Ele e seus garotos vão acabar matando todos nós.

Eu assinto.

— Sim, mas pretendemos impedir que isso aconteça.

Katherine põe as mãos na cintura.

— Certo, vou falar com o xerife. Pergunte à Duquesa se ela pode espalhar que todos precisam lutar se quisermos derrotar a horda que se aproxima.

— O que tem nessa sua linda cabeça? Lutar é suicídio. Precisamos correr.

— Jane, para onde iríamos? Estamos no meio da pradaria. É melhor nos abrigarmos aqui do que nos arriscarmos no campo aberto, onde eles podem simplesmente nos atropelar. — Katherine sai correndo em direção ao escritório do xerife e eu me viro para Ida.

— Não dê ouvidos a ela. Diga às patrulhas para pegarem todas as armas que tiverem e todas as rações que encontrarem e irem embora. Finja que você vai enfrentar os mortos se alguém perguntar. Eu cuido do xerife enquanto vocês saem. Metade das pessoas deve seguir para o norte e a outra metade para o leste. Precisamos sair de perto do muro antes que os errantes cheguem à cidade. — Afinal de contas, os muros não mantinham apenas as coisas do lado de fora. Também mantinham as pessoas dentro. Me preocupo que todos vão tentar fugir na mesma direção e o muro vai acabar virando uma grande bandeja, servindo as pessoas assustadas aos mortos.

Ida me dá um sorriso torto.

— Entendido. Boa sorte.

Dou uma piscadela para ela e corro para dentro do salão. Eu paro logo após a soleira, esperando meus olhos se ajustarem. Assim que isso acontece, percebo que o salão está vazio, exceto pelo barman, polindo os copos.

— Onde está a Duquesa? — pergunto.

— No quarto dela, no fim do corredor.

— Ela está com alguém?

— Não.

— Tem uma horda vindo para cá, pegue o que puder e saia da cidade.

O barman me olha com os olhos arregalados.

— E o muro?

— Aquele maldito muro não vai ajudar ninguém agora. Só vamos conseguir nos salvar se corrermos.

Eu corro a toda velocidade pelo corredor estreito. Quando chego ao quarto da Duquesa, a porta está fechada e eu bato.

— Duquesa, é Jane. Precisamos sair da cidade.

Ouve-se um farfalhar do outro lado da porta e ela se abre alguns centímetros. Eu entro.

— Feche a porta. — O quarto tem um cheiro doentio e acobreado e eu faço o que a Duquesa pede. Está escuro como breu, as cortinas fechadas e está mais quente do que o inferno.

— Você está bem?

— Vou ser direta, minha querida. O xerife sabe que Katherine não é uma senhora de verdade. — Há um som abafado em sua voz e eu engulo o nó de pavor na minha garganta.

— Como você sabe disso?

— Ele veio esta manhã para seu compromisso semanal e me contou. — A cortina se afasta, inundando a sala momentaneamente com luz e eu tenho um vislumbre do rosto da Duquesa, seus lábios inchados, olhos escurecidos, antes que a cortina volte ao lugar.

Meu coração quase para.

— Não entendo. Como ele descobriu?

— Aquele pai dele. Aparentemente ele ficou de olho em algumas

das famílias mais novas na cidade assim que o xerife se interessou por Katherine e, depois de alguma conversa, parece que se lembraram de uma loira bonita que não parecia ser uma Atendente de tão branca que era de alguns meses atrás. O Xerife Snyder me ameaçou, disse que me mataria se eu não contasse a verdade. Ela está morta, Jane. Vocês duas estão.

Mal posso acreditar que isso tudo está acontecendo agora.

— Ok. Preciso ir atrás dela. Mas temos questões ainda mais urgentes para cuidar.

— Acabei de te falar que o xerife está em busca de sangue e você diz que há algo mais importante do que isso?

— Tem uma horda a caminho. Grande o suficiente para nos apagar do mapa. Se não evacuarmos a cidade, estamos todos mortos.

A Duquesa não se mexe por um longo tempo.

— Podemos nos esconder aqui. O muro…

— O muro está destruído, não vai fazer nada por nós, a não ser nos aprisionar. — Qual é o problema das pessoas e sua fixação nesta cidade maldita? — Precisamos correr, você precisa reunir suas garotas e sair daqui.

A Duquesa não responde por um longo momento e eu respiro fundo.

— Por favor. Você sempre foi muito gentil comigo e, se não fosse por você, eu provavelmente estaria morta por algum tipo de infecção. Pegue o que conseguir e saia daqui. Sei que parece precipitado, mas acredite em mim quando digo que Summerland não é segura. Nunca foi.

E com isso, eu corro para fora da sala, correndo para Katherine, torcendo para que não seja tarde demais.

Oh Jane, eu fui uma tola. Muito, muito ingênua. Receio que tudo deu errado e a única pessoa a quem posso culpar sou eu mesma. Eu sabia que um dia meu segredo seria revelado — Tia Aggie me disse — mas nunca pensei que arruinaria tudo o que construímos.

Capítulo 37

No Qual Eu Perco Mais Uma Vez

Eu corro pela rua, evitando as pessoas se aglomerando. Os condutores estão amontoados em frente ao escritório do xerife gritando e brandindo armas. Pelos trechos da conversa, concluo que eles querem que o xerife abra a porta e diga a eles o que está acontecendo. Ainda não conseguiram ver que está na hora de juntar as coisas e sair da cidade.

— Movam-se — eu grito, empurrando os condutores, jogando meu cotovelo ossudo em partes de corpos quando alguns dos homens se recusavam a sair. Um homem particularmente grande surge diante de mim, uma parede impenetrável, então mudo minha trajetória, movendo-me paralelamente ao calçadão até encontrar uma abertura. O tempo todo, uma vozinha na minha cabeça está me pedindo para correr para o escritório do xerife. Quanto tempo leva para um homem estrangular uma mulher? Meu cérebro percorre um milhão de cenas violentas e ainda não consegui chegar em Katherine.

— É isso — murmuro. Agarro o homem na minha frente, me colocando em seus ombros. Ele mal teve tempo de reagir antes de eu pular para o próximo homem, usando os condutores como degraus. Perco o equilíbrio diante da porta do xerife, caindo contra ela. Ela se abre e eu meio que caio para dentro do escritório.

— Agora, Jane, isso é o que eu chamo de entrada — diz o xerife. — Estávamos indo te encontrar. — Ele gesticula com sua pistola, a ponta do cano virada diretamente para mim, e eu rastejo o resto do caminho, a porta fechando atrás de mim. Tento ficar de pé, mas antes que consiga, uma bota se aloja na minha lateral, empurrando o ponto

fraco logo abaixo das minhas costelas. Eu instintivamente me enrolo em uma bola.

— Rapazes. Rapazes! Há bastante tempo para isso mais tarde. Coloque-a de pé.

— Elias, isso é altamente desnecessário. Mate-as e acabe com isso. — A voz do pastor é a água gelada em minha alma e a onda de medo que tenho lutado para conter ameaça me afogar.

— Agora não, Pai. Deixe-me lidar com isso do meu jeito.

Sou puxada pelos braços, minha respiração ainda um pouco ofegante por ter levado um chute.

— Kate, você está bem? — eu pergunto. Mal consigo vê-la na escuridão do escritório. A janela foi fechada com tábuas em algum momento entre a noite passada e hoje, e os móveis estão todos empurrados, quase como se o xerife estivesse planejando ficar escondido agachado em seu escritório em vez de enfrentar o pesadelo que está prestes a atingir a cidade.

— Oh, estou bem, Jane. Mas acredito que o bom xerife perdeu a cabeça. — Sua voz soa tão natural como sempre e meu alívio borbulha em forma de uma risada imprudente, que eu engulo de volta.

— Bom saber. — Eu mudo meu peso e me dirijo ao xerife. — Você sabe que há uma horda a caminho, certo?

— Gideon mencionou isso.

Eu mantenho minha voz calma.

— Não há como um lugar feito Summerland sobreviver a um bando dessa magnitude. Seu grande e bonito muro não foi capaz de salvar aquelas pessoas, o que você acha que algumas tábuas na janela farão?

— O Senhor nos ajudará nessa provação da mesma forma que

cuidou dos israelitas no deserto. Enviei as patrulhas para derrubar o bando que se aproximava, após isso consertarão a parede e as coisas voltarão a ser como antes.

— O Senhor ajuda aqueles que se ajudam, xerife. Precisamos sair daqui. Faça esse seu pastor orar por nós ao longo do caminho. Caso contrário, nenhum de nós vai ver o pôr do sol.

Há uma longa pausa e, em seguida, um som chiado, como se alguém estivesse se engasgando com um doce duro.

— Que diabos é isso?

— Linguagem, Jane — Katherine diz. — E acredito que esse som é o xerife rindo.

— Realmente estou dando uma boa gargalhada. Penso que o único jeito de isso estar acontecendo é que estão brincando com minha cara. Porque não é possível uma escurinha aleatória me dizer como administrar minha cidade. — O xerife agarra Katherine, Bob e Bill interpretando isso como uma deixa para levantar suas armas também. Posso sentir o peso de sua consideração, mas mantenho minha posição.

De sua cadeira, o pastor suspira.

— Já estava na hora.

Lá fora, o clamor aumenta à medida que as pessoas começam a bater na porta. O número de pessoas nas ruas deve estar aumentando à medida que a notícia da horda se aproximando começa a se espalhar pela cidade. Nesse ritmo, teremos histeria em massa em breve e, quando isso acontecer, estaremos todos perdidos.

— Xerife, a horda a caminho é de um tamanho notável. Precisamos partir, não tentar salvar este lugar esquecido por Deus. Por que você não consegue ver isso?

— Summerland é uma cidade na colina — diz o pastor, levantando as mãos em súplica, como se estivesse apelando a um poder superior.

Eu ignoro o homem e dirijo minhas palavras ao xerife.

— Esta cidade foi construída pelo Prefeito Carr e seus comparsas políticos. Está disposto a perder sua vida por causa das ilusões de um homem rico?

— Ilusões? Summerland não é uma ilusão. Este lugar é a base de uma nova América, que abraça a promessa de grandeza que nossos fundadores fizeram. Não consegue ver? Os escurinhos, eles têm seu lugar e não é dando braços com pessoas respeitáveis! — Ele grita esta última parte para Katherine. Cuspe voa dos lábios do xerife enquanto ele fala, e ela luta para manter seu senso de calma, se esquivando das palavras enlouquecidas do xerife.

Mesmo com pouca luz, consigo ver um brilho profano nos olhos do xerife. Muitas pessoas compartilham sua atitude, mas algo fundamental aconteceu nele. Me pergunto o que o levou ao limite, o que fez um homem tão friamente razoável afundar em algo que parece loucura.

Talvez ele realmente tenha se apaixonado por Katherine. E talvez saber que ela estava enganando ele partiu seu coração, assim como sua mente.

Meu coração bate forte, e mentalmente estou contando os segundos enquanto eles passam. Quão perto está a horda que se aproxima? Já passaram pelo muro? Alcançaram a cerca interna? Eu me viro para Bill, que está suando, sua espingarda tremendo visivelmente.

— Você parece ser um homem que quer viver. Por favor, diga ao

xerife que nenhuma quantidade de proselitismo vai impedir a horda de mortos-vivos de acabar conosco.

Bill aponta o rifle para mim.

— O que isso significa? — ele se vira para Bob, que está tão agitado quanto o xerife. — O que isso quer dizer?

— Proselitismo significa pregar uma certa forma de pensar, neste caso a causa dos Sobreviventes — respondo, calculando mentalmente a distância e o tempo. Cada momento falando com esses idiotas significa que estamos um momento mais perto da morte. — Nem mesmo Daniel Boone poderia ter sobrevivido a uma horda de errantes, é impossível conseguirmos.

Enquanto estou falando, chego mais perto de Bill. Ele está distraído, apavorado com a ideia de uma horda chegando à cidade, e até mesmo Bob parece um pouco inseguro. Se eu for rápida, consigo pegar o rifle de Bob e tirá-lo da equação.

Capturo o olhar de Katherine e algo sobre o ângulo de seu queixo me faz pensar que ela está pensando a mesma coisa que eu, que talvez ela também esteja planejando um pouco de heroísmo. Porém está escuro e apenas uma pequena parte da luz entra pela janela, então posso estar errada. Levanto uma sobrancelha na direção de Bob e ela balança a cabeça.

Qualquer outra pessoa, e eu questionaria esse ato imprudente. Mas estou falando de Katherine. Ela é uma garota da Srta. Preston e eu confio minha vida nas mãos dela.

Pego o cano da arma de Bob, girando e usando meu impulso para arrancá-la de suas mãos. Ele cai para a frente, desequilibrado e eu o coloco na minha frente como um escudo no momento em que Bill puxa o gatilho. Bob cai e eu rapidamente aponto a espingarda para

Bill. Tão perto, o tiro rasga seu peito, empurrando-o, seu rifle caindo no chão. Dois já foram, falta um.

Eu empurro a espingarda e viro para o xerife, que agora aponta seu revólver para a têmpora de Katherine. Seu olhar desafiador muda para um de puro medo e eu xingo mentalmente. Achei que ela estaria planejando sua própria manobra, mas como ela tem uma arma apontada para sua cabeça, talvez não.

— Parece que temos um impasse Confederado — digo, ignorando a voz interior que me impele a me apressar.

O xerife me dá um sorriso maldoso.

— Se não quer que eu pinte a parede com o cérebro dela, abaixe a espingarda agora mesmo.

— Atire na pickaninny logo! — O pastor grita, levantando-se cambaleando. A saliva sai voando de sua boca e aquela distração é exatamente o que eu preciso para acabar com toda essa bagunça.

Katherine também deve estar pensando o mesmo. Ela fica mole nos braços do xerife, deixando-o sem equilíbrio. O Xerife Snyder tropeça para frente, então eu puxo o gatilho.

E ele também.

O xerife voa longe, mas me sinto congelada no tempo e no espaço. Todo o barulho lá fora desaparece e há apenas um zumbido em meus ouvidos. Tenho certeza que minha imprudência acabou de matar Katherine.

Mas então ela rapidamente se levanta, pegando o rifle caído de Bill enquanto ela cruza a sala para ficar ao meu lado. Um grande alívio quase me pesa; o xerife errou seu tiro.

Katherine se vira e olha para trás. O sangue respingou na lateral de seu vestido.

— Você atirou no xerife.

— Atirei.

— Você rasgou a garganta dele — ela diz, a voz limpa, e acho que ela pode estar meio confusa por causa da luta.

— Bem, se faz você se sentir melhor, eu estava mirando no rosto dele — eu digo. Ainda estou tremendo por ter pensado que matei Katherine e da alegria avassaladora que estou sentindo agora. A última vez que me senti assim foi quando Jackson entrou vagando pela porta. — A Srta. Folsom estava certa. Uma polegada realmente faz uma grande diferença.

— Ela estava falando sobre rifle em longo alcance, Jane.

Eu encolho os ombros.

— Tanto faz.

Katherine me encara e dou um pequeno sorriso.

— Você acabou de matar um homem e está sorrindo? — ela diz.

— Bem, ele não era uma pessoa muito boa. Estou feliz que ele esteja morto.

Katherine volta a olhar para o cadáver do xerife, levando uma de suas belas mãos ao rosto, que está manchado com pedaços do homem morto.

— Me preocupo com sua alma imortal, Jane.

Eu lanço a ela um sorriso aberto.

— Você não tem problemas suficientes no mundo real para mantê-la ocupada?

Ela começa a rir, o som rapidamente se transformando em um soluço quebrado. Eu a envolvo em meus braços e a aperto com força.

— Ei. Ei! Está tudo bem. Você está bem, estamos bem. Bem, pelo menos até aquele bando de errantes chegar.

Seus braços envolvem minha cintura, devolvendo o abraço.

— Eu sei. É só que, por um minuto, achei que ele fosse me matar. Não estou pronta para morrer, Jane.

— Bem, então, acho que devemos sair daqui.

— Sua Jezebel Negra. — Veio uma voz ofegante do lado do escritório. Nos viramos. Na minha alegria por ver Katherine ilesa, tinha me esquecido completamente do pastor. Ele está deitado no chão, com um buraco no ombro e sangue encharcando sua jaqueta. Agora já sei para onde foi o tiro do xerife.

— Prostituta — diz o pastor, com espuma ensanguentada salpicando seus lábios. Ele se esforça para se sentar.

Katherine dá um passo à frente, mas eu a coloco de lado, entregando-lhe a espingarda que tenho.

— Por que você não vai ver o que tem no arsenal do seu tamanho? Ainda temos um monte de mortos para enfrentar.

— E quanto a ele? — ela diz, sua voz incerta.

— Ah, eu cuido dele.

— Mas… — ela se afasta um pouco, forçando os lábios em uma linha fina.

Eu me curvo para pegar o revólver do xerife. É uma bela peça, e o tamanho e peso dela cabe perfeitamente na minha mão. O chapéu do xerife, com sua aba larga, está a poucos metros de distância e quase todo sem sangue. Eu pego e coloco, ajustando para que fique em um ângulo elegante.

Katherine faz uma careta para mim.

— Jane.

— O quê? Ele está morto, não vai precisar mais disso. Além disso, esse é um chapéu de qualidade. — Katherine não diz nada e

finalmente segue para o arsenal. — Veja se tem algum cinto para segurar minhas foices — eu grito. Sua resposta é o silêncio.

A respiração do pastor está ofegante e assobiada agora e seu torço está muito bem encharcado de sangue. Ele não vai durar muito mais tempo. Pego uma cadeira e carrego perto de onde ele está caído no chão. Sua respiração fica mais rápida quando me sento e dou a ele um largo sorriso.

— Calma, calma. Não precisa entrar em pânico, não vou te matar. Acho que esse buraco no seu peito vai fazer isso. — Cruzo as pernas e me recosto na cadeira, o revólver pesado no colo. — Já que você é um homem de Deus, vou lhe contar uma história, confessar alguns pecados.

O pastor não responde, então eu continuo.

— Você lembra dos Anos de Discórdia? Eu era apenas uma criança, mas me lembro deles. O medo constante de alguém se transformar, os bandos de mortos rondando o campo, a notícia de que outra pessoa havia morrido, apenas para voltar à vida e comer metade da casa. Era insuportável. Ainda consigo ver o medo no rosto de mainha sempre que soubemos que outra pessoa sumiu. Mas nós resistimos. Chegamos a ser autossuficientes, construímos cercas fortes. E aprendemos a trabalhar juntos para sobreviver.

— Mas o marido de mainha? Bem, ele era um homem como você. Apaixonado pelo passado. Teimoso. Ele voltou para casa depois que as coisas se acalmaram, quando os Anos de Discórdia chegaram ao fim, quando algo como aquela *ordem* de que você fala foi restaurada. E ele trouxe consigo todo o medo e turbulência daquela época.

— Ele tinha a ideia de que ainda era o dono da plantação, que os

velhos costumes deveriam prevalecer. Ele acabou com qualquer um que saiu da linha. Enviou crianças em patrulhas. Pessoas morriam desnecessariamente e ele considerou aquilo como o preço do progresso. Ele queria construir algo como a sua Summerland, bem ali em Rose Hill e dane-se se alguém ficasse em seu caminho.

— Então, uma noite, depois que ele ficou um pouco bêbado e um pouco mais violento, eu escapei para o escritório de mainha e roubei sua arma. E na manhã seguinte, enquanto ele ainda estava na cama, atirei duas vezes na cabeça dele, do jeito que mainha me ensinou a matar um errante.

Os olhos do pastor se arregalaram de horror e eu dei de ombros.

— Veja bem, o problema neste mundo não são os pecadores, nem mesmo os mortos. São os homens que pisam em qualquer um que fica em seu caminho na busca pelo poder. Felizmente, sempre haverá pessoas como eu para impedi-los.

Eu me levanto e recoloco o chapéu do xerife, agora meu chapéu.

— Aquela horda chegará na cidade em breve, e se você ainda não estiver morto, os errantes certamente cuidarão disso. Quanto a mim, já tenho manchas suficientes na minha alma, então espero que você encontre seu fim rapidamente.

— De qualquer maneira, quando você chegar ao inferno, mande meus cumprimentos ao homem que me gerou, o Major McKeene.

Vou para o arsenal. Katherine está lá, de boca aberta. Não sei o quanto ela ouviu, mas parece ter sido o suficiente. Não consigo olhar para ela.

— Minha mãe tinha a pele clara, assim como você — eu digo, porque ela merece saber. — Ela era uma escrava. Quando sua senhora morreu na estrada para conhecer seu noivo, minha mãe fingiu ser ela

e foi assim que ela se tornou a senhora de Rose Hill. Quase a deixou louca, todas as mentiras e subterfúgios, mas ela fez aquilo para salvar sua família. Para salvar a todos. Quando nasci, era apenas uma questão de tempo até que seu segredo fosse revelado. Ela deveria ter me matado e uma vez ela tentou, mas eu sobrevivi.

— Jane — Katherine começa, mas eu levanto minha mão.

— Eu sei o que te pedi e sou eternamente grata. Você ajudou a salvar minha vida — eu digo. — Agora, podemos não sobreviver ao que vem a seguir e eu só queria que você soubesse que sou grata.

Katherine me dá um abraço, suas lágrimas quentes no meu rosto. Eu a acaricio sem jeito.

— Agora não, temos uma horda vindo até nós. Acho que já demoramos bastante.

Ela dá uma risada vazia e me solta, então dá um passo à frente e agarra um par de Mollies, espadas gêmeas do comprimento do antebraço de uma mulher e perversamente afiadas em ambos os lados. Claro, Katherine naturalmente pegaria as armas mais chamativas possíveis.

Nosso momento de confissão acabou e agora só há trabalho. Katherine me pega olhando para ela enquanto ela amarra as espadas nas costas.

— Estas são lâminas de qualidade, Jane.

— Como você sabe? Quase não consigo ver nada aqui.

Ela cruza os braços e bate o pé.

— Isso não é algo que eu gostaria de ouvir depois de você ter atirado em um homem que estava parado bem atrás de mim.

— Você está certa. Agora vamos ver se conseguimos fazer mais alguns milagres e salvar algumas dessas pessoas miseráveis.

Katherine acena com a cabeça e nos dirigimos para a porta. Eu paro na soleira, minha mão na maçaneta.

— Kate?

— Sim?

— Tire esse maldito espartilho. Vamos enfrentar uma horda, não vamos para um baile.

— Não é um espartilho completo; é meio espartilho. É o modelo mais novo. Além disso, Jane, o dia em que eu não conseguir derrubar alguns errantes vestindo algo da moda é o dia em que aposentarei meu rifle.

Eu sorrio para ela e não digo nada, apenas tiro meu chapéu em reconhecimento.

Estou quase fora da porta quando olho para baixo e paro. A poucos centímetros da ponta da minha bota está minha moeda, exatamente como estava no dia em que Bill a tirou de mim. Eu me inclino e pego. Não tem sangue e a tira de couro parece nova. Na minha mão, está quente e uma sensação de justiça me aquece de dentro para fora enquanto a coloco sobre minha cabeça.

— O que é isso? — Katherine pergunta.

— Só um pouco de sorte.

Ela franze os lábios.

— Bom. Vamos precisar.

Espero que esta carta chegue até você, embora nenhuma das minhas outras cartas tenha sido respondida. Amo você, minha querida filha, e as notícias que compartilho são terríveis. Rose Hill se foi, Jane. Fui traída por um rosto bonito, meu segredo amplamente divulgado para o mundo. Os que sobraram fugiram. Viajamos para o oeste, para a Califórnia e para a promessa de uma nova vida.

Encontre-me, Jane.

Capítulo 38

No Qual Chegamos Ao Fim Da Nossa História

Katherine e eu paramos na frente da rua do escritório do xerife e examinamos o caos. As pessoas gritavam conosco, centenas de perguntas de uma vez, saliva voando enquanto elas se agitam.

— Provavelmente deveríamos dizer algo a eles — diz Katherine.

Um grito perfura o ar, tão alto e cheio de medo que me dá um arrepio, apesar do calor do dia. E como um anjo no alto entregando uma mensagem do Senhor Todo-Poderoso, vem o grito:

— ERRANTES! TEM ERRANTES NA CIDADE!

Eu olho para Katherine e sorrio.

— Às vezes os problemas se resolvem sozinhos.

Pessoas passam correndo, homens e mulheres e eu agarro Katherine pelo braço e a arrasto para fora do calçadão na direção da igreja enquanto os homens começam a se espalhar. Alguns têm a ideia de correr para o escritório do xerife para se esconder, mas não tenho tempo para lhes dar atenção agora.

— Jane…

— Temos que ir para o outro lado da cidade e buscar Lily e os Spencers. A Sra. Spencer e seu filho não serão bons para lutar contra os mortos e Lily é apenas uma garotinha.

Katherine franze os lábios e acena com a cabeça.

— Vá na frente.

É o caos total. Homens e mulheres correm para lá e para cá, aparentemente sem rumo, enquanto os errantes caminham vagarosamente pela rua, tentando agarrar quem se aproxima. A maioria desses errantes são velhos e mal conseguem ficar de pé:

homens em uniformes de lã sem membros, mulheres em vestidos de gala décadas fora de moda, Negros usando os uniformes miseráveis das velhas plantações, meninos e meninas se arrastando, pequenos pesadelos de seu próprio jeito.. De vez em quando aparece alguém inesperado, um homem vestido com um traje pesado de um caçador de peles, uma índia com longos cabelos escuros vestindo o tecido rústico de colonos brancos, homens usando uniformes que não reconheço, o vermelho e azul escuro muito diferentes dos uniformes da União e da Confederação que a maioria dos errantes usa.

E há muitos deles. Uma onda de mortos atingindo a cidade. Fico congelada por alguns momentos preciosos, observando essa cena horrível, observando a marcha inexorável dos errantes, quando um forte aperto em meu braço me tira do meu choque.

— Vamos sair daqui! — Katherine exige, mandona como sempre.

— Jane, para que lado? — A Duquesa e algumas de suas garotas correm até mim. Estou feliz em ver que uma delas é Nessie, a garota Negra que trançou meu cabelo e me trouxe água no dia em que fui chicoteada. Não reconheço a outra garota, uma garota branca com cabelos castanhos e sardas que me dá um sorriso tímido. — Tudo está um caos.

Assim, a incerteza desaparece e eu sei o que temos que fazer.

— Me sigam. Podemos atravessar a cidade usando o túnel de Gideon.

Corremos pela rua em direção ao laboratório. Mas quando chegamos lá, a porta está trancada.

— Gideon nunca tranca a porta — diz a Duquesa, a preocupação fazendo seu rosto machucado parecer ainda mais trágico.

— São tempos extraordinários. — Um fio de preocupação

começa a surgir, mas eu o destruo. Olho para a rua. Os errantes estão se tornando mais numerosos, inundando a cidade. Em breve, serão muitos para evitar e é aí que começa o verdadeiro problema. — Acho que vamos ter que correr até outro lado da cidade.

E assim fazemos.

Todas as damas da Duquesa estão usando espartilhos e nossa corrida é mais lenta do que eu gostaria. Conduzo elas diante de mim como se eu fosse um cachorro mordiscando os calcanhares do gado. As pessoas passam correndo por nós, fugindo dos mortos e estamos quase no meio do caminho para o lado melhor da cidade quando percebo que não vamos conseguir de jeito nenhum. Os mortos são lentos, assim como mulheres que não conseguem respirar.

Pego a Duquesa e a puxo para o lado.

— Qual é o problema, Jane? — ela ofega.

— Precisamos cortar esses espartilhos. Se não fizermos isso, nunca conseguiremos chegar ao outro lado da cidade. Estamos indo muito devagar. Eventualmente, as pessoas serão mordidas e se transformarão e elas vão se movimentar mais rápido do que aqueles errantes velhos e esfarrapados. Os novos sempre são assim.

— Não vou cortar este espartilho — anuncia Katherine. Apenas Katherine teria um acesso de raiva no meio de uma fuga para salvar sua vida. Dou a ela um olhar severo e ela revira os olhos e bate o pé. — Tudo bem.

Eu puxo uma faca da minha bota, desamarro a parte de trás de seu vestido, corto as fitas de cima e fecho o vestido dela de volta. Faço isso com a Duquesa e suas garotas, depois guardo minha faca.

— Certo, senhoritas — eu digo. — Levantem essas saias e corram.

Alcançamos uma velocidade melhor e quando chegamos às fileiras de casas, ainda não havia sinal dos mortos. Havia apenas as melhores famílias fazendo as malas para partir. As pessoas correm entre as casas, agarrando o que podem, empilhando em carroças. Ninguém vai nem tentar salvar a cidade. Só estão correndo para salvar suas vidas.

A amargura torce meus lábios e um sentimento duro se instala sobre mim. Essas pessoas ficaram mais do que felizes em nos mandar para cima dos errantes, dia após dia, mas quando é a vez deles lutarem, não têm estômago para isso.

Eu nos guio para a casa de Lily, uma das poucas com a porta da frente fechada. Eu bato na madeira.

— Lily, sou eu! Abra.

Há um ruído do outro lado da porta e, em seguida:

— Como vou saber que você não é uma errante?

— Errantes não falam. Pare de ser uma boba e me deixe entrar.

A porta se abre e Lily voa em meus braços. Eu a abraço com força, mais por surpresa do que qualquer outra coisa.

— Alguém apareceu gritando sobre a cidade ter sido invadida. Eu não sabia o que fazer.

— Traga a Sra. Spencer e os pequenos, precisamos sair daqui — eu digo, passando por Lily e entrando na casa.

— A Sra. Spencer não está aqui. Ela saiu ontem à tarde e nunca mais voltou. Só tem eu e o Thomas aqui. — Uma criança brinca no chão com um cavalo de madeira e sorri para mim.

Eu penso no corpo do Sr. Spencer, sua cabeça decepada. A Sra. Spencer também estava lá? Eu não a vi, mas também não olhei todos os errantes decapitados.

Katherine, a Duquesa e suas garotas entram na casa. A expressão da Duquesa suaviza quando ela vê Thomas.

— Bem, olá, precioso — diz ela, pegando-o no colo. Ele oferece a ela seu cavalo antes de se aninhar contra o peito da Duquesa.

Eu me viro para Lily.

— Os Spencers têm pônei? Há uma cidade a alguns dias de viagem ao norte daqui chamada Nicodemos. É a nossa melhor aposta.

— Ninguém tem pônei aqui. Temos um velho cavalo e uma carroça. Mas eu não sei como arrumá-lo.

— Eu sei e a Sallie pode me ajudar — Nessie diz com um sorriso incerto, apontando para a garota branca com sardas.

Nós as seguimos até o pequeno estábulo atrás da casa. A porta está aberta e há um grupo de três condutores lá, lutando com o cavalo, tentando prendê-lo na carroça.

— Ei, essa carroça é nossa — Lily exclama.

Um dos homens se vira, aproximando-se de nós. O revólver pega a luz do sol quando ele o aponta para Lily.

— Desculpe, garotinha. Essa horda está ganhando velocidade. E não seremos transformados.

— Pelo menos leve as crianças com você — diz a Duquesa. Há resignação em sua voz.

O homem olha para trás, para onde os dois condutores quase conectaram o cavalo.

— Sem pesos mortos.

Eu pego minha arma, mas antes que eu possa tirar o coldre, há um tiro. O condutor está no chão com uma bala bem entre os olhos.

— Aparentemente o cavalheirismo morreu. — Atrás de nós está Jackson e o grito de alegria que Lily solta quando ela se joga nos

braços de seu irmão quase estilhaça meus tímpanos.

Aponto minha arma para os condutores restantes, que estão imóveis.

— Nessie, Sallie, certifiquem-se de que aqueles idiotas prenderam o cavalo corretamente e, em seguida, peguem as correias.

— Se chamam de rédeas — diz Jackson, com uma fala arrastada e divertida.

— Podem até se chamar cadarços, não me importo — eu estalo. — O defunto estava certo. A horda está ganhando velocidade.

— O que deu em você? — Red Jack pergunta e eu suspiro.

— Você ter aparecido no último momento para salvar o dia — resmungo.

As mulheres se movem rapidamente, amarrando coisas e falando suavemente para acalmar o cavalo. Depois de alguns segundos, Nessie acena para mim.

— Tudo certo. Quer que eu dirija?

— Sim — eu digo. Aponto minha pistola para os homens restantes, sacudindo-os para longe da carroça. — Deem o fora agora, antes que acabem como seu amigo aqui. — Eu me aproximo do corpo e pego a pistola do homem, entregando-a para Sallie, que está sentada ao lado de Nessie. — Sabe usar isso?

— Sim — Sallie diz, pegando a arma com um sorriso torto.

— Leve-nos com vocês. — Um dos homens diz enquanto Lily sobe na carroça, a Duquesa entregando Thomas antes de fazer o mesmo. Percebo que o homem implorando por sua vida é Alan, o garoto que nos deu uma carona apenas algumas horas antes.

Eu dou a ele um sorriso de desgosto.

— Não gosto de assassinos de crianças e nem de seus amigos.

— Mas você vai nos deixar aqui sem nenhuma arma! Seremos trucidados.

O barulho de um martelo sendo puxado ecoa ruidosamente no celeiro. Os homens se viram para olhar para Jackson que exibe um meio sorriso.

— Enquanto seus pés funcionam, vocês podem correr. Sugiro que façam isso logo enquanto podem.

Inclino minha cabeça, sentindo uma calma que eu não deveria estar sentindo, dada à situação. Mais tarde, vou olhar para trás e me questionar sobre minha falta de compaixão. Sei disso por experiência própria. Mas, por enquanto, só existe a sobrevivência.

— Acredito que a palavra é peso morto? Desculpe, sem peso morto.

Nessie dá uma chicoteada com as rédeas ao longo das costas do cavalo e o animal sai correndo, carregando as meninas e as crianças. Ela dirige a carroça para fora do quintal e desce uma estrada ao longo dos fundos das casas. Assim que saíram de vista, tiro o chapéu para os condutores inúteis. Red Jack e Katherine disparam atrás da carroça em uma corrida e eu sigo logo atrás.

Saímos da cidade rapidamente, passando por outras pessoas correndo por suas vidas também. Paro brevemente na entrada da câmara de errantes da roda, mas a porta está trancada. O arsenal próximo a ela está aberto e a sala adiante, vazia. O medo surge dentro de mim, mas o coloco de lado. Espero que Gideon tenha saído vivo; talvez tivesse outra câmara em sua toca.

Nessie estabelece um bom ritmo fora da cidade, e passamos por outras famílias em suas carroças, assim como algumas pessoas correndo. Os mortos estão atrás de nós, longe demais para ver, perto

demais para ficarmos confortáveis. Eu vou para o lado e ando um pouco, mas não muito porque não quero perder a carroça de vista.

Assim que ultrapassamos a brecha na parede norte, faço uma pausa e olho para trás. A carroça segue pela estrada que Jackson disse que leva a Nicodemos, mas não tenho pressa em segui-la.

— Não está com medo de se transformar em uma estátua de sal? — Jackson diz ao meu lado. Katherine também parou.

— Não. Minha alma está muito manchada para o Senhor olhar demais para mim. — Lembro-me de puxar o gatilho e observar Bob cair, o rosto do xerife quando o tiro acertou-o na garganta, o olhar de surpresa e depois absolutamente nada. Como foi fácil, nada mais do que um espasmo muscular e então, o fim daqueles homens.

Mas, além disso, me lembro da raiva no rosto do major em Rose Hill uma noite antes de atirar nele. E me lembro do repouso suave de seu rosto enquanto dormia, enquanto eu puxava o gatilho, sabendo que Rose Hill nunca estaria segura enquanto sua vontade fosse a lei.

Depois que todos vieram correndo, era mais fácil dizer que ele tinha virado um errante do que dizer a verdade, que eu estava tentando proteger mainha dele e de sua raiva, que eu peguei o revólver de cabo de pérola da mesa dela uma noite, enquanto todo mundo estava dormindo porque tinha medo do que um homem como ele poderia fazer.

Como eu disse, a verdade e eu não nos damos muito bem, na melhor das hipóteses. A mentira é mais fácil de se contar.

Ninguém perguntou muito, de qualquer maneira. Ninguém queria saber muito, suponho. Quem pensaria que uma criança mataria um homem? Especialmente um homem que todos sabiam secretamente ser pai dela. De qualquer forma, sou muitas coisas e por

acaso, assassina é uma delas. Não é algo que eu pense muito e agora tenho mais dois homens mortos manchando a minha alma. Eu vou ficar bem.

Sou uma excelente mentirosa. Até para mim mesma.

Um braço envolve meus ombros e eu olho para cima com surpresa quando Jackson sorri para mim.

— Tenho algo para você, Janey-Jane. Lembra daquela garota com quem você costumava andar, a Sue?

— A Grande Sue? — eu digo. — Ela está viva.

Ele concorda.

— Ela e algumas das outras garotas conseguiram chegar até Nicodemos. Ela encontrou algo enquanto estavam evacuando a Srta. Preston e eu achei que devia trazer para você.

Jackson vasculha o espaço entre seu colete e sua camisa, puxa uma carta e a coloca na minha mão. Em seguida, ele me beija de leve nos lábios.

— Estou feliz que você tenha sobrevivido, Jane — diz ele, antes de se virar e caminhar em direção à carroça.

Eu olho para baixo e com certeza é da minha mãe, meu nome rabiscado na frente. Agarro com muita força, amassando o papel.

— Jane, quer ficar sozinha? — Katherine pergunta e eu balanço minha cabeça.

— Pode esperar comigo enquanto eu leio?

Ela balança a cabeça e eu abro a carta.

A carta é datada de quase dois meses atrás, apenas alguns dias antes de Katherine e eu sermos enviadas para Summerland. Minhas mãos tremem e, enquanto leio, o mundo se reduz a uma pontada de luz, todo o som desaparecendo até que só o rugido do meu coração

enche meus ouvidos.

Rose Hill não existe mais.

Dominada pelos mortos.

Traída pelo meu novo marido.

Fugimos.

Um lugar seguro administrado por Sobreviventes.

E então uma palavra que li várias e várias vezes.

Haven, Califórnia.

Haven.

Califórnia.

Eu olho para a carta por um longo tempo, inspirando e expirando, meu mundo desmoronando um pedaço de cada vez.

Rose Hill, meu sonho e meu futuro, não existe mais. Traída pelo novo marido depois que ele descobriu que ela era uma Negra fingindo ser branca, minha mãe foi para a Califórnia para começar uma nova vida.

Para uma cidade estabelecida e administrada por Sobreviventes.

Eu me viro para trás para olhar a carroça indo para Nicodemos, outra cidade fronteiriça como Summerland. Percebo que todos estamos correndo, em todos os lugares. Dos mortos, da incerteza do futuro, de nós mesmos. Estamos sempre em movimento. Realmente existe algo chamado "lar" quando isso pode ser facilmente destruído?

Não importa o que façamos, cada cidade é igual à anterior. Outra chance de ser invadida, de ver como tudo e todos que amamos são colocados em perigo repetidas vezes. Não importa o nome do lugar, é apenas uma questão de tempo até que seja varrido por uma onda de mortos.

Isso não parece ser nenhum tipo de futuro para mim.

Eu olho de volta para a carta que seguro, *Califórnia* rabiscada pela minha mãe, apressadamente e desesperadamente.

Me encontre, Jane.

— Jane McKeene, o que foi? — Katherine pergunta, com os olhos arregalados de preocupação. Tenho a sensação de que não é a primeira vez que ela me pergunta isso.

Eu rio alto e por muito tempo.

— Ó, eu sou a boba da Fortuna — digo, sabendo que Katherine não vai entender a referência. Mas a citação é muito apropriada.

Levanto a carta, me sentindo mais calma e focada do que nunca. Eu disse ao pastor que sempre haveria homens como ele e pessoas como eu para detê-los. E eu estava falando a verdade. Após as provações e tribulações de Summerland, conheço o caminho da minha vida: impedir os Sobreviventes e todos aqueles como eles. Cansei de fugir de problemas. Por que não enfrentá-los?

Impedir os Sobreviventes. É um objetivo alto, mas nunca fui de me contentar com coisas pequenas.

— Kate, estamos indo para a Califórnia.

Ela me lança um olhar incrédulo, mas antes que possa fazer qualquer pergunta, estou caminhando em direção a Nicodemos, rápido o suficiente para que ela tenha que correr para me acompanhar. Minhas foices pesam ao meu lado e minha moeda é um peso quente e reconfortante em volta do meu pescoço. Pela primeira vez, estou feliz e não consigo parar de sorrir.

É um bom dia para estar viva.

Notas

[←1]
No inglês está “a Negro”, fazendo alusão a uma forma racista e debochada de descrever que uma pessoa é negra. Mesmo a falta da palavra “pessoa” é proposital para desumanizar. Optamos por traduzir para “uma Preta”, mas manter o itálico para representar que, nesse mundo, não é falado de forma boa/entonação boa.

[←2]
No inglês “momma”, um modo informal/regional de dizer “mamãe”. Optamos por usar “mainha”, que também é um modo informal e regional brasileiro de se dizer mamãe.

[←3]

Do inglês “House Negro”, faz alusão aos escravos negros que eram “treinados” para ficar na ‘Casa Grande’, servindo como empregados pessoais ou governantas dos brancos. Ao longo desse livro, inúmeros termos como esse, referentes a escravidão e ao racismo, irão aparecer.

[←4]
Alusão ao tarot e jogos de destino num geral, em que as cartas contam as fortunas de alguém.

[←5]
Para o português você vai ver essa foice (sickles) chamada de foicinha.

[←6]
Gadanha (scythe) é um tipo de foice mais longo e pesado, normalmente também é a descrita como “Foice da Morte”, arma que seria usada pela Morte para ceifar vidas.

[←7]
Do inglês “revenant”, no folclore vem da ideia de uma pessoa que retornou dos mortos, podendo ser no sentido “como fantasma” ou apenas “revivido”.

[←8]

O termo original usado foi redbone que não tem tradução para o português, as que mais se aproximam são birracial ou multirracial e como são termos muito atuais, colocamos mestiço já que se adequa mais a linguagem do livro. Mas muitas pessoas indígenas acham ela ofensiva, então evite usar ela em seu cotidiano.

[←9]
Pickaninnies é uma palavra adaptada de “pequenino”, em português, e era usada para se referir a crianças negras que lembravam golliwogs, de forma depreciativa e racista, caracterizando-as como arteiras e precoces.

[←10]
é escrito assim no original apesar de ser um termo capacitista.

[←11]
pessoa que vive na fronteira entre terra cultivada e a selvagem, especialmente no passado nos EUA.

[←12]
marca que fabrica embalagens.

[←13]

No inglês original “coon”, que é uma abreviação para “raccoon” ou "guaxinim", a injúria está enraizada na história do blackface nos EUA.